

EDITORIAL

O pagador de promessas

Desde que, no início da década de 80, a estratégia eleitoral da direita passou a incorporar a promessa da «TV da Igreja», toda a gente de bem se habituou a considerar provável que, numa qualquer manhã de nevoeiro, o Estado entregasse à Igreja romana um canal de televisão para que Deus, na sua infinita sabedoria, o pudesse partilhar com António Sala...

Homogeneizadas as instituições políticas portuguesas pelo modelo da Europa da CEE, importa criar novos traços de originalidade na democracia portuguesa, acentuando o carácter de Nação fidelíssima que, conjuntamente com as caravelas e demais iconografia dos Descobrimentos, nos impõe ao respeito dos países banais dessa Europa - como diria o prof Agostinho da Silva - loira, anglosaxónica e protestante. Troquemos originalidade por originalidade: onde estavam, em 1974-1975, as comissões de moradores e os SUV colocou-se agora uma televisão da Igreja, atribuída por obra e graça do Espírito Santo (ou seja: sem concurso), a fim de prosseguir interesses espirituais próprios da religião e os fins materiais característicos do mundo de pecadores em que, infelizmente, vivemos.

Portugal é um Estado laico e não confessional. A Constituição, ao consagrar o direito à utilização de meios de comunicação próprios pelas religiões, não contempla, propriamente, os negócios da indústria cultural. Convém, contudo, não exagerar: à leitura ingénu de um cidadão desprevenido, de um agnóstico perverso ou de outras ovelhas tresmalhadas pode sempre contrapor-se a interpretação autorizada de vários constitucionalistas fiéis e com firme determinação de servir a Deus acima de todas as coisas.

Mário Mesquita
continua na pág. 9

Quem dá e torna a tirar...

Governo admite recuo no caso do tal canal

O Governo ouviu os protestos do Grupo Parlamentar Social-Democrata e admite dar mais espaço televisivo à Igreja, talvez mesmo um dos canais já existentes, deixando os dois a criar pela nova lei totalmente livres para outros concorrentes.

Agora «mais aberto ao diálogo», como disse

ontem Couto dos Santos, o Executivo dispõe-se a torner as inconstitucionalidades apontadas à sua proposta de lei em sede parlamentar, provavelmente durante a discussão na especialidade.

Não conta para isso com o apoio do PS, que continua a defender concurso público,

sem preferências especiais. Na sessão parlamentar de ontem foi também aprovada a lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social, o que levou os jornalistas a abandonar a bancada de Imprensa, em sinal de protesto.

Págs. 8 e 9

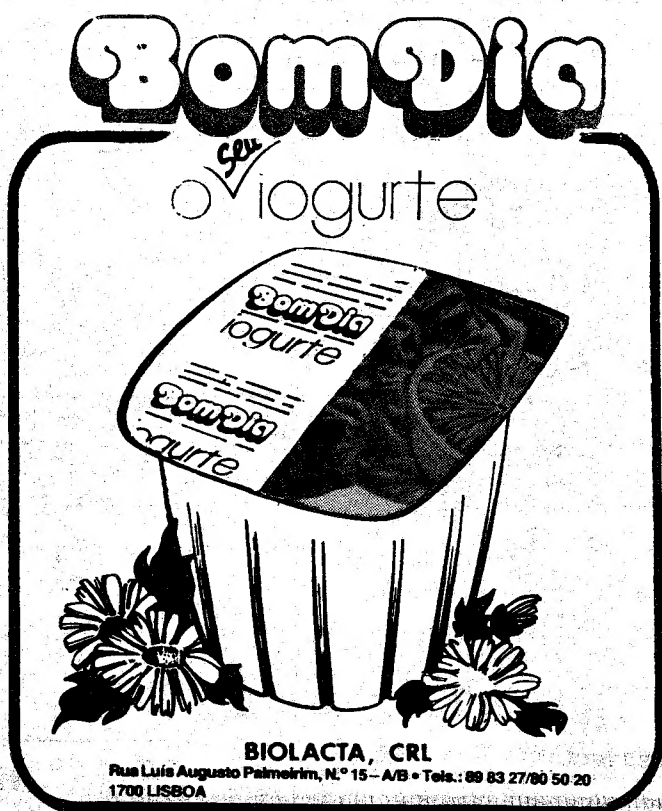
Grave acidente com autocarro de estudantes

Um morto e 20 feridos esta manhã em Galamares

Um morto e cerca de 20 feridos em estado grave é o balanço inicial do acidente que ocorreu às 10 horas de hoje em Galamares (entre Colares e Sintra), junto à Ponte Redonda, com um autocarro da Câmara Municipal sintrense que transportava 52 estudantes em visita de estudo ao concelho.

Maria José Morão Lopes Gaio, de 23 anos, foi a estudante que faleceu. Uma fonte da GNR afirmou ao DL que o acidente ficou a dever-se a um despiste do autocarro, que ficou tombado sobre as duas faixas de rodagem.

Os estudantes feridos, transportados para os hospitais de Sintra, Cascais e S. José, frequentavam um curso de recuperação do património.



Bom Dia
o iogurte
BIOLACTA, CRL
Rua Luís Augusto Palmeirim, N.º 15 - A/B - Tels.: 88 83 27/80 50 20
1700 LISBOA



Arquivo DL

Em Belém há quatro anos

O real mandato do Presidente Soares

Há quatro anos, Mário Soares tomava posse como Presidente, após uma eleição que dividiu o eleitorado. Hoje, a maioria dos portugueses comunga do que foi o seu slogan ("Soares é fixe") e do estilo soberano que tem adoptado.

Págs. 2, 3 e 7

Sintra Corrupção na Área Protegida

Macário Correia demitiu José Flor Pereira, coordenador da comissão instaladora da Área da Paisagem Protegida Sintra-Cascais, por indícios de eventual corrupção. O secretário de Estado do Ambiente ordenou também uma investigação à actuação de Flor Pereira, entretanto substituído por Graça Casais, do quadro técnico do Parque da Arrábida. Empreendimentos turísticos no Abano, Penha Longa e Cabo Raso estão na origem das suspeitas de corrupção.

Pág. 10



Quem são e como vivem os portugueses em Bruxelas
Págs. 16, 17 e 18

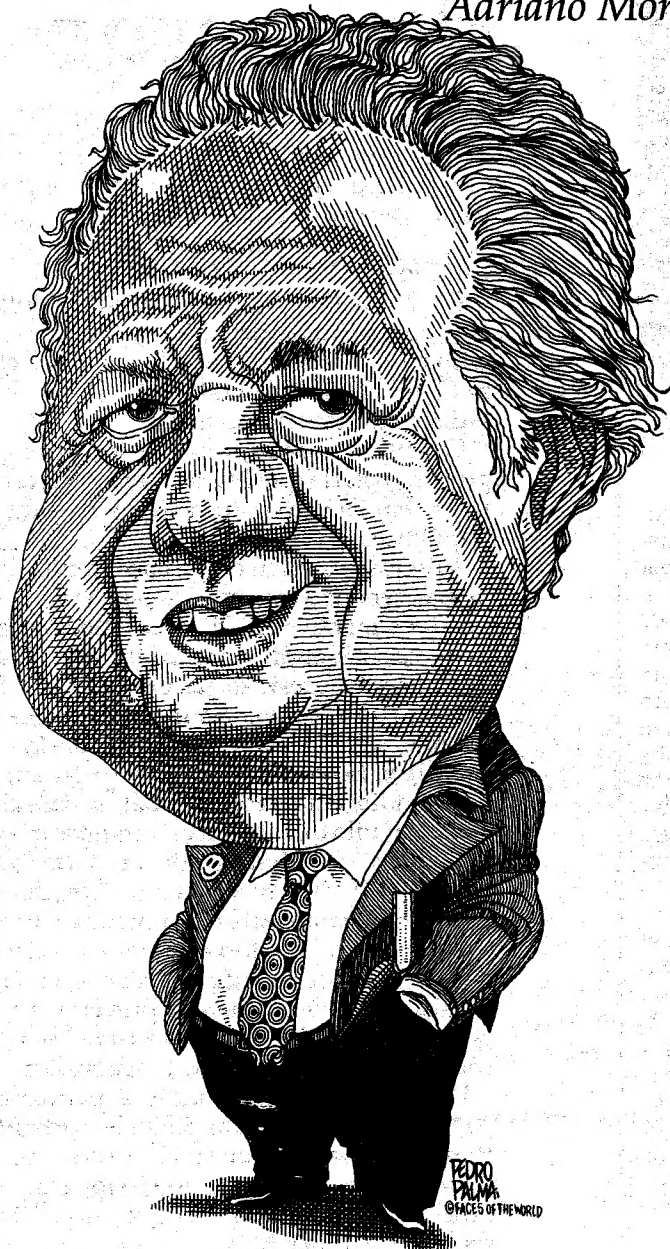
Kim Il Sung vai abdicar
Pág. 20

IPC atrasa subsídios
Pág. 22

Lotaria Nacional
1.º 67 360
2.º 60 487
3.º 19 808
Pág. 12

Hoje há Mosca

Há quatro anos, Mário Soares tomava posse como Presidente, eleito com pequena vantagem sobre o seu opositor. Hoje, todas as sondagens dizem que a larga maioria dos portugueses gostaria que ele se recandidatasse a novo mandato. Daí as perguntas que colocámos: porque não se avança para a eleição do chefe de Estado por um colégio eleitoral (que poderia até ser o Parlamento)? Porque não uma maioria qualificada para ditar o consenso que marcou a prática política deste Presidente? Responderam-nos Raul Rego, Adriano Moreira, José Magalhães, Duarte Lima e Carlos Macedo



Um estilo à espera de segundo mandato

GRANDE ANGULAR

Há quatro anos, Mário Soares era o Presidente de quem o elegeram, apesar de declarações suas em sentido oposto. Hoje, os antigos adversários confessam a admiração pelo Presidente e pela reafirmação quotidiana da representação do País como um todo, enquanto confessam não possuírem alternativas à abrangência política e ao estilo popular.

«Fixe» perante um eleitorado volúvel, respeitado pelos parceiros internacionais mais influentes, Soares deu corpo a todas as esperanças, recebeu quase todas as queixas e agiu como um avô da democracia portuguesa: tolerou más-criações, apaziguou birras e acabou por fazer o que lhe deu na real veneta. Ao verificar que o sistema semi-presidencial nasceu das «fraquezas do sistema parlamentar», Mau-

rice Duverger chamava a atenção para duas conclusões: «A investidura popular do primeiro magistrado da República teve por objectivo transformá-la num Governo inamovível e poderoso. Não se elege um presidente por sufrágio universal para que ele inaugure exposições, mas sim para que possa agir».

Mandato que marca

«O Presidente da República é o Chefe do Estado. Como quando era um rei, reina mas não governa. Deve estar acima das questões particulares e deve ter dado provas de isenção partidária, mesmo quando tenha saído de um partido», defende o deputado socialista Raul Rego, apoiando o estilo monárquico de Mário Soares com argumentos republicanos: «Não se pode

desligar da política, mas ser árbitro da política partidária, podendo realmente identificar-se com a orientação geral do eleitorado». E porque não tirar conclusões constitucionais da experiência deste mandato presidencial e avançar com a eleição do Chefe de Estado por um colégio eleitoral, que poderia ser até o Parlamento?

Porque não uma maioria qualificada para ditar o consenso que marcou a prática política deste Presidente?

«Não vejo relação lógica entre uma coisa e a outra», respondeu o centrista Adriano Moreira ao DL. «O consenso de que fala é uma relação pessoal do Presidente com o eleitorado e pode não se repetir com outro titular do cargo», refere, antes de afirmar: «O poder moderador que lhe pertence é mais forte derivado do sufrágio

directo do que derivado de uma eleição indirecta por um colégio».

Já do ponto de vista de José Magalhães, do PCP, «o estilo de exercício de um Presidente da República, numa peculiar conjuntura histórica, pode suscitar consenso, real ou ilusório. Mas nem pode ter-se por eterno o consenso (alterando um sistema que visa manter abertas as possibilidades de escolha, sobretudo se for conflitual, como é normal), nem a passagem do sufrágio universal ao indirecto deixaria de ser um retrocesso».

Ainda José Magalhães: «O Presidente da República perderia poder, o sistema deixaria de poder qualificar-se como semipresidencial (parlamentar-se-ia) e o "consenso" de hoje abriria caminho a soluções em que diminuiriam as salvaguardas do

Popularidade tem estado sempre em alta

A 9 de Março de 1986, o Presidente Mário Soares viu realizado um dos sonhos mais desejados da sua vida política.

Foi também o momento da confirmação de que os apoiantes desde a primeira hora do MASP tinham razão, quando respondiam às sondagens inicialmente desfavoráveis com a frase: «Soares é como um gato, tem sete fôlegos».

A capacidade de o actual Presidente converter antigas antipatias em apoios convictos aumentou ao longo dos quatro anos de mandato. Apesar dos altos e baixos nas sondagens, a popularidade de Mário Soares apenas a atingiu os 56 por cento num período de excepção; em regra, o Presidente manteve-se entre os 65 e os 75 por cento, muito acima da popularidade do Governo e da Assembleia da República.

A palavra de ordem da sua campanha, «O Presidente de todos os portugueses», continua válida após quatro anos, de tal forma que o principal partido político nacional optou por não apresentar candidato próprio, sabendo à partida que qualquer não dificilmente venceria o candidato favo-

rito.

Soares não deixou o seu êxito presidencial por mãos alheias.

A conjugação de uma imagem monárquico/ republicana, a sua habilidade para estar «em casa» em qualquer ambiente, a facilidade para ultrapassar as gaffes, foram factores decisivos para que seja considerado o mais popular Presidente português.

Por outro lado, a tendência para assumir o papel de embaixador português no Mundo levou-o a quatro Continentes; apenas a Austrália não consta do mapa das visitas presidenciais.

Como no tempo dos reis

As Presidências Abertas são o «ovo de Colombo» do mandato de Mário Soares.

A primeira, no Paço Ducal de Guimarães, surpreendeu os seus apoiantes e os adversários políticos. Passado que estava ano e meio sobre a eleição, Soares permanecia com a dinâmica de vitória alcançada no período final da campanha; só que desta vez era toda a população que estava na rua, independentemente das posições partidárias, para celebrar o Presidente.

A surpresa de alguns membros do Governo que acompanhavam a comitiva presidencial foi maior, quando Eurico de Melo disse «ver com bons olhos o gesto» e esperar que «o Presidente continue no resto do País». Cavaco percebeu a atitude do seu vice-primeiro-ministro e apoiou-o.

No ano seguinte, 1987, Soares ouviu em Bragança, da boca do bispo D. António José Rafael, que «a visita deve ser celebrada como no tempo dos reis».

Após a rendição do eleitorado do Norte, na maioria votantes do CDS e do PSD, Mário Soares parte para a conquista do Alentejo, daqueles que não lhe perdoavam o comportamento como primeiro-ministro. Mas também em terras alentejanas a população saiu a terreiro para o saudar calorosamente. Na rua ou nas UCP's, as pessoas esqueceram ou fizeram por esquecer o passado, para aplaudir o novo comportamento do Presidente da República.

Em 1988, na Guarda, a convite de uma Câmara socialista, a Presidência Aberta perdeu brilho, devido à contestação laboral que agitou o País e culminou numa

greve geral, apoiada pelas duas centrais sindicais. Cavaco Silva foi, nessa altura, o alvo das atenções, pela negativa.

Estava em causa o Pacote Laboral e, na altura, a grande incógnita era saber se Mário Soares ia vetar a lei da Assembleia da República, tratando-se de uma matéria tão cara para o eleitorado de esquerda que o elegera.

O Presidente vetou a lei aprovada pela maioria, mas promulgou uma segunda versão, com alterações.

Com a proximidade das eleições para o Parlamento Europeu e para as Autarquias, o PSD começou a manifestar algumas preocupações com as consequências das Presidências Abertas. Quando Mário Soares anunciou, em 1989, que iria realizar uma Presidência Aberta nos Açores, Alberto João Jardim disse a Mota Amaral que «estava a cometer um erro grave» ao aceitar a proposta do Presidente.

Actualmente, há ainda a convicção, por parte de dirigentes sociais-democratas, de que a subida do Partido Socialista nas eleições autárquicas nos Açores foi um reflexo da estada de Soares no arquipélago.

Apesar das críticas de uma parte da esquerda e do líder do CDS, Freitas do Amaral, em relação à ausência de intervencionismo do Presidente, um dos primeiros actos do mandato de Soares foi a dissolução da Assembleia da República e a convocação de eleições antecipadas, que deram ao PSD a maior maioria de sempre.

Até ao dia 28 de Fevereiro deste ano, dos 2.794 diplomas que deram entrada em Belém 2727 foram promulgados e 16 vetados, dos quais onze por inconstitucionalidade e cinco por decisão política.

O veto, uma das armas do Presidente, foi usado com cautela e parcimónia.

Durante a vigência do Governo minoritário de Cavaco Silva, Mário Soares vetou por inconstitucionalidade a Lei de Enquadramento do Orçamento de Estado (1987), o Código do Processo Penal e as Bases Gerais das Empresas Públicas. O primeiro veto político do Presidente foi utilizado contra o Governo Regional dos Açores, aquando da polémica sobre o Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma.

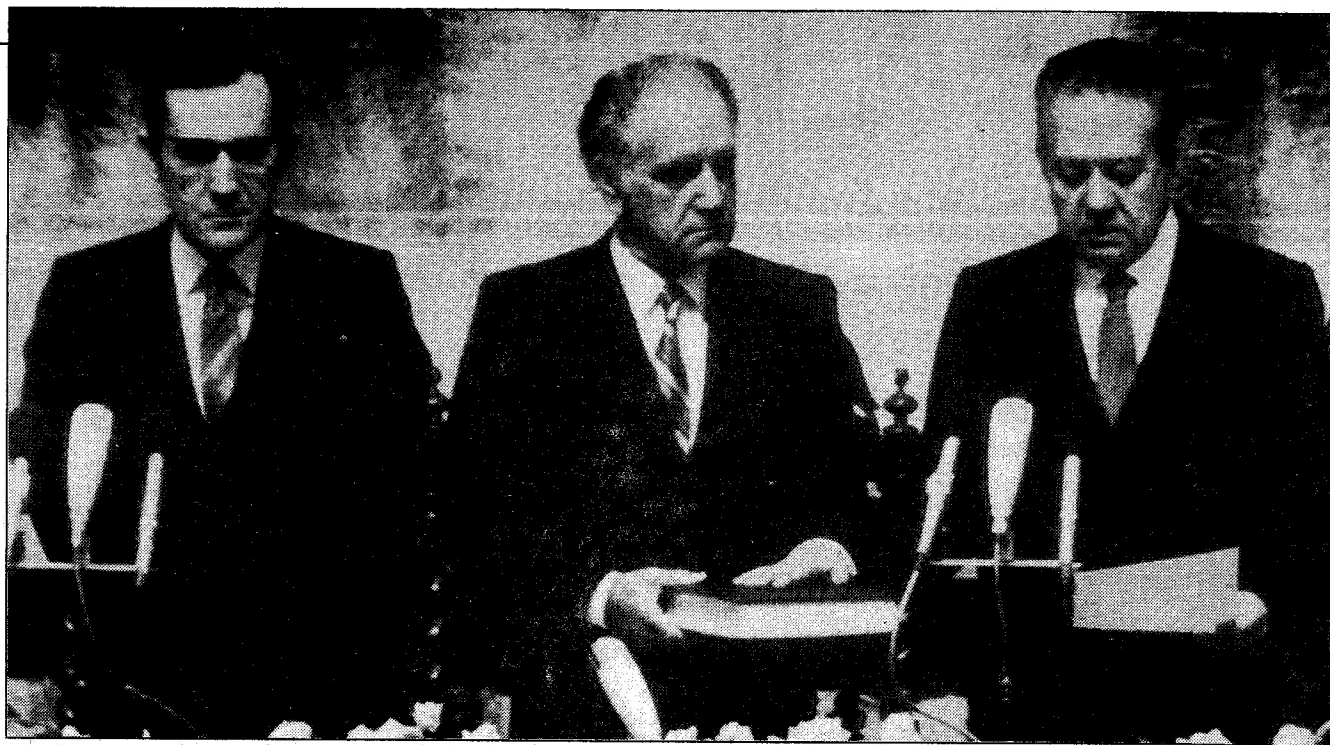
O segundo veto político de

Soares foi contra os desejos dos partidos da Oposição, nomeadamente contra a bancada do Partido Socialista, liderada por Constâncio. Durante o debate sobre o licenciamento das frequências de rádio, o PS, o PRD e o PCP votaram favoravelmente a retirada à Igreja Católica de uma frequência nacional, prometida e dada «por debaixo da mesa», como então foi largamente comentado, no final do mandato do último Governo chefiado por Mário Soares.

O Presidente vetou a lei em 22 de Janeiro de 87, com os aplausos do Governo e do PSD. A 12 de Fevereiro, o Partido Socialista e os restantes partidos de esquerda enfrentaram o chefe de Estado ao votarem de novo no Parlamento a proposta contra o novo canal nacional atribuído à Renascença.

Em compensação, Soares opôs veto político às alterações do Regime Jurídico das Relações Colectivas de Trabalho, diploma considerado pelos partidos de esquerda como um atentado aos direitos fundamentais dos trabalhadores portugueses.

Após 19 de Julho, o Presidente vetou por inconsti-



A posse, há quatro anos, testemunhada pelo então presidente da Assembleia, Fernando Amaral, e pelo ex-chefe de Estado, Ramalho Eanes.

sistema face às ameaças de consenso imposto ...»

Duarte Lima, do PSD, prefere repetir o que se sabe sobre os poderes do Chefe de Estado, sem todavia deixar de sublinhar que «estes quatro anos de mandato do actual Presidente da República traduziram-se num contributo importante para a definição de um específico entendimento do exercício do poder presidencial, tal como ele se encontra configurado no texto constitucional, após a revisão de 1982».

Depois de frisar que a autonomia do Governo em relação ao Presidente foi nessa altura bem clarificada, Duarte Lima homenageia Soares desta maneira: «A tentativa a que resistiu (mas para que foi permanentemente solicitado) de intervir na vida política num con-

texto que poderia ultrapassar os limites das suas competências, terão estado na origem da simpatia generalizada com que os portugueses apreciam a sua conduta. Saber se vai ou não continuar a resistir aos insistentes apelos de *mais protagonismo* é algo que terá uma influência decisiva no posicionamento de muitos portugueses face a uma sua eventual recandidatura».

Com outro seria outra coisa

O deputado independente Carlos Macedo, dissidente do PSD, acha natural que o Presidente da República tenha maior interferência na política externa do País, se ele se continuar a chamar Mário Soares.

«Com a reeleição do dr. Mário Soares, vamos encontrar maior flexibilidade na

intervenção do Presidente da República nessa matéria», diz Carlos Macedo, que ao mesmo tempo reconhece que outro Chefe de Estado teria como limites mais fortes as normas da Constituição. Raul Rego passa da representatividade nacional para a política externa considerando, com prudência, que esta «será definida naturalmente pelo Governo democrático, mas com o aval do Presidente da República».

Porque «é ele o Chefe de Estado», explica Raul Rego.

José Magalhães também é prudente, mas não resiste à tentação de esclarecer que «a maior intervenção presidencial na política externa pode facultar ao Chefe de Estado um protagonismo na cena internacional que faça empalidecer a estrela de um Governo, sobretudo se

cinzento».

Mais ou menos versados nas subtilezas constitucionais que acabaram por fazer parte da forma de pensar este regime, políticos de todos os quadrantes sabem que um segundo mandato de Mário Soares será bem diferente do que está em curso. Ao repórter coube ouvir outras reflexões quando, Duverger bem lido, quis saber se a vida política do Portugal de Soares Presidente tinha alterado através da prática política as formas de pensar uma Lei Fundamental revista dentro dos tempos fixados, ou se, como na França da V República, gerou costumes não previstos na Lei mas previsíveis na circunstância. Todos estavam a pensar, mais ou menos às claras, no ano que vem.

João Isidro



A toda a velocidade para um segundo mandato?

tucionalidade cinco diplomas aprovados pela maioria PSD: a primeira versão do «pacote laboral»; o primeiro diploma sobre a transformação de empresas públicas em sociedades anónimas (antes da Revisão Constitucional); a alteração do sistema eleitoral da Assembleia Regional da Madeira; a Lei Europeia para o Parlamento Europeu e a Lei dos Baldios.

No que respeita ao veto político, o Presidente aplicou-o para fazer devolver à Assembleia a Lei Eleitoral

para o Parlamento Europeu, aprovada apenas com os votos favoráveis do PSD, alegando tratar-se de um assunto que, pela sua delicadeza, merecia o consenso. Vetou a dissolução da Câmara de Gondomar (PS), decretada pelo Governo e pediu, ainda, ao Tribunal Constitucional a verificação de dois diplomas: a lei de Delimitação de Sectores e a Lei de Bases da Reforma Agrária. A votação do TC foi resolvida desfavoravelmente com o voto de quali-

dade do juiz presidente, Marques Guedes.

O calcanhar de Aquiles

Quando se fala do «calcanhar de Aquiles» de Soares toda a gente se volta para Oriente, terra de patacas, poderes e jogos de influência. Macau é território do Presidente da República, embora o Governo tenha também uma palavra a dizer.

O caso TDM, que envolveu nomes de homens da confiança do Presidente como Rui Mateus, Tito de Moraes, Carlos Melancia e o ex-presidente da Televisão de Macau, António Ribeiro, provocou uma baixa na percentagem de popularidade do Chefe de Estado. Durante muitas semanas, a Imprensa lançou achas para a fogueira, os deputados do PSD pediram no Congresso um inquérito aos factos, mas tudo ficou em «águas de bacalhau».

Há poucas semanas, o nome de Melancia saltou outra vez para as primeiras páginas, com fumos de corrupção. O Governador nega o processo noticiado tem vindo, aliás, a revelar-se muito obscuro), Leonardo Ribeiro de Almeida, do PSD, pediu o esclarecimento da

situação na Assembleia da República e o Procurador-Geral da República está a proceder a um inquérito.

Porém, foi Vítor Constanção o único político que, no ano de 1989, conseguiu que a popularidade de Soares baixasse para os 56 por cento, quando o acusou de fazer «ingerências na vida interna do partido», através de terceiras pessoas, e de ter deixado o PS na penúria.

Nessa altura, uma boa parte dos militantes socialistas manifestou o seu desagrado perante as atitudes atribuídas por Constanção a Soares, e as sondagens revelavam que a opinião pública acreditava na palavra do dirigente socialista, apesar do desmentido apressado de Belém, através de Alfredo Barroso.

Águas passadas. O relacionamento com Sampaio é cordial e, agora, são os homens próximos do primeiro-ministro que se queixam das «bicadas» que o Presidente dá indirectamente a Cavaco Silva. Insuficientes, pelos vistos, para levarem o chefe do Governo a apresentar o desejado candidato para a corrida a Belém.

Maria João Rocha

COMENTÁRIO

O grande desacordo

Mário Soares partiu para as eleições de 1986 com uma percentagem de intenções de voto que não ultrapassava os oito por cento: o País pulverizava-se ao redor de outros vários candidatos, todos avançados em relação ao ex-secretário-geral do Partido Socialista.

Em 16 de Fevereiro, Mário Soares polarizou os votos da Esquerda e derrotou o escolhido da Direita, Freitas do Amaral, por uma escassa margem de cento e vinte mil votos: o País dividia-se claramente ao meio.

Em 1990, a esmagadora maioria dos portugueses gostaria que Mário Soares se recandidatasse em 1991, para o reeleger Presidente da República.

A divisão sucedeu o consenso nacional, o que quer dizer que a maioria dos portugueses, independentemente de filiações ideológicas ou políticas, se identifica com a forma e o conteúdo do mandato presidencial exercido por Mário Soares, isto é, com a sua maneira de ser - convivente, caloroso no debate, amigo das coisas boas da vida partilhadas - e com o programa da sua candidatura, em especial o consubstanciado naquilo que chama os «grandes desígnios nacionais» - os desafios da modernidade, da cultura, do desenvolvimento com dimensão social, da estabilidade e da unidade nacionais - , na projecção e intervenção internacional do País, e na concepção da Presidência como uma magistratura de influência preventiva ou um poder moderador, cujo exercício visa evitar conflitos, preferentemente a resolvê-los.

Esta forma de intervenção é possível e para ela são bastantes os poderes atribuídos ao Presidente da República. Que não equivale a uma atitude passiva ou demissionista, dizem-no as críticas providas da área do Executivo, segundo as quais Mário Soares transformou o Palácio de Belém num palco de actuações anti-governamentais. (O Presidente interpreta a disponibilidade para receber ou visitar os seus concidadãos como um dever, por se tratar do reconhecimento real do direito de petição, consagrado constitucionalmente já no tempo da ditadura, e que ele próprio exerceu então com outros antecessores; assume-se, pois, também, como um «provedor»).

O amplo consenso gerado à volta destas ideias-força não pode, todavia, ser correctamente interpretado sem atendermos à dualidade de motivações na sua origem. Se para o eleitorado nasce de uma adesão mais ou menos consciente e graduada ao projecto e ao estilo do Presidente, para a direcção do PSD, partido que candidatou Freitas do Amaral em 1986 e, à distância de um ano, declarou apoiar a eventual recandidatura de Mário Soares, representa a cedência à disposição dos seus votantes - e o diferimento dos desacordos a assumir em público para depois de uma eleição que se desenhará como plebiscito, ou seja, como confirmação prevista da titularidade de um cargo sem disputa, logo, possível ou provavelmente com reduzida afluência às urnas.

O caso é curioso porque, sob o apoio enganoso, esconde-se um desacordo de fundo com as concepções do Presidente - Mário Soares tem-se pronunciado contra o unanimismo, pela

expressão das divergências é conflitos através do voto. Pena é que a fuga à derrota de um candidato seu, compense, para o maior partido da Direita portuguesa, a repressão do que o separa de Mário Soares e, antes de tudo, o desvirtuamento da própria essência da democracia.



João Paulo de Oliveira

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos**.
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa**.
Secretário-geral: **Jorge Galamba**.

Director: **Mário Mesquita**
Directora-adjunta: **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção: **Acácio Barradas**
Chefes de redacção-adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal: **João Paulo de Oliveira**
Coordenadores de Secção: **Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão**

Redactor-paginador: **António Ribeiro Ferreira**

Redacção e reportagem fotográfica: **Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco**

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim**.

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas: **Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores: **José António Caryalho, Jorge Santos e Óscar Figueiredo**

Secretária de Direcção: **Maria Eduarda Soutello**

Secretaria de Redacção: **José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade: **Luísa Valadas**

Gestor de Informática: **Luís Canteiro**

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.



PORTE PAGO

UM «ACÓRDÃO» PARA NOS ACORDAR

Do acórdão do Segundo Tribunal Militar Territorial que abre as fronteiras de Portugal aos assassinos do general Humberto Delgado, compreensivelmente chocada, a um semanário de Lisboa, a dr.^a Iva Delgado, filha do general, disse: «Há uma intenção política por detrás deste gesto. Não tenho dúvidas. O fascismo, mais do que uma ideologia política, é uma mentalidade. Isso é bem patente nesta decisão.»

O acórdão espontâneo e insólito coincidiu com a véspera (12 de Fevereiro) da data presumível do crime (13 de Fevereiro). Independentemente da sua apreciação jurídica, ele deverá ser considerado no seu significado moral e no seu significado político. A dr.^a Iva Delgado considera que o Segundo Tribunal Militar Territorial se mostrou possuído de «um excesso de zelo acintosos». Acrescentemos que revelou uma impressionante insensibilidade política. O crime de Badajoz não foi um crime qualquer. Foi o assassinato de um general prestigiado da Força Aérea Portuguesa que se vira obrigado a exilar-se, por motivo da perseguição que lhe fora movida, após ter disputado a eleição para a Presidência da República. Perseguido política, policial e disciplinarmente. À diligenciada PIDE juntaram-se a acção e as omissões da hierarquia militar, e, muito especialmente, a brutalidade facciosa e vindicativa de Santos Costa, «o capitão que chegou a coronel sem um dia de quartel». O regime salazarista, e o próprio Oliveira Salazar, assumem, sem remissão, a paternidade do crime. O chefe do Governo cobriu a acção criminosa e consentiu o encobrimento dos executores. A Justiça não puniu o crime. No Tribunal Militar, o promotor, tentou atribuir a cilada e o desenlace trágico a divisões entre oposiçãoistas. A sentença contemplou a versão de que os praticantes do duplo assassinio, do general Humberto Delgado e da cidadã brasileira Arajajyr Moreira de Campos, eram as «pides» que andavam em fuga. Agora é o Tribunal que lhes dá permissão de regresso. Fala-se de prescrição, de amnistias. Mas o crime não prescreveu. Está inscrito, a sangue, nas páginas da História contemporânea. É uma mancha que se não apaga.

2

Sobre a data do crime, 13 de Fevereiro de 1965, passaram vinte e cinco anos. Aqui, no «Diário de Lisboa», na primeira quinzena de Fevereiro, referimos a necessidade de conservar a memória do crime. Na História? Sem dúvida. Mas, também, na memória quotidiana como desmistificação da odiosa mentira dos «brandos costumes» do «Estado Novo». Amuites interessa que se acredite nos «brandos costumes», na moleza do regime, no fascismo em diminutivo.



General Humberto Delgado

Cada vez são menos os que passaram pela «poterna» de Angra do Heroísmo ou pela «frigideira» do Tarrafal, os que foram torturados na Rua António Maria Cardoso, em Lisboa, ou na Rua do Heroísmo, no Porto, os que viveram na clandestinidade ou sofreram desterrões e exílios. Raros serão dentro de dez, quinze anos. E então, novos biógrafos do ditador, novos cronistas das suas glórias financeiras, falarão da tirania como de uma governação habitual.

Não podemos ficar amarrados ao passado e a viver na obsessão de um país dividido. Há que aceitar a evolução nacional e as evoluções pessoais. Mas há limites. Não podemos esquecer os crimes, não podemos absolver os assassinos. O caso de Humberto Delgado - a perseguição, o cerco, a cilada e a morte - constituem um exemplo da violência fascista, a não esquecer. E mal vão, política e moralmente, aqueles que esqueçam o crime e aqueles que pintem com cores claras os negros factos. Um homem e uma mulher são vilmente assassinados em terra espanhola, nas proximidades da fronteira portuguesa, os seus corpos abandonados em sepulturas de acaso, os assassinos prestando contas aos superiores, estes dando do crime relato ao presidente do Conselho, todos, os executantes e os mandantes, adoptando a defesa do silêncio. Estamos perante um crime e um escândalo.

A filha do general, Iva Delgado, põe-se um problema a propósito do acórdão insólito do Tribunal Militar: «... será que isto não é um

desafio às instituições democráticas num momento em que, pelo mundo fora, se libertam os presos políticos e se respeitam os que têm lutado pela liberdade?»

Não é possível responder-lhe com uma negativa tranquilizadora. Este empenho do Tribunal Militar reflecte, pelo menos, a relativa indiferença das Forças Armadas pela memória do general Humberto Delgado.

3

Foi decidida em 1988, por voto unânime da Assembleia da República, a trasladação dos restos mortais do general Humberto Delgado para o Panteão. A resolução está de pé. Falta levantar, no Panteão, o mausoléu do «General Sem Medo». Nem a Assembleia da República tomou as medidas necessárias, nem os serviços governamentais providenciaram, nem os militares se moveram em apoio à trasladação do seu camarada de armas.

A burocracia é lenta, o esquecimento uma pècha nacional. Na comemoração dos vinte e cinco anos da morte, a Assembleia da República rende homenagem a Humberto Delgado. Piedade em palavras. Finda a sessão, entra-se na rotina. E a rotina é o esquecimento.

Para o ano, em Fevereiro de 1991, se alguém o lembrar, repete-se o voto, gastam-se mais palavras. Somos um País de brandos costumes mas de valorosas orações.

4

Faz-se cerimónia com os salazaristas e com os marcelistas. Nem todos, como o salazarista Adriano Moreira, e o marcelista Freitas do Amaral, aprenderam as regras da democracia. E, se não faltam os saudosistas que se esforçam por impor uma visão suavizada dos anos de apagada e vil tristeza, de obscurantismo, terror policial, redução cívica, são mais numerosos, e mesmo mais perigosos, os que não querem mostrar-se críticos do passado, julgadores dos seus erros, denunciadores dos seus crimes.

Iva Delgado conta: «Ultrapassei já a capacidade de ser chocada. Por exemplo: apercebi-me da importância de se fazer uma homenagem no vigésimo quinto aniversário do as-

sassinio do meu pai através de uma jornalista espanhola que veio ter comigo para recolher dados para um programa de 60 minutos, para a TVE. Nenhum órgão de Informação do meu país me havia contactado com intenção semelhante...»

Deixamos o comentário aos dirigentes da Rádio Televisão Portuguesa. A eles a palavra. Mas não critiquemos só a RTP. Vinte anos volvidos sobre o crime qual foi a homenagem da Força Aérea ao general que possuía um brilhante currículo?

5

Uma mulher pergunta: «... Onde é que está o meu país? Onde estou eu a viver?» E somos muitos, cidadãos e cidadãs do País de Abril, a fazermos-nos, em nossas consciências, eco do que pergunta de Iva Delgado. Ela tem as suas razões pessoais. Mas o problema que as suas palavras expressam, não é só dela. Nem só à filha do general, pertence a memória de Humberto Delgado. Estamos perante uma questão política. Estamos perante um desafio a Abril, à democracia, à Justiça, à História.

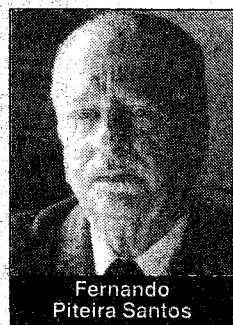
Não evangelizamos o ódio, não clamamos vingança, não defendemos a divisão de Portugal em miguelistas e liberais, em fascistas e antifascistas. Mas o fascismo existiu com as características de comando e estruturais que ao país correspondiam. E foi violento, à sua maneira. Cínico, mas violento. O crime não se mede apenas em termos quantitativos, mas, também, em termos qualitativos. Tivemos menos presos, menos deportados, menos exilados, menos mortos. Mas tivemos presos, deportados, exilados e mortos.

A Democracia terá que ser construída, com uma grande abertura, com uma grande generosidade, mas com a plena consciência de que estamos a enfrentar e a ultrapassar as sequelas de uma longa noite. Os perseguidos não devem converter-se em perseguidores, mas não podem continuar a ser marginalizados, preteridos, esquecidos.

Este caso de alarmante insensibilidade política relativo ao assassinato de Humberto Delgado, impõe-nos a consideração dos erros e das omissões cometidas após o «25 de Abril». Erros e omissões que, numa parte importante, tiveram origem na carência de uma memória histórica.

A memória da Resistência e da Oposição, não constituiu uma orientação, não definiu critérios, não ajudou a fixar o rumo. Desconheceu-se um legado precioso, pedagogicamente relevante. Cometeram-se injustiças, praticaram-se ingenuidades. E, pela Revolução, veio a Ordem. A Ordem que, em nome da Lei, dá ao crime prescrição e livre circulação aos assassinos.

Repetimos as perguntas: «... Onde é que está o meu país? Onde estou eu a viver?»



Fernando Piteira Santos

FORUM

O SR. PRESIDENTE DÁ LICENÇA?

Não se fala noutra coisa, neste País, senão em Presidenciais. Mário Soares, em Belém, deve sentir-se vingado e incomodado. Chovem os pedidos de audiência, as demonstrações de apoio e até as «cunhas» para ser incluído em qualquer Comissão de Honra, Executiva Nacional, distrital ou concelhia. A «bicha» prolonga-se já de Belém ao Terreito do Paço.

Cavaco Silva teve mesmo de disciplinar, antecipando um apoio implícito a Soares, a correria dos responsáveis do PSD. A minha curiosidade está em saber como vai ele ordenar esta horda de admiradores recentes e apoiantes apressados.

Mário Soares poderá optar por vários critérios. Por ordem alfabética, e terá um «puzzle» divertido. Assim, numa folha, à cabeça, viriam acasalados:

A — Aníbal Cavaco Silva+Álvaro Cunhal+Aboim Inglês+Álvaro Barreto

C — Carlos Macedo (PSD)+Carlos Costa (PCP)

D — Dias Loureiro (PSD)+Dias Lourenço (PCP)

M — Mendes Bota (PSD)+Maria dos Santos (Verdes)

R — Rui Almeida Mendes (PSD)+Raúl de Castro (MDP)

Poderia continuar letra por letra, mas ainda arranjava uma data de inimizades, pelo que convido o leitor a terminar este delicioso exercício. Claro que, aqui, os comunistas estão mais à vontade. Já digeriram o «sapo» e não se importam de repetir o «menu».

Faltam nomes do CDS e do PS. O primeiro porque anunciou que ia apresentar um candidato, enquanto nos socialistas o apoio é total. Mas mesmo aqui o Presidente da República pode fazer umas «discriminaçõeszinhas». Não sendo Mário Soares propriamente um piedoso católico (com o sentido do perdão) é uma personalidade tolerante... para descanso destes.

Este critério é redutor e ofensivo? Então, Sr. Presidente, sugiro-lhe outro. Entre «crístãos-novos» e «crístãos-velhos». Assim, à cabeça, punha os nomes de Helena Roseta e Cavaco Silva; Adriano Jordão (expulso do PSD) e Fernando Nogueira, Rui Oliveira e Costa (expulso do PSD) e Eurico de Melo. Ainda não serve? Então, talvez um critério institucional: Assembleia da República, Governo Central e Regional, governadores civis, presidentes de câmaras, vereadores, etc.

Acho que Mário Soares acabará por optar pelo único

possível, o da amizade. Se há qualidades indiscutíveis do actual Presidente da República, é o da fidelidade aos amigos. Nunca os «deixa cair», os outros que votem discretamente, ou aprendizagem da importância de se chamar ELETOR.

«Bloco Central» presidencial

A vida faz-se de sinceridades sucessivas ou mesmo simultâneas. O pensamento evolui, as ideias alteram-se. A transparência dessa mudança avalia-se pelo desinteresse pessoal nas novas solidariedades e apoios.

O prof. Cavaco Silva acaba de ressuscitar o «Bloco Central». Ele que destruiu o «Bloco Central» governamental, em 1985, liderado por Mário Soares, recria-o para as presidenciais. Não há aqui uma reconversão política de Cavaco Silva, nem sequer um pensamento político. É o resultado de quem faz política sem convicções — alguns dos seus conselheiros — mas no divertimento ou esperteza de um «desentaltanço» primário. A direita portuguesa tem nas próximas presidenciais o problema que a esquerda terá em encontrar um sucessor para Mário Soares, após o segundo mandato. Decapitada com o 25 de Abril de 1974, ainda não encontrou personalidades com dimensão para a Presidência da República. A esquerda, com a saída de Mário Soares, estará na mesma situação. O CDS percebe isso e pretende um candidato que lhe aumente o eleitorado, mas que se prepare para as futuras presidenciais, em que a esquerda, após a próxima vitória de Mário Soares, terá de pensar nisso.

Em França, por exemplo, o debate nos partidos tem esse objectivo. Fabius, Rocard, Delors, Jospin lutam pela sucessão de Mitterrand, enquanto Chirac, Barre, Noir disputam idêntica candidatura à direita. Tudo é feito com tempo. Em Portugal é a dança da cadeira quando a música já começou...

A vida política portuguesa vai alegrar-se a partir deste ano. Principiaram já o cruzamento de alianças:

Câmara de Lisboa — PS+PCP

Presidências

PS+PSD+PCP

Governo — PS+CDS?

Voltámos, em matéria de presidenciais a 1976, e em coligações governamentais a 1978. Esperemos que com mais êxito.

Mais grave que a questão presidencial é a desvalorização da vertente parlamentar do nosso sistema político. A senhora Thatcher, tão apreciada por Cavaco

Silva, vai quase todos os dias ao Parlamento prestar esclarecimentos à Oposição. Agora que a BBC transmite imagens, testemunha-se a vivacidade das intervenções, a actualidade dos temas, o confronto do debate. Em Portugal, o governo desloca-se à Assembleia como se fosse o maior frete e perda de

tempo. O Regimento espartilhado a discussão a limites insustentáveis (Almeida Santos chamou-lhe a Lei da Rolha), e a opinião pública considera a Assembleia a caixa registadora para 250 deputados. Seria mais cómodo e mais barato, a continuar assim, que o Parlamento funcionasse com os cinco líderes parlamentares

e o resto por procuração. É naquela casa que se deve renovar a classe política e não transformar-se num «exército silencioso». A próxima maioria parlamentar deverá ter a coragem de alterar o Regimento, mesmo com o risco de favorecer quem os silenciou, o PSD. Não por espírito masoquista, mas em defesa de

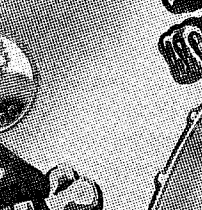
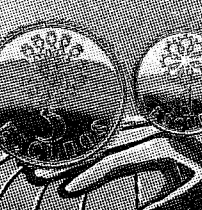
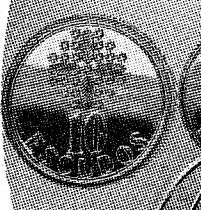
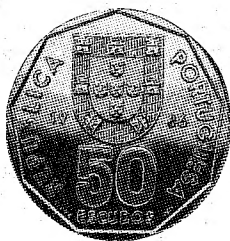
valores de liberdade e inteligência. É que o desinteresse do eleitorado combate-se com uma classe política dinâmica e representativa do voto do cidadão. Mais do que as presidenciais, os dirigentes deveriam preocupar-se com a Assembleia da República. Afinal, a «casa comum» dos portugueses.

Moedas

Mensagem de Cultura

Mesmo as simples moedas que utilizamos todos os dias são feitas com elevada preocupação cultural. Servem-se de temas da História, da tradição popular e de valores a transportar para o futuro.

Nas moedas de 1, 5 e 10 Escudos figuram rosáceas de rendas tradicionais e filigranas. Na moeda de 20 Escudos é representada uma rosa-dos-ventos da cartografia antiga. Na moeda de 50 Escudos reproduziu-se um navio português de três mastros, a partir de uma cerâmica hispano-mourisca de c. 1425-1430.



A nova moeda de 100 Escudos é dedicada à Ciência Portuguesa, através da figura de Pedro Nunes, matemático e cosmógrafo do século XVI. Dá-se também relevo à Europa comunitária em que Portugal se integra e onde terá o seu futuro. É a nossa primeira moeda bimetálica, com um anel exterior em cuproníquel e o núcleo em bronze-alumínio.



inm

IMPrensa NACIONAL - CASA DA MOEDA, E.P.
LISBOA • PORTO • COIMBRA

Fabricamos Moedas • Cunhamos História



Fernanda Mestrinho

FORUM

CARTAS
PERSASCHIADO,
POR EXEMPLO

«Uma mulher com cinco filhos e sempre muito asseada...» Era da própria mãe que falava. Perdi palavras, e depois: «do maior ao mais pequeno»: A conversa era para defronte, topograficamente entre o «Paris em Lisboa» e a «Bénard». De cá, respondia-lhe a colega qualquer coisa que tinha que ver com maus cheiros («tanto a chulé, tanto a chulé...»). «Isso não», dizia a outra. Colegas eram e não concorrentes nesta venda à surrelfia que anima o Chiado mais que as lojas de montras tristes.

Vendem lenços, sacos, meias, berloques a gente popular, da manhã, ou pequeno-burguesa - e o polícia aparece mais abaixo, como se fronteira houvesse (que há) entre a venda permitida de flores à porta dos Mártires e esta, mal tolerada, de coisas de capelista. Estendais «de capela», havia de dizer-se. O polícia assoma, passa a fronteira da Serpa Pinto e a «capela» levanta ferro, lenta, sorrindo humildemente, mas com manha, e olhando-o; depois volta, o tempo mínimo de o guarda virar costas, e para os mesmos sítios, como é sabido, apregoando baixo a mercadoria e os preços. Uma mãe de trança (a de quem a mãe criara cinco filhos em limpeza) continua a contar coisas da vida. «O pai dela é que...». Não oiço mais, no pequeno vento que sopra. Do meu lado, uma filha de minijupe travada e aventalinho preto, de fado, com folhos, tem frio e ri, encolhida. Idades em discussão, na conversa. Atrás de mim, junto à livraria, há uma velha de poucos dentes, e as réplicas voam. Nova-nova já não é a moça: vai a caminho dos trinta, tem vinte e seis. «És meio nova», diz-lhe a defronte. «Nova era eu aos dezasseis...» - e todos riem, entendendo-se, como no bairro delas, que não é este mas é como se fosse. Um pregão de lotaria vem de cima - Chiado anos 20, 40 e 90...

Se o Sol é o mesmo porque não as pessoas, lisboetas certas, passando? «Quinhentos, quinhentos» apregoa ela, «bijouteria fina», diz ao lado um vendedor, único homem do grupo, de poucas falas para o mulherio, como se tomasse conta do grupo.

Agora um polícia vem de cima, não o esperam nem conhecem, e fazem gestos rápidos de levantar os tabuleiros, mas ele passa apressado para o emprego no Governo Civil - e o bailado volta à cena. Não percebi como, pouco depois, o pânico é real: não vi qualquer guarda, mas elas sim, ao alto, e devia haver histórias com ele, porque a debandada foi de urgência, rua abaixo e para cada lado, para vãos de escada, à espreita... No meu jornal a UAP aumentava consideravelmente o capital, Mandela falava em nacionalizações e a bolsa caía também no Japão, e de modo preocupante. No Leste não se sabe bem, com tanta gente na rua para ter o direito dos pobríssimos a uma sociedade de consumo.

Na China não, e Hong-Kong não é bem assim como se supunha - ou se julga em Macau. Fabius faz o seu jogo, a Alemanha une ou não une, e a esquerda oeste-europeia pergunta-se. Cuba no!...

Em Lisboa, sim, as vendedeiras fazem o Chiado, e a Pérsia. Ao fundo, a fachada do Barcelinhos está aberta para o vazio, com o braço no seu sítio antigo, e, por cima, o castelo foi há muito tomado, com cruzados ou sem cruzados - mas a história é sempre como se sim, mesmo que não... E o céu azul, antes das últimas chuvas. Leio não leio o jornal, que para isso parei à mesa, em meia hora vazia de fim de manhã. «Milhares de refugiados kurdos do Iraque vivem em condições precárias» - e eu que devia estar de partida oficiosa para lá, coincidências do mundo! Quanto ao príncipe Sihanouk, começo a não ter paciência para o aturar, quase todos os dias no jornal: quem não quer ser rei não lhe vista a pele! Ou então faça-se presidente da República... Uma, duas, três vendedeiras reaparecem, aliviadas - reais. E continuam, exemplarmente...



José Augusto França

OS RELÓGIOS FALANTES

A POLÍTICA
DAS CAUSAS

Falávamos na última crónica da necessidade de *renovação* no domínio das ideias políticas, alertando, porém, para os perigos da mera invocação da mudança sem que realmente se pretenda que algo aconteça de significativo. O mundo está a mudar, vivemos o fim de uma época - todos o reconhecem. Importa, porém, compreender que a atenuação de algumas fronteiras não significa que estejamos a entrar num tempo de consensualismo mole no qual tudo se pode resolver com palmadinhas nas costas ou com o consequente encolher de ombros da indiferença. Houve, é certo, um enorme avanço: passaram para a sombra os falsos debates baseados nos dogmas rígidos das ideologias fechadas (apesar de haver resquícios deles, o que é natural), passaram a ser alvo de sorrisos irónicos as invectivas neo-realistas sobre as funções sociais das atitudes e dos sentimentos humanos, a própria direita teve de procurar novos temas e, por vezes, de se aventurar em territórios de que habitualmente estava ausente, aproveitando as novas oportunidades que se lhe ofereceram.

Não se pense, contudo, que estes sinais são suficientes para que possamos considerar-nos, sem mais, no bom caminho. É preciso que nos disponhamos a entender os múltiplos sinais dos tempos: a onda democrática a que assistimos do Leste Europeu à África do Sul, passando pela América Latina, não pode ser vista apenas nos seus aspectos externos ou medida pelos entusiasmos imediatos que desperta - há que ir mais além. Por outro lado, neste entusiasmo justificado e positivo, tende a subalternizar-se a questão do desenvolvimento e das grandes disparidades económicas e sociais do Mundo, bem como o tema dos «quartos mundos» e dos «novos pobres» que começa a tornar-se preocupante no seio das sociedades mais prósperas - em parte por causa de algumas ilusões e excessos espontaneístas e liberais.

Há, portanto, razões para recusarmos as visões idílicas de que estamos no limiar do melhor dos mundos - como se a liberdade se resumisse ao seu reconhecimento formal e como se a tensão entre poder e direito ou

entre eficácia e justiça estivesse, de uma vez por todas resolvida. E se há estas razões, importa compreender que será a propósito de causas concretas que a salutar divisão de águas se operará.

Já se disse em diversas ocasiões que a sociedade dos homens necessita, para se aperfeiçoar, de espaços de consenso e de espaços de diferença. Os «armistícios sociais» que são as instituições realizam a consensualidade, enquanto a acção política - terreno das opções concretas - terá de se basear na força das diferenças e na riqueza dos diversos caminhos possíveis.

Não se trata, porém, de uma questão técnica. Estamos perante causas humanas. Há um elemento lúdico na política, é certo, mas não podemos esquecer que é o destino dos homens que está em causa. Daí o dramatismo de muitas causas, daí a necessidade de se compreender a sociedade para além da sua epiderme ou de um certo folclore. Por exemplo, as causas ecológicas são importantes muito para além das bonitas e ingénuas reivindicações de jardins e passarinhos. Há hoje até uma poderosa contra-informação ecológica animada por inconfessáveis e poderosos interesses económicos que exige grandes cautelas na escolha corajosa das autênticas causas humanas nesse domínio - num tempo em que as ameaças à sobrevivência da terra são muito mais preocupantes do que se possa supor à primeira vista. É pois tempo de correr riscos e de optar sem a facilidade e o aconchego de nítidas bandeiras ideológicas.

O que significa hoje o regresso de uma política de causas? Significa que, abalados muitos dos pontos de referência tradicionais, torna-se necessário descobrir na floresta dos acontecimentos, escolhendo permanentemente, quais as tarefas necessárias, isto é, quais as que estão ao serviço do homem.

Não se trata, deste modo, de fazer opções heróicas ou grandiloquentes, mas de apostar nas causas imperfeitas - como ensinava P.L. Landsberg. Lembremos o «affaire Dreyfus»: hoje, ninguém tem dúvidas

em saudar o gesto heróico de Zola; no seu tempo, todavia, a sua voz começou por clamar no deserto, isolada, incompreendida, ameaçada pela pressão brutal das opiniões comuns e estabelecidas... Mesmo as vozes que se afirmavam progressistas calaram-se no momento decisivo.

Afinal, não basta invocar a razão e a justiça, é preciso ousar encontrá-las nas circunstâncias difíceis da vida. As bandeiras ideológicas são muitas vezes ilusórias: as referências a que se reportam são amiúde incapazes de conduzir, só por si, às escolhas adequadas. A tentação historicista pesa demasiado - como transposição linear. É a ilusão da história em circuito fechado que se revela - incapaz de encontrar outras referências para além dos limites das fronteiras do seu próprio caminho ideológico. Isso foi muito nítido no radicalismo do final do século passado e início deste e no neo-realismo do nosso tempo.

As ideologias não morreram. Esgotaram-se algumas das que conhecemos. Outras estão em gestação. É tempo de fazer novo com o novo - e aí trata-se de seguir o riquíssimo filão dos direitos do homem nas suas múltiplas implicações. Se com Dreyfus foi essa a pedra de toque, hoje também voltará a sê-lo: desde a construção das novas democracias ao equacionar dos temas da justiça e do desenvolvimento, passando pela autêntica democratização do Terceiro Mundo, pelo combate em favor do equilíbrio ecológico, pela educação, pela partilha de recursos económicos ou pela construção de espaços supranacionais e de novas solidariedades internacionais, pela paz e pela guerra.

É tempo de apostar nas reformas. Necessitamos delas. A sociedade aberta necessita de se aperfeiçoar, permanentemente.

Não permitamos que os dogmas impeçam essa via. renovar tem de ser aproximarmo-nos do homem e dos seus problemas quotidianos.

Nessa perspectiva a política encontrar-se-á, naturalmente, com a ética - e a força dos princípios impor-se-á, sem violências intelectuais.



Guilherme d'Oliveira Martins

POLÍTICA

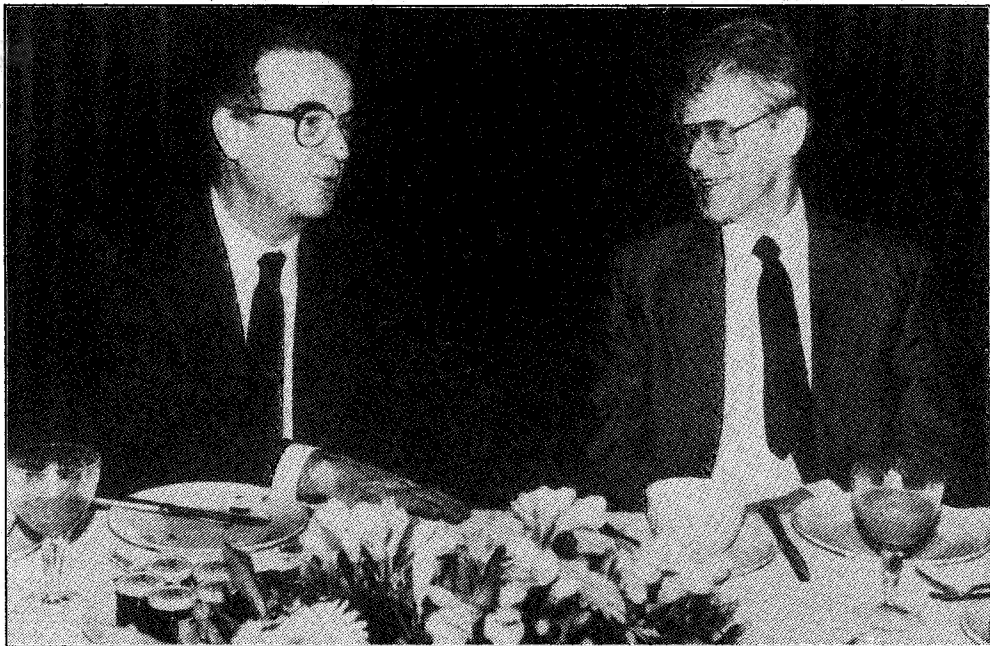
Relações EFTA/CEE

Sampaio e Carlsson debatem espaço económico europeu

O primeiro-ministro sueco, Ingvar Carlsson que se encontra de visita a Portugal tomou hoje o pequeno-almoço com o secretário-geral do PS, Jorge Sampaio. No encontro, em que estiveram presentes também Jaime Gama e Fernando Marques da Costa, os dois políticos discutiram a situação internacional, nomeadamente, a evolução dos acontecimentos no espaço europeu e os problemas de organização da Europa.

«Falámos igualmente das questões internas de cada país», disse Jorge Sampaio à saída da audiência com Carlsson. Além destas matérias, foram analisadas também as de natureza económica, particularmente, o espaço económico europeu e as relações entre a EFTA, de que a Suécia é membro, e a CEE. Para Jorge Sampaio, as negociações entre aquelas duas entidades nem sempre são fáceis pois ambas «têm métodos de decisão diferentes. A EFTA funciona na base dos consensos enquanto que a Comunidade Económica Europeia assenta nas votações».

O programa de hoje da visita de Carlsson prevê uma ronda pela cidade e também um encontro, da parte da tarde, com o chefe do Governo português. No jantar que ofereceu ontem ao seu homólogo sueco, Cavaco Silva defendeu a colaboração entre Portugal e a Suécia, no que



Ingvar Carlsson tomou o pequeno-almoço com Jorge Sampaio antes de visitar Lisboa

respeita à cooperação com as nações africanas tendo recordado que os dois países estiveram associados na EFTA, de que foram fundadores, durante 25 anos, até à adesão de Portugal à Comunidade Europeia.

Neste contexto, Cavaco Silva destacou o facto de a visita de Ingvar Carlsson se realizar no momento em que a Suécia assumiu a presidência da EFTA e de Portugal apoiar «activamente o aprofundamento do processo de cooperação entre a CEE e a EFTA, que conduzirá à criação do grande espaço económico

europeu».

Ambientalistas queixam-se da CELBI

Uma representação de cinco associações ambientalistas entregou hoje de manhã na Embaixada da Suécia uma queixa, destinada ao primeiro-ministro Carlsson, sobre a actividade em Portugal da empresa de celulose CELBI, cujo capital é maioritariamente sueco. Juntamente com o texto, os ambientalistas deixaram na embaixada uma amostra de efluentes de uma fábrica da CELBI na Figueira da Foz, alegadamente

responsável por graves situações de poluição nesse local da costa portuguesa. A amostra consistia em alguns decilitros de água negra e repleta de resíduos, comprovativa de que a mesma unidade industrial não se empenha em eliminar os efeitos tóxicos da sua laboração. Os signatários reclamam de Carlsson uma utilização de influência no sentido de que os proprietários da CELBI atendam às normas que regulam internacionalmente a indústria da celulose, à semelhança do que fazem na Suécia.

B R E V E S

Individualismo e política

«O individualismo e a sociedade solidária» é o tema de um colóquio que esta noite se inicia em Lisboa, promovido pelo Grupo Parlamentar do PS. Conta com a participação de Jorge Sampaio e de deputados de outros partidos, entre os quais Pacheco Pereira e Adriano Moreira. Com esta iniciativa os socialistas pretendem retomar o debate sobre os valores da democracia e do indivíduo, «que têm estado ausentes da sociedade portuguesa».

Cavaco defende recandidatura de Soares

Os sociais-democratas debatem hoje a moção de estratégia que Cavaco vai apresentar ao congresso de Abril, anunciado o «Público». Preconiza apoio à recandidatura de Soares desde que este não altere o relacionamento que tem mantido com o Governo. Entretanto foi aprovada pela distrital de Lisboa a moção de António Pinto Leite. Defende que os sociais-democratas «mantenham o desenvolvimento económico, até que se relance um novo programa de reformas para a sociedade portuguesa» e «um discurso político com novos valores», que levem a reformas da sociedade portuguesa com a necessária alteração legal.

PRD mantém apoio a Eanes

Remalho Eanes continua a ser uma referência política para o PRD, refere aquele partido, num comunicado difundido após a última reunião da comissão directiva. Durante este encontro procedeu-se a uma redistribuição de competências, foi «definido o relacionamento com as distritais» e preparada a IV Convenção Nacional, que se realiza em Junho. Segundo noticiou a Lusa, Pedro Canavarro tem, na segunda-feira, um almoço de trabalho com Eanes.

Para melhorar vida dos portugueses

Inter pede apoio ao PSD

A CGTP/IN apresentou esta manhã ao PSD as reivindicações que considera essenciais para a melhoria das condições de vida e de trabalho dos portugueses. A mesma delegação da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses foi entretanto recebida pelo PRD, a cujos dirigentes deu conta das mesmas intenções: que há condições, em Portugal, para o crescimento dos salários em 1990.

«Com estas audiências, pretendemos sensibilizar os partidos para uma intervenção em sintonia com a central que permita melhorar as condições de vida e trabalho dos portugueses», afirmou o coordenador da «Inter» antes do encontro com membros da comissão permanente esta manhã reunida na sede do partido para aprovar a moção de estratégia que Cavaco Silva e a direcção nacional social democrata apresentarão ao congresso do partido.

Foi a primeira vez que a direcção dos sociais-democratas se encontrou, formalmente, com a comissão executiva da CGTP, na circunstância representada por Ruben Rolo, Maria do Carmo Trindade e Carlos Trindade,

além de Carvalho da Silva. Uma das finalidades dos dois primeiros encontros da CGTP com os partidos com assento parlamentar, foi a demonstrar que existem «condições para o crescimento dos salários este ano» e que «é necessário promover a melhoria da protecção social dos trabalhadores e introduzir alterações nos horários de trabalho».

«São matérias em agenda na reunião da Assembleia da República, pelo que depende da postura dos partidos políticos ajudar a resolver as reivindicações dos trabalhadores», salientou Carvalho da Silva. A direcção do PSD, representada no encontro por três dos seus elementos, também se pronunciou aos jornalistas sobre a importância e significado desta reunião, já que os anteriores contactos entre a confederação e o partido tiveram lugar ao nível do respectivo grupo parlamentar.

As reuniões entre a CGTP e os partidos continuarão terça-feira na sede do PCP. A central pediu ainda audiências ao PS e ao CDS. Recentemente, o presidente do CDS deslocou-se à sede da «Inter», iniciando um ciclo de contactos imprescindível há dez anos.

Anunciado hoje

Recandidatura de Soares é assunto para o Verão

Mário Soares ainda não tomou qualquer decisão sobre a hipótese de se recandidatar à Presidência da República. «Ponderarei isso nas próximas férias, que é a altura mais propícia para o fazer», afirma o Chefe de Estado em entrevista concedida ao «Público», que hoje publica a primeira parte da conversa mantida com Soares em Belém, deixando para amanhã a segunda parte, que incide sobre política internacional e privacidade a situação no Leste Europeu.

A mesma afirmação foi feita pelo Presidente da República a «o diário», em entrevista a publicar por este matutino na sua edição «Fim-de-Semana». «Só tomarei posição próximo das eleições», adianta o Presidente da República a «o diário», que faz dessa afirmação a manchete da sua edição de hoje.

Em suma: nas entrevistas aos dois matutinos, Soares assegura que ainda não iniciou uma reflexão sobre a hipótese de recandidatura a Belém, havendo - alega - que ponderar vários factores, entre eles o de ter 65 anos, o que «também conta», salienta. «Tenho de ter tempo para considerar as condições nacionais, internacionais e as minhas próprias condições de base», acrescenta. Mas adverte: «Quem pretender desvalorizar as próximas presidenciais engana-

se redondamente». Caso venha a recandidatar-se, Mário Soares terá em conta o «que se costuma chamar os interesses nacionais» e não o «prazer ou razões pessoais», sublinha mais adiante, porque «as razões pessoais militam todas no sentido de eu começar a fazer o que me dá realmente prazer - que é ler, escrever, reflectir, conviver com os amigos, viajar», diz ao «Público».

O regime semipresidencial e o exemplo francês, as relações com o Governo e os partidos, a questão de Timor, Macau e o «caso» Melancia, os resultados das autárquicas e o apoio de Cavaco são várias das questões tratadas pelo Presidente da República, que reconhece que ter hoje uma autoridade que não tinha quando foi eleito para Belém: «Nessa altura, bastantes pessoas estavam desconfiadas em relação a mim».

Mário Soares mantém a confiança em Carlos Melancia, assunto naturalmente tratado na entrevista cuja primeira parte o «Público» hoje divulga. «De acordo com os elementares regras de prudência que sempre tenho seguido, até que o problema se esclareça, não me pronuncio e mantenho a confiança no governador», afirma.

Acerca da polémica em torno de Macau, Soares critica «a ideia de impunidade e

o tom inquisitorial que se instalam, de quando em vez, em certa Imprensa, que parece permitir-se tudo dentologicamente, de modo não responsável».

«Permite-se fotografar caras de pessoas, entrar em sítios sem estar previamente autorizada, afirmar sem qualquer fundamento que o Presidente da República terá dito ou pensado isto ou aquilo, insinuar que o primeiro-ministro tem um 'dosier' secreto sobre Macau - o que logo a seguir é desmentido, obviamente», lamenta Soares.

«O pior é que fica tudo a pairar, criando uma enorme suspeição sobre pessoas e instituições», acrescenta o Presidente da República, que ontem participou em Belém num jantar comemorativo do quarto aniversário da sua posse.

O «Público» divulgará amanhã a segunda parte da entrevista com Soares, na qual o Presidente se mostra preocupado com o que se passa no Leste Europeu. «A situação na União Soviética é extremamente confusa e ninguém pode dizer como é que aquilo vai acabar», afirma Mário Soares, segundo o qual «seria dramático para o mundo se a Alemanha criasse um certo expansionismo

militar».

Lusa/DL

AUMENTO DE CAPITAL E REMODELAÇÃO DE PACTO SOCIAL

No dia vinte de Novembro de mil novecentos e oitenta e nove, no Terceiro Cartório Notarial de Lisboa, perante mim, Francisco Roldão Pinheiro, Notário do Cartório, compareceram como autorgantes:

PRIMEIRO

SR. DR. JOSÉ ANTÓNIO CABRAL CERDEIRA DA SILVA, natural da freguesia de São Sebastião da Pedreira, concelho de Lisboa, habitualmente residente na Rua Sampaio Bruno, 12, 5.º direito, em Lisboa, casado com Sr.ª D. Ana Maria Ribeiro Cerqueira Cerdeira da Silva, no regime da comunhão de adquiridos.

SEGUNDA

D. ADELAIDE TOMÁS RIBEIRO, natural da freguesia de Anóia, concelho de Calorico de Basto, solteira, maior, habitualmente residente na Rua Sampaio Bruno, n.º 14, 3.º frente, em Lisboa.

E POR ELES FOI DITO:

Que são os únicos sócios, e o primeiro outorgante gerente da sociedade comercial por quotas, com a firma «QUEIROZ & CANUDO, LIMITADA», pessoa colectiva número quinhentos e um milhões quatrocentos e setenta e dois mil oitocentos e oitenta e seis, com sede em Lisboa, na Rua Gomes Freire, número quatro, rés-do-chão, constituída por escritura de sete de Novembro de mil novecentos e oitenta e sete, lavrada a folhas sessenta e uma e seguintes do Livro cento e quarenta e sete-C, de Escrituras Diversas, do Décimo Cartório Notarial de Lisboa, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número cinquenta e oito mil novecentos e vinte e cinco, do Livro C-cento e quarenta e oito, com o capital social de quatrocentos mil escudos, integralmente realizado e liberado e que corresponde à soma de duas quotas: uma, de trezentos e setenta e cinco mil escudos da titularidade do primeiro outorgante; e outra, de vinte e cinco mil escudos, da titularidade da segunda outorgante;

Que, representando assim eles totalmente o capital social daquela sociedade, deliberam:

Um) Aumentar o capital social dela para dez milhões de escudos, sendo o aumento de NOVE MILHÕES E SEISCENTOS MIL ESCUDOS, totalmente efectuado em dinheiro, pelos sócios, do seguinte modo, em reforço das respectivas quotas:

a) Em nove milhões cento e vinte e cinco mil escudos, pelo sócio José António Cabral Cerdeira da Silva, que assim fica titular de uma quota de valor nominal de nove milhões e quinhentos mil escudos; e,

b) Em quatrocentos e setenta e cinco mil escudos, pela sócia Adelaide Tomás Ribeiro, que assim fica a ser titular de uma quota do valor nominal de quinhentos mil escudos; e, em consequência do aumento, alteram a redacção do artigo terceiro do respectivo pacto social, que passa a ser a seguinte:

3.º

O capital social é de dez milhões de escudos, encontra-se integralmente realizado em dinheiro e nos demais valores do património social e corresponde à soma de duas quotas: uma, do valor nominal de nove milhões e quinhentos mil escudos, da titularidade do sócio José António Cabral Cerdeira da Silva; e outra, do valor nominal de quinhentos mil escudos, da titularidade da sócia Adelaide Tomás Ribeiro.

Dois):

a) Alterar a firma da sociedade, passando esta a denominar-se «LUSORENT-ALUGUER DE AUTOMÓVEIS, LIMITADA»;

b) Alterar o objecto social para «Aluguer de automóveis»; e, c) Remodelar totalmente o pacto social da sociedade em causa, que passa a reger-se pelo constantes dos seguintes artigos:

1.º

A denominação da sociedade é «LUSORENT-ALUGUER DE AUTOMÓVEIS, LIMITADA».

2.º

1. A sua sede é na Rua Gomes Freire, número quatro, em Lisboa, podendo ser deslocada para qualquer outro local, dentro do mesmo concelho ou para concelho limítrofe, por simples resolução da gerência.
2. A sociedade pode, através da gerência, criar filiais, sucursais, delegações ou outras formas de representação, dentro e fora do País.

3.º

A sociedade tem por objecto o aluguer de automóveis.

4.º

O capital social é de dez milhões de escudos, encontra-se integralmente realizado em dinheiro e nos demais valores do património social e corresponde à soma de duas quotas: uma, do valor nominal de nove milhões e quinhentos mil escudos, da titularidade do sócio José António Cabral Cerdeira da Silva; e outra, do valor nominal de quinhentos mil escudos, da titularidade da sócia Adelaide Tomás Ribeiro.

5.º

É livre a cessão, total ou parcial, de quotas entre os sócios; porém, a cessão a estranhos depende do prévio consentimento da sociedade, que terá o direito de preferência à quota alienanda, pelo valor do último balanço aprovado, direito esse que se defere aos sócios não cedentes, nas mesmas condições, se a sociedade dele não usar.

6.º

1. A gerência da sociedade, com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, pertence ao sócio José António Cabral Cerdeira da Silva, já nomeado gerente.
2. A gerência pode constituir mandatários ou procuradores da sociedade para a prática de determinados actos ou categorias de actos.
3. Para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos basta a assinatura do gerente José António Cabral Cerdeira da Silva.
4. Os gerentes não podem obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos ao objecto social, tais como fianças, abonações, avales, letras de favor e outros semelhantes.

7.º

1. Os sócios podem fazer à sociedade os suprimentos de que ela carecer, nos termos e condições a fixar pela Assembleia Geral.
2. Quando tal for necessário, pode a sociedade exigir dos sócios prestações suplementares de capital, até ao montante de um milhão de escudos.

8.º

Por morte, interdição ou inabilitação de um sócio, a sociedade continuará com os herdeiros do falecido ou representante do interdito ou inabilitado, devendo aqueles, no prazo de sessenta dias, escolher, de entre si, um que a todos represente na sociedade, enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

9.º

As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas para o domicílio dos sócios, com indicação do assunto a tratar e com antecedência mínima de quinze dias, desde que a lei não exija outros prazos ou formalidades.

POLÍTICA

O Governo revelou, na Assembleia da República, uma predisposição ao diálogo sobre a televisão da Igreja que surpreendeu todos quantos ouviram Cavaco Silva desautorizar os deputados que tinham assumido uma posição autónoma. Afinal, 80 assinaturas de parlamentares sempre pesam alguma coisa no interior do PSD e da Comissão Política

Governo parece receptivo a beneficiar a Igreja

Em contraste com o «diktat» de Cavaco Silva aos seus deputados, segundo o qual o grupo parlamentar do PSD não pode cometer erros nem tem estratégia própria — «Quem manda é a Comissão Política», disse-lhes o primeiro-ministro em Lagos, no sábado passado — o ministro Couto Santos surgiu ontem, na Assembleia da República, aparentemente receptivo às alterações que muitos deputados da maioria pretendem introduzir na proposta de lei da televisão, de modo a beneficiar mais abertamente a Igreja Católica e, por acréscimo, limpar totalmente um dos dois novos canais a favor da iniciativa privada.

«Estamos aqui humildes e abertos ao diálogo», disse o ministro adjunto e da Juventude, «e se há problemas de inconstitucionalidade na nossa proposta de lei, é nesta sede parlamentar que eles devem ser ultrapassados».

Dito isto e avaliado o conjunto do debate parlamen-

tar, colhe-se a impressão de que a Igreja pode mesmo ser remetida para o segundo canal do serviço público ficando apenas por solucionar em quantas horas de emissão e a questão da publicidade.

O debate público no plenário não esclareceu de-

muito afastado das intenções do Governo, escudado como ontem se apresentou na opinião do constitucionalista Jorge Miranda e segundo a qual «as confissões religiosas, para obterem um canal próprio de televisão, não podem deixar de ficar em condições de igual-

ilégios que a oposição contesta por poderem ser explorados em concorrência desleal, porque privilegiada à partida, com os operadores privados. Cedências mais profundas ao numeroso grupo de deputados do PSD que pretende conceder todo o segundo canal do serviço público à Igreja, esbarram com as duas condições também ontem postas na mesa pelo ministro Couto dos Santos: a salvaguarda da qualidade do serviço público (onde deve também caber «a difusão da cultura, a formação dos cidadãos, a programação para minorias, a programação educativa e infanto-juvenil», assim como os tempos de antena) e a abolição da taxa de televisão.

Jornalistas protestam

Os jornalistas parlamentares abandonaram a bancada de Imprensa, em protesto contra a aprovação da lei sobre a Alta Autoridade para a Comunicação Social e também porque na bancada estava um agente de segurança. O diploma do Governo foi fortemente criticado pela oposição, que pediu a avocação de vários artigos, em especial o que se refere à composição deste órgão, criado no âmbito da última revisão constitucional. A constitucionalidade do diploma foi defendida por Leonor Beleza, que assim fez a primeira intervenção em plenário desde que deixou o Ministério da Saúde.

finitivamente a questão, adiando-a para o debate na especialidade, embora a concessão de um canal completo e de funcionamento comercial corrente se afigure

dade com quaisquer outros interessados».

A proposta do Governo só admite ceder parte de um dos canais a privatizar e já essa com um regime de priv-

Soluções definitivas para a Comissão

Certeza adquirida ontem foi a de que o Governo já não está tão seguro dos méritos da sua proposta e de que ela caiba perfeitamente nos limites constitucionais, a ponto

BOCA DE CENA

A solução do CDS segundo Narana

Para esta questão melindrosa da televisão da Igreja Católica um partido há que não tem dúvidas. Chama-se CDS e o seu deputado Narana Coissoró explicou o que pretende:

«Desde que o Governo propõe a existência de quatro canais, teríamos o primeiro canal na posse da RTP, como serviço público; o segundo canal deve ser dado em concessão à Rádio Renascença — como queriam Sá Carneiro e Freitas do Amaral, em 1980 — ou a uma empresa a constituir pela Igreja Católica, conforme for por ela decidido; o terceiro e o quarto canais nacionais serão dados em concessão a empresas privadas».

A fazer filhos em mulher alheia

Herculano Pombo, dos Verdes, comentou como segue as promessas eleitorais do PSD, que estão agora a colocar o partido do Governo em dificuldades perante a Igreja:

«Cada vez é mais difícil ao PSD estar de bem com Deus e com a Constituição. Andou uma campanha eleitoral inteira a fazer filhos em mulher alheia: agora é um problema encontrar os pais da criança. E se quer cumprir as promessas, que ande depressa, para as cumprir antes do juízo final, ou seja, antes das próximas eleições legislativas».

A Igreja dos pobres com 10 milhões

O mesmo deputado, sobre as pretensões da Igreja

ao seu próprio canal comercial de televisão:

«Não vejo como é que a Igreja dos pobres tem 10 milhões de contos para montar um canal de televisão. Mas ele há tanta coisa que eu não percebo nesta Igreja...».

O bónus às televisões brasileiras

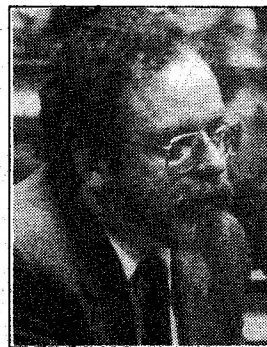
Alexandre Manuel, jornalista e deputado independente da bancada do PRD, funcionou como porta-voz dos renovadores no debate sobre a televisão. Uma afirmação sua digna de registo, sobre a proposta do Governo:

«Ao determinar-se que 50% da produção terá de ser constituída por programas de expressão portuguesa, está-se apenas a dar um bónus às televisões brasileiras que, neste momento, já devem estar a sacudir o pó nas telenovelas de anos e de inferior qualidade que até agora ainda não conseguiram impingir-nos».

O saco de Pandora, as Parcas e Prometeu

Do monte de literatura parlamentar facultado pela sessão de ontem, um trecho bem digno de eleição como frase do dia: foi seu pai Costa Andrade e mete o saco de Pandora (já lhe tinha ouvido chamar muitas coisas, mas saco...), as Parcas e Prometeu:

«Acotovelam-se hoje, na primeira linha da defesa da televisão privada, aqueles que sempre encararam a liberdade de criação e mediação televisiva como saco de Pandora e, como tal, a esconjuraram. As Parcas que tecem as malhas do destino foram manifestamente mais generosas connosco do que o haviam sido com Prometeu, que também antes roubou o fogo dos deuses. Pois Prometeu





Costa Andrade: o PSD foi chamar um professor de Direito a Coimbra para defender a constitucionalidade da proposta do Governo

de o ministro confessar:

«Conhecemos as nossas competências e atribuições, não conferimos, porém, a nós próprios a capacidade de juízos infalíveis sobre a constitucionalidade de opções legislativas».

Mas ficou a saber-se também que para resolver o imbróglio em que o seu Grupo Parlamentar o meteu, o Governo precisa da cobertura do Partido Socialista e dos seus votos para somar os dois terços que o protejam de uma eventual declaração de inconstitucionalidade. Em função disso, pela boca de Couto Santos, o Governo garantiu estar «disponível para analisar outras soluções e aberto a introduzir um regime de preferências que,

em sede da Assembleia da República, venha a ser estabelecido no âmbito de um consenso alargado, tendo presente os mecanismos de verificação de constitucionalidade das leis».

Para o PS, segundo repetiu ontem Arons de Carvalho, a questão é simples: se a Igreja quer um canal comercial, tem de participar no curso público como qualquer outro concorrente; se for para lhe atribuir mais espaço no serviço público de televisão, é uma questão a ver, tendo sempre em conta os outros interesses culturais e confessionais e o não esvaziamento dos objectivos de serviço público cometidos ao segundo canal da RTP.

Tudo isto vai ser pesado e medido posteriormente, tal como a questão da publicidade no espaço televisivo da Igreja, agora que a proposta do Governo e o projecto do PC baixaram ambas aos bastidores da Comissão especializada. Só agora a verdadeira guerra vai ser travada, sob pressão de todos os interesses, confessionais, políticos e económicos que estão em jogo neste negócio da privatização de dois canais de televisão.

E quem esperava respostas a dúvidas destas ter-se-à desiludido ontem ao ouvir a intervenção de fundo da bancada do PSD a cargo do constitucionalista Costa Andrade. Ele, que já não vinha à Assembleia da

República desde as pelejas da revisão constitucional, foi expressamente mobilizado em Coimbra para defender no plenário as teses polémicas do Governo quanto à televisão da Igreja. Só que, ouvido, ficou a saber-se o mesmo, ou seja, que «o desenho técnico das soluções há-de encontrar-se em definitivo a partir da plasticidade das soluções abertas pela Lei Fundamental e tendo em conta as múltiplas considerações de oportunidade que aqui não cabe recensar nem sindicar».

Traduzindo: o Governo e a bancada do PSD que se entendam na Comissão, se possível com a benção do Partido Socialista.

Daniel Reis

EDITORIAL

O pagador de promessas

Continuação da primeira página

Procurando compatibilizar a fé na TV-católica com as razões de Estado e os negócios da Rádio Renascença, o primeiro-ministro Cavaco Silva propôs uma solução de compromisso: o meio-canal privado. Mas, como a quadratura do círculo ainda não foi encontrada, o «grupo de pressão» mais poderoso que na Pátria se conhece sublevou os parlamentares contra o seu chefe outrora indiscutido: a Igreja portuguesa quer o 2º Canal por inteiro. Ora, a Pátria quer-se governada de acordo com a Espada e a Cruz, conforme recomendou, sempre solene, o retirado engº Eurico de Melo. Mas, como bem sabe o pensador de Santo Tirso, com saber de experiência feito, a capacidade reivindicativa da Igreja, neste Portugal de 1990, é bem superior à das Forças Armadas.

Pouco dado a governar ao sabor de pressões, irá Cavaco Silva resistir ao «lobby» ou assumirá, desta vez, o papel do pagador de promessas?

M. M.

Estratégia das legislativas

Socialistas desmentem coligação com o PCP

A estratégia do Partido Socialista para as eleições legislativas não deverá contemplar uma coligação com o Partido Comunista Português e assentará basicamente na corrida a solo. Esta posição dos socialistas foi transmitida por Fernando Marques da Costa, porta-voz do partido, quando questionado, em conferência de Imprensa, sobre a hipótese de uma eventual estratégia conjunta, levantada recentemente pelos comunistas nas suas teses para o congresso.

Comentando a actual situação política, Marques

da Costa afirmou que o PSD e o Governo têm vindo a falar em todas as transformações que tentaram imprimir. «O PSD perdeu o contacto com a sociedade.

Hoje a sua actuação está dominada pela tensão e o nervosismo de quem sente próximo o afastamento do poder», acrescentou.

No seu entender, o primeiro-ministro, «que parecia ignorar o PS» transformou este partido no seu inimigo número um, «não olhando a meios para conquistar um espaço eleitoral que lhe garanta a sobrevivência no poder».

viu-se tragicamente agridado na rocha e nós vemo-nos espantosamente rodeados pelos sacerdotes e guardiões dos velhos templos donde roubámos o fogo, a quererem ganhar a dianteira na celebração de uma causa que nunca haviam perfilhado».

Beleza entre o zero e o infinito

Leonor Beleza abriu ontem a boca, pela primeira vez, desde que assumiu a sua condição de deputada. Fê-lo para defender a proposta do Governo para a Alta Autoridade e defendeu uma curiosa tese sobre os quatro elementos da AA que a Constituição diz deverem ser representativos, designadamente, da Comunicação Social, da Cultura e da Opinião Pública.

Segundo a ex-ministra da Saúde, é impossível encontrar formas de designar elementos representativos de toda a Comunicação Social, de toda a Cultura e de toda a Opinião Pública. Logo, o método certo de os escolher, é a cooperação.

Ou seja, se não se pode encontrar quem represente o todo, escolhe-se quem não represente nada. Ou represente o Governo que os escolheu.

A ex-ministra nas filas de trás

A propósito de Leonor Beleza: ela foi uma das activistas do documento sobre a televisão da Igreja que suscitou as iras de Cavaco Silva no Algarve.

Ontem, a direcção da sua bancada remeteu-a, quicá de castigo, para a quarta fila da bancada, lado a lado com Nuno Delerue, outro dos activistas, enquanto na primeira Rui Machete e Costa Andrade defendiam as teses governamentais.

Beleza e Delerue só foram chamados para a primeira fila para os incómodos trabalhos de votação na especialidade da Alta Autoridade.

Uma surpresa chamada Carlos Macedo

A Alta Autoridade para a Comunicação Social foi ontem submetida a votação final global e, como se esperava, o modelo do Governo defendido pelo PSD para o controlo futuro do sector e para a atribuição dos canais de televisão e das frequências da rádio foi aprovado apenas com os votos da maioria.

Uma surpresa, apenas, nesta votação: o deputado independente Carlos Macedo votou galhardamente ao lado da oposição, contra o seu antigo partido e contra a governamentalização descarada da dita Alta Autoridade.



IATA.



IATA.



IATA.

FUNDADO EM 1966

INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO
Alvará do Ministério da Educação e credenciado pelo
Ministério do Emprego e Segurança Social

CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

DE 4 A 20 MESES

ÁREA DE INFORMÁTICA

ANALISTA PROGRAMADOR DE INFORMÁTICA
PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES NAS LINGUAGENS - C - COBOL - BASIC - RPGII - PASCAL -
LOTUS 123 - dBASE III - IV
MICROPROCESSADORES - ANÁLISE DE SISTEMAS - TELEPROCESSAMENTO

ÁREA DE GESTÃO

ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS
CONTABILIDADE GERAL ou ANALÍTICA E GESTÃO ORÇAMENTAL - INFORMÁTICA APLICADA À CON-
TABILIDADE - IRS/IRC - FISCALIDADE - ANÁLISE DE PROJECTOS E INVESTIMENTOS - CÁLCULO
FINANCEIRO - GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - GESTÃO DE STOCKS - GESTÃO FINAN-
CEIRA - GESTÃO COMERCIAL MARKETING E TÉCNICA DE VENDAS - GESTÃO DE PRODUÇÃO -
GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

DIVERSOS

COMUNICAÇÃO: RELAÇÕES PÚBLICAS, JORNALISMO E PUBLICIDADE
HOSPEDEIRAS RECEPCIONISTAS - ASSISTENTES DE RECEPÇÃO - SECRETARIADO DE DIRECÇÃO
- DESENHADOR PROJECTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL - CAD (Desenho Assistido por Computador)
- DESENHADOR DE MÁQUINAS - TOPOGRAFIA - MEDIDOR ORÇAMENTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL
- DECORAÇÃO E ARQUITECTURA DE INTERIORES

PROFISSÃO - ACTUALIZAÇÃO - VALORIZAÇÃO - ESTÁGIO E APOIO NO EMPREGO

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA AS VAGAS AINDA EXISTENTES

CENTRO NACIONAL DE ESTUDOS E PLANEAMENTO - INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO
Palácio dos Duques de Bragança - Rua Vitor Cordon, 45 - 1200 LISBOA - Telef. 371032 - 325577
Telex 43331 - Telefax 371032 - Informações das 9.30 às 19.30 h. ininterruptamente

QUOTIDIANO

Tribunal dá razão a Moura Guedes

«É óbvio que estou satisfeita apesar da história ser já de 85. De qualquer forma, é sempre bom saber que me deram razão» afirmou ao DL Manuela Moura Guedes, a propósito da pena aplicada pelo Tribunal da Relação ao ex-dirigente do Sporting, João Rocha.

O antigo presidente do Sporting era acusado do crime de difamação da jornalista da RTP, que em 1985 fez uma reportagem televisiva sobre alegados negócios no âmbito da expropriação de terrenos do clube destinados à construção da estação de Metro do Campo Grande. João Rocha respondeu animosamente, tendo a jornalista respondido através dum processo judicial. Manuela Moura Guedes disse ao DL que «mais importante do que a indemnização é ter a certeza que, quem quer que seja, por maior ou menor poder que tenha, não pode dizer o que lhe vier à cabeça sem que por isso seja responsabilizado».

João Rocha, condenado ao pagamento de 300 contos pela Relação, mostrou-se já disposto, segundo declarações prestadas ao «Público», a recorrer da sentença para o Supremo Tribunal de Justiça.

Judiciária com falta de pessoal

A falta de pessoal é um dos problemas com que se debate a Polícia Judiciária, afirmou esta manhã, em conferência de Imprensa o seu director, Marques Vidal, ao mesmo tempo que referiu o aumento da criminalidade. Apesar do descongelamento de 160 lugares, a falta de agentes mantém-se, o que tem um efeito negativo na actuação do pessoal, acrescentou o responsável pela corporação.

Em 1988 houve um aumento de criminalidade de 4,2 por cento, percentagem que cresceu ainda mais no ano transacto. A criminalidade contra o património são os casos mais frequentes, ocupando 83 por cento do total. A Polícia Judiciária faz uma conexão entre o crime contra o património e o consumo de droga, ilação que tira pelo facto de um consumidor ser capaz de tudo para conseguir a droga.

Os crimes de tráfico e consumo de droga aumentaram igualmente no ano passado, 14,3 por cento e 10,6 por cento, respectivamente.

Marques Vidal afirmou que, em contrapartida, houve um decréscimo do número de crimes de ofensa corporal e contra a vida. Relativamente aos desvios dos subsídios do Fundo Social Europeu, eles decresceram devido às investigações levadas a cabo pela Polícia Judiciária, disse ainda o seu director.

Envolvendo cadáveres de crianças a partir de Luanda

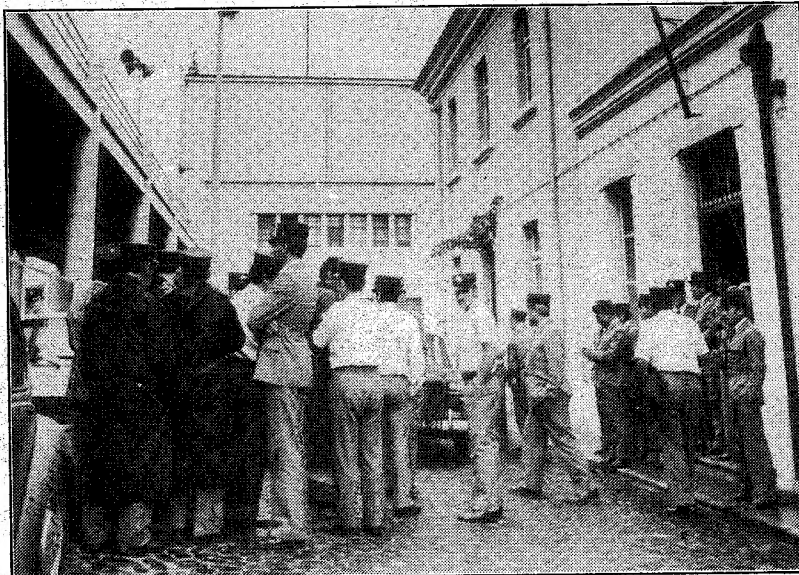
Lisboa desconhece tráfico de droga e diamantes

Foi uma notícia publicada na edição de sábado do «Jornal de Angola», em Luanda, que deu origem à série de informações largamente divulgadas, ontem, pela TSF, segundo as quais uma rede de tráfico de droga e de diamantes estaria a utilizar cadáveres de crianças angolanas como «correio» entre a capital angolana e Lisboa, apurou o DL.

Com efeito, pode ler-se da edição de 3 de Março daquele matutino oficioso que «uma senhora com um bebé morto no qual tinham introduzido diamantes para que o seu tráfico passasse despercebido na polícia de fronteiras do Aeroporto 4 de Fevereiro, teria desaparecido em Lisboa. A denúncia do facto terá partido de uma hospedeira de bordo da TAAG, a companhia aérea angolana.

Nenhum organismo policial português tem conhecimento do caso. O porta-voz da Guarda Fiscal disse, ao DL, que aquela instituição desconhece o assunto por completo. A título pessoal, o tenente-coronel João Sena afirma não acreditar no assunto e remete-nos para os competentes órgãos de investigação.

A Polícia Judiciária, de igual modo, não conhece o episódio. Informações do Gabinete de Imprensa asseguram que não há, até ao momento, qualquer registo sobre um caso desta natureza. O sub-inspector Amaro, responsável do Gabinete de Imprensa assegurou que «não há nenhuma informação sobre o



A Guarda Fiscal desconhece o assunto por completo

assunto, nem tão pouco decorre, neste momento, qualquer investigação relacionada com o tráfico de diamantes ou de crianças».

Do mesmo modo, o delegado da TAAG em Lisboa, Abílio Fernandes, afirmou ao nosso jornal, «desconhecer em absoluto o assunto», acrescentando que a primeira vez que ouviu falar dele foi através de um pedido de informações solicitado por uma estação de rádio portuguesa, na manhã de ontem.

Preocupação em Luanda

Em Angola o desaparecimento e o rapto de crianças recém-nascidas tem vindo a ganhar o interesse e a preocupação da opinião pública.

Segundo as fontes do «DL» em Luanda, o assunto começou a suscitar reacções das autoridades há cerca de um mês,

quando duas crianças desapareceram da Maternidade Central da capital angolana. Uma desapareceu viva e a outra já estava morta quando se perdeu o seu paradeiro. Mais recentemente, há cerca de quinze dias, Iolanda Lemos, um bebé de três meses de idade, foi raptado do infanteiro «1º de Agosto».

Uma educadora de infância - que já foi ouvida pelos investigadores policiais - entregou a criança a uma pessoa desconhecida da família da menina, cujos pais formalizaram queixa à polícia.

Segundo as mesmas fontes, foi detida, na mesma data, uma outra senhora que terá tentado raptar um menino aos pais, em plena via pública.

A notícia do correspondente da TSF aponta para a existência de uma rede organizada que opera no tráfico de diamantes e de droga, com participação de cidadãos angolanos de origem zairense.

As fontes do «DL» em Angola indicam que só há rumores de participação dessa comunidade - muito específica na sociedade luandense - no caso da «criança morta com os diamantes» e não nos outros desaparecimentos.

No entanto - sublinha-se nos círculos próximos dos meios de Comunicação Social angolanos - é conhecida a antipatia de que a comunidade angolana oriunda do Zaire goza em certos meios próximos do poder em Luanda.



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA AVISO PUBLICIDADE EXTERIOR NA BAIXA POMBALINA

Tendo em atenção o Despacho 217/P/89, de 1989/11/08, publicado no «Diário Municipal», n.º 15 756, de 1989/11/16, avisam-se todos os detentores de publicidade na área de protecção da baixa pombalina autorizada em data anterior à daquela publicação e cujos indicadores não cumpram as condições pelo mesmo estabelecidas que, no prazo de 90 dias, devem apresentar nos serviços competentes da Câmara Municipal de Lisboa (Comissão de Publicidade Exterior — R. Alexandre Herculano, 46-7.º) projecto alternativo de instalação de publicidade e/ou ocupação da via pública em obediência aos critérios fixados pelo Despacho em causa.

Mais se informam os interessados que o não cumprimento do que aqui se determina implicará a caducidade da licença anteriormente concedida que, assim, não será renovada a partir de 31 de Dezembro de 1990.

Paços do Concelho, em 1990/03/02.

O vereador,
Luís Simões

Licenciamento de obras em Sintra e Cascais

Responsável da área protegida suspeito de corrupção

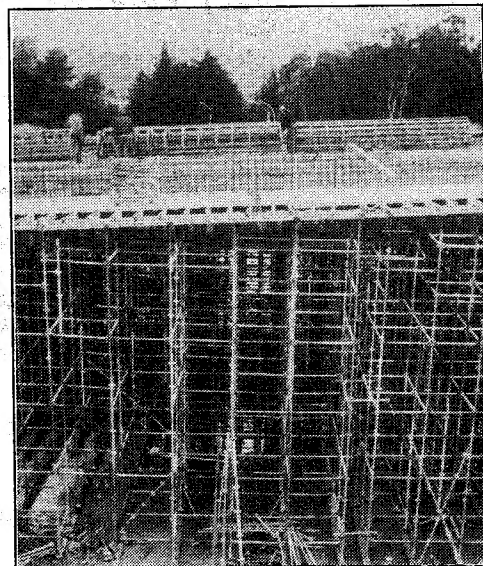
O Secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais, Macário Correia, determinou o afastamento do coordenador da Comissão Instaladora da Área de Paisagem Protegida de Sintra-Cascais (APPSC), José Flor Pereira, e a investigação da sua acção naquele cargo, devido a indícios de eventual corrupção. A investigação, segundo uma fonte ligada àquele departamento do Governo, foi cometida ao Serviço Nacional de Parques, Reservas e Protecção da Natureza, onde Flor Pereira retomou as suas anteriores funções. Também o Alto Comissariado contra a Corrupção recebeu em Fevereiro o encargo de intervenção semelhante.

Em causa estão os licenciamentos de empreendimentos turísticos no Abano, Penha Longa e Cabo Raso, além de outras construções de menor dimensão no Magoito e na Biscaila, tudo dentro da APPSC.

José Flor Pereira foi já substituído por uma arquitecta que pertencia ao quadro técnico do Parque Natural da Arrábida. Graça Casais, que assumiu o cargo na última segunda-feira.

Sintra, sobretudo nas zonas meridional e costeira, está, como tem sido denunciado por associações ambientalistas, a ser objecto de uma intensa pressão urbanística, resultante

do avanço das obras da auto-estrada da Costa do Estoril e da via rápida Cascais - Vila Franca de Xira.



As zonas costeiras de Sintra estão a ser objecto de uma forte pressão urbanística com a construção da nova auto-estrada Lisboa-Cascais

Descendentes da aristocracia em leilão de loiça brasonada

A ida à praça de uma colecção de porcelanas da China armoadas atraiu apelidos nobres, desejosos de recuperarem relíquias familiares

D. José Maria Gonçalves Zarco da Câmara, 7º conde da Ribeira Grande. D. Henrique de Meneses, 7º conde da Ericeira e 3º marquês do Lourical. D. Bernardo José Maria da Silveira e Lorena, 5º conde de Sarzedas. Pronunciados na apresentação dos objectos, nomes dos mais sonantes da antiga fidalguia ecoaram ontem à noite num pavilhão da Ajuda, durante um leilão de antiguidades em que sobressaía uma colecção de porcelanas chinesas com armas de casas nobres de Portugal.

Essa particularidade incutiu uma característica inédita à sessão, ao atrair a ela gente que não apenas os habituais colecionadores e comerciantes do ramo. Numa percentagem que os organizadores não deixaram de considerar assinalável, acorreram ali portadores desses ilustres apelidos, que, aditados no labor das profissões modernas a capacidade financeira para tanto, tratavam de recuperar aquelas relíquias familiares, testemunhas do fausto dos



A parte de leão das cerca de 150 peças vendidas passou para a posse de estrangeiros, que apareceram em número elevado no leilão de antiguidades

seus avós.

Uma minoria, de qualquer modo, entre as boas três centenas de presentes. De acordo com Clara Almeida Rodrigues, responsável da empresa organizadora, a Leiria e Nascimento, a parte de leão das cerca de 150 peças

vendidas passou para a posse de estrangeiros, nomeadamente ingleses, alemães, japoneses e brasileiros, que apareceram em número elevado. De certeza, a tal sorte escapou pelo menos uma peça: um prato com a bandeira da República Portu-

guesa, a destoar, com o seu garridismo cromático, no centro de uma delicada decoração mandarim. Isto, porque o Estado, usando do direito de preferência que lhe assiste, a adquiriu pelos 210 contos por que foi arrematada.

Contas feitas à pressa,

apurou-se um montante global entre 100 e 110 mil contos, segundo Clara Almeida Rodrigues, resultante da venda não só das porcelanas armoadas como de parte do recheio de um palácio lisboeta. Sobre os anteriores proprietários das peças, foi tudo quanto pôde informar a responsável da casa leiloeira, obrigada ao silêncio por compromisso com eles assumido. Nada que obstasse, no entanto, a que entre a assistência, em que predominava gente do «meio», circulasse com insistência o nome de um ex-oficial ligado ao comércio de armamento como o do alienador das porcelanas, de que é colecionador há muitos anos.

O preço máximo atingido por uma peça foi respeitável: 17 500 contos, por uma garrafa de peregrino, com pintura a azul. Mas diga-se que esteve na proporção do grau heráldico do brasão inscrito: o do mais famoso dos Habsburgos, Filipe II de Espanha e I de Portugal.

F.B.S

Revista «O Professor» tem novo figurino

A menos de um ano da comemoração do seu 20º aniversário, «O Professor» - revista mensal especializada em temáticas da educação da Editorial Caminho - entrou em 1990 com uma nova «face». Um grafismo diferente, uma ligeira alteração do seu formato e a utilização de papel de melhor qualidade marcam a renovação desta publicação que se afirma «de combate ao lado da classe docente».

O destaque para a mais recente edição de «O Professor» (de Fevereiro) vai inteirinho para o espaço consagrado à «Educação Tecnológica - que Lugar na Escola?» e para o dossier «Comunicação Pedagógica», composto por três estudos da autoria de vários docentes especialistas na matéria. «O Insucesso Escolar e a (Des)organização de Turmas», o «Ensino da História em Duas Reformas Educativas» (1905/1918) e «Memórias» do professor A.J. Costa Carvalho são alguns dos artigos que compõem o número de Fevereiro de «O Professor», em que é dado ainda especial relevo ao trabalho assinado por Jorge Seabra e dedicado à História local como «estratégia de ensino/aprendizagem».

Prevenção do fogo em Lisboa

Cerca de 84 proprietários de edifícios situados nas ruas do Ouro, Augusta e Sapateiros e transversais foram notificados no sentido de procederem a obras de beneficiação informou Perez Metelo, porta-voz do presidente da edilidade. Trata-se de medidas elementares que visam dar seguimento ao inquérito sobre incêndios levado a efeito pela edilidade. Os donos dos referidos prédios terão de renovar as instalações eléctricas, limpar os forros de cobertura e fechar as paredes cortafogo, ilegalmente abertas.

Ainda na área da segurança dos cidadãos a Câmara Municipal de Lisboa constituiu um grupo de trabalho integrado por elementos do pelouro da Segurança, da responsabilidade de Vasco Franco e do Tráfego, do vereador Machado Rodrigues, que tem como tarefa apresentar, num prazo de 60 dias, o relatório sobre as medidas a tomar quanto à circulação de mercadorias perigosas na capital.

Estudar as condições de transporte daquele tipo de carga, os percursos utilizados pelos veículos e a sinalização a usar são alguns pontos que o grupo de trabalho deverá estudar e que farão parte de um documento a apresentar à vereação, conforme o DL já noticiara nos dias seguintes ao acidente de há duas semanas com o contentor, perto de Santa Apolónia.

A tarefa do grupo de trabalho tem carácter prospectivo. Para tratar da vertente prática foi nomeada a 30 de Janeiro uma Comissão de Coordenação da Protecção Civil Municipal, destinada a acorrer a situações de emergência na cidade. Sismos, cheias, acidentes aéreos na zona do aeroporto, acidentes industriais em Cabo Ruivo e circulação de mercadorias perigosas são sinistros para os quais o município quer estar preparado já que actualmente, não existe qualquer esquema para enfrentar situações deste tipo.

CAMPIÃO

A MAIS ANTIGA CASA DE LOTARIAS DO MUNDO

9 março
1840

150

9 março
1990

ANOS

A VENDER
PERMANENTEMENTE A LOTARIA NACIONAL
DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

CAMPIÃO

DEMORA
VEM AGRADECER A TODOS OS NOSSOS CLIENTES E AMIGOS A PREFERÊNCIA COM QUE NOS TÊM DISTINGUIDO

LISBOA, PORTO, COIMBRA, AVEIRO, BRAGA, FARO, SANTARÉM, FUNCHAL



LIGA DOS AMIGOS DA TERCEIRA IDADE

CENTRO DE DIA - APOIO DOMICILIÁRIO - INTERNAMENTO
CENTRO DE ACTIVIDADES DE TEMPOS LIVRES - A.T.L.

SEDE: Rua Fialho de Almeida, 2 e 4 Telef. 3 26 31 2900 SETÚBAL
A.T.L.: Rua Júlio Diniz Telef. 7 33 70 2900 SETÚBAL

CONVOCATÓRIA Assembleia Geral Ordinária

De acordo com o n.º 2 do Artigo 29.º dos Estatutos, para efeitos alínea c) do n.º 1 do Artigo 25.º dos mesmos; convoco todos os Associados da Liga dos Amigos da Terceira Idade, que estejam em conformidade com os n.º 2 do Artigo 11.º dos Estatutos, para reunirem em Assembleia Geral Ordinária, a realizar no dia 17 de Março de 1990, no Pavilhão da LATI, na Rua Fialho de Almeida n.º 2 e n.º 4, pelas 14 horas, com a seguinte

ORDEN DE TRABALHOS:

- 1.º Discussão e votação do Relatório de contas da Gerência de 1989 e o parecer do Conselho Fiscal;
- 2.º Informações diversas.

Nota: Se à hora marcada não estiverem presentes a maioria de Associados da LATI, a Assembleia Geral reunirá uma hora mais tarde, com o número de Associados presentes de acordo com os n.º 3 do Art.º 28 dos Estatutos.

Setúbal, 19 de Fevereiro de 1990

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Dr. António Cândido Casimiro

Falta um mês para o cometa bater à porta

Visitante cabeludo será um espectáculo de rara sumptuosidade

Dentro de menos de dois meses, pelo final de Abril, a Terra vai receber um inesperado e — tudo o leva a crer — excitante visitante: o cometa Austin, que promete tornar-se num grandioso espectáculo bem visível, até mesmo a olho nu.

Depois da decepção representada pela última passagem do Halley, em 1986, os astrónomos rejubilam com o novo visitante, embora este os tenha apanhado totalmente desprevenidos. Do Halley, conheciam-se bem os hábitos regulares, sabia-se que vem aquecer-se junto ao Sol de setenta e seis em setenta e seis anos. E, assim, foi possível lançar ao seu encontro toda uma flotilha de sondas espaciais, cujas fotografias e observações a curta distância permitiram considerável avanço no conhecimento destes cabeludos viajantes do espaço. Desta vez, isso não vai ser possível, dado que o Austin fez uma aparição repentina e inesperada, pelo que os astrónomos terão que se contentar com os telescópios para observar o fenómeno.

O novo cometa foi detectado apenas há quatro meses, a 6 de Dezembro, por um astrónomo amador neozelandês, R. D. Austin, que assim inscreveu o seu nome no grande livro das estrelas e constelações. Poderia não passar de mais um corpo celeste que os novos e mais potentes meios de observação estão, agora, a fornecer à cartografia celeste quase todas as semanas. Mas nem sempre é fácil «domesticar» estes

astros vindos dos confins da noite: na maioria dos casos, pouco depois de assinalados, a sua trajectória acaba por se desviar do nosso planeta e nunca mais voltam a ser vistos. Não é o caso do Austin, que, menos «arisco», se aproxima, muito brilhante, da Terra em linha recta, havendo já a certeza de que, por volta de 25 de Maio, se encontrará à distância mais curta do nosso planeta, precisamente a 37 milhões de quilómetros.

Não será apenas a «curta» distância com que passará junto a nós e a certeza de uma excelente visibilidade em todos os hemisférios que traz entusiasmados todos os astrónomos. Mais importante é que o Austin parece ser um caso verdadeiramente excepcional.

Um recém-nascido

Se mantiver todo o actual brilho, o cometa deverá ser visível em Portugal a partir de 23 de Abril e assim permanecerá até ao início de Junho. Bastará aos amadores que se afastem um pouco das luzes das cidades para, com um simples binóculo, poderem observar a majestosa cauda do cometa, que, sabe-se já, se alonga por várias dezenas de milhões de quilómetros.

Para os astrónomos, a emoção será dupla: como demonstram os cálculos da sua trajectória, o Austin constitui o que se designa por um cometa «novo». Enquanto o Halley, desde a sua formação, nos faz regulares visitas (e daí que se lhe deva a



Uma imagem que assombrou os nossos avós: o cometa Halley, durante sua visita à Terra, em 1910 (Foto ampliada e tratada por computador com técnicas recentes)

maioria dos actuais conhecimentos sobre estes icebergues cósmicos), o Austin parece provir directamente — ou quase — do seu lugar de origem, a nebulosa de Oort, um imenso reservatório, situado para além da órbita de Neptuno, nos confins do sistema solar.

Aí se reúnem, determinaram os cientistas, milhares de cometas gigantes, cuja massa total deve igualar a da Terra. Um berço ao abrigo do tempo, no interior do qual estas enormes bolas de «neve suja» — e aqui reside o seu interesse — praticamente não evoluíram desde a sua formação. A sua temperatura aproxima-se do zero absoluto (-273 °C.) e a sua gravidade muito fraca preservam-nos das fortes pressões que são características dos gran-

des planetas. Nascidos ao mesmo tempo que o Sol, os cometas oferecem-nos, assim, no estado congelado, uma matéria quase idêntica à matéria primordial a partir da qual se formou o nosso sistema solar, há qualquer coisa como 4,6 mil milhões de anos.

Planetóide primitivo

E é assim que vivem os cometas a moir parte do seu tempo. Por vezes, porém, devido a perturbações gravitacionais, um deles abandona a sua nebulosa de origem. Entrando na fornalha do sistema solar, vai sair da infância: sublimado pelo calor, parte do seu núcleo de gelo transforma-se em cabeleira (cometa, em grego, significa precisamente astro cabeludo), que, por sua vez, se trans-

forma numa cauda de gás e poeira, sob a acção do sopro solar. Em cada uma dessas passagens pelo astro-rei, os cometas perdem, assim, um pouco da sua matéria primordial, poeira de estrelas tão preciosa para quem tenta recuar até à compreensão da origem do nosso sistema planetário. Daí o interesse do Austin: aparentemente preservado do calor solar desde a formação, o planeta conserva, sem dúvida, uma composição muito próxima da dos planetóides primitivos, esses agregados de grãos cósmicos e de partículas, a partir dos quais se formaram os planetas.

No entanto, a pressa com que todas as observações vão ter que ser feitas e a falta de meios adequados, poderão fazer com que o Austin, para

além de um grande espectáculo, pouco venha a contribuir para o enriquecimento dos nossos conhecimentos científicos.

Impossível estabelecer uma comparação com o que se passou com a última visita do Halley, auscultado a curta distância por diversos engenhos espaciais, principalmente pela sonda europeia Giotto, cuja recolha de dados continua ainda hoje a alimentar as investigações.

A colheita de dados reunidos nessa última passagem permitiu efectuar um estudo sistemático das poeiras, dos átomos e dos iões produzidos na sua rota pelas vizinhanças do Sol. Revelar no seu núcleo — maior e mais sombrio que até então se imaginava — um teor espantosamente elevado de hidrocarburetos gasosos. De fazer levantar, por fim, novas hipóteses.

Terão os cometas influência sobre as atmosferas planetárias? Contribuirão para a presença da água na Terra? Certamente serão ainda necessárias muitas observações espaciais para poder responder a estas novas perguntas. E os cientistas não terão os meios necessários para as colocarem ao Austin.

Seja como for, se a visita se concretizar em algo de tão sumptuoso como está previsto, o espectáculo do céu, durante algumas semanas desta Primavera, valerá bem por todas as possíveis revelações que o cometa nos poderia trazer...

Roby Amorim

Viaturas Usadas

GARANTIA TOTAL DE 6 MESES

CRÉDITO RENAULT GEST

Renault	4 GTL	1984/86/88
Renault	5 GTL 3P e 5P	1985/86
Renault	5 TD (Diesel 5L)	1987
Renault	9 GTL	1983/85
Renault	11 GTL	1985
Renault	11 GTD	1986
Renault Express	Gasolina 1.1	1986
Renault Express	Gasolina 1.4 (Vidrada)	1987
Renault Trafic	TB 13 (3L)	1985
Renault Trafic	TB 43 (7L) Tecto Alto	1986
Ford Escort	1.1	1985
Seat Ibiza	Junior	1985
Opel Kadett 1.3 LS	3 Volumes	1987

PORTAS ABERTAS

DIAS ÚTEIS: DAS 9 ÀS 20 HORAS. SÁBADOS: DAS 10 ÀS 18 HORAS

— A GARANTIA QUE VOCÊ QUER —

SACAVENAUTO

E. N. 10 — N.º 69 — SACAVÉM • ☎ 942 50 40 • 942 52 40

RENAULT

SINDICATO DOS PROFESSORES ZONA SUL

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DESCENTRALIZADA

CONVOCATÓRIA

Convoca-se a ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DESCENTRALIZADA ao abrigo dos pontos 4.2 e 4.2.2 do artigo III dos Estatutos do SPZS, a realizar no dia 26/03/90, com início às 18h, nos locais abaixo indicados:

BEJA — Delegação do SPZS — Rua D. Manuel I, n.º 3
ÉVORA — Sede Velha do SPZS — Rua Romão Ramalho, 28
PORTALEGRE — Delegação do SPZS — Rua da Amargura, 6-2.º
FARO — Delegação do SPZS — Rua Ascensão Guimaraes, 38-1.º
PORTIMÃO — Escola Secundária António Aleixo sendo a ordem de trabalhos a seguinte:
O.T.
§ — DISCUSSÃO E VOTAÇÃO DO RELATÓRIO E CONTAS 89
E
ORÇAMENTO PARA 1990

Évora, 5 de Março de 1990

Pel' A Mesa da Assembleia Geral
Henrique Santos — 1.º Secretário

Lotaria Nacional

NUMEROS PREMIADOS

67 360 - 70 000 contos
60 487 - 12 000 contos
19 808 - 3 000 contos

APROXIMAÇÕES AO 1.º PREMIO

67 359 - 750 000\$00
67 361 - 750 000\$00

APROXIMAÇÕES AO 2.º PRÉMIO

60 486 - 350 000\$00
60 488 - 350 000\$00

APROXIMAÇÕES AO 3.º PRÉMIO

19 807 - 157 250\$00
19 809 - 157 250\$00

PREMIOS DE 1 000 CONTOS

3 159; 4 160; 4 995; 14 031; 14 062;
16 015; 17 682; 32 224; 45 180 e 50 670.

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

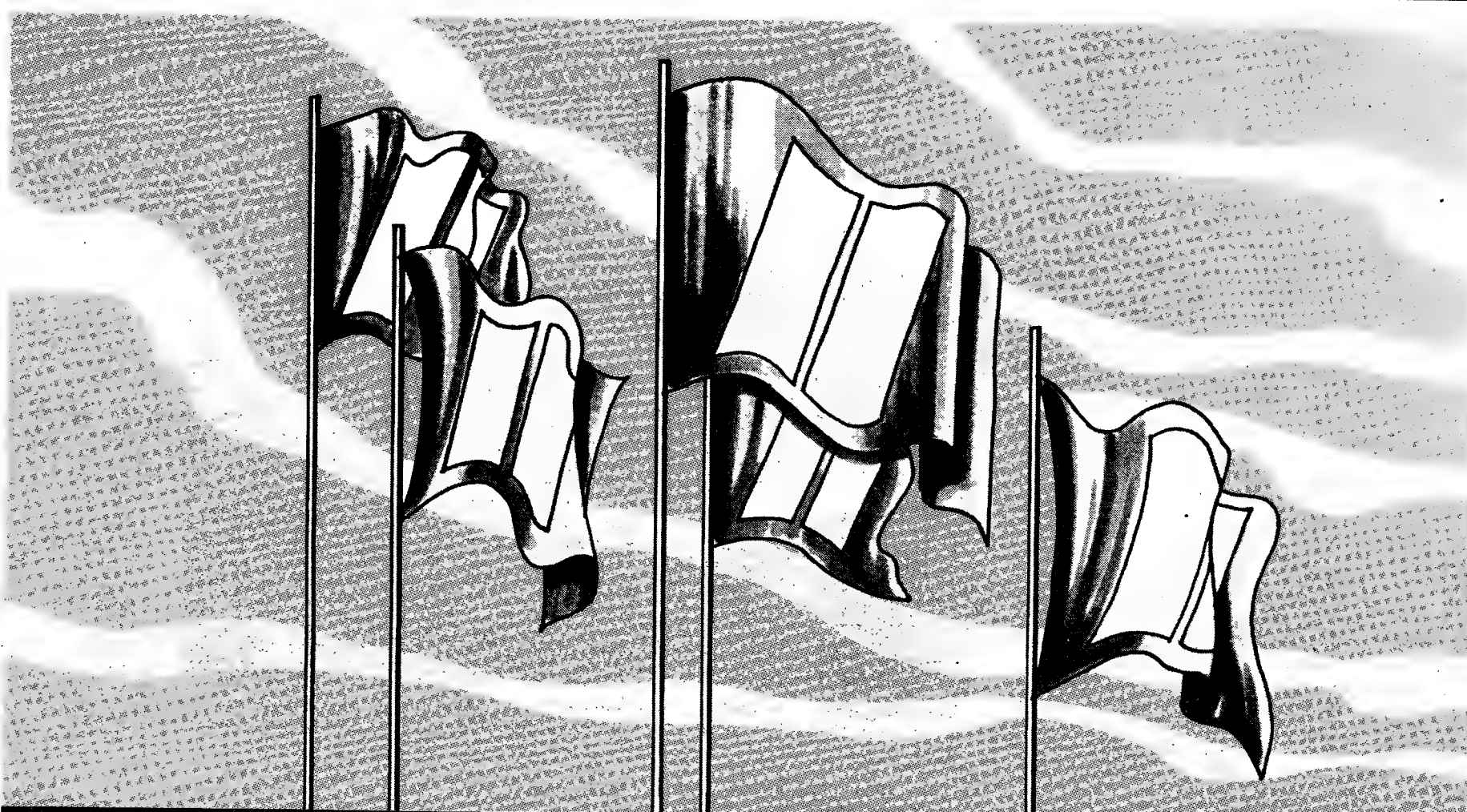
1 000 000\$00 - 6 548 Fracção nº 10
300 000\$00 - 360
60 000\$00 - 487
30 000\$00 - 808
15 000\$00 - 034; 179; 583; 749 e 995
7 000\$00 - 0 e 4

PREMIOS DE CENTENAS

20 000\$00 - 67 301 a 67 400
12 500\$00 - 60 401 a 60 500
10 000\$00 - 19 801 a 19 900

O direito aos prémios caduca no dia 11 de Junho de 1990
Esta informação não contempla a acumulação de prémios
Nem dispensa a consulta da lista oficial

Lisboa, 9 de Março de 1990



Sistema Usado Seguro

10 DE MARÇO



Serviço Permanente de Autocarro

Das 10 às 17 horas, entre a sede Fiat Amoreiras
e o local da Festa (Instalações Fiat em Alfragide).



Fiat Auto Portuguesa, S.A.

Neste sábado, dia 10 de março, você tem um encontro marcado com o **Sistema Usado Seguro**. Uma festa a não perder para conhecer de perto as novas e modernas instalações da marca **S.U.S.** em Alfragide.

Banda de música, cocktail e muita descontração, para além de uma excelente oportunidade de comprovar as vantagens e a qualidade dos carros usados do **S.U.S.**

Traga a família! Convide os amigos!
A nova marca **S.U.S.** espera por si!



ECONOMIA

Voar para os Açores é mais caro

Vão aumentar os preços das ligações aéreas entre os Açores e o Continente. Revelado por fonte oficial açoreana, este agravamento das tarifas «não decorre da recente decisão governamental de substituir as indemnizações compensatórias até agora atribuídas à TAP por subsídios directos aos residentes na região autónoma», mas dos «agravamentos dos custos de exploração da linha aérea Continente/Açores assegurada em regime de monopólio pela TAP».

Como se sabe, no passado dia 6, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos (CMAE) iniciou o debate da política aérea nacional e criou a figura do «subsídio de transporte» a atribuir aos residentes nas regiões autónomas nas viagens que façam na TAP para o Continente.

Apesar da criação desta figura, o DL soube no Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, que ainda não estão definidos os moldes do seu funcionamento.

A indefinição permanece - agora, só para a Madeira - também no que respeita a eventuais consequências sobre os preços, devidas ao fim das indemnizações compensatórias, que têm suportado o carácter social dos praticados para os residentes na Madeira e nos Açores.

Estas indemnizações desti-

navam-se a cobrir a diferença entre as tarifas reais e as de residente. Actualmente, uma viagem Ponta Delgada-Lisboa-Ponta Delgada custa 25 mil escudos para residentes e entre 31 e 47 mil para não residentes, enquanto que Funchal-Lisboa-Funchal importa em 15500 escudos para residentes e entre 19 e 29,4 mil para não residentes.

No ano de 1989 foram transportadas 544989 passageiros nestes percursos.

Concorrência

O Conselho de Gerência da TAP considerou «não surpreendente» a orientação do Governo, anunciada naquela reunião do CMAE, de avançar na liberalização do espaço aéreo português, através da abertura à iniciativa privada da possibilidade de começar a operar no âmbito do sector do transporte aéreo regular internacional.

O CG da TAP fez saber que está atento «à eventual concorrência de operadores nacionais que pretendam estabelecer ligações internacionais de carácter regular nas relações de tráfego que não sejam consideradas principais.

De resto, acrescenta, «esta situação já se verifica quanto às companhias estrangeiras e, para lhe fazer frente, a TAP tem uma estratégia delineada».

Redacção DL/Lusa

Nauticampo: o desafio ao consumo e ao lazer

Inicia-se hoje e prolonga-se até ao dia 18 a Nauticampo, Salão da Navegação de Recreio, Campismo, Caravanismo e Desporto, que já vai na sua 23ª edição, sempre com número crescente de visitantes (em 1988 foram 90763 e em 1989 ultrapassaram os 110 mil).

Este interesse do público pelo certame, que está patente nas instalações da Feira Internacional de Lisboa, é justificado pela «expansão notável na oferta e no consumo» que se verifica neste sector de actividade.

Sérgio Zilhão, director da FIL, considera que a referida expansão se deve a «um padrão mais elevado de vida e a uma maior sensibilização para as questões ambientais e para as vantagens das práticas de ar livre».

Trata-se de uma mostra aliciente, autêntico desafio ao consumo e ao sonho, onde se podem encontrar todas as espécies de barcos, desde o mais simples (de borracha e a remos) até a potentes e luxuosas máquinas para enfrentar o mar alto.

Mas não só. Tendas e roulottes, para todos os gostos e bolsas, surgem-nos como desafio ao descanso e ao lazer longe do cansativo dia a dia das cidades barulhentas e poluídas, florestas de cimento armado minadas de buracos no solo.

E ainda

Também para os amantes do desporto e do culturismo se encontram na Nauticampo as mais variadas máquinas, aparelhos, produtos e equipamentos.

«Esta é de facto a maior e a mais completa mostra do género em Portugal e quem a visita tem a garantia de



Nauticampo: apelo ao lazer e e ao ar livre

encontrar as últimas novidades e as principais empresas e organismos do sector», afirma Sérgio Zilhão.

Complementarmente, a Nauticampo oferece aos expositores e aos visitantes um programa de animação que inclui regatas, cantares, exibição de filmes, concursos, entre outras manifestações.

Prosseguindo a tradição, que já vem desde 1983, realiza-se a «Regata Nauticampo», que se realiza no dia 17, a partir das 13.30 horas. Trata-se de uma iniciativa conjunta da Federação Portuguesa de Remo e da Secção Náutica do Grupo Desportivo do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

Os expositores

A Nauticampo ocupa um espaço de 25168 metros quadrados, que albergará 369 expositores, sendo 191 directos

nacionais e 67 directos estrangeiros, sendo estes originários do Japão, Alemanha Federal, Espanha, Itália, Hong-Kong, Brasil, Bélgica, Holanda, França, Reino Unido, Irlanda, Suécia e Estados Unidos.

De referir que este ano há menos expositores do que em 1988 (446) e do que em 1989 (457). Mas espera-se que o número de visitantes aumente em relação ao ano passado, quando atingiram o máximo de 110864. Segundo um inquérito efectuado pela FIL na última edição da Nauticampo, 87,7 dos expositores indicaram ter valido a pena participar no certame. Por outro lado, 86,7 por cento afirmaram ter firmado novas encomendas, enquanto que 82,2 por cento se referiram favoravelmente às características dos visitantes e 42,5 por cento declararam ter estabelecido contactos profissionais estrangeiros

COTAÇÕES



Companhia Geral de

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49905	55905
ALEMANHA FED. (marco)	87615	88335
ÁUSTRIA (xelim)	12435	12455
BÉLGICA (franco)	49002	48252
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	125875	128325
(notas de 5 a 1000)	126825	128375
DINAMARCA (coroa)	22570	23810
ESPAÑA (peseta)	14321	14441
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148335	151485
(notas de 5 a 1000)	148885	152335
FINLÂNDIA (marka)	36695	37855
FRANÇA (franco)	25875	26345
HOLANDA (florim)	77840	78350
IRLANDA (libra)	233820	237820
ITÁLIA (lira)	\$107	\$122
JAPÃO (iene)	\$942	\$997
NORUEGA (coroa)	22855	23805
REINO UNIDO (libra)	244840	248890
SUÉCIA (coroa)	24805	24855
SUÍÇA (franco)	90850	100400
VENEZUELA (bolívar)	36247	49047

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

VESTUÁRIO EM CABEDAL

COM AS MELHORES PELES



CONFECÇÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUES DE TOMAR, 68-1.º ESQ.
☎ 77 11 58 — 1000 LISBOA

EMPREGADA

Precisa-se

Todo serviço doméstico, tratamento de roupas condição prioritária, de 2.ª a 6.ª feira das 09.00 às 19.00.
Residência 3 pessoas, centro de Lisboa.
Boa remuneração. Exigem-se informações.
Resposta a este jornal ao n.º 7003

B R E V E S

Um milhão para a Marconi

Um projecto de constituição de uma unidade de microelectrónica em Portugal, apresentado pela Rádio Marconi e pelo INESC, no valor de um milhão de contos, foi aprovado pela CEE, ao abrigo do Programa «Esprit». Após a aprovação, a Italtel e a Lasarrat, empresa suíça que lidera este sector, solicitaram ao consórcio português a sua integração no mesmo. O projecto aprovado, «quick chip», destina-se à utilização e desenvolvimento de modernas tecnologias de fabricação de circuitos integrados de aplicação específica (ASIC's).

Dimep investe na CEE

A empresa Dimep Portuguesa, que controla quase 70 por cento do mercado nacional de relógios industriais, irá investir, até finais deste ano, cinco milhões de dólares (cerca de 750 mil contos) com vista à implantação nos países da CEE. Depois da abertura de uma filial em Espanha ter sido bem sucedida, a empresa irá abrir delegações em diversas capitais europeias, com o objectivo de penetrar nesses mercados até finais de 1992, a fim de competir fortemente com outras empresas já implantadas.

Vista Alegre na Bolsa

A «holding» V.A. Grupo - Vista Alegre Participações tem dois milhões de acções cotadas no mercado não oficial da Bolsa de Valores de Lisboa. Com o valor nominal de mil escudos cada, estas acções são representativas do capital social da «holding» e a sua admissão foi possível devido à fraca dispersão desse mesmo capital. A V.A. Grupo detem posições em dextera e meia de empresas, entre elas a Fábrica de Porcelanas Vista Alegre, também cotada na BVL, no mercado oficial

ECONOMIA

Península de Setúbal recebe últimas verbas comunitárias

CEE contribui com mais 14,3 milhões de contos, para além dos 36,5 já anteriormente concedidos. Pescas e agricultura são os sectores mais beneficiados

A Comissão Europeia aprovou na íntegra a Operação Integrada de Desenvolvimento da Península de Setúbal (OIDPS). Bruce Millan, comissário responsável pela Política Regional da CEE, libertou as verbas respeitantes ao apoio à agricultura (FEOGA) e à formação (FSE), no valor de 8,2 e 6,1 milhões de contos, respectivamente, que se juntam às do FEDER, no valor de 36,5 milhões de contos, disponibilizadas em Agosto último.

Estes 50,8 milhões de contos provenientes dos três fundos estruturais totalizam o financiamento comunitário e viabilizarão investimentos de 94 milhões de contos previstos na OIDPS, que respeita a uma área de mais de 1500 quilómetros quadrados e que envolve nove concelhos: Alcochete, Almada, Barreiro, Moita, Montijo, Palmela, Seixal, Sesimbra e Setúbal.

A Direcção de Informação e Fomento Económico (DIFE) da Comissão Executiva da OIDPS pormenorizou, entretanto, as medidas previstas para a aplicação destas verbas.

No sector agrícola serão concretizadas dez medidas, que envolvem 24 milhões de contos, a saber: melhoramento físico de infra-estruturas e fundiários, centros de formação profissional, reforestação, criação de associações de defesa sanitária, reestruturação da vinha, apoio à gestão de empresas, cursos de

formação profissional e concessão de incentivos a empresas agrícolas, apoio à criação e modernização de instalações de transformação e comercialização de produtos agrícolas e apoio à criação de estruturas de investigação e desenvolvimento experimental.

Para as pescas estão agendadas cinco medidas no valor de 4,3 milhões de contos: melhoramento nos portos de pesca de Setúbal e Sesimbra, desenvolvimento da aquicultura e modernização da actividade salineira, reestruturação e modernização das frotas de pesca, apoio à reorientação da actividade piscatória e apoio à modernização de instalações de transformação e comercialização do pescado.

No âmbito da formação prevêem-se seis medidas que importarão em 11,4 milhões de contos e incidirão nas áreas da pesca, indústria, comércio e serviços, ambiente e apoio a pequenas iniciativas empresariais.

Ponto da situação

Neste momento, estão em execução 58 projectos comparticipados pelo FEDER, que envolvem investimentos de 18 milhões de contos.

No que respeita ao investimento produtivo, as verbas elevam-se já a 54 milhões de contos e os postos de trabalho criados a seis mil. Por outro lado, mais 21 projectos de



Já há dinheiros comunitários para reorientar a actividade piscatória em Setúbal

investimento aguardam apreciação a curto prazo.

A DIFE considera que «os objectivos da OID estão a ser alcançados, tendo em conta

que um dos principais é a reconversão da economia e a promoção do desenvolvimento económico e social da região».

Redacção «DL»



CAMPISMO
PRAIA / JARDIM
TOLDOS

EXPOSIÇÃO E VENDAS

Av. dos Bombeiros Voluntários, n.º 44 - ALGÉS - 1495 LISBOA • Tel.: 410 01 22 - 410 68 07 - Telefax: 410 56 82

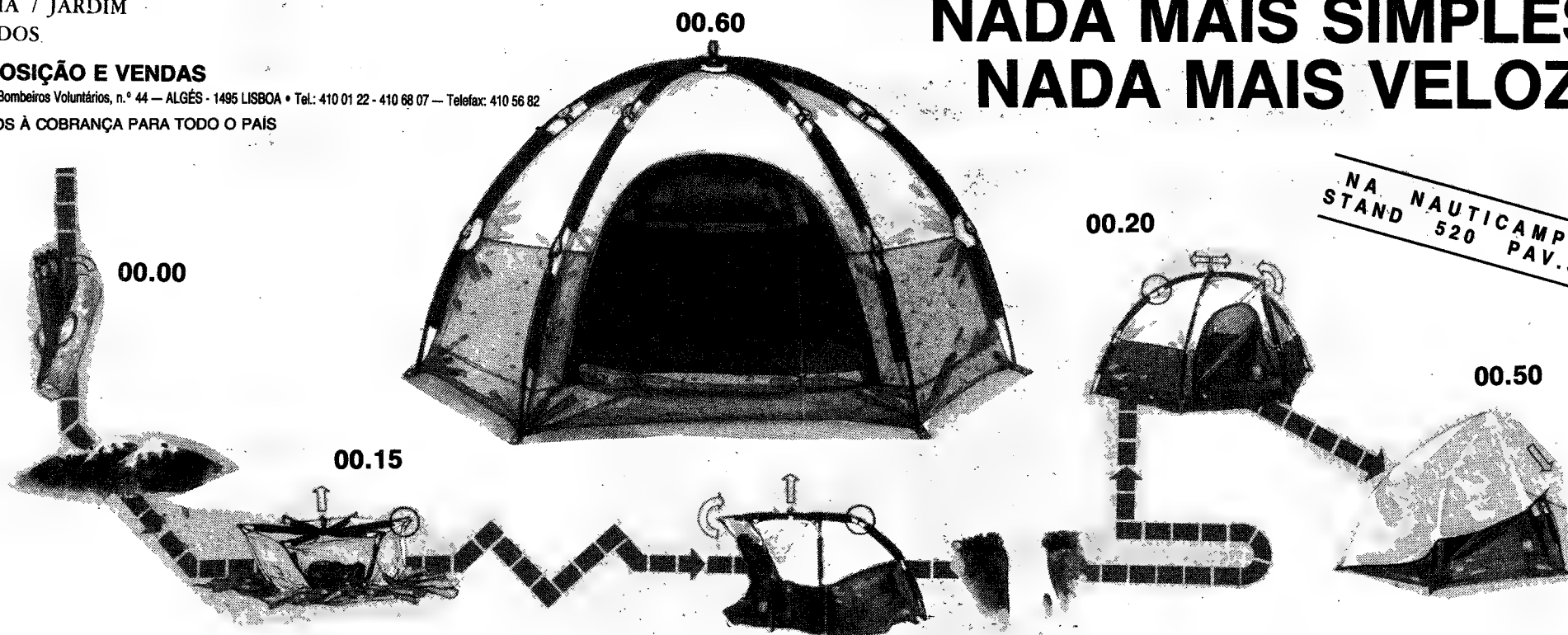
ENVIOS À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS

- GUARDA SOIS E BASES
- ABRIGOS P/ JARDIM E TOLDOS
- CANDEIEIROS P/ EXTERIOR
- ESTOFOS
- BALOIÇOS

A TENDA DO FUTURO

MONTAGEM AUTOMÁTICA (60 SEGUNDOS)

NADA MAIS SIMPLES NADA MAIS VELOZ.



EASY	SPEEDY	BLITZ	FLASH	SHERPA	TRAPPER	FAMILY	GAZEBO
2 Lug. 200x145 h 110 kg 2,1	3 Lug. 210x160 h 130 kg 3,2	3-4 Lug. 245x210 h 130 kg 3,6	4 Lug. 280x240 h 135 kg 5,5	10 Lug. 300x300 h 200 kg 20,0	10 Lug. 300x300 h 200 kg 20,0	5 Lug. 310x300 h 200 kg 20,0	300x300 h 215 kg 15,8

São 26 mil no total, um quarto deles clandestinos. Podem ser encontrados entre os eurocratas do Berlaymont, os estrategos de Evere ou os feirantes do Midi

Bruxelas: os portugueses e os outros portugueses

Do nosso correspondente

Em Bruxelas, há os portugueses e os outros portugueses. São 26 mil no total, um quarto deles clandestinos, e podem ser encontrados em tudo o que é sítio. No Midi, entre feirantes de todas as nacionalidades; em Ixelles, onde Lisboa é nome de café e Fernando Pessoa um desconhecido com direito a estátua; nas caves do Berlaymont ou em Evere, onde ensinam tango argentino ou discutem o destino da Aliança Atlântica. Ou mesmo na rua Belliard, onde assistentes têm de declarar ao real, para lucro de alguns deputados.

Bruxelas é tudo isto e muito mais. É o novo Eldorado, com criadas de província, fartas do trabalho doméstico, a escolher entre a prostituição e um casamento apressado, preferencialmente marroquino. É também a sede dos eurocratas, uma espécie que não existe. O que há, isso sim, são funcionários e deputados, uns com tiques, outros com menos tiques, outros sem coisa nenhuma. E outros ainda que, nos corredores do Charlemagne, o Conselho, discutem acaloradamente as horas extraordinárias, que não de resolver os excessos do crédito fácil, mas o fácil foi para muitos terem transformado o cérebro numa espécie de limousine com motor de carocha.

Para o pároco de uma igreja desértica de Ixelles — aqui os portugueses provêm do Alentejo, o do comunismo em recessão — Bruxelas é o local de encontro de três espécies de emigrantes: os tradicionais, os de luxo e os independentes. Os clandestinos não se tem em conta, como convém. O padre Policarpo Lopes veio de Cabo Delgado, Moçambique, há quinze anos e aqui se fixou. Os problemas sociais e as carências religiosas, sobretudo os primeiros, levaram-no a estabelecer-se no bairro onde proliferam os portugueses. Assitiu à chegada de uns, frequentadores da Place Flagey, do



O « Manel das Fritas » : veio aos 16 anos descobrir que o sucesso estava na batata frita

«Alentejano» e do «Lisboa»; e de outros, que até sabiam pedir o almoço em francês. Na Escola Europeia, milhares de estudantes de doze nacionalidades constroem a CEE com uma facilidade que os adultos invejam. O padre lecciona Religião aos portugueses que não se refugiam na Moral. Com estes, contacta menos assiduamente. Entre a Escola Europeia e a Place Flagey, o padre Policarpo contempla as mudanças da sua comunidade e vê nos polacos os mais sérios concorrentes aos tradicionais postos de trabalho.

«Pelos filhos vejo o que vai lá em casa», diz o padre. Refere-se agora ao novo-riquismo patente de alguns portugueses e não tem dúvida em afirmar que a vinda destes emigrantes com grande poder de compra agravou problemas e tornou mais premente a questão da clandestinidade. «Trazem empregadas domésticas, pagam-lhes aquilo que muito bem entendem e mantêm-nas em situação de exploradas.» Até que elas abram os olhos e regressem à terra, para depois voltarem, clandestinas, a trabalhar 16 horas diárias, sem segurança social, sem direitos a reindicações, em silêncio, mas auferindo aquilo que nunca imaginaram lá na aldeia, onde só o sonho era possível. Ou que façam amizade no supermercado, enquanto encham o carrinho de compras, sem necessidade de

balbuciar uma palavra de francês canhestro, daqui a uns meses sinónimo de integração numa sociedade que nem chegarão a conhecer.



O Atomium, um ex-líbris bruxelense, que assinala a Exposição Universal de 1958

Não são raros, porém, os que vieram para as comunidades surpreender aqueles para quem, depois dos Pirenéus, tudo e todos sofrem de uma lesão periférica, e que arregalaram os olhos ao perceber quão diferentes nós somos, nós, os portugueses, capazes de xoque-mate no xadrez da competência. E até lá em casa, em plena Avenida de Tervuren, onde a doméstica é lusa, de confiança e recomendada, como rezam os anúncios, passou a dizer-se bom-dia. Já se fala português na Roosevelt, espécie de via diplomática, porque foi ali que os representantes de muitos países se instalaram.

O próprio Manuel Lisboa — conhecido pelo Manel das Fritas, exímio na especialidade que os belgas pensam ter inventado — aqui desde há vinte anos, teve de adap-

tar-se à nova realidade. Distribuiu «A Bola», que até dá lucro, e os jornais desportivos. Era quanto lhe chegava. Com a adesão de Portugal à CEE, tem de fazer frente à procura de semanários. Assim, ainda tem de distribuir 350 «Expressos», 120 «Independentes», 80 «Semanários» e 60 «O Jornal».

Enquanto isso, às terças-feiras, dois pisos abaixo da entrada principal do Berlaymont, Pedro Andrade, jurista, filho de Adelino Tavares da Silva, um antigo jornalista do «Diário de Lisboa», dá aulas de tango argentino, juntamente com uma professora de dança. Oitenta pessoas, entre as quais dez portuguesas, evoluem na sala, ombros arqueados, como nos arrabaldes de Rio de la Plata. Pedro Andrade sonhou um dia deixar a Comissão e consagrar-se a tempo inteiro, não à dança, mas aos «kaiaks», como guia. Fez contas e decidiu não abdicar do ordeando europeu. Mas sente-se emigrante e sabe que um dia vai regressar ao seu país. «Por isso não deixo de ir à Place Flagey, comer um bom prato português entre portugueses.»

É uma necessidade que nem todos afecta. Na perspectiva de Almeida de Eça e Costa, editor de «A Tribuna», nada de estranho existe nessa recusa. Trata-se de uma questão de estratos sociais. Se em Lisboa e no Porto não frequentavam a Ribeira, por que iriam agora ao Midi ou à Place Flagey? Mostra-me então um artigo recentemente publicado no seu jornal citando os «seletores», ou seja, aqueles que pagam rendas de casa superiores a 30 mil francos. Que estranho: ele estava a chamar-me selector, mas era o ecrã do seu computador que exibia desde a minha chegada um simulacro de fogo de artifício.

Cada vez mais

Todos estão de acordo. A população portuguesa na Bélgica está a aumentar. O regresso à origem é pouco significativo: 500 por ano no último quinquénio. E ignora-se se entre os que



«... e como sabe bem,»

chegam se encontram alguns dos que partiram e se sentiram desenraizados no seu próprio país.

Na embaixada consta que exercem actividades na hotelaria, na construção civil, na indústria de manufacturas e nos trabalhos domésticos. São 80 por cento de mulheres que preenchem o dia, e quantas vezes a noite, com tarefas caseiras. Correm de bairro em bairro, da cidade conhecem apenas o trajeto dos transportes públicos, para no final do mês contabilizar 300 contos. Envelhecem na esperança de que a velhice lhes seja menos penosa. Com a casinha na terra, constata-se então que para elas a vida só teve uma idade: a terceira.

Os chamados independentes — que trabalham por conta própria — têm aumentado consideravelmente. Preferem a construção civil e pequenas empresas de limpeza. Tratando-se de uma forma expedita para mais facilmente se obter autorização de residência, rapidamente uma alteração da lei pôs termo ao estratagem. Mesmo assim, ainda há quem arrisque e venha estabelecer-se.

Os desempregados respondem na generalidade a jovens à procura do primeiro emprego e a pessoas em situação de pré-reforma. Segundo as estatísticas mais recentes, Bruxelas tem 917 255 estrangeiros. A comunidade mais numerosa é a italiana, com mais de 250 mil, seguindo-se-lhe a mar-

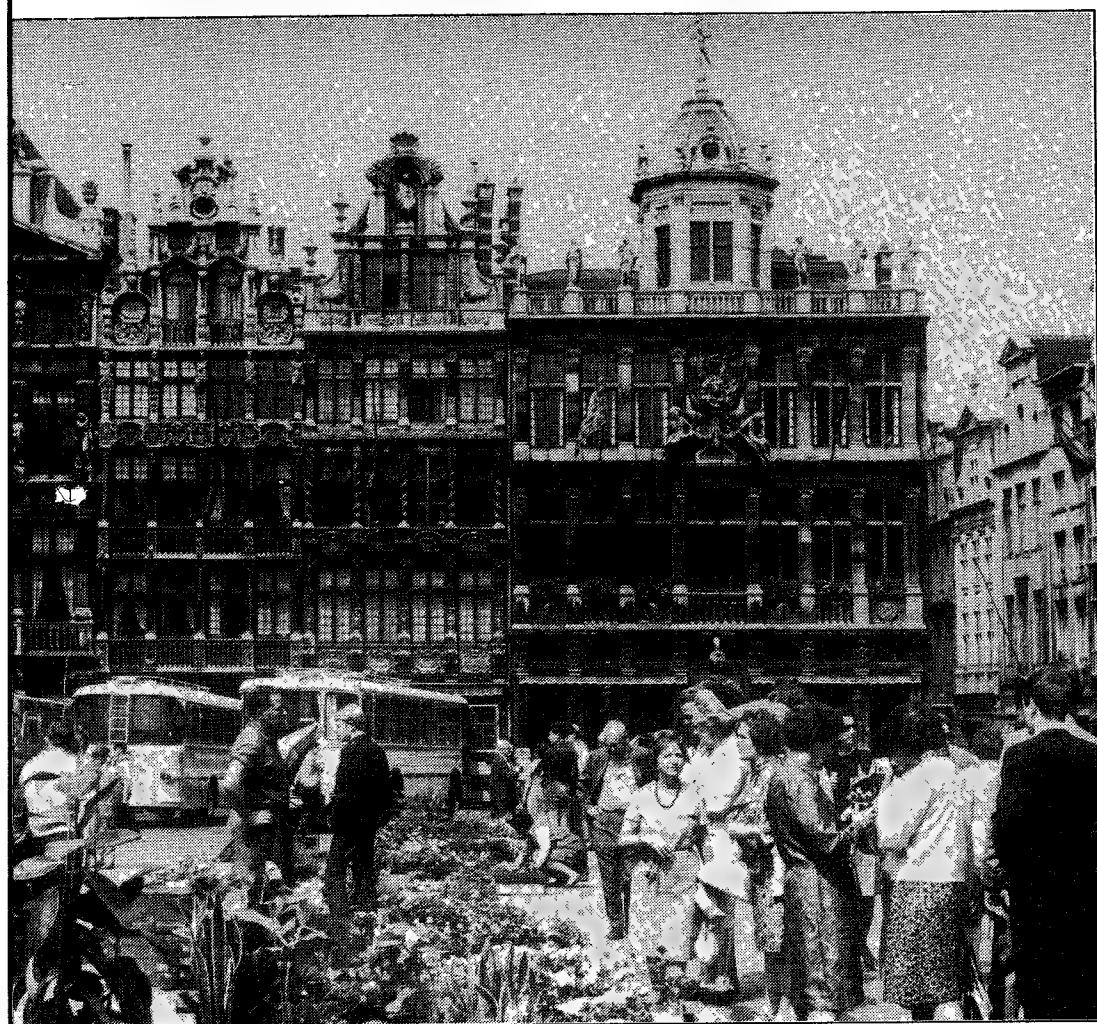
CONCESSIONÁRIOS

TOITORRES



TOYOTA

Edifício Toitorres E.N. 8 — Km 43,9 — Telef. 25171/2/3/4 — 2560 TORRES VEDRAS



de bem, às vezes, entrar n' "o Manel" da Grand Place, dizer boa-noite e pedir: "Uma bica bem tirada!" »

alguns
e senti-
no seu

sta que
a hote-
civil, na
turas e
ésticos.
mulheres
dia, e
e, com
tem de
cidade
trajecto
blicos,
conta-
Envel-
e que a
nos per-
a terra,
e para
e uma

depen-
am por
umen-
mente.
o civil e
de lim-
e uma
a mais
autori-
rapida-
da lei
agema.
da há
nha es-

s cor-
idade a
primeiro
as em
forma.
as mais
em 917
s. A
merosa
de 250
a mar-

roquina, com cerca de metade, a francesa, com quase cem mil, a turca, a holandesa e a espanhola, com mais de 50 mil emigrantes cada uma. A população activa portuguesa é de 10 mil pessoas, com cerca de 75 por cento de casamentos mistos. O pároco considera esta percentagem excessiva, mas admite inúmeros matrimónios de portuguesas com estrangeiros, muitas vezes com marroquinos.

Pequena como se vê, mais de metade da comunidade portuguesa fixou-se em Bruxelas, mas também em Antuérpia e Liège. A distribuição dos portugueses pela capital belga obedeceu a critérios que remontam à década de 60. Uns são de opinião que a fixação de portugueses em Ixelles tem a ver com a abertura do café Lisboa. Desembarcados aqui, os imigrantes procuravam gente oriunda das suas regiões ou, na maioria das vezes, ao menos alguém que falasse o idioma. O café Lisboa ou o Alentejano eram por isso destinos obrigatórios. Depois deambulavam pela zona, arranjavam emprego, casa, e começavam a ter saudades da terra. Assim continuam. Há quem discuta qual dos dois cafés foi pioneiro. O que não suscita discussão é que ambos estão associados à proliferação de portugueses naquela zona, sobretudo oriundos do Alentejo. O padre Policarpo opta por outra tese. Os primeiros acorreram a Ixelles devido à presença

de espanhóis. Em grande parte provenientes de Badajoz, tinham contactos estreitos com Elvas. A proximidade das duas cidades renasceu no seio de Bruxelas. Na gare do Midi, o imigrante desembarcava e procurava amparo nos cafés transmontanos abertos nas imediações. Ainda hoje essa atracção prevalece. Os portugueses de Trás-os-Montes gravitam em torno da estação. A sua influência cresceu, extravasou os bairros inicialmente escolhidos como abrigos e hoje Bruxelas exibe 32 restaurantes portugueses. É fácil encontrar nomes como «Oh Fadista», «O Atleta», «Bom Jardim», «Garrancho», «25 de Abril», «Forcado» ou ainda «Rio Mondego». E como sabe bem, às vezes, entrar n' «O Manel» da Grand Place, dizer Boa-noite e pedir: «Uma bica bem tirada!»

Os pioneiros

«Encontrei quatro ou cinco pessoas que vieram para a Bélgica em 1945» — revelou o P.^a Policarpo. Deparou também com outros que ficaram por aqui aquando da realização da exposição universal. O Atomium, um ex-líbris bruxelense, ilustra esse ano longínquo de 1958. Mais tarde mais portugueses chegaram. Vieram do congo ex-belga. A emigração política, ou seja daqueles que não se mostravam dispostos a embarcar para a guerra de África, fixou-se a partir de 1965.

Manel das Fritas — como foi difícil conhecer-lhe o apelido — veio aos 16 anos apra Bruxelas. Tinha cá um irmão refugiado. Ainda só dizia «oui» ou «non» e já trabalhava numa barraca de batatas fritas, no Midi. Cedo percebeu que era o prato nacional. E cedo percebeu que devia abrir uma barraca sua. No Midi, pois claro. Emancipou-se para inaugurar o negócio, aos 20 anos. Uma barraca deu lugar a outra, até surgir o Aris, uma «fritaria» onde se come o melhor cozido à portuguesa de Bruxelas. Com vinho e tudo: 200 francos. Este saldo gastronómico faz afluir ali belgas, italianos, angolanos e portugueses. Muitos portugueses.

Distribuidor dos jornais, Manel das Fritas é o homem sobre quem recaem todas as críticas quanto aos atrasos. «A Bola» nunca se atrasa. No entanto, parece-me franco quando afirma nada ter contra os eurocratas. Tem porém um pequeno defeito: é benfiquista ferrenho... Quando lhe pergunto se pensa regressar a Portugal, a filha interrompe-nos para lhe pedir qualquer coisa em francês. Já não repito a pergunta.

Um Pessoa desconhecido

É um lugar comum: o dinheiro não faz a felicidade. Isso mesmo demonstra a nostalgia de que são acometidos alguns dos funcionários das Comunidades. Seduzidos pelos ordenados,

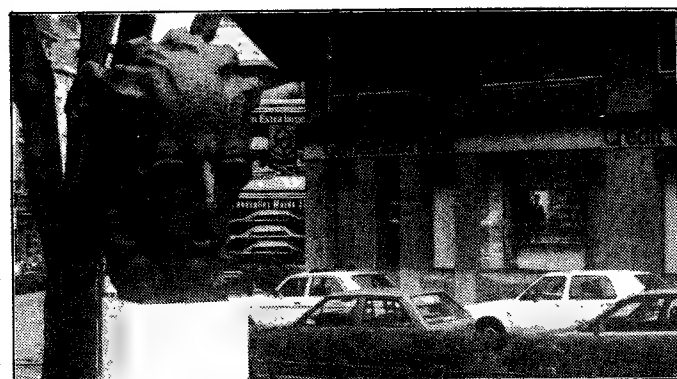
pela oportunidade de trabalhar numa estrutura europeia, por algum desencanto em relação ao seu país, partiram. Houve famílias divididas, casais desavindos, esperanças por concretizar. Houve maridos e mulheres que sacrificaram carreiras em função do emprego do outro. Há a saudade, um termo que as outras línguas ignoram, o isolamento, o consumismo desenfreado, a inadaptação a uma sociedade demasiado organizada. Surgem o alcoolismo, as depressões, as neuroses escamoteadas, o beco sem saída. Esses sintomas são detectáveis nos cafés da Archimede, uma rua que limita o Berlaymont, ou até na Orféu, a livraria portuguesa onde Fernando Gandra se substituiu provavelmente ao psiquiatra.

A comunidade portuguesa na Bélgica não difere, nalguns aspectos, de outras que encontrei por esse mundo fora. Como as do Canadá ou Venezuela, tem associações, 22 ao todo, com número igual de presidentes, a maioria das quais inactiva. Mas até dá jeito haver tantas. Não se encontra o vizinho amuado, o adversário político. Uma das associações que tem desencadeado mais iniciativas é a Atlântida, de funcionários das Comunidades. Juntou, num colóquio recente, deputados dos quatro principais partidos políticos portugueses e orgulha-se de ter inaugurado um busto de Fernando Pessoa em plena Place Flagey. O padre Policarpo concorda com a dinâmica da Atlântida e acha que a localização da estátua tem a ver não só com a presença dos emigrantes, mas também com as facilidades concedidas pela comuna. Não haverá paradoxo no facto da estátua ter sido colocada pelos eurocratas no coração de um bairro que os olha com desdém? Não, diz o padre. Aos portugueses daquela zona de Ixelles é-lhes indiferente. «Eles não sabem quem foi Fernando Pessoa!»

«Tradutor ajuramentado junto dos Tribunais de Bruxelas, membro da Câmara belga dos tradutores, intérpretes e filólogos, impressor e editor» lê-se no cartão de Almeida de Eça e Costa. Director de «A Tribuna», um jornal que não prima pela regularidade, recebe-nos num escritório computadorizado, impressionando os visitantes com programas de efeitos sistemáticos. Não me surpreende quando anuncia que os polacos estão a concorrer com os portugueses na construção civil. Já

José Rui Cunha

cont. na pag. seguinte



Fernando Pessoa na Place Flagey. Os portugueses não o conhecem

«Sinto-me emigrante»

A primeira sensação do eurocrata ao desembarcar em Zaventem é o deslumbramento. Depois vem a desconfiança. Olha de soslaio o funcionário bancário que lhe sugere a compra do automóvel dos seus sonhos. Sem problemas. Empréstimo garantido, juro a 7,5 por cento ao ano. Sugere-lhe as Seychelles, se o sol rareia, ajuda-o a programar as férias de Inverno. «O quê, não vai esquiar?» É difícil resistir à epidemia do crédito fácil. Existem funcionários que sobrevivem com uma quotização entre colegas. «Então o gajo não comprava cachimbos de trinta contos?», reprova-se no círculo das suas relações. O ordenando fica retido no banco. E nem sempre a sobrevivência é garantida pelas horas extraordinárias.

Os portugueses dispersam-se por Ixelles, Eterbeek, Saint Gilles, Uccle e Woluwe. Nem sempre a sua nacionalidade se distingue. Expressar-se em francês, mesmo em casa, assume o estatuto de progresso social. Noutros círculos, porém, verifica-se o inverso: o idioma de Camões surge com espontaneidade, sem preconceitos nem traumas. Estamos então entre os novos emigrantes, os de luxo não acometidos de tiques.

Páro o carro numa estação de gasolina. Contrariamente ao que é habitual, aparece um empregado. «Bom-dia, amigo» — diz, apontando a matrícula preta e branca indiciadora da minha nacionalidade. Pergunta se quero que verifique o óleo, a pressão dos pneus. Tanta amabilidade nunca tinha visto. Nem em Bruxelas, muito menos em Portugal. Afinal acabamos por ficar na conversa com a ajuda da falta de clientes. Veio há quinze anos. E está bem. «Lá na terra passava fome e não tinha emprego. Agora vou lá todos os anos, mato saudades, mas, se quer que lhe diga, já quase não conheço ninguém. Os do meu tempo, ou foram-se ou emigraram. Fico lá duas semanas e regresso. Os meus amigos já estão aqui.»

Pedro Andrade explica-me que o gosto pela dança de salão é antigo, mas foi também influenciado pelo professor Raoul Elbo, belga. Domina todos os estilos, as cinco danças «standard», ou sejam, as valsas inglesa e de Viena, o foxtrot, o slow foxtrot e o tango na versão inglesa, derivado do argentino; e as cinco «latinas»: o samba, a rumba, o cha-cha-cha, o passo doble e o jaive (uma espécie de rock). Na cave do Berlaymont ensina o tango argentino. Gesticula explicando a diferença entre este, mais popular, e o outro, mais austero. E com entusiasmo revela que já há gente para se fazer uma festa com danças de salão a sério.

O jurista-linguista foi um dos quatro primeiros portugueses a vir para as Comunidades. Chegou há oito anos, trocando a Covilhã. Sente-se emigrante, confessa. Pergunto o que é isso. «É achar que tenho pouco a ver com a Europa do Norte e que sou dos que vai regressar ao País. Não sei é quando.» Trabalha na Comunidade, mas não perde a oportunidade de dar um salto à Place Flagey. É o encontro com os portugueses, com a gastronomia, aqui remendada, mas mesmo assim com o toque lusitano que procura. No fim de contas, acabamos todos por procurar o mesmo. Uns de forma menos exuberante, outros mais, os restantes iguais a si mesmos.

J.R.C.

A.M.A.

Auto Monumental do Arceiro

S.A.



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Informação

ALTERAÇÃO AO SERVIÇO FERROVIÁRIO NO PERÍODO DAS 00.00 HORAS DO DIA 30/03/12 E AS 24.00 HORAS DE 30/03/21, RESULTANTE DOS PRÉ-AVISOS DE GREVE DO SINDICATO NACIONAL DOS MAQUINISTAS E DA FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS FERROVIÁRIOS

Prevedendo-se perturbações que afectarão gravemente a normalidade do serviço ferroviário no período compreendido entre as 00.00 horas do dia 30/03/12 e as 24.00 horas do dia 30/03/21, a CP concretizará um programa de circulações que, no mínimo, abrangerá:

1. Comboios a realizar no eixo LISBOA/PORTO/BRAGA e BRAGA/PORTO/LISBOA

1.1 Comboios especiais rápidos

São suspensas todas as circulações Alfa e Intercidades deste Eixo. A CP vai realizar neste percurso os seguintes Comboios Especiais rápidos (T 130) com paragens em Pombal, Coimbra, Aveiro e Gaia, e as seguintes horas de partida e de chegada:

Lisboa	Porto	Braga
7.20	10.55	
17.05	20.40	22.00
20.25	24.00	
Braga	Porto	Lisboa
15.50	7.20	10.55
	17.15	20.50
	20.30	00.05

Estes comboios especiais realizam o percurso Lisboa-Porto em 03.35 h. O comboio especial com partida de Lisboa-P às 17.05 h tem seguimento até Braga. O comboio especial que tem passagem no Porto às 17.15 h tem a sua origem em Braga às 15.55 h.

1.2 Comboios Inter-Regionais

A CP assegura a realização dos comboios inter-regionais 824 e 828 com partidas do Porto às 12.00 h e 18.45 h e, também, os comboios 825 e 827 com partidas de Lisboa às 11.35 h e 15.25 h.

1.3 Serviço Regional

Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.

2. Eixo LISBOA/GUARDA

2.1 São suprimidos os comboios Intercidades 510 e 511.

Serão realizados Comboios Especiais Inter-regionais entre Coimbra e Guarda, com paragem em Celorico da Beira, Mangualde, Nelas, Oliveirinha/Cabanas, Santa Comba Dão e Pampilhosa, com partidas da Guarda às 07.15 h e 17.40 h e de Coimbra às 10.15 h e 19.45 h.

2.3 Serviço Regional

Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.

3. EIXO LISBOA/COVILHÃ

3.1 São suprimidos os comboios Intercidades 540, 541, 542 e 543.

Serão realizados Comboios Especiais Inter-regionais entre Lisboa e Covilhã, com paragem em Entroncamento, Abrantes, Alferrarede, Ródão, Castelo Branco e Fundão, com partidas de Lisboa às 08.30 h e 19.00 h e de Covilhã às 07.10 h e 15.00 h.

3.3 Serviço regional

Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.

4. EIXOS LISBOA/LEIRIA/FIGUEIRA DA FOZ, PORTO/TUA E PORTO/VIANA DO CASTELO/VALENÇA

4.1 São suprimidos os comboios Intercidades Lisboa/Leiria 500 e 501, assim como os Intercidades Porto/Régua 560 e 561 e Porto/Viana 550 e 551.

4.2 Comboios Inter-regionais e Regionais

Serão realizados nestes eixos as circulações que se revelarem possíveis.

5. EIXO LISBOA/FARO-LAGOS

5.1 São suprimidos os comboios Intercidades Lisboa/Faro 580 e 585 e Lisboa/Faro-Lagos 582 e 583.

5.2 Serão realizados Comboios Especiais Inter-regionais entre Barreiro e Faro, com paragens em Tunes e Albufeira, e com partidas do Barreiro às 15.00 h e 18.50 h e de Faro às 07.30 h e 14.05 h.

As ligações de e para Lagos são asseguradas por comboios regionais.

5.3 Serviço Regional

Serão realizados os comboios que se revelarem possíveis.

6. EIXO LISBOA/ALENTEJO

Serão realizados os comboios Inter-regionais e regionais que forem possíveis.

7. LIGAÇÕES INTERNACIONAIS

Serão asseguradas todas as ligações internacionais, com excepção da ligação Porto-Vigo, que será suprimida neste período.

8. RESTANTES LIGAÇÕES DE LONGO CURSO

Nos restantes itinerários de Longo Curso serão asseguradas as ligações possíveis.

9. SERVIÇO SUBURBANO

9.1 Zona suburbana de Lisboa

9.1.1 Linha de Sintra

Prevê-se a supressão de grande parte dos comboios entre as 06.00 e as 09.00 horas da manhã, pelo que o Serviço Ferroviário será complementado por Rodovia nas seguintes origens e destinos: de Amadora (Câmara Municipal) e de Queluz (Quatro Caminhos) ambos em direcção à Estação do Metropolitano do Colégio Militar e de Barcarena (Estação), Cacém (antigos correios), Rio de Mouro (Estação), Mercês (Estação), Algueirão (Colégio Afonso V) e Sintra (Estação) em direcção ao Marquês de Pombal, serviço que se prolongará ao longo do dia, caso se justifique.

Entre as 21.00 e as 02.30 h haverá igualmente um transporte complementar Rodoviário entre Lisboa-Rossio (Teatro D. Maria II) e os locais de origem anteriormente indicados. Todos os comboios têm paragem em Campolide.

9.1.2 Linha de Cascais

Prevê-se que seja praticado, com algumas supressões, nomeadamente nas horas de ponta (manhã e tarde) o horário dos comboios que vigora aos Domingos. Todos os comboios têm paragem em Santos, sendo o primeiro comboio de Cascais às 05.15 horas da manhã.

A CP desenvolve também a partir das 06.00 horas e ao longo de todo o dia um esquema Rodoviário complementar com origens e destinos em: Cascais / S. Pedro / Parede / Carcavelos / Oeiras / Paço D'Arcos / Cais do Sodré

Não haverá circulação de comboios no sentido ascendente (Cais do Sodré/Cascais) nos períodos entre as 12.30 h e 14.10 h e entre as 21.20 h e as 24.00 horas.

No sentido descendente (Cascais/Cais do Sodré) não haverá circulação de comboios nos períodos entre as 13.30 h e as 15.00 h e entre as 22.00 e a 01.00 horas.

Nestes intervalos só haverá pois serviço complementar rodoviário.

9.1.3 LISBOA-AZAMBUJA

Prevê-se a realização do serviço normal.

9.1.4 BARREIRO-SETÚBAL-PRAIAS DO SADO

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal, com pontuais supressões nomeadamente na ponta da manhã.

9.1.5 VIA FLUVIAL (LISBOA-T-BARREIRO)

Será praticado o serviço normal.

9.1.6 CACÉM-TORRES VEDRAS

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal, com pontuais supressões nomeadamente na ponta da manhã.

9.2 Zona suburbana do Porto

9.2.1 PORTO-MARCO, PORTO-PÓVOA-GUIMARÃES, PORTO-AVEIRO

Prevê-se a realização de parte do serviço normal o qual é complementado por rodovia, com origens e destinos de Cete, Recarei, Póvoa do Varzim, Oval, Espinho, Porto-S. Bento, Porto-Campanhã, V.N. Gaia (Jardim do Morro), Porto-Boavista (Rua de Agramont).

9.3 Zona suburbana de Coimbra

COIMBRA-FIGUEIRA DA FOZ E COIMBRA-SERPINS

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

10. Solicita-se aos Senhores Passageiros que contactem as Estações ou Secções de Informações da CP para a obtenção de esclarecimentos complementares sobre a evolução dos serviços a prestar.

90 Março 09

Informação divulgada pela Divisão de Relações Públicas



No Midi ao fim-de-semana: a confusão para todas as nacionalidades

Os portugueses em Bruxelas

cont. da pág. anterior

escrevera isso no «DL». Mas explica-me as exigências da lei belga quanto a conhecimentos de gestão para quem se queira dedicar a qualquer tipo de negócio a retalho. Fala-me na obrigatoriedade do número de empreiteiro para se operar na construção civil, permitindo assim que 30 por cento de eventuais receitas fiquem imediatamente retidas na fonte. Acentua a grande preocupação belga na defesa do consumidor. «Não se pode mandar fazer um telhado e correr-se o risco de ele nos cair em cima.» Abordando a questão dos funcionários europeus, reconhece: «São dois mundos à parte. E não vejo nisso nada de estranho. Há diferenças culturais, o nível de vida é inacessível ao emigrante tradicional. Em Portugal também assim acontece.» Sobre o relacionamento com o país de acolhimento, sugere que «há comunas que não gostam dos portugueses. Eu cá nunca fui arrogante para com a Administração belga. Quando não estiver contente vou-me embora. Mas há quem pense que isto é África. Esquecem-se que há regras a respeitar. O que não deixa qualquer dúvida é que a vinda dos funcionários para a CEE veio dar uma visão diferente dos portugueses. Não têm dificuldades em se integrar na sociedade belga, ultrapassada a barreira da língua. É necessário é compreender que o emigrante tradicional vem para trabalhar e o tempo para o estudo, para a cultura, escasseia».

«Qui bom. Você fala português!»

Um dia destes, em pleno «briefing» para os jornalistas acreditados junto da CEE, dou de caras com uma jovem a quem não escapara o palavrão que eu proferira em conversação com o novo funcionário mais em função. «Vou dizer-lhe uma coisa: todos os interesses dos portugueses em Bruxelas são representados por uma única entidade: a Associação dos Portugueses em Bruxelas».

Qui bom ouvir falar português. Estava a ver que não encontrava nenhum de vocês. Olha aqui, qui maravilha! A Mónica brasileira passou a fazer parte do meu círculo de contactos, não só profissionais como sociais, no qual se incluem portugueses, emigrantes com e sem luxo, um argentino, duas inglesas, italianos, uma espanhola, um jugoslavo e um coreano. Já me disseram que não estou mal servido. Nenhum deles tem tiques. O meu vizinho, o Pereira da Costa, que, vejamos lá, encontrei no refeitório da Comissão depois de, há vinte anos, nos termos conhecidos na Redacção do «Notícias da Beira», enviou-me esta noite um recado: «Vem cá ver o futebol.» Só não fui por causa desta reportagem.

Não é só em Bruxelas. Pais e filhos estão com os idiomas desencontrados.

Os pais falam francês canhestro, uma simbiose entre o português e aquilo que aqui se tornou imprescindível. Já ouvi alguns até exibirem flamengo, língua para a qual confesso, a minha inaptidão. Os filhos, esses gostam de ir para Portugal, de férias, mas regressem sempre, porque a aldeia já não consegue satisfazer as exigências. Os pais sonham com o regresso, concretizam o sonho da casinha lá na terra, mas depois arrependem-se. Habituar-se a critérios de qualidade na Bélgica que não disfrutam no seu próprio país. sonhando com as transferências de divisas que vão minguando, porque daqui a uns anos, não sei quantos, deixarão de existir emigrantes e os políticos não parecem estar atentos. No pedestal de Pessoa «a minha Pátria é a língua portuguesa» surge deslocada no seio daqueles que um dia serão meros cidadãos belgas com a cidadania portuguesa. Há cursos de português que

sores do que dos alunos. E estes encaram o idioma materno como um peso que têm de carregar depois do horário normal escolar. Sa-fam-se os da Escola Europeia, pouco acessível à emigração tradicional, que aqui fia-se mais fino. As aulas são dadas em português, excepto as ciências humanas, leccionadas numa língua de trabalho, com facilidade de escolha entre o francês e o inglês. Numa mistura de idiomas, predomina o francês, com os italianos a venderem cara a derrota. Os portugueses juntam-se, fora e dentro do recinto escolar, utilizando o telefone como o veículo mais prático para o transporte do idioma que ainda não sentiram como fardo. Daqui a poucos anos, a diferença entre aqueles que continuam a expressar-se em português e a dominar o francês e o inglês, e aqueles que optaram pelo canhestro ainda vai ser mais abissal. Os emigrantes, os tradicionais e os de luxo, estarão definitivamente de costas voltadas.

Agora vou ao Midi comer um cozido com o Manel das Fritas. Já sei que o Benfica será tema de conversa. Depois, na Grand Place peço uma bica. Compro uma publicação qualquer em português, nem que seja a Nova Gente, e abasteco o outro carro no meu amigo que já não conhece ninguém lá na aldeia. Sábado é dia de fados com o Nuno da Câmara Pereira.

Não ousei ir dançar aos arrabaldes de Rio de La Plata, nem saber se posso ser sócio do Clube de Bruxelas. Mas já tenho um vizinho alemão, com quem falo em castelhano, porque estive no México oito anos, que tem um Ferrari Testarossa. Um dia destes, se arranjar coragem para aprender os tiques, peço-lhe emprestado e irrompo pela outra comunidade de luxo.

UMA COPIA DO «DL» PARA O SENHOR EDITOR, AGRUPAMENTO EDITORIAL, RUA DE AGRAMONT, 10, 4050-101 PORTO BOAVISTA, PORTUGAL.

INTERNACIONAL

Manifestantes queimam estátua de Thatcher

Não é só nos países socialistas que as estátuas estão a passar por maus bocados. Ontem, em Londres, a de Margaret Thatcher foi regada com petróleo e queimada, perante o olhar incrédulo dos polícias britânicos, por uma multidão furiosa com um novo e impopular imposto. Foi o culminar de verdadeiros combates de rua entre os manifestantes e agentes da Scotland Yard, a qual foi atacada com latas, paus e garrafas, durante protestos junto aos Paços do Conselho de Hackney, na zona leste da capital britânica.

A Scotland Yard informa que pelo menos 38 pessoas foram detidas, não havendo notícias de feridos graves, embora os combates tenham envolvido três centenas de

agentes da polícia que carregaram sobre uma multidão de duas mil pessoas. Esta reagiu com uma violência inesperada, atirando vários objectos sobre as forças da ordem, sobretudo garrafas e latas, e lutando com paus contra os bastões da polícia.

Os confrontos continuaram nas ruas circundantes aos Paços do Conselho de Hackney, tendo vários desordeiros aproveitado a confusão para «surrupiar» produtos das lojas.

Em Swindon, oeste de Londres, também houve conflitos, tendo a polícia sido forçada a pedir reforços quando os manifestantes tentaram derrubar as portas do Conselho local.

Redacção «DL»/Lusa

Sobe, sobe, Kohl sobe

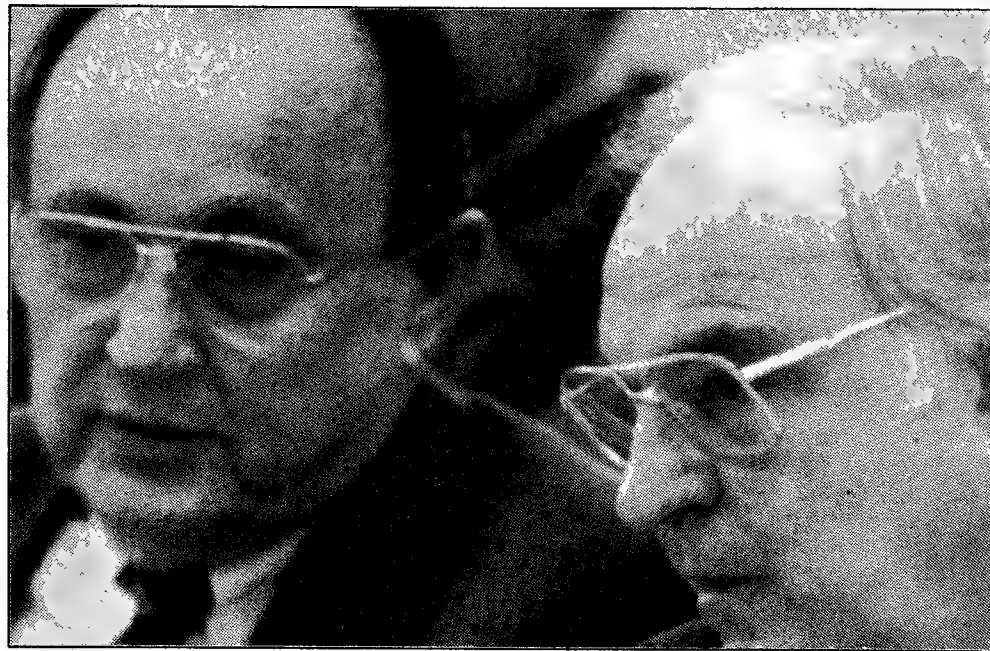
A uma semana das eleições na Alemanha Democrática, Helmut Kohl está a tirar dividendos da sua política de força

A corrida para a unificação alemã, assim como o braço-de-ferro actual entre a Alemanha Federal e os aliados da II Guerra Mundial, parece estar a dar os resultados políticos esperados pelo chanceler alemão federal, Helmut Kohl. Com efeito, e segundo um estudo efectuado por um instituto de sondagens em Leipzig, os sociais-democratas da Alemanha de Leste terão perdido o avanço confortável que detinham para as eleições legislativas do próximo dia 18.

Esta sondagem revela que a a aliança tri-partidária e conservadora, «Aliança pela Alemanha», apoiada por Bona, estará a conquistar os votos dos indecisos, aproximando-se cada vez mais dos sociais-democratas favoritos e apoiados pelo SPD alemão federal. A sondagem aponta para uma distribuição dos votos que daria 34 por cento ao SPD, 30 por cento aos conservadores e 17 por cento aos comunistas reformados.

Alemães merecem confiança

Depois de ter estado sob fogo cruzado, durante toda a semana, de praticamente todos os seus colegas europeus, Helmut Kohl está a colher os dividendos da sua política de força. Acusado de estar a empurrar a unificação alemã com demasiada força, a um passo muito acelerado, Kohl responde que ele só pretende um passo moderado. Confrontado com o receio da Polónia sobre a questão das fronteiras alemãs,



Helmut Kohl e H. D. Genscher apontam levar a aliança CSU-CDU-FDP até às eleições do Outono

Kohl empulvou ao máximo o nacionalismo alemão. Depois de colher o mérito dos patriotas, está hoje na posição confortável de ninguém o poder acusar de minimizar o interesse alemão mediante a necessidade de acelerar o processo de unificação. Face aos seus parceiros na Aliança Atlântica, o chanceler alemão federal promete que a Alemanha unida não questionará as actuais fronteiras, e, perante o receio dos aliados Kohl afirma que os alemães merecem confiança e isto é tudo que pede.

Sobre a questão de saber se estamos a caminhar para uma Alemanha europeia ou uma

Europa alemã, Helmut Kohl defende que a unificação alemã só faz sentido no quadro de uma integração europeia alargada. No entanto, quando confrontado com os objectivos da Comissão Europeia, que pretende instituir o quadro da unificação, o chanceler alemão federal responde que para já vamos à unificação, resolvendo mais tarde os problemas jurídicos, económicos e políticos que levantam a alargamento do território da Comunidade.

Esta estratégia, inserida no acordo de negociações com os vencedores da II Guerra Mundial, dito «dois mais quatro», permitiu a Helmut Kohl actuar rapidamente no

essencial, isto é negociar a unificação sozinho com a RDA, para tratar dos aspectos externos, numa posição necessariamente mais forte, depois de responder às aspirações do povo alemão. Perante o desafio de ter que acelerar e consolidar a unificação alemã, Helmut Kohl, uma vez mais, está a dar uma reviravolta política, prática esta que não lhe é completamente estranha. Muito pelo contrário: já nas anteriores eleições legislativas da Alemanha Federal conseguiu, no último minuto, bater os sociais-democratas e manter a actual aliança com os liberais do FDP.

Nuno Azevedo

Dirigente do PCI desmaia ao discursar

Aldo Tortorella, líder das correntes que se opõem às mudanças no PCI, desmaiou vítima de um ataque cardíaco, quando se dirigia aos 1.100 delegados ao Congresso do partido, que ontem teve o seu segundo dia, reunidos em Bolonha. No seu discurso, Tortorella anunciava que a sua corrente, apoiada pelos históricos Pietro Ingrao e Alessandro Natta, se opunha à mudança do nome do PCI.

Observadores consideram que o ataque cardíaco de Tortorella, do qual já se encontra a recuperar, é uma demonstração cabal do clima de tensão vivido pelos comunistas italianos durante estes dias decisivos.

Enquanto o secretário-geral, Achille Occhetto, que propõe a mudança, detém o apoio de 66 por cento dos delegados, os contestatários têm actualmente 34 por cento dos participantes.

Portanto, é bastante provável que a proposta de Occhetto de alterar o nome do partido saia amanhã vencedora e que depois seja aberta uma assembleia constituinte da nova formação política que nascerá com um novo congresso no Outono.

Lusa

Constâncio fez a apresentação do livro em Portugal

Ieltsin desafia a perestroika em 42 países

Nem todos pensam que a palavra perestroika é sinónimo de reestruturação na URSS. Para o intransigente Boris Ieltsin, actualmente deputado radical do grupo dos inter-regionais do Parlamento soviético, «Gorbachev dá um passo à frente e dois atrás, o pluralismo é fictício e o país está por um fio». O controverso deputado, além de ser o mais popular denunciador da lentidão da perestroika, acumula agora as honras de ser um dos primeiros soviéticos a entrar, sem rodeios, nos mecanismos promocionais à maneira do Ocidente. Simultaneamente em 42 países, lança o «Desafio à Perestroika», um livro autobiográfico no qual denuncia a corrupção de conhecidos dirigentes, defende uma maior participação popular no processo re-

formista soviético e acusa a «inconsequência de Gorbachev, incapaz de ir até ao fundo de uma decisão». Os direitos autorais da obra reverterem, na totalidade, a favor da luta anti-SIDA.

Em Portugal, o livro foi ontem apresentado por Victor Constâncio que, invocando a sua estada na URSS durante a mais badalada reunião do CC do PCUS, no passado Janeiro, expôs, durante hora e meia, a actual situação política do país, referindo-se com particular insistência às grandes perplexidades económicas com que as reformas se defrontam, e discorrendo sobre a vida e o pensamento de Ieltsin. Apesar do polémico político reformador soviético merecer, por parte de Constâncio, benévolas considerações relativamente à oportunidade

do seu tipo de discurso, o antigo líder do PS não escondeu a sua admiração por Gorbachev e chegou a dizer que o que falha em Ieltsin é a «ausência de pensamento político, coerente e sólido». Constâncio disse ao «DL» que, mesmo assim, Ieltsin, tal como os conservadores ortodoxos, tem «uma força de equilíbrio fundamental» no contexto político soviético como contra-ponto ao discurso de Gorbachev.

Numa altura em que o Parlamento soviético aprovou por esmagadora maioria a legislação sobre a terra, que permite a particulares arrendarem propriedades para agricultura, o golpe de misericórdia sobre o modelo económico marxista está consumado e a URSS, após cinco anos de perestroika, vai finalmente ter que gerir uma

quase impossível adaptação aos modelos liberalizantes. Este processo, que visivelmente fascina Constâncio, foi outro dos tópicos principais em que incidiram os seus comentários. Pouco aprofundadas ficaram as abordagens à instituição do sistema presidencial na URSS, veementemente contestado, durante a sua aprovação pelo Soviete Supremo no final do passado mês, pelo grupo parlamentar de Ieltsin, e a problemática do fraccionamento do país, dos conflitos étnicos e das independências das repúblicas bálticas.

Hoje, o populista Ieltsin, que está a fazer uma digressão europeia, apresenta o seu livro em Paris onde participará na emissão literária «Apostrofes» do Segundo Canal da TV francesa.

M.T.

Itália: novas ocupações

«Estamos no limite das nossas forças» declarou ao DL um porta-voz dos estudantes italianos. Após onze dias de discussão, os delegados de 170 faculdades decidiram continuar a luta, e anunciaram um período de agitação de 11 a 17 de Fevereiro, dia em que está prevista a nova manifestação a nível nacional da «Pantera». Entre as várias formas de luta adoptadas, destaca-se a ocupação das estações ferroviárias, a começar na próxima segunda-feira. As Faculdades, essas, continuarão ocupadas. Em Turim, 200 estudantes demonstraram a sua solidariedade com outros 124 jovens, acusados, em Perugia, de ocupação abusiva de edifício público, auto-acusando-se do mesmo crime.

Activistas dos Direitos Humanos maltratados em Cuba

Dois activistas cubanos dos Direitos do Homem foram, ontem, pela segunda vez no prazo de uma semana, alvo de ataques por parte de uma multidão calculada em cerca de cem pessoas, exigindo-lhes o abandono do país. Estes acontecimentos surgem na sequência da aprovação pela Comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas, em Genebra, de uma resolução apresentada pelos EUA, apelando ao controlo mais apertado pela ONU no que se refere ao respeito dos Direitos do Homem pelas autoridades de Havana.

Oscar Pena, do Comité Cubano para os Direitos do Homem, Jesus Pelletier, do Partido Cubano dos Direitos Humanos, assim como um terceiro activista não identificado, foram maltratados pela multidão, que gritava «vermes, vermes» e «para o pelotão de fuzilamento».

Kim Il Sung vai abdicar

O líder norte-coreano deixa a liderança do país a favor do filho, Kim Jong-II, mas continuará a controlar o poder na sombra

Kim Il Sung, o "grande líder" da Coreia do Norte desde 1948, vai demitir-se após o seu 78º aniversário, em 15 de Abril próximo, e cederá o cargo a seu filho Kim Jong-II, anunciou hoje, a partir de Pequim, a agência noticiosa japonesa Kyodo.

Pyongyang anunciou já eleições para a Assembleia Popular Supremo (Parlamento) para 22 de Abril, antecipando o escrutínio mais de seis meses, e observadores em Tóquio prevêem importantes mudanças políticas no país.

Na notícia de hoje, a Kyodo cita fontes do Governo chinês, segundo as quais Pequim foi informado em meados de Fevereiro de que Kim estava pronto a completar a transmissão de poderes ao seu filho, de 48 anos, embora não ceda todo o controlo.

Influência nos bastidores

"Tornar-se-á o Deng Xiaoping da Coreia do Norte", disseram as fontes citadas pela Kyodo, dando a entender que, como o líder chinês, de 85 anos, Kim manterá o controlo do poder utilizando a

sua grande influência nos bastidores.

A Kyodo afirmou que um porta-voz do Ministério chinês dos Negócios Estrangeiros desmentira a notícia dizendo: "Nada sei disso".

Contudo, a embaixada norte-coreana, contactada pela agência japonesa, não confirmou nem desmentiu a notícia.

Em Seul, capital da Coreia do Sul, que mantém há 37 anos uma tensa confrontação com o Norte, após o fim da guerra da Coreia, a primeira reacção foi de cautela.

A Kyodo cita um funcionário chinês, segundo o qual a Coreia do Norte pediu à China que o chefe do Partido Comunista de Pequim, Jiang Zemin, visitasse Pyongyang para reafirmar os laços bilaterais antes do início de uma nova administração.

Veneração transferida para o filho

Jiang decidiu já deslocar-se à Coreia do Norte ainda



O líder norte-coreano, Kim Il Sung

este mês, de acordo com informações oficiais divulgadas na terça-feira em Pequim e Pyongyang.

A imprensa, totalmente controlada, da Coreia do Norte, intensificou nas últimas semanas as suas já lau-

datorias menções a Kim Jong-II.

Diminuindo um pouco as suas referências veneratórias ao "grande líder", há muito o centro de um dos mais intensos cultos de personalidade do mundo, os jornais e a rádio dedicaram-se a louvar o seu filho.

Creditaram ao "pequeno líder" todo o tipo de feitos, incluindo, esta semana, a inspiração de um notável incremento da produção dos bens de consumo.

Um analista da Kyodo disse que a aparente decisão de Kim de se demitir parecia destinar-se a evitar a vaga de mudanças que, na Europa de Leste, levou à queda de muitos líderes comunistas.

Fontes sul-coreanas, que pediram o anonimato, afirmaram não saber se a esperada passagem de poderes se verificará em tão breve espaço de tempo, como foi anunciado.

Redacção "DL"/Lusa

Entre ameaças de violência Colômbia vota no domingo

No próximo domingo realizar-se-ão eleições na Colômbia. Vão ser escolhidos todos os 1.100 presidentes de Câmaras do país, 144 senadores, 189 deputados e outros representantes de organismos do poder local; os eleitores terão 47.650 mesas de voto espalhadas pelo país inteiro para exercer o seu direito de escolha.

Estas eleições antecedem em pouco menos de três meses as presidenciais e serão uma verdadeira prova para os partidos e para os candidatos destas últimas, em particular para o Partido Liberal e o Conservador, mas também para os sectores de esquerda, como, por exemplo, a União Patriótica (UP). Isto no plano, por assim dizer, institucional.

Mas a importância destas eleições vai muito além do marco legal. Este acto está inscrito num contexto onde paira sempre a sombra dos narcotraficantes, os quais já declararam que, perante o silêncio do Governo às suas propostas de diálogo para solucionar o problema da droga na Colômbia, se encontram em «estado de alerta» (sic), sem que até agora se desdortine muito bem o que isso quer dizer.

Por outro lado, a guerrilha, particularmente o ELN (Exército de Libertação Nacional), herdeiro do famoso padre guerrilheiro Camilo Torres, ameaça com actos de violência e terror, sobretudo contra os camponeses que votem, dizendo que lhes vão cortar os dedos das mãos, caso o façam. Lembram as práticas do Sendero Luminoso no Peru. Assim, estas eleições terão grande importância para medir a capacidade do povo colombiano de ultrapassar o medo, a angústia e o desespero que este tipo de situação cria. Não esqueçamos que as zonas rurais são enormes e terão grande número de mesas de voto.

A violência na Colômbia não é somente provocada pelos grandes latifundiários contra os camponeses, ou dos donos de empresa contra os seus trabalhadores, mas sim pelos narcotraficantes e os guerrilheiros. Neste contexto, os últimos Governos são os que menos responsabilidades directas têm na geração da violência.

André Martin

Brasil enterra último herói nacional

Luz solar, ciprestes

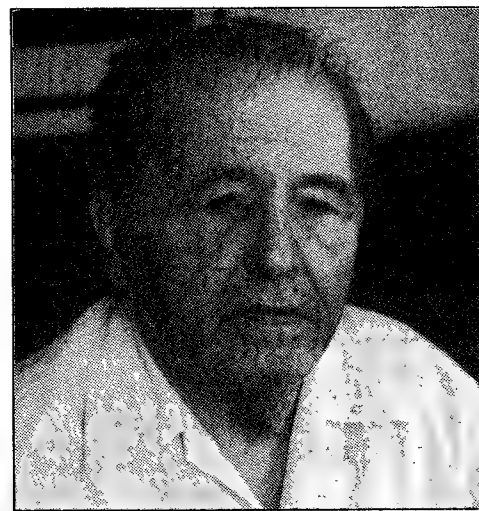
Da nossa correspondente no Rio de Janeiro

Foi enterrado ontem, no Rio de Janeiro, o capitão Luís Carlos Prestes, ex-dirigente do Partido Comunista Brasileiro. Os editoriais dos jornais comentaram a sua morte, as páginas da reportagem a sua longa vida, as colunas políticas a sua participação na história da República; as emissoras de televisão mostraram uns poucos trechos de documentários antigos, umas tantas cenas de acontecimentos recentes e, desnecessário dizer, o longo velório na Assembleia Legislativa, onde os velhos políticos de sempre puderam chorar copiosas lágrimas de crocodilo para proveito das câmaras.

«É uma página da História brasileira que se encerra», repetiam, com monótona regularidade - procurando ostensivamente o melhor ângulo para registar o seu suposto pesar, em nítido contraste com a gente do povo, que chorava sinceramente. Alguns políticos nem sequer se deram ao trabalho do fingimento: o sr. Leonel Brizola, do Partido Democrático Trabalhista (PDT), apoiado por Prestes nas últimas eleições, cantou o Hino Nacional com um largo sorriso, virando o rosto de um lado para o outro, para que pudesse ser filmado, democraticamente, por todas as emissoras presentes.

Vida de Prestes inspira novela

Este lamentável espectáculo não chegou a chamar a atenção de ninguém. Tenho a impressão de que para o público que acompanhou pelos jornais e pela televisão a despedida do último herói nacional, esta «página da História brasileira» já estava lida - e encerrada - há vários anos. Luís Carlos Prestes não era mais um homem como os outros, um cidadão de carne e osso, mas uma lenda, tão distante do mundo real quanto as imagens de ficção que, nos últimos dois meses, levaram aos telespectadores da novela «Kananga do Japão», que inclui episódios inspirados na



Carlos Prestes

vida de Prestes, a trágica história do seu amor por Olga Benário, durante a Intentona Comunista dos anos 30.

A essência deste homem recto e obstinado, deste idealista que passou nove anos na prisão, 16 no exílio e 18 na clandestinidade, foi substituída, nos média, pelo mito político, em que não se percebia a mais pálida sombra da condição humana.

O Brasil enterrou hoje um monumento - e para os monumentos fazem-se discursos, não declarações de amor. Ainda assim, foi difícil evitar o nó na garganta quando o velhinho de 96 anos, vestido de preto da cabeça aos pés, rezou junto ao caixão, com genuína dor, pela alma do amigo morto: era o Dr. Heráclito Fontoura Sobral Pinto, católico fervoroso, jurista arqui-conservador que, com todas as diferenças ideológicas, foi - há meio século - o único advogado suficientemente corajoso para enfrentar a ditadura de Getúlio Vargas e defender os comunistas. Um homem de bem, dando adeus a outros. Ou - como ele cre - até logo.

Cora Ronai



INATEL

ACTIVIDADES CULTURAIS

TEATRO DA TRINDADE



AVTO DA INDIA

DE GIL VICENTE
PELA COMPANHIA VICENTINA

TEATRO DE TODOS OS TEMPOS

TEATRO - MUSICA - BAILADO

7 de MARÇO a 29 de ABRIL de 1990

Actores	Bailarinos
HERMINIA TOJAL	SAMUEL ESTEVES
LUIS VICENTE	MARTA LAPA
ANGELA PINTO	ANA BERGANO
JULIO MARTIN	FILIPA FRANCISCO
DURVAL LUCENA	CRISTINA BENEDITA
	SOFIA LOPES

ENCENAÇÃO E COREOGRAFIA: AGUEDA SENNA
CENOGRAFIA E FIGURINOS: JOÃO QUINTÃO
MUSICA ORIGINAL: NUNO REBELO
ASSISTENTE DE ENCENAÇÃO: GRAÇA CORRÊA
ASSISTENTE DE COREOGRAFIA: JOÃO SENNA

De 5ª Feira a Sábado, às 21.45 horas.
Domingos às 16 horas.
Matinés especiais para as escolas.
Descontos de 50% para os sócios do INATEL, C.C.Ds., Sindicatos e grupos de 10 ou mais pessoas.



COOPERATIVA DE HABITAÇÃO ECONÓMICA, C.R.L.

CONVOCATÓRIA

Nos termos Estatutários e a pedido da Direcção, convoco a Assembleia Geral da CHE TECTO para uma reunião Ordinária a realizar no dia 30 de Março de 1990, pelas 21 horas, na Sede da Cooperativa, sita na Rua Prof. Luís Reis Santos n.º 5, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto Único - Apreciação e votação do Balanço, Relatório e Contas e Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1989.

O Presidente da Assembleia Geral
Orlando Gaspar Serrenho

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos mesmos Estatutos convoco a Assembleia Geral da CHE TECTO para uma reunião Extraordinária a ter lugar no local e data acima mencionados, a partir das 21.30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 - Informação;
2 - Exclusão de cooperadores com mais de um ano de quotas em atraso.

O Presidente da Assembleia Geral
Orlando Gaspar Serrenho

quem me avista
meu amigo é



CULTURA

Durante séculos, os portugueses atribuíram grande importância às impressões que os viajantes estrangeiros levaram de Portugal. A história desses relatos foi o que o se contou ontem no Centro Nacional de Cultura

Retratos em contraponto

Pela sua posição de posto avançado da Europa rumo ao Atlântico e ao Novo Mundo, Portugal é desde sempre breve pouso de homens experimentados. A rapidez da visita não impediu, no entanto, que muitos deles dessem a conhecer aos seus conterrâneos as impressões de cá levadas. São esses relatos, particularmente abundantes durante o século XVIII que o Centro Nacional de Cultura se propõe analisar enquanto documentos históricos num ciclo de conferências coordenado pelo Professor Borges de Macedo e iniciado ontem, ao fim, da tarde na sede daquele organismo.

O valor histórico dos relatos

Divididos entre um narcisismo excessivo e uma auto-comiseração igualmente assinalável, conforme Sá de Miranda já aludia em carta enviada ao pai de D. Sebastião, os portugueses sentiram desde muito cedo um particular apetite por tudo aquilo que deles era dito ou escrito. No entanto, este aspecto discutível da ainda mais contestável identidade nacional pouco interessa ao historiador que, entretanto, fareja nestes relatos o «complemento para a segura dos documentos de arquivo», conforme referiu o conferencista da sessão de ontem: Aníbal Pinto de Castro, Professor Catedrático da Universidade de

Coimbra.

O relevo concedido a estes testemunhos não implica, porém, a sua aceitação total e acrítica.

Se é um facto que o estrangeiro observa com maior agudeza aquilo que, para nós, de tão banalizado já não merece grandes contemplanções, também não convém perder de vista os preconceitos adquiridos no meio natal do autor do relato, ou mesmo o grau de deturpação a que em alguns casos lhes chegavam informações. A história de «quem conta um conto, acrescenta um ponto» repete-se, de resto, com excepcional gravidade quando o receptor das informações não domina correctamente a língua do país. Estas limitações próprias do observar humano não obstam, todavia, a que certas realidades sistematicamente presentes nos livros de viagens possam ser estudados através de tais fontes. É o caso paradigmático dos transportes, o que até se torna compreensível se nos lembrarmos da frequência com que os viajantes se sujeitavam às suas morosidades e «teimosias».

Independentemente destas limitações, arbitrariedades e, não raro, de algumas fantasias, os livros de viagens funcionam para o historiador como autênticas caricaturas, «retratos em contraponto» na expressão de Amílcar Pinto de Castro em que o narcisismo apaixonado do natu-

ral abre alas em favor da sátira ou do bem-querer do estrangeiro que poucas vezes deixa de comparar a realidade observada com a sociedade em que bebeu o leite da civilização. Muito à moda, refira-se, do que Voltaire fazia em meados do século das luzes nas suas espantosas «Cartas Inglesas».

Do século XV ao XVIII

Os livros de viagens escritos a propósito de Portugal na cultura europeia são antigos e certos. Pouco escapava ao olhar dos homens do Norte da Europa, familiarizados com o exigente negócio dos negros e das pimentas raras. Os visitantes de 1451 não se dedicavam, porém, aos tratos de mercadorias.

Segundo Aníbal Pinto de Castro referiu durante a conferência, a comitiva alemã que em 1451 se deslocou a Portugal para levar D. Leonor até ao seu noivo, o Imperador Maximiliano deixou um testemunho impressionante sobre as festas que em Lisboa envolveram o auspicioso acontecimento. Nada falta na descrição dos alemães, de tal modo que este texto publicado nas «Provas Genealógicas da Casa Real Portuguesa» só encontra rival literário várias décadas depois, quando Sá de Miranda concluiu «Vida e Feitos de D. João II».

Nem todos os viajantes se extasiavam com tamanha

facilidade. Entre os autores mais «venenosos» que sobre nós escreveram conta-se evidentemente o humanista Clenardo. As suas observações são conhecidas pela veemência com que atacava a ociosidade, a carestia dos bens essenciais e, mais uma vez, o gosto dos portugueses pela ostentação. É célebre a sua carta a Látamo, escrita em Évora, em que a determinado passo se diz: «Se há povo dado à preguiça que não seja o português, então não sei onde ele exista».

A relativa abundância de textos de viajantes sobre Portugal durante o período quinhentista, esbate-se na centúria seguinte. Era o tempo da monarquia dual, em que a Corte instalada em Madrid ou em Valladolid, deixava o nosso país sem Corte e sem atractivos de maior para uma Europa deslumbrada com os brilhos régios.

O final do século XVIII, assinalado pela presença entre nós de muitos europeus, inaugura a era dos testemunhos românticos. É a época em que Beckford se toma de amores pelo Convento da Pena em Sintra ou pela paisagem alcobacense, precedendo assim os desvarios de Lord Byron. Perante a riqueza literária e histórica destes testemunhos, Aníbal Pinto de Castro pouco disse. Dir-se-ia que o limiar da época contemporânea o ultrapassara.

Maria João Martins

O Romantismo n' «O Século XIX», ontem, na Assírio & Alvim

O homem que chora

Cinquenta romances começavam, «Era uma noite de luar...». Na poesia, estimulantes e violentos, no devaneio e no antesonho do amor, as forças irracionais da natureza humana conjugavam-se para desconjurar o racionalismo absolutista. Multiplicaram-se as sensibilidades, os «eus» extravazaram-se, da revolução ao cemitério, do celeste amor às saturnais, do confessionalismo à frieza escultural do olhar e das palavras. Eram os tempos do romantismo: um período rico em simbologias e emoções.

Na Assírio & Alvim, ontem, ao fim da tarde, tentou-se a evocação dos serões da época. Para ajudar a «estimular o conhecimento e a venda da poesia». Dezas seis poemas, ditos por elementos do elenco do Teatro da Cornucópia, escolhidos por José Bento e Fiamma Hasse Pais Brandão, foram o prato forte de «O Século XIX». Uma escolha difícil para tão largo espaço, que não se ficou, no entanto, pelo fácil, pela tentativa. A terminar a sessão, ficou o gosto da selecção musical, dos inícios de 800, de Pedro Caldeira Cabral, com saborosas músicas de salão, cantadas por Maria Regas Gonçalves. Um serão simpático de imagens, concorrido de pessoas, a retomar o gosto pelo homem que sente, pelo homem que chora.

Almeida Garrett, João de Deus, Soares dos Passos, Antero de Quental, Gomes Leal, Cesário, António Nobre, Guerra Junqueiro, Eugénio de Castro..., nomes conhecidos, perfumaram a poesia e a noite com anjos, sonhos, ais!... Entre os «outonos de alma» de Antero e «a dor, último tom na escala da beleza», de Gomes Leal, ficou a certeza de que as teorias e periodologias não são mais que «muletas» para estudiosos. Afinal, dos poetas, sobrevive apenas a vida, a ilusão.

Os professores-poetas, presentes para debate do «Século», foram três: José Bento, Fiamma Hasse Pais Brandão e Nuno Júdice. Dele apresentaram uma visão fragmentada, pincelada. Foi o toque impressionista e leve sobre momentos e escolhas. Para José Bento, o fio condutor foi a oposição entre os séculos XVIII e XIX, a oposição entre o absolutismo e o liberalismo. Herculanio, «incompreendido», e Garrett, «passional», afirmaram-se pela grandeza do liberalismo triunfante, «vencidos, só por momentos, porque uma justiça mais alta os salvará». Antero e Teófilo não se fartaram de cantar o progresso e a revolução, Guerra Junqueiro trouxe-nos a visão apocalíptica da pátria. À margem dos «poetas da revolução» ficaram muitos outros, contudo. Desde o «caricaturizado Soares dos Passos» ao «satânico menosprezado Gomes Leal», até à nova estética do simbolismo, «que não crê no progresso nem na felicidade oferecida pela revolução», até à morte de Antero, a exemplo de todo o homem. Afinal, deles, gravou-se na história, mais do que a política dos tempos, a derrota desse mesmo homem, derrota de amor ou da vida, na sua forma mais bela.

Na poesia sem vanguardas, sem estilos ou personalidades, Fiamma recordou dois outros poetas: José Maria da Costa e Silva e Francisco Gomes de Amorim. Em trânsito entre o romantismo e o realismo, neles surge sobretudo a natureza, «privilegiada sempre como campo de vivência». De outras naturezas falou Nuno Júdice. Confessando o «traumatismo» que lhe ficou da audição de «O Noivado do Sepulcro», revelou o seu gosto de «perverso não praticante» pela necrofilia dos ambientes ligados à morte: «É como atravessar calmamente um cemitério romântico, onde é possível encontrar uma forma de convívio». Situou-se numa zona pouco estudada, o Norte, com os poetas de meados do século, Pedro de Lima e Guilherme Braga. Com vidas afins às vivências do tempo, um suicidou-se, o outro morreu tuberculoso, depois de ver definharem os quatro filhos e sua mulher, foram dois os poemas evocados: «Campas aéreas» e «Cadáveres».

Mas, para animar os gostos funéreos, no final, surgiu a música, a um tempo doce e picante, dos amores das «modinhas» e «lunduns», cantadas por Maria Regas Gonçalves e tocadas em viola romântica francesa, um instrumento original de 1845, por Pedro Caldeira Cabral. As músicas pertenciam a sérios mestres de capela, que em tempos mais pavorosos, trovaram aos amores. «Sussurrando amigas auras», porque o amor «não é para zombar!»

Manuela Baptista



Aníbal Pinto de Castro e Borges de Macedo ontem no Centro Nacional de Cultura

EXCURSÕES

AVIC

AUTOPULLMAN DE LUXO
HOTEIS SELECIONADOS
GUIAS EXPERIENTES

PARTIDAS SEMANAIS

FATIMA
BATALHA - NAZARÉ
ALCOBAÇA - C. RAINHA
1 dia 2000\$00FATIMA
TOMAR - GRUTAS
CALDAS DA RAINHA
1 dia 2000\$00ALMOÇOS REGIONAIS
VÁRIOS
Desde 4500\$00CRUZEIRO
CASTELO DE BODE
(Almoço a bordo)
Preço 5800\$00BADAJOZ E OLIVENÇA
1 dia 2000\$00NEVE NA SERRA
DA ESTRELA
2 dias 9900\$00AMENDOEIRAS EM FLOR
(BARCA D'ALVA)
3 dias 16 000\$00PORTALEGRE
MARVÃO - C. VIDE
2 dias 9900\$00FIM-DE-SEMANA
EM AVEIRO
2 dias 12 500\$00MINHO - GERÉS
CANICAÇA
3 dias 17 000\$00NORDESTE
TRANSMONTANO
4 dias 25 000\$00CRUZEIRO NO DOURO
(NAVEGANDO DA RÉGUA AO PORTO)
3 dias 29 900\$00CRUZEIRO NO DOURO
(NAVEGANDO DO PINHÃO AO PORTO)
4 dias 37 500\$00NORTE MARAVILHOSO
MINHO - TRAS-OS-MONTES
BEIRAS - ARRAIAL
NA QUINTA SANTOINHO
6 dias 35 900\$00FÉRIAS NO MINHO
ARRAIAL NA QUINTA
SANTOINHO E -SHOW- NO
CASINO DA POVOA
6 dias 35 500\$00MINIFÉRIAS
EM AMARANTE
4 dias 18 900\$00FÉRIAS EM AMARANTE
6 dias 29 000\$00FÉRIAS TRANSMONTANAS
6 dias 40 000\$00SEVILHA - BADAJOZ
OLIVENÇA
3 dias 25 000\$00ANDORRA - MADRID
ZARAGOZA
5 dias 45 000\$00MADRID - SEGOVIA
NAVACERRADA
VALE DOS CAIDOS
4 dias 32 500\$00GRANADA - SIERRA
NEVADA - SEVILHA
4 dias 38 500\$00CEUTA - GIBRALTAR
COSTA DEL SOL
TORREMOLINOS
4 dias 35 000\$00PUEBLA DE SANÁBRIA
SALAMANCA E NORDESTE
TRANSMONTANO
4 dias 32 000\$00SANTIAGO DE COMPOSTELA
LA CORUNA - VIGO
5 dias 42 000\$00PALMA DE MAIORCA
ANDORRA - MADRID
9 dias 115 000\$00FÉRIAS EM PALMA
DE MAIORCA
15 dias 118 000\$00BIARRITZ - LOURDES
ANDORRA - MADRID
7 dias 65 000\$00PARIS - LOURDES
ANDORRA
11 dias 115 000\$00CÔTE D'AZUR
MÓNACO - SAN REMO
10 dias 110 000\$00PEÇA PROGRAMAS
DETALHADOS NA SUA
AGÊNCIA DE VIAGENS
OU DIRECTAMENTE NAAVIC
Holiday
ToursAV. 5 DE OUTUBRO, 53-C
1100 LISBOA
(Metro Saldanha)
☎ 547788 - 572970 - 521116

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Subsídios do IPC

Nem novas nem mandados

«Ninguém sabe nada...» - eis a frase que melhor sintetiza o momento que se vive no cinema português quanto à concessão de novos subsídios pelo IPC. Este *ninguém* abrange não só os mais directamente interessados (três dezenas de realizadores ou candidatos a, mais as respectivas equipas), mas também... o próprio jornalista. Na verdade, se indagada sobre o assunto, a SEC nos disse que «quem deve saber é o IPC», o IPC, convidado a pronunciar-se, declarou... que... «não presta declarações».

Nada disto seria de estranhar não se desse o caso de apoios financeiros à produção (vulgo, subsídios) do primeiro concurso geral deste ano não estarem já com cerca de dois meses de atraso.

De facto, nesta altura já o júri do concurso deveria estar a reunir (quando não a deliberar) sobre os projectos seleccionados e, tanto quanto se sabe, nem o júri está ainda escolhido, quanto mais homologado.

Se este atraso incide sobre os projectos apresentados ao concurso geral, é mais do que previsível que outro atraso

semelhante irá incidir e por tabela no concurso extraordinário que deveria ser anunciado no final do corrente mês.

Tudo isto, como é natural, está a gerar uma certa inquietação no meio, nomeadamente entre os realizadores, que se defrontam com uma muralha de silêncio quando querem saber da sorte dos projectos apresentados na data prevista (até 31 de Janeiro). Mas não são apenas os realizadores a inquietarem-se. São actores, são técnicos, é toda a máquina de produção, enfim, que gira à volta do cinema português.

É que de 1984 para cá, o sistema tem funcionado com uma certa regularidade: os concursos realizam-se nas datas mais ou menos previstas, os subsídios vão sendo concedidos, as equipas organizam-se, a máquina funciona, tudo permitindo que Portugal produza, graças ao apoio financeiro do IPC, em média cerca de uma dezena de filmes por ano.

É também esta normalidade que tem permitido o êxito do cinema português. Um país que não possui nem actores nem técnicos de qualidade em número excessivo necessita de um mínimo de organização, de cumprimento de prazos, de uma cadência para que dos projectos se possa passar à acção.

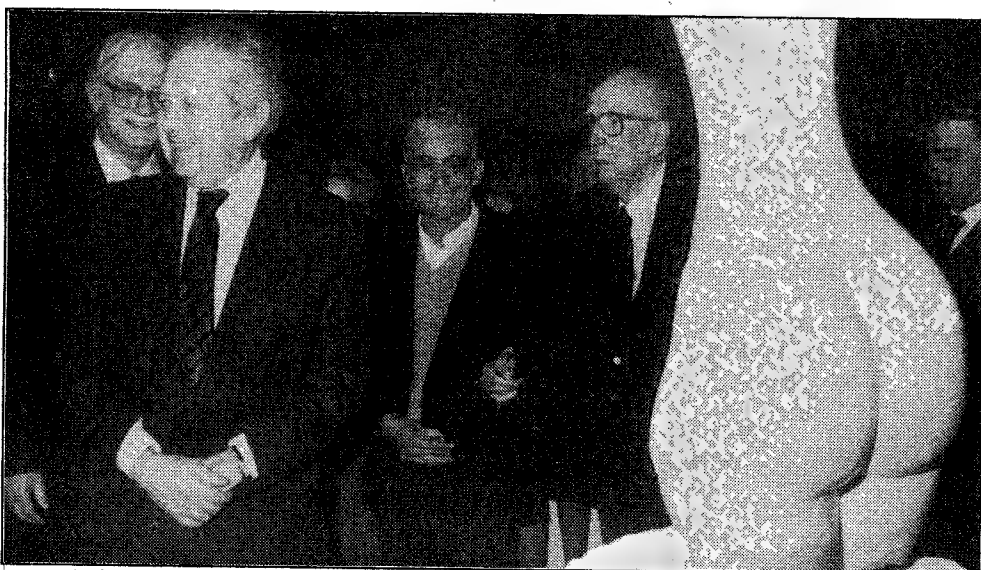
É precisamente isto o que neste momento não está a acontecer. Até fins de Janeiro foram apresentados ao IPC vinte e nove projectos, dos quais - já se sabe - só três serão escolhidos pelo júri. Cada um dos projectos seleccionados poderá receber,

para além do subsídio máximo de 33.900 contos, um empréstimo correspondente a metade. No total, são cerca de 50 mil contos para cada filme. Se os autores entenderem que é suficiente, com isso se avêm, caso contrário vão procurar fundos externos ao IPC. Também aqui todo este atraso, como se compreende, está a desorganizar o sistema e se os realizadores estão parados, os técnicos, esses a qualquer momento podem ser solicitados para integrarem equipas estrangeiras.

A propósito disto e extrapolando, alguém ligado ao cinema português dizia há dias: «Se se deita a perder este artesanato de qualidade que é único no Mundo, na melhor das hipóteses estamos destinados a fazer peças para a indústria estrangeira.»

A situação não é ainda assim tão grave. Mas para lá pode caminhar...

Rodrigues da Silva



Mário Soares assistiu ontem à inauguração da exposição antológica do escultor João Cutileiro, na Fundação Gulbenkian. São a maioria de um percurso escultórico que dignificou e dinamizou a escultura de pequeno formato e de parede, e projectou o mármore português internacionalmente. O Presidente da República, "grande amigo, grande admirador e um dos seus primeiros compradores", afirmou estar disposto, "na medida das suas posses", a adquirir algumas obras do agora considerado "um escultor internacional." Na foto, além de Mário Soares e Sommer Ribeiro, vê-se o artista ladeado por Azeredo Perdigão.

Os realizadores

São os seguintes os realizadores cujos projectos foram apresentados em Janeiro ao concurso geral do IPC: Dórdio Guimarães, Manuel Villaverde, Rui Filipe Torres, João Guerra, Nelson Pinto, João Pedro Rodrigues, Susana Dias, Luís Beja, Ricardo Costa, Eduardo Gada, Margarida Gil, Manuela Viegas, João Ponces de Carvalho, Luís Filipe Rocha, Rosa Coutinho Cabral, João Botelho, Edgar Pera, António Vitorino de Almeida, António José Martins, António Costa Valente, José d'Argent, Carlos Vasconcelos, António Faria, Vitor Silva, Artur Semedo, Manuel Ferreira Mendes, José Dias de Sousa, Manuel Carvalheiro e Rui Cunha.

Do total, a maioria propõe-se para uma primeira obra. Mas há nomes já com currículo feito e mesmo cineastas consagrados. Destaque entre estes: João Botelho, cujo filme em projecto tem por título «Aqui na Terra».

R. da S.

Martinho da Arcada acabou... como café

A Associação Pessoa dos Amigos do Martinho da Arcada manifestou-se ontem contra o facto de aquele estabelecimento «estar a funcionar apenas como restaurante», segundo notícia divulgada pela LuSa. Carmo Ferreira, presidente da APAMA, disse a propósito que, se o Martinho da Arcada foi classificado como imóvel de interesse público teve-se em conta a sua função de café. Contactados para esclarecer a situação, os novos gerentes, Manuel de Sousa e Castro e António de Sousa, apenas responderam: «Não pensem que o Martinho vai continuar a ter os mesmos frequentadores: bêbados e drogados.»

«No projecto do arquitecto Hestnes Ferreira, posto em prática na recente remodelação, estava bem definida a área de cafetaria, mas os gerentes não cumprem com o planeado», salientou o presidente da APAMA. Carmo Ferreira frisou que foi a Associação que pagou o concurso para as obras de remodelação e que os cerca de 30 mil contos angariados se destinavam a manter o Martinho da Arcada como café, tal como se apresentava na época da primeira geração de modernistas portugueses. A APAMA pretende alertar para a «fraude» todas as entidades que contribuíram para a renovação do Martinho da Arcada, como a Secretaria de Estado da Cultura, o Ministério das Obras Públicas e o Instituto Português do Património Cultural. «Essas entidades deram dinheiro para preservar um espaço de que todos os portugueses possam usufruir e como homenagem a Fernando Pessoa, habitual frequentador do café, não para que duas pessoas enriqueçam à custa deles», afirmou.

«Não podemos fazer nada contra a transformação do Martinho em restaurante de luxo, com preços exorbitantes, mas não podemos permitir que deixe de ser um café», frisou Carmo Ferreira. O Martinho da Arcada, fundado há 208 anos, foi local de convívio de nomes como, para além de Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, António Botto, Almada Negreiros, Raul Leal, Costa Brochado, Augusto Ferreira Gomes.

Após quatro meses de obras de remodelação, o Martinho foi reaberto a 22 de Fevereiro de 1990.

Eduardo Lourenço no Acarte

«Rosa, poeta solar»

«Um poeta solar, paradoxalmente obscuro» - assim se pronunciou Eduardo Lourenço sobre António Ramos Rosa, no decurso da mesa-redonda que ontem à tarde, na sequência da homenagem europeia ao poeta, se efectuou no Grande Auditório do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian.

Debruçando-se sobre a obra de Ramos Rosa, Eduardo Lourenço afirmaria que o autor do «Incêndio dos Aspectos» não é «um poeta fácil porque a sua poesia faz uma grande reflexão sobre a própria produção poética.»

Diria ainda aquele ensaísta que o conteúdo de Ramos Rosa «é abstracto, embora, em última análise, ele seja o poeta do real no seu sentido mais absoluto.» «O Ciclo do Cavalo» é a obra de António Ramos Rosa preferida por Eduardo Lourenço, pois nela o poeta conseguiu «traduzir de forma feliz toda a sua visão do mundo, ao mesmo tempo resumida e alegorizada.»

A presente homenagem, para assinalar 30 anos de actividade de Ramos Rosa, foi organizada pelo Centro de Arte Sotcup, com a colaboração do Centro Nacional de Cultura, Pen Club e Acarte/Fundação Gulbenkian.



Ali Farka Touré já não vem a Lisboa

Os concertos do guitarrista de blues do Mali Ali Farka Touré, que esta noite tinham início na sala polivalente do Centro de Arte Moderna, foram cancelados devido a doença súbita do músico.

Touré, que já esteve em Lisboa em 1988, irá tocar em quatro sessões, até domingo, sem qualquer acompanhamento e inserido no ciclo Vozes do Mundo, uma iniciativa do serviço Acarte.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Falar de cinema

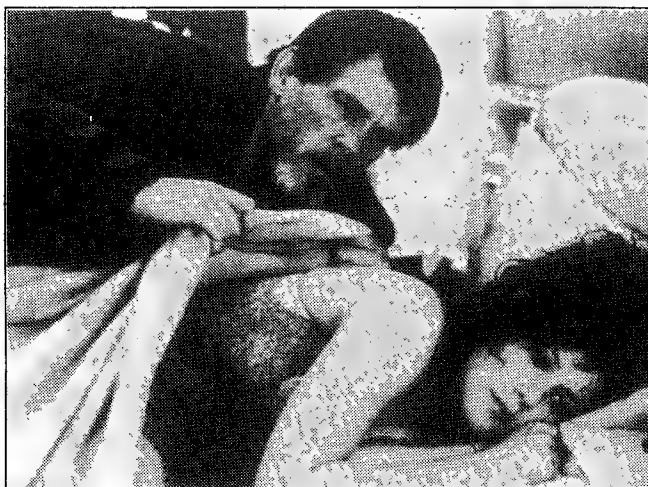
«Cavaleiro Branco» sozinho contra a cidade

CORRUPÇÃO NA CIDADE (Everybody Wins) - R: Karel Reisz (EUA, 1989); A: Arthur Miller; F (cor): Ian Baker; M: Mark Isham; Mont: John Bloom; P: Jeremy Thomas; I: Nick Nolte, Debra Winger, Will Patton, Judith Ivery, Kathleen Wilhoute, Frank Military, etc.; D: 100 m; Dist: Filmes Castello Lopes; Est: Condes e Plaza; Cl: ** (M/12 anos).

Karel Reisz anda longe da frescura dos seus tempos do «free cinema» ou da maturidade de estilo de *A Amante do Tenente Francês*; Arthur Miller, que há longos anos não trabalhava directamente para o cinema, está também muito distante do seu trabalho em *Os Inadaptados* e sente-se sobretudo muito (demasiado) marcado pelo seu encontro com Marilyn Monroe. Mas tanto um como outro se mostram ressabiados contra o «sistema» e a corrupção que ele permite a todos os níveis da sociedade norte-americana. Isso mesmo demonstram com *Everybody Wins*, um curioso filme-investigação, que se aproxima da estrutura do velho policial, mas que se afasta ligeiramente do tom espectacular que é usual encontrar nestes exemplos (veja-se *Verdicto Final* para uma comparação com muitos pontos de contacto) para ganhar uma pouca de denúncia talvez um pouco mais forte. Ou seja, nota-se ao longo de todo o filme como que um certo despreendimento, ou distanciamento, em relação à investigação «policial», para melhor sobressair o lado «social» do conflito. Esta desdramatização nem sempre é lograda, por vezes o que se consegue é o efeito contrário (o espectador «adormece» nessa neutralidade narrativa), mas de um modo geral este é um filme que se acompanha com curiosidade, muito embora aqui e ali o argumento se mostre demasiado arrevesado e construído para a «tese»

final: na sociedade norte-americana actual a corrupção atinge tais proporções que difícil será mexer no «sistema», quanto mais tentar regenerá-lo. Esse parece ser, pelo menos, o pensamento do protagonista, quando na sequência derradeira se afasta daquela festa onde «todos têm algo a ganhar», mas onde a verdade e a justiça tudo perdem.

Nick Nolte interpreta a figura de um advogado, célebre pelas causas ganhas, que um dia é procurado por uma mulher que lhe pede para se interessar por um jovem recém-condenado a pesada pena, acusado de ter assassinado um médico. Essa misteriosa mulher (fabulosamente criada por Debra Winger) tem algo a esconder no seu passado, ostenta um comportamento de ninfomaníaca recalcada, diz-se e desdiz-se com rapidez, parece muito mais do que quer dar a entender, mas vai-se revelando lentamente, assim como todos quantos tiveram algo a ver com a morte desse médico que não passava de um passador de droga, altamente colocado na hierarquia do tráfico da região. Quando o advogado descobre tudo, descobre também que é impossível tornar pública a verdade, pois há demasiados interesses envolvidos e todos têm algo a perder. Mesmo a juvenzinha que tudo indica querer repor a verdade e fazer justiça, retirando da cadeia um inocente, aceita cair nos braços de um juiz também rendido à engrenagem.



«Corrupção na cidade»: cinema clássico

Lamenta-se, porém, que o retrato oferecido por Debra Winger tenha tanto em comum com a versão Miller da vida de Marilyn e que Nick Nolte esteja tão próximo da visão idealizada de «Miller by Miller», estilo «sozinho contra a cidade», atraído pela mulher em que por amor tanto acreditou, saindo impoluto e enojado desta «viagem ao fundo da noite». Qual «cavaleiro branco» sem mácula, num universo de corruptos. O maniqueísmo é tão ostensivo que nos leva a duvidar...

Karel Reisz

Nasceu em 1926, na Checoslováquia. Naturalizou-se inglês desde os seus doze anos. Estudou química, lutou na II Guerra Mundial, foi professor, é autor de um importante manual sobre Técnica de Montagem e foi director programador do National Film Theatre. Com Lindsay Anderson, Tony Richardson e outros, deu

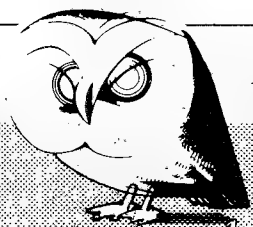
origem ao «free cinema». Casado com a actriz Betsy Blair, distribui o seu tempo entre os estúdios britânicos e os norte-americanos, dedicando-se também à publicidade.

Filmografia:

1955: *Mamma Don't Allow* (co-realizador com Tony Richardson); 1959: *We Are the Lambeth Boys*; 1960: *Saturday Night, Sunday Morning* (Sábado à Noite, Domingo de Manhã); 1964: *Night Must Fall* (Ao Cair da Noite); 1966: *Morgan, a Suitable Case for Treatment*; 1968: *Isadora* (Isadora); 1974: *On the High Road* (para TV); *The Gambler* (O Vício do Jogo); 1978: *Who'll Stop the Rain* ou *Dog Soldiers* (Guerrilheiros do Inferno); *Robert Vas, Film Maker* (para TV); 1981: *The French Lieutenant's Woman* (A Amante do Tenente Francês); 1986: *Sweet Dreams* (Depois da Meia-Noite); 1989: *Everybody Wins* (Corrupção na Cidade).



Lauro António



olhar de mocho

Televisão liberal

Pois é: a palavra liberal está, hoje, carregada de um lixo histórico que vem do século passado quando o liberalismo era sinónimo da política que permitia aos tubarões engolir os fracos carapaus e as débeis fanecas à sombra da lei. Mas os liberais e o liberalismo não são excepção. No sentido pejorativo, liberalismo selvagem rima com catolicismo inquisitorial, com socialismo estalinista ou com a portuguesíssima democracia orgânica do salazarismo. O ponto está em que o liberal, despido desse lixo histórico, dissidente de clássicos partidos liberais, será sempre um anti-autoritário e adversário dos conservadores. Ora o que se está a passar nos espectáculos televisivos sobre as televisões privadas é suficiente para fazer acordar os genuínos espíritos liberais. Duvida-se que as várias teses governamentais já feitas públicas, tenham por objectivo liberalizar o sistema televisivo. Pelo contrário: a suspeita adensa-se, que se está a discutir o milho a dar aos párdais para que os abutres acabem comendo tudo: milho e párdais. Primeiro, torna-se inadmissível que uma discussão se transforme, cada vez mais, num enrolar dos problemas para que as costas folguem enquanto os pauliteiros jogam ao pau. Em seguida, caçam-se pareceres de ilustres constitucionalistas, e continua-se a perder tempo. Ao que consta, em Estado de Direito é o Tribunal Constitucional o órgão adequado para dirimir opiniões legislativas. Finalmente, fica-se com a impressão de que o Governo só avançará quando terminar o jogo do gato e do rato na opinião pública.

A estratégia parece mesmo ser maquiavélica: ainda não temos canais privados porque os concorrentes ainda não se entenderam, os concorrentes não se entendem porque o Governo ainda não definiu as regras do jogo - estratégia do círculo vicioso.

A confirmar-se esta suspeita de estarmos perante uma nova estratégia da aranha, os liberais, os de espírito e não de partido, deveriam tocar clarins, reclamando uma política televisiva que não consista em manter as tradições salazaristas. Já seria um excelente passo em frente se se conseguisse apenas liberalizar o sistema. O liberalismo económico, herdeiro do século XIX, viria depois, e seria travado por partidos de inspiração socialista e democrática. Mas não nos obriguem, por favor, a termos de ser, nós, os liberais sem partido mas que não querem assistir ao naufrágio da liberdade televisiva, a regressar aos finais do século XVIII com a bandeira americana da *Virginia Bill of Rights*. Se é imperioso adjectivar o liberalismo, então, que haja condições para avançarmos para o liberalismo social do alemão F. Naumann que já foi deste século XX.



José Sousa Monteiro

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037

Processo 1/839

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, EP, Centro de Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

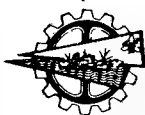
Modificação na linha a 30 kv, Chões-Alviela, numa extensão de 353 metros, entre os apoios n.ºs 11 e 14 da referida linha, na freguesia de Louriceira, concelho de Alcanena, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ALCANENA durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1990.

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços



SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE MÁQUINAS
DA MARINHA MERCANTE DE PORTUGAL

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

ORÇAMENTO E RELATÓRIO E

CONTAS

Nos termos dos Artigos 62.º e 63.º dos Estatutos do SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE MÁQUINAS DA MARINHA MERCANTE DE PORTUGAL, convoco a ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA para o próximo dia 23 de Março às 18 horas.

Com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

- 1.º Discussão e eventual aprovação do Orçamento e Relatório e Contas, referente ao exercício do ano de 1989.
- 2.º Informações

Lisboa, 5 de Março de 1990.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Fernando Piedade Gomes

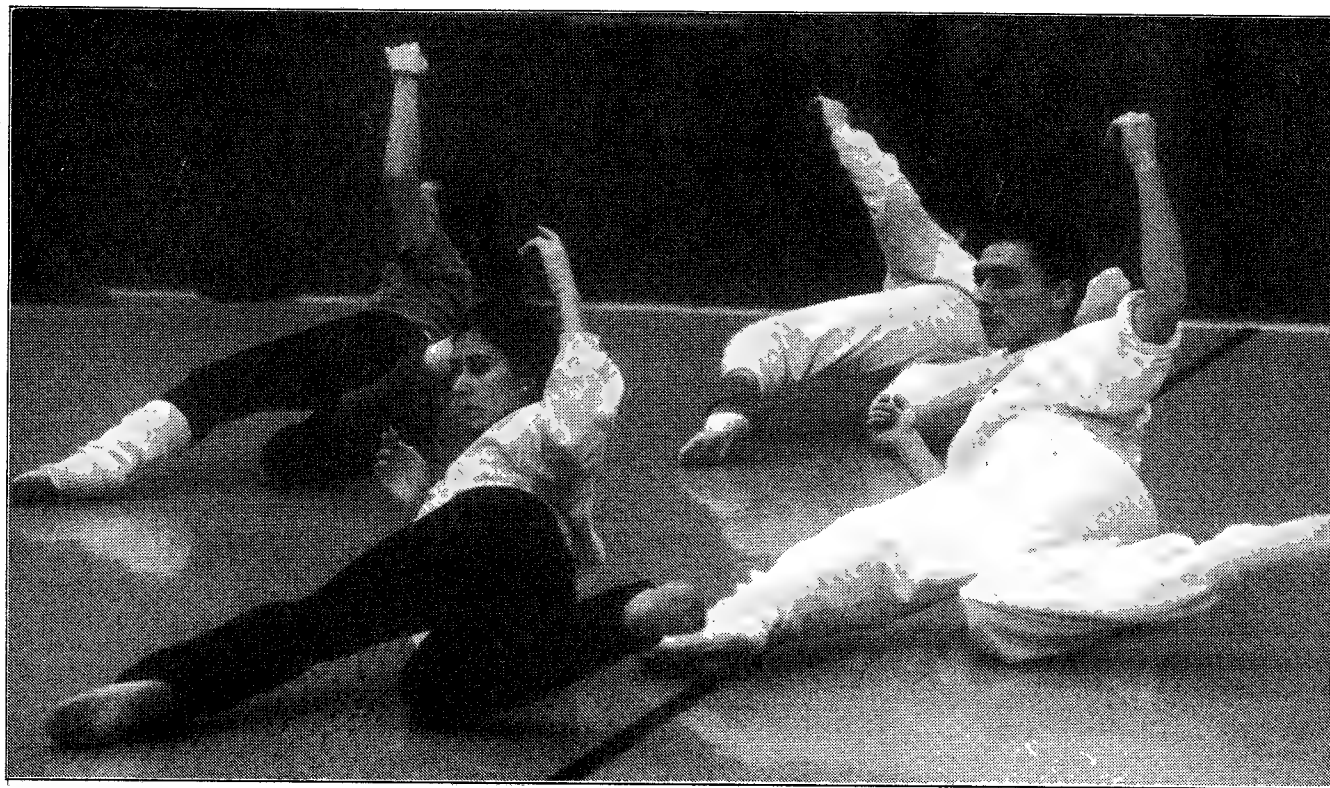
Terceiro programa da temporada de bailado na Gulbenkian em cena até amanhã

Um equilíbrio demasiado estável

Ambos os coreógrafos com obras em estreia no terceiro programa da presente temporada do Ballet Gulbenkian - que se prolongará até sábado no Grande Auditório da Fundação - são artistas jovens e saídos da década de oitenta. Muita da dança desse passado recente teve uma especial tendência para fixar-se em estruturas pristinas, utilizar ritmos secos e vivos e energias algo violentas. Raramente a fluidez ou tranquilidade foram apanágio dessa «estética» que por vezes se assumiu como uma postura de aspecto quase caseiro mas na qual a força física, a velocidade, a «endurance» e a perícia caminharam lado a lado com um nem sempre discreto interesse pela narrativa, conteúdo e emoção...

Embora a direcção do Ballet Gulbenkian certamente bem saiba que (lembre-se o nome de Oscar Wilde) «nada faz tanto sucesso como o excesso», o seu pulso continua firme e a sua opção parece chamar-se harmonia. Em «Exsultate, Jubilate» quase tudo é branco, muita coisa é sublime e exala pureza, para além de que poucas são as características «terpsicóricas» associadas à década em que foi criado. Mesmo quando os bailarinos - quase duas dezenas em número - se entrecruzam, se juntam e separam em «correrias sobre algodão doce», nunca há confronto e muito menos desordem. Durante todo o bailado há mãos que se tocam e corpos que se abraçam em êxtase, explodindo em ondas de positiva energia.

Há também pés que acariciam o palco para logo voarem sobre as nossas cabeças desprevenidas, e mulheres que, para Vasco Wellemkamp, não passam de anjos mas não invisíveis, objectos de um



Um ensaio do Ballet Gulbenkian

místico desejo que continuamente parecem gerir os destinos desta dança. Na comunhão feliz de movimento e música, o elemento feminino, ao contrário da escultura estática que o «danseur noble» orgulhosamente exibe e manipula nos «pas-de-deux» clássicos, transforma-se nas mãos do «coreógrafo residente» do Ballet Gulbenkian numa espécie de «mobile» em perpétuo andamento.

Quicá inspirado pela obra homónima de Lar Lubovitch (criada dez anos antes da portuguesa, e que o Teatro Nacional de São Carlos apresentou em Lisboa em 1981), que por sua vez deixa transparecer a luminosidade espiritual do seu famosíssimo «Messias», ou simplesmente na exaltação celestial das

palavras de Mozart cantadas com a imaculada «coloratura» de Dame Kiri Te Kanawa, este hino «às almas felizes» foi dançado por um elenco jovem e generoso com «as mãos cheias de grinaldas e lírios» e com a alegria de «um céu calmo e brilhante». Liderado por Paula Pinto e José Grave mostra-se todavia menos fluido e de peito menos aberto do que é hábito. Talvez isso se deva à ausência do coreógrafo que desde Janeiro último se encontra a criar uma obra para a Ópera de Genebra, deixando a alguns artistas a liberdade de utilização dos braços e de concretização dos movimentos, mas sobretudo o espírito de coesão que a peça ou espírito de coesão.

Outro coreógrafo da casa é

Olga Roriz, cujas criações suscitam geralmente muita expectativa - mesmo quando em cerca de mês e meio ela consegue produzir duas novas peças, coreografar uma ópera e ainda apresentar-se num espectáculo a solo em que foi simultaneamente criadora e intérprete - e que agora faz uma desafiadora incursão nos domínios do compositor grego Iannis Xenakis. Dançada sempre a meio do palco e contra um painel em quadrícula metálica espelhada onde se reflectem seis corpos desenhados a negro, esta obra apresenta uma estrutura precisa, tensa e extremamente cerebral. O movimento é escorreito, ritmado e mecânico, tal como a sonoridade da partitura «Idmen B» (1985) que se divide em três blocos e é interpretada por

Sylvio Gualda e o conjunto de percussão «Les Pleiades», numa gravação expressamente encomendada para o efeito.

Seis bailarinos rodopiam, contraem-se, saltam, agarram-se e repelem-se numa «viagem» sem grandes metáforas, como que atraídos pelo deslocamento lento desse conjunto celular - espécie de colmeia espacial onde formigas atarefadas que só páram para brevemente se aninharem no solo jamais têm entrada - numa sequência pontuada por cânones efectivos e cumpridores de uma espécie de ciclo cósmico. Fugindo deliberadamente a uma «danse d'émotion» e de cariz quantas vezes autobiográfico, tão ao gosto da coreógrafa, estes quinze minutos de estegias contidas e sem grandes rasgos de iconoclastia foram particularmente bem executados por Luís Damas, Elisa Ferreira, Gagik Ismailian, Birte Lundwall, Cláudia Nóvoa e Rui Pinto. Os figurinos, da autoria de Nuno Carinhas, que também assina o interessante cenário, não fogem ao banal exibindo apenas o encanto de deixar de fora os braços e as pernas bem musculadas de três dos intérpretes. Talvez agradando a gregos e troianos, «Idmen B» não encerra no entanto a mágica que algumas vezes faz dividir o público da Praça de Espanha. Mistérios da criação...

Ainda meia dúzia foi o número de bailarinos que serviram «Jardim Cerrado», a primeira de vulto do jovem artista espanhol Nacho Duato que Jorge Sálvila fez questão em apresen-

tar ao público lisboeta. O futuro director do Ballet Nacional de Espanha, que é actualmente coreógrafo residente do Nederlands Dans Theater, trouxe-nos um bailado de 1983 que casa bem com o repertório de Jiri Kilian possuído pelo Ballet Gulbenkian - o seu mentor artístico -, de Christopher Bruce e até de Vasco Wellemkamp. Fisicamente exigente, rigorosamente musical e bastante espacial, esta espécie de ritual rústico exige naturalmente bons executantes, suficientemente temperamentais e de movimentos fluidos e com muita expressão e «finesse».

Paula Fernandes, Agnelo Andrade, Paula Valle César Moniz, Paula Pinto e Rui Pinto começam «Jardi Tancat» com os seus rostos por terra e num imóvel silêncio, apenas cortado por uma sebe de paus elevando-se de um chão castanho com um círculo de menires guardado por um Deus que nem sempre é justo quando envia pedras em vez de flores... Como que beijando o solo que lhes dá o pão e a água, o sono e a força, o amor e a morte, camponeses de singelos trajes cor de terra erguem-se movidos pela voz lamentosa de Maria del Mar Bonnet em movimentos de amanhar, semear e colher, quantas vezes acompanhados por choro e súplica. Com uma limpidez coreográfica notável, sublinhada por pequenos movimentos íntimos e gestos interiorizados, o bailado apresenta-se com uma simplicidade muito particular ao ser cantado no idioma catalão, cuja fonética nos soa tão familiar, e por vezes até portuguesa. A última canção embala uma série de duetos em que se dançam os prazeres e as angústias do acasalamento com uma exaltação corporal quase comovedora. E como a fechar o círculo todos retornam à terra como que chamados a escutar o triste murmurar de um riacho que corre demasiado fundo, por baixo de um jardim cercado que os gera e os condena ao seu próprio destino. Uma noite de boa dança, ágil e bem carpintejada. Noite de andamento acelerado para para o estrénuo Rui Pinto que (substituindo de última hora um acidentado Francisco Rousseau) defendeu com garra lugares de responsabilidade em todas as obras da «soirée». Noite preenchida com um programa particularmente equilibrado dentro de um convencionalismo (sem deslizes ou rupturas) que redutou num equilíbrio (talvez demasiado) estável...



António Laginha



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037

Processo 1/1837

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal, EP, Centro de Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 KV, 1083 metros de comprimento, com origem no apoio n.º 3 da linha para o PT APC 31 e término no apoio n.º 137 da linha para o PTCAP n.º 1, na freguesia e concelho de Alpiarça. Na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ALPIARÇA durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1990.

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037

Processo 1/1818

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal, EP, Centro de Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea a 30 kv para o PT SMG 13, 104 m de comprimento, com origem no apoio n.º 10 da linha de MT para o PT SMG 72 e término no PT SMG 13, Lagoa das Caveiras, freguesia de Marinhais, concelho de Salvaterra de Magos. Na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE SALVATERRA DE MAGOS durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 31 de Janeiro de 1990.

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

DESPORTO

Rali de Portugal

Lancia domina segunda etapa

A Lancia já respira melhor os ares da Póvoa de Varzim e partiu esta manhã, para a terceira etapa, com todas as possibilidades de se impor na fase final do Rali. Massimo Biasion fez uma espectacular recuperação na segunda etapa e retomou a liderança, chegando ao fim com uma vantagem de 16 segundos sobre o espanhol Carlos Sainz. Mas, mais que isso, a equipa da Lancia não só tem seu campeão do Mundo no comando, como continuava com todos os seus carros em prova, enquanto os seus mais directos adversários - a Toyota e a Mitsubishi - estavam reduzidos a uma unidade cada, devido a desistências, primeiro de Shwarz e depois de Vatanen, que teve na etapa de ontem um despiste sem consequências, mas irreversível.

A recuperação da Lancia nos pisos de terra era uma possibilidade sempre em aberto e dentro das previsões, apesar da competitividade com que os carros japoneses iniciaram a prova. Biasion escolheu precisamente as classificativas de S.

Lourenço e Santa Luzia, às portas de Viana do Castelo, para lançar o seu ataque contra Carlos Sainz.

S. Lourenço era, aliás, não só a mais extensa (26,4 km), como também a mais exigente para as mecânicas, de todas as classificativas da segunda etapa.

Outro facto relevante do dia foi a desistência de Vatanen. O piloto da Mitsubishi, que começou por vencer o espectacular troço da Veiga, ganhando um segundo a Kankkunen e dois a Didier Auriol, parecia disposto a jogar forte nas duas últimas classificativas as que poderiam ser mais remuneradoras em termos de ganho de tempo. Embora espectaculares, e por isso as preferidas pelo público, registando assistências de dezenas de milhares de pessoas, as classificativas de Fafe nunca poderiam alterar muito as posições em que os concorrentes tinham saído da Póvoa de Varzim.

Mas, a pouca sorte, mais uma vez esteve contra o piloto finlandês. As suas esperanças ficaram todas na classificativa de S. Lourenço. Um despiste provocado por uma parte de piso excessivamente escorregadio, atirou-o para fora da estrada. Poderia ter continuado, visto que o carro praticamente nada sofrera, mas não conseguiu sair dali, nem pelos seus próprios meios nem com ajuda.

Mais feliz (dentro do azar) foi Manuel Rolo. No mesmo troço, o seu carro saiu da estrada e deu várias voltas antes de se imobilizar cerca de vinte metros mais abaixo. O público pegou no carro a pulso, colocou-o de novo na estrada, e o piloto, embora a lutar contra uma série de avarias, continuou em prova, conseguindo chegar à Póvoa de Varzim.

A troca de líderes nesta segunda etapa deu outro ânimo à Lancia mas não forneceu ainda a prova definitiva de que Sainz e a Toyota tenham esgotado as suas

possibilidades.

Se é verdade que Massimo Biasion atacou forte e conseguiu impor-se, não é menos verdade que o piloto espanhol teve uma etapa desastrosa no que respeita à escolha de pneus. E estes, como se sabe, jogam um papel fundamental nos resultados. São tantos os tipos e as misturas de borracha, a sofisticação é tal neste domínio, que eles podem, em grande parte dos casos, contribuir totalmente para as vitórias ou para as derrotas.

Sainz fez sempre, nesta etapa, escolhas erradas de pneus, falha por ele próprio admitida, e que atribui à inconstância de condições climáticas.

Em S. Lourenço utilizou pneus mais estreitos e de borracha mais dura, claramente inadequados para as circunstâncias. Na classificativa seguinte (Santa Luzia), voltou a errar, utilizando o tipo de pneu que deveria ter usado na prova anterior.

A verdade é que o piloto da Toyota não conseguiu vencer nenhuma das classificativas da segunda etapa e Biasion resolveu o problema da liderança ganhando-lhe um segundo em Montim-1, cinco segundos na Lameirinha, 39 em S. Lourenço e cinco em Santa Luzia.

O tempo perdido em S. Lourenço em relação a Massimo Biasion é claramente excessivo. Face a todos estes factores, ficou ainda por esclarecer se Carlos Sainz teria de facto perdido o comando sem aqueles erros. É uma questão que, com quase toda a certeza, ficará arrumada ao longo da etapa de hoje.

O único piloto da Toyota em prova ainda não baixou os braços e quer dar uma alegria aos muito compatriotas que o seguem pelas estradas. São centenas de carros de matrícula espanhola, alguns equipados com sofisticados equipamentos de rádio para ouvirem todo o tipo de comunicações da prova.



Biasion fez uma espectacular recuperação e retomou a liderança

Sainz quer arrastá-los até ao Estoril e seria importantíssimo para a sua carreira vencer este Rali de Portugal.

A sua posição não é todavia fácil. À partida da Póvoa de Varzim, para a terceira etapa, estava a 16 segundos de Biasion. É uma diferença recuperável, mas não podia esquecer que atrás de si, apenas a um escasso segundo, estava o Mitsubishi de Kenneth Eriksson. Relativamente a Kankkunen, estava bastante mais à vontade, com uma vantagem de dois minutos e sete segundos. O segundo piloto da Lancia não tem ficado no entanto de braços cruzados. Ao longo da segunda etapa recuperou sete segundos em relação ao líder.

O terceiro piloto da Lancia, Auriol, venceu ex-aequo com Kankkunen a classificativa de Montim-1, Lameirinha-1 e Lulhe. E de todos os pilotos em prova é o que revela melhor disposição.

Carlos Bica, na oitava posição, mas a 13 minutos e 50 segundos do primeiro, continuava no final da segunda etapa a ser o melhor português, seguido de Joaquim Santos que, apesar da excelente prova que tem vindo a fazer, não tem qualquer possibilidade de se bater contra as quatro rodas motrizes do carro de Bica.

A etapa de hoje, que principiou às 7.15 da manhã e termina às 17.45 em Viseu, é também constituída por pisos de terra com excepção de uma das classificativas. As dificuldades são cada vez maiores, até porque as mecânicas vão ressentindo-

se, apesar do trabalho incansável das assistências que tentam pôr os carros como novos no final de cada etapa. Os Lancia mudaram transmissões na Póvoa de Varzim e vários outros elementos mecânicos susceptíveis de não resistirem ao esforço que lhes vai ser exigido. No carro de Kankkunen tinha sido já mudada a caixa de velocidades depois de S. Lourenço. O Mitsubishi de Eriksson também recebeu

uma mudança completa de elementos mecânicos. Os pisos são por vezes demolidores e há que jogar pelo seguro.

Em piores condições estão os amadores. Para esses há muito pouco ou nada. São pequenas assistências que tentam fazer milagres, por vezes uma simples carrinha com alguns amigos. Mas competir é um fascínio mesmo nestas condições.

Augusto Vilela

Auriol com «pé na tábua»

As provas de classificação disputadas esta manhã e relativas à 3ª etapa do Rali de Portugal (Póvoa de Varzim-Viseu), foram domina-



das pelo confronto entre os quatro fortes candidatos à coroa de louros com Didier Auriol sem tirar o «pé da tábua», Massimo Biasion a conduzir com máxima serenidade, Juan Kankkunen em constante vigilância e o espanhol Carlos Sainz a sofrer um despiste na 24ª classificativa (Cabeceiras de Basto) perdendo 51 segundos a favor da concorrência. Sainz embateu com o seu Toyota Celica e danificou o lado direito o que lhe custou ficar a um minuto e quatro segundos de Biasion à partida para a 25ª classificativa (Carvalho de Rei).

Auriol foi a grande vedeta na primeira fase da etapa, cedendo apenas em Montim a favor de Sainz.

À saída para Armamar (27ª PREC) Biasion lidera a classificação geral com o tempo de 3.34.38, seguindo-se Carlos Sainz a 1.19, Auriol é 3º a 2.24 e Kankkunen situa-se no 4º posto a 3.10.

Quanto aos portugueses, Carlos Bica é o melhor posicionado ocupando o 7º lugar.

Classificação no final da 2.ª etapa

Classificação			Nr	Gp	Cl	Condutores	Carro	Etapa 1	Etapa 2	Total h. m. s.	Diferenças	
Ger	Gp	Cl									Geral	Grupo
1	1	1	2	TU	8	M. Biasion/T. Siviero	Lancia Delta Int.	1 54.33	58.58	2 53.31	0.16	0.16
2	2	2	1	TU	8	C. Sainz/L. Moya	Toyota Celica T.	1 53.54	59.53	2 53.47	0.17	0.17
3	3	3	7	TU	8	K. Eriksson/S. Parnander	Mitsubishi G VR4	1 54.39	59.09	2 53.48	0.17	0.17
4	4	4	6	TU	8	J. Kankkunen/J. Piironen	Lancia Delta Int.	1 56.06	59.49	2 55.55	2.24	2.24
5	5	5	4	TU	8	D. Auriol/B. Occelli	Lancia Delta Int.	1 55.24	1 00.38	2 56.02	2.31	2.31
6	6	6	8	TU	8	M. Nikkola/A. Hertz	Mazda 323 4WD	1 59.09	1 01.40	3 00.49	7.18	7.18
7	7	7	9	TU	8	D. Cerrato/G. Cerri	Lancia Delta Int.	2 01.41	1 02.19	3 04.00	10.29	10.29
8	8	8	19	TU	8	Carlos Bica/F. Prata	Lancia Delta Int.	2 04.18	1 03.03	3 07.21	13.50	13.50
9	9	9	16	TU	8	M. Duez/Alain Lopes	Ford Sierra Cosw.	2 03.01	1 05.25	3 08.26	14.55	14.55
10	1	1	14	TU	8	G. Trelles/D. Musio	Lancia Delta Int.	2 06.09	1 05.17	3 11.26	17.55	17.55
11	2	2	12	PR	4	J. Recalde/M. Christie	Lancia Delta Int.	2 07.00	1 04.06	3 12.06	18.35	0.40
12	10	10	17	TU	8	J. Santos/M. Oliveira	Ford Sierra Cosw.	2 05.08	1 04.31	3 12.39	19.08	19.08
13	11	11	31	TU	8	E. Harrach/J. Pattermann	Lancia Delta Int.	2 08.08	1 05.35	3 13.43	20.12	20.12
14	12	12	22	TU	8	G. Fischer/T. Zeltner	Audi 200 Quattro	2 09.26	1 06.15	3 15.41	22.10	22.10
15	3	3	11	PR	4	A. Oreille/M. Roissard	Renault 5 GT T.	2 07.32	1 09.09	3 16.41	23.10	5.15
16	4	4	32	PR	4	M. Gerber/P. Thui	Mitsubishi G VR4	2 10.45	1 06.50	3 17.35	24.04	6.09

COMPRE A PREÇOS DE 1989

PNEUS DE OCASIÃO 1750\$00

O MELHOR CLIENTE

VAMOS SORTEAR EM SETEMBRO UMA VIAGEM AO MÉXICO COM ESTADIA PAGA

PNEUS NOVOS NACIONAIS		RECONSTRUÍDOS INTERNACIONAL	
145x10	3 900\$00	145x10	3 000\$00
155x12	4 600\$00	155x12	3 500\$00
175x70x12	5 800\$00	175x70x12	4 000\$00
135x13	3 900\$00	135x13	2 800\$00
145x13	4 500\$00	145x13	3 000\$00
155x13	5 000\$00	155x13	3 400\$00
165x13	5 500\$00	165x13	3 600\$00
145x70x13	5 000\$00	145x70x13	3 500\$00
155x70x13	5 600\$00	155x70x13	4 000\$00
165x70x13	5 900\$00	165x70x13	4 100\$00
175x70x13	6 400\$00	175x70x13	4 200\$00
185x70x13	6 700\$00	185x70x13	4 500\$00
145x14	5 000\$00	145x14	3 600\$00
165x14	6 000\$00	165x14	4 000\$00
175x14	6 500\$00	175x14	4 400\$00
185x14	7 300\$00	185x14	5 000\$00
185x14c	8 500\$00	185x14c	5 000\$00
195x14c	8 500\$00	195x14c	6 800\$00
195x70x14	11 000\$00	195x70x14	6 600\$00
205x70x14	12 000\$00	205x70x14	7 000\$00
650x16 10PR	10 298\$00	650x16 10PR	10 298\$00
700x16 10PR	11 594\$00	700x16 10PR	11 594\$00
750x16 10PR	13 313\$00	750x16 10PR	13 313\$00

MONTAGEM GRÁTIS

SOMOS PNEU REMODELADO Tel. 947 28 72

Rua Cidade S. Salvador, ALSF, Bairro de Angola — CAMARATE

FILIAL 1 — BARRO — LOURES — Tel. 983 60 87

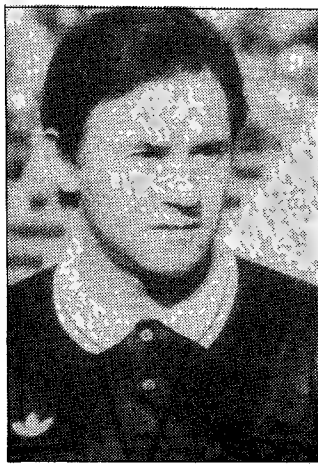
Fica à saída de Loures na Estrada para MALVEIRA

FILIAL 2 — TRAJOUCE — S. DOMINGOS DE RANA — Tel. 244 22 21

A nossa equipa de reportagem viaja com lubrificantes

Mobil®

DESPORTO



Juiz da grande causa

Trigo ou Valente
um deles «envergará a toga»

Carlos Valente ou Veiga Trigo? Qual deles será o eleito pelo Conselho de Arbitragem da FPF para «coordenar» o grande confronto da Luz? O nome do bejense tem vindo a ser dado como preferido por Lourenço Pinto mas a nossa opção vai em sentido contrário, votando no setubalense. Porque se nos afigura ser, no momento presente, o mais credenciado, porque está atravessando um momento alto da sua carreira e o facto de estar nomeado pela FIFA para o Mundial-90 o coloca à margem de qualquer suspeição.

Seja Veiga Trigo, seja Carlos Valente, cremos que não será por eles que o espectáculo venha a provocar pateada da plateia.

EM AGENDA

AUTOMOBILISMO: Realização da 4.ª e última etapa da Volta a Portugal, com partida de Viseu pelas 4 horas, estando a chegada prevista para as 20 horas no Estoril.

BASQUETEBOL: Prossegue o campeonato nacional com os seguintes confrontos: Barreirense - Benfica (17 horas em Almeirim); Guifões - Estrelas da Avenida (17); Esgueira - Ovarense (17 e 30); Imortal - Ginásio Figueirense (16); e Sporting - Porto (18).

CICLISMO: Grande Prémio de Cantanhede para profissionais que prosseguirá no domingo.

FUTEBOL: 1.ª Divisão: Feirense - Beira Mar (15 e 30); Marítimo - Penafiel; e Sporting - Portimonense (16 horas). 2.ª Divisão: Marialvas - União de Lamas (16h); Peniche - Oliveirense (16), Sintrense - Lusitano de Évora (15 e 30); e Alverca - Farense (na Tapadinha, às 16h). 3.ª Divisão: Moreirense - Vieira (16); União de Santarém - Marrazes (15); e União de Santiago - Vasco da Gama (16).

HÓQUEI EM CAMPO: Campeonato Nacional da 1.ª Divisão: Canelas - Viso; Lousada - Ramaldense; e Belenenses - Futebol Benfica.

HÓQUEI EM PATINS: 17.ª ronda do «Nacional»: Quimigal - Benfica (17 e 30); Sporting de Tomar (21); Valongo - Sanjoanense (21); Porto - Paço de Arcos (17 e 30); Parede - Óquei de Barcelos (21); Turquel - Académica (21); e Grundig - Oliveirense (21).

RÂGUEBI: Campeonato da 1.ª Divisão com os confrontos: Belenenses - Cascais (14 horas); CDUL - Benfica (14); Direito - Académica (15 e 30); Lousã - Técnico (15); e CDUP - Agronomia (15).

VOLEIBOL: Para o «Nacional» jogam: Benfica - Leixões (18); Sporting - Grundig (20); e Académico de Espinho - Sporting de Espinho (18).

Nacional: triunfo nos gabinetes

Macaé «derrotou» o Belenenses

O Belenenses foi punido com uma derrota por 3-0, pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, por ter utilizado irregularmente o brasileiro Macaé no jogo com o Nacional, no Funchal.

O órgão disciplinar federativo aplicou ainda um mês de suspensão ao médio da equipa do Restelo, que havia empatado 1-1 no jogo com os madeirenses, referente à 12.ª jornada do «Nacional» da Primeira Divisão.

Com esta decisão, o Nacional averbrou o seu primeiro triunfo no campeonato em curso situando-se no 16.º posto com 14 pontos, enquanto que o Belenenses passou a ocupar a 7.ª posição somando 23 pontos (menos um do que o Chaves e menos quatro do que o Vitória de Setúbal).

Portimonense:
campo interdito

Na mesma reunião o Conselho de Disciplina da F.P.F., mandou interditar (preventivamente) o Estádio do Portimonense, com base no relatório da PSP sobre os incidentes ocorridos após o encontro com o Porto, em que foram agredidos os dirigentes do F.C. do Porto, Pinto da Costa e Reinaldo Teles.

Outros castigos

O treinador do Vitória de Setúbal, Manuel Fernandes, foi suspenso por 10 dias e multado em cinco mil escudos pelo Conselho de Disciplina da F.P.F., na sequência do encontro da Taça de Portugal em Futebol frente ao Boavista.

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol decidiu ainda punir, no seguimento do encontro

dos oitavos-de-final da «Taça», o defesa sadino Dito com dois jogos de suspensão.

Aquele órgão disciplinar da F.P.F. decidiu ainda suspender por 10 dias, e multar em cinco mil escudos o médico do Tirsense, José Dias, enquanto Tueba foi suspenso por dois jogos, em virtude das sanções de que ambos foram alvo no encontro frente ao Vitória de Setúbal, a contar para a 22.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol.

Foram ainda punidos com dois jogos de suspensão os jogadores Edmundo (Belenenses), Valido (Feirense), Carvalho (Beira Mar), Paulo Jorge e Sylvanos (Nacional), Nunes (Marítimo) e Jorginho (Chaves).

Com um encontro de suspensão foi castigado o futebolista do Sporting de Braga, Quim.

Manuel Oliveira
rende Quinito

O técnico Manuel de Oliveira chegou a acordo com a direcção do Portimonense para assumir o comando técnico da equipa, da Primeira Divisão do «Nacional» de Futebol, substituindo Joaquim Lucas Duro de Jesus (Quinito), que rescindiu quarta-feira, por mútuo acordo, o contrato que o ligava ao Portimonense, actualmente no 17.º e penúltimo lugar da classificação geral.

O novo técnico orientará já a equipa no treino de hoje e dirigirá o Portimonense no encontro com o Sporting, sábado, em Alvalade, em partida da 23.ª jornada do campeonato nacional.

Manuel de Oliveira é o terceiro treinador do clube de Portimão na época de 1989-1990, depois de José Torres e Quinito.

Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa

Amanhã: o acender da pira

Os Jogos Desportivos da Cidade organizados pelo Pelouro de Desporto da CML com a colaboração das juntas de freguesia do concelho (das 53 apenas duas não inscreveram qualquer representação) prosseguem o ciclo iniciado há quatro anos por iniciativa do então vereador Vítor Gonçalves. A fase final terá o seu início amanhã com a realização de vários encontros de futebol de salão e basquetebol nos recintos da Escola Marquês de Pombal e de andebol e xadrez no Pavilhão Carlos Lopes.

Para além das modalidades citadas, integram esta importante manifestação desportiva de raiz popular, o atletismo, voleibol, ténis de mesa, natação e mini-trampolim e quanto ao número de jovens (com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos) o Departamento de Desporto da autarquia — que continua a ser liderado pelo professor Mário Silva, antigo campeão ibérico do lançamento de dardo e praticante de râguebi — informou o «DL», de que as previsões apontam para a participação de cerca de 10 mil.

Os Jogos Desportivos da Cidade realizam-se, este ano, pela quarta vez consecutiva, tendo, nas anteriores edições, movimentado mais de 20 mil «gaiatos» de todos os bairros da cidade.



Rego Mendes presidiu ao sorteio da fase final dos IV Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa

Tendo como objectivo fundamental sensibilizar a juventude para a prática desportiva desviando-a de eventuais vícios nocivos quer no aspecto físico quer social, esta louável iniciativa da CML encontrou plena receptividade das juntas de freguesia, das colectividades desportivas e demais estruturas colectivas e, muito particularmente, dos pais e encarregados de educação.

Uma iniciativa a merecer aplauso e que surge na sequência de outras que tiveram como primeiro exemplo os Jogos Juvenis do Barreiro, reali-

zados naquela cidade, no começo da década de sessenta, por iniciativa de Augusto Vallegas. Recorde-se que, para além dos Jogos lisboetas, o Departamento de Desporto da CML, institucionalizou muitas outras realizações de âmbito desportivo, com relevância para os Jogos Especiais para Deficientes, Animação Praia e Campo, «Desporto Faça Você Mesmo» e ainda intensa actividade no centro de musculação localizado no Pavilhão Carlos Lopes e de natação nas piscinas dos Olivais e Areeiro.

Relativamente às disciplinas

desportivas que integram a presente edição, surgem pela primeira vez o mini-trampolim e râguebi para jovens e o futebol de salão, atletismo e ténis de mesa para veteranos e, segundo nos informou o vereador Rego Mendes, é sua intenção, proceder à abertura do leque de modalidades no próximo ano, como forma de aumentar o número de praticantes.

A Festa Desportiva, vai começar com milhares de garotos da capital a jogar, a correr, a nadar e a brincar.

A.H.

TORRES da BELA VISTA

(Planalto S. António dos Cavaleiros) Lisboa Informações: 988 0646/0489

TORRES do SADO

Setúbal Informações: 065 721144

Compre o seu apartamento de 2, 3 ou 4 assoalhadas
Preços baixos e entradas facilitadas. Empréstimo tratado por nós junto C.G.D.



AGENDA

I Série N.º 57
Dia 9 de Março

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Presidência da República

Decreto do Presidente da República n.º 13/90:
Ratifica a Convenção Relativa a Um Código de Conduta das Conferências Marítimas.

Assembleia da República

Resolução da Assembleia da República n.º 6/90:
Aprova, para adesão, a Convenção Relativa a Um Código de Conduta das Conferências Marítimas.

Região Autónoma dos Açores

Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 9/90/A:
Aprova a Orgânica da Secretaria Regional da Economia (SRE).

PESSOAS & FACTOS

Um Porto notável

O Vinho do Porto Barros 20 Anos foi considerado um Tawny notável pela revista americana «The Wine Spectator», conceituada publicação da especialidade a nível mundial. Aquele Vinho do Porto obteve 96 pontos, em 100 possíveis, cotando-se como o melhor entre 23 Tawnies 20 Anos provados.

As classificações dos Vinhos do Porto, avaliados pela especialista James Suckling, foram atribuídas de acordo com a seguinte escala de pontuação: 90-100, notável; 80-89, muito bom; 70-79, bom; 60-69, suficiente; 50-59, fraco.

Os Tawnies são vinhos de alta categoria a partir de 10 anos de envelhecimento em casco, atingindo o seu auge entre os 20 e os 30 anos.



Novos chocolates Guylian

A Imperial lançou agora no mercado nacional «Frutos do Mar» e «Pralinés de Páscoa», chocolates belgas da famosa marca Guylian.

A Guylian foi a primeira empresa a produzir «Frutos do Mar» em linha industrial altamente especializada, tendo hoje, na sua fábrica de Sint-Niklas, uma capacidade de produção de 40 toneladas/dia, 85 por cento das quais exportadas para 35 países.

«Os Frutos do Mar» são pralinés cobertos de chocolate branco e negro, apresentados em vinte e duas formas marinhas diferentes, de superfície brilhante, como o nacarado das conchas.

As figuras, esculpidas em chocolate, são autenticadas com a letra G - «contraste» exclusivo do fabricante.

Os «Frutos do Mar» apresentam-se no nosso mercado em três formatos: duas e 6 unidades e 250 g.

Os novos «Pralinés de Páscoa», representando figuras alusivas à quadra, são a grande novidade deste ano e, a pensar nas crianças, cada embalagem contém um livro de histórias - «As Aventuras do Pequeno Guy».

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco do quadrante Norte. Nevoeiros matinais. Pequena descida da temperatura mínima e subida da máxima.

Estado do mar: Costa Ocidental: - mar encrespado. Ondulação Noroeste 1 a 2 metros. Costa Sul: - mar encrespado. Ondulação Sueste 1 metro.

AÇORES

Céu muito nublado. Vento forte a muito forte de Sudoeste. Períodos de chuva. Estado do mar: Mar alteroso ou tempestuoso. Ondulação Oeste 6 a 8 metros.

MADEIRA

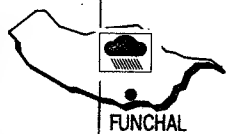
Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Nordeste. Estado do mar: Costa Norte: - Mar encrespado. Ondulação Leste de 1 metro.

Amanhã

Nas regiões do Norte e Centro: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco a moderado de Leste. Subida da temperatura máxima e possibilidade de aguaceiros nas regiões do Sul; Céu muito nublado. Vento moderado de Leste. Aguaceiros.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA



- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

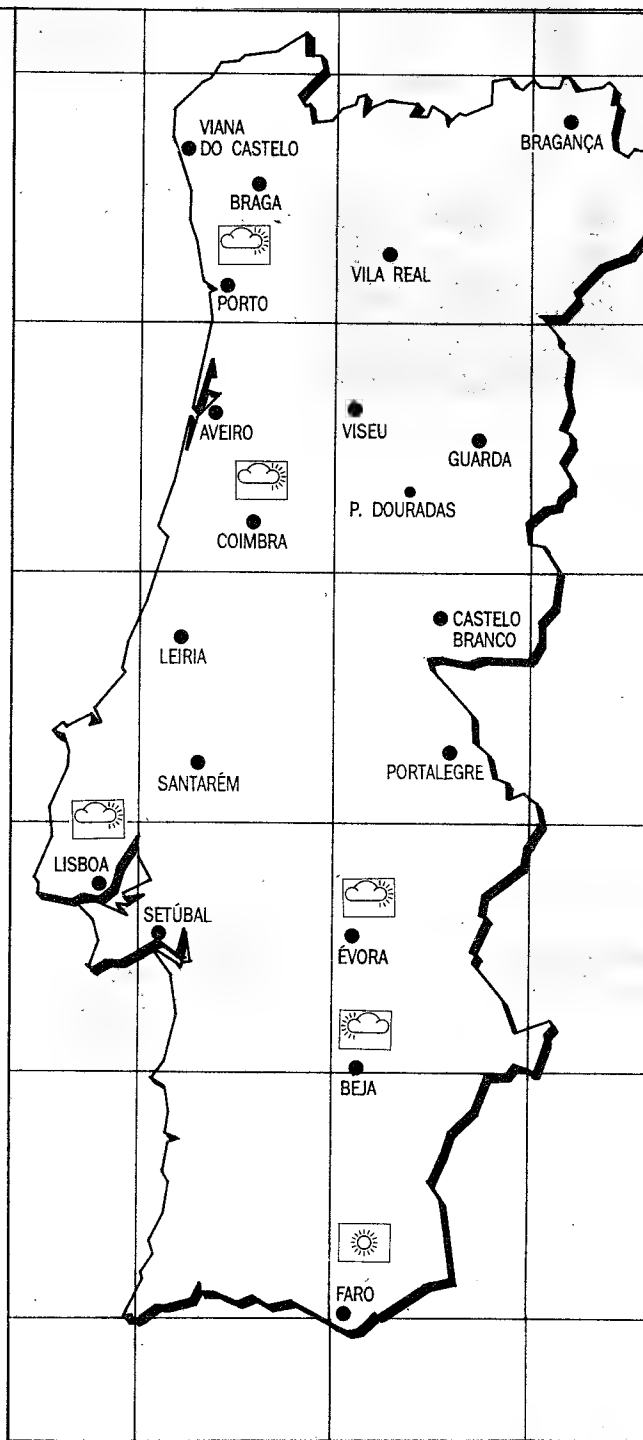
MARES

Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
01.46 3,7m	07.46 0,8m
14.11 3,5m	19.50 0,9m

Amanhã

02.26 3,8m	08.19 0,7m
14.48 3,6m	20.23 0,7m



PORTUGAL

Min. T. 6 h Às 18 h.

Bragança.....	3	3	P. nub.
V. Castelo.....	5	6	Nevoeiro
Vila Real.....	4	5	Limpo
Porto.....	5	6	Nevoeiro
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	8	8	Nevoeiro
C. Carvoeiro.....	12	12	Limpo
C. Branco.....	-	-	-
Portalegre.....	10	10	Limpo
Lisboa.....	11	11	Limpo
Évora.....	7	7	Nevoeiro
Beja.....	8	8	Limpo
Sines.....	-	-	-
Faro.....	11	12	Limpo
Sagres.....	11	11	P. nub.
P. Delgada.....	14	14	M. nub.
Horta.....	14	15	M. nub.
Funchal.....	15	16	Aguaceiros

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 21; Porto, 18; Faro, 21; P. Delgada, 18; Funchal, 20.

EUROPA

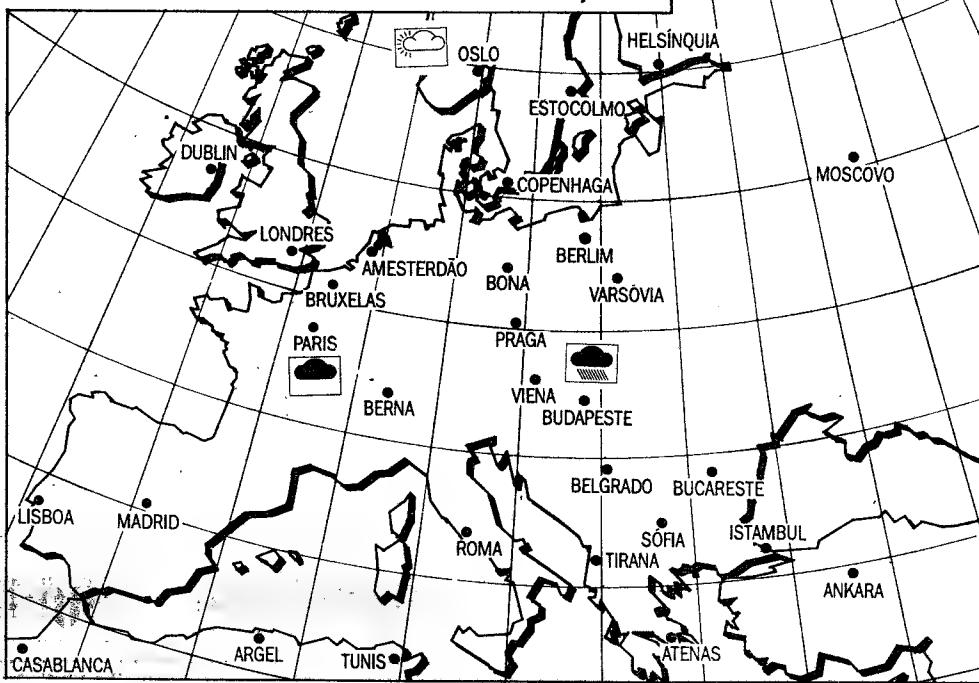
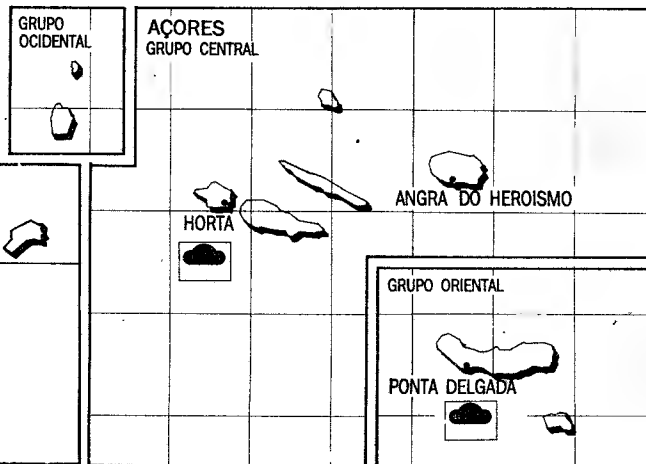
Min. T. 6 h Às 18 h

Madrid.....	4	4	Nebliana
Londres.....	8	8	M. nub.
Paris.....	7	8	M. nub.
Bruxelas.....	7	8	Encoberto
Amsterdão.....	8	9	Nebliana
Genebra.....	8	8	Chuva
Roma.....	9	10	Nebliana
Oslo.....	0	1	Ch. e neve
Copenhaga.....	5	5	Nebliana
Estocolmo.....	1	1	Ch. e neve
Berlim.....	4	7	Bruna
Viena.....	4	4	M. nub.
Varsóvia.....	4	4	Nebliana
Atenas.....	8	9	Limpo
Moscovo.....	-1	1	M. nub.

MUNDO

Min. Máx. Às 13 h

Chicago.....	5	16	Aguaceiros
Houston.....	17	25	Aguaceiros
Los Angeles.....	10	18	Limpo
Montreal.....	-8	3	Limpo
Nova Iorque.....	25	12	Chuva
S. Francisco.....	8	15	Aguaceiros
Toronto.....	-3	5	Chuva
Vancouver.....	2	7	Chuva
Washington.....	4	13	Aguaceiros
Hong Kong.....	12	23	V. fraco
Melbourne.....	13	23	Aguaceiros
Pequim.....	1	13	Limpo
Perth.....	18	30	Limpo
Singapura.....	25	33	Trovoada
Sydney.....	17	23	Limpo
Tóquio.....	4	16	Limpo
Wellington.....	9	19	Chuvisco



AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
SERVIÇO
PERMANENTE

Alfama - Escolas Gerais: Anunciada, Rua do Vigário, 72-74, Tel. 866360; **Alto São João:** Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A, Tel. 8143439; **Alvalade:** Alentejo, Av. da Igreja, 28-B, Tel. 892682; **Av. República:** Cardote, Av. Visconde Valmor, 28 A-B-C, Tel. 772291; **Baixa - Coliseu:** Centro Farmacêutico, Rua Portas Santo Antão, 88, Tel. 311211; **Beneficência - Sete Rios:** Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 7261035; **Cemitério Ingleses:** Urbano Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-5, Tel. 662838; **Chile - Anjos:** Pereira Pinto, Av. Almirante Reis, 121-B, Tel. 545751; **Galinheiras - Charneca - Lumiar:** São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1, Tel. 7590969; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Santo Amaro - Calvário:** Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B, Tel. 3637020; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; **Odivelas:** Joleni, Rua Dr. Alexandre Braga, 3-B, Tel. 9310812; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO

Ajuda: Moura, Travessa da Memória, 55, Tel. 3630944; **Alameda D. Afonso Henriques:** Esperança, Rua Carlos Mardel, 101-B, Tel. 882968; **Alcântara:** Vieira Rosa, Rua Prior Crato, 72, Tel. 660187; **Benfica - Estação - Uruguai:** Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-B, Tel. 704828; **Cais Sodré:** Ultramarina, Rua São Paulo, 99-101, Tel. 321771; **Campo Grande:** Nova Iorque, Av. Estados Unidos América, 140-B, Tel. 732069; **Campolide:** Oliveira, Rua de Campolide, 54-A, Tel. 684424; **Cortes - Rato:** Castro Suc., Rua São Bento, 199-A, Tel. 660513; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Graça:** Monte, Rua Senhora do Monte, 30 A-B, Tel. 867842; **Marvila:** Freitas, Rua Vale Formoso de Baixo, 23-A, Tel. 381136; **São Sebastião:** Novais, Av. Luís Bivar, 11-13, Tel. 544324; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. Dr. Ant.º Granjo, 2-B, Tel. 2101161. Permanente; **Linda-a-Velha:**

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Carmele, R. Elias



**MÉDICO
DE
URGÊNCIA**

766 171
766 178
766 179

Garcia, Lote 28, Tel. 4933303. Permanente; **Dias & Brito,** Av. Marquês Pombal, 45-A, Tel. 4940118. Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Até às 22 h; **Queluz:** Azeredo, Av. Quinta Mirante, Lote 47-I, Tel. 4350879. Permanente; **Albergaria,** L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Rico, L. Adriano S. Gil - Agualva, Tel. 4312833. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. Permanente; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Marrazes, L. Afonso Albuquerque, 3-A - Pendoa, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA
BANDA

Almada: Algarve, R. Fernão Lopes, 1, Tel. 2750271. Permanente; **Cova da Piedade:** Louro, R. Alex. Herculano, 6-B, Tel. 2763517. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiênica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Feijó:** Tovar Chaves, R. Dr. Ant.º Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471.

HÁ 20 ANOS

O maior conjunto
cerâmico português

Está em acabamentos o grandioso edifício da ala oriental do novo Palácio de Justiça de Lisboa, massa enorme de construção que domina já o alto do Parque Eduardo VII. É o edifício dos tribunais cíveis. A norte, encontra-se também quase concluído o edifício central; e vão começar as obras da ala ocidental, a construir nos terrenos do Quartel de Caçadores 5, junto da Penitenciária que vai também sair dali.

Israel: tratado
de paz ao Líbano

O ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Abba Eban, afirmou a noite passada que Israel estava pronto a assinar imediatamente um tratado de paz com o Líbano. Em Jerusalém, afirmou a rabinos americanos que Israel estava interessado em paz e cooperação na área.

Apelos aos árabes
de todo o mundo

Em vésperas do novo ano muçulmano, o grão-xeque Alazhar El Faham dirigiu-se aos árabes de todo o mundo, a partir do Cairo, exortando-os a unirem-se para fazerem face ao acontecimento que ameaça a sua história, os seus lugares santos e as suas nações - e a usarem as suas forças para alcance de triunfo e glória.

EFEMÉRIDES

1916

• A Alemanha declara guerra a Portugal, na sequência do apresamento de navios seus fundeados em portos portugueses, o que fora pedido a Lisboa pelo Governo da Grã-Bretanha.

1966

• A França retira-se da NATO por não concordar com a integração supranacional das forças da organização.

1975

• É criada a União da Juventude Comunista Portuguesa.

1985

• O Vaticano revela que a Santa Sé, administração central da Igreja Católica Romana, registou, em 1984, um défice de cerca de 28 milhões de dólares.

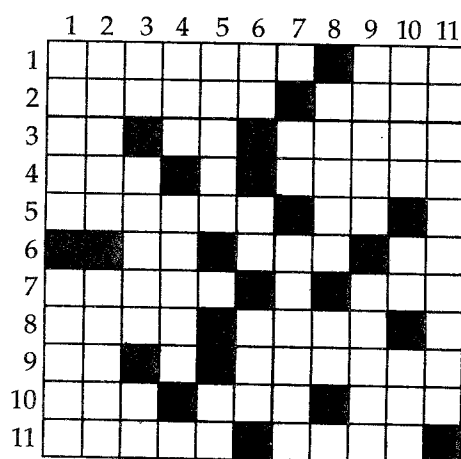
1986

• Mário Soares, primeiro presidente civil português em 60 anos, inicia um mandato de cinco anos, prestando homenagem a Luís de Camões.

1987

• Morre Paulo Quintela, 80 anos, professor jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17874

HORIZONTAIS:

- 1 - Tasca. Preposição.
- 2 - Afias. Sová.
- 3 - Batráquio. Pertences. Filtrais.
- 4 - Oásis. Rumor.
- 5 - Cotiados. Aqui.
- 6 - Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
- 7 - Calotes (Gir).
- 8 - Dão aviso de alguma coisa em voz alta. Descerra.
- 9 - Em o. Murmuram.
- 10 - Rio da Escócia. Grande quantidade. Faço doação de.
- 11 - Tempo do verbo estar. Estimes.

VERTICAIS:

- 1 - rapaz ou rapariga foliona e leviana (Prov. beir.). O género humano.
- 2 - Estimais. Bradas.
- 3 - Boro (s.q.). Reles. Item.
- 4 - Pronome pessoal. Região da África, na Guiné setentrional.
- 5 - Pista. Letra grega.
- 6 - Nosso Senhor. Apelido. Anel.
- 7 - Duzentos em romano. Pessoa de muito mau génio.
- 8 - Limitado. Reis.
- 9 - Costumara. Denúncia (fig.).
- 10 - Cidade da Grécia. Basta! Preposição e artigo (pl.).
- 11 - Perversão sexual na qual o prazer só pode ser obtido mediante sofrimentos físicos ou morais.

HORIZONTAIS:

- 1 - Tribo de índios do Brasil, em Mato Grosso. Divisão territorial da Gália.
- 2 - Almirante veneziano que se distinguiu na luta contra os piratas barbarescos. Tostaras.
- 3 - Colarinho. Curas.
- 4 - Lavrais. Imundícies.
- 5 - Título honorífico na Índia. Basta! Solitário.
- 6 - Ópera pequena. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
- 7 - Pega. Garantia de pagamento de uma letra dada por terceiros.
- 8 - Cloro (s.q.).
- 9 - Cidade da Suíça. Juízo.
- 10 - Sacrificados. Segundo.
- 11 - Irmão de Moisés. Saudável.

PROBLEMA N.º 16684

VERTICAIS:

- 1 - Cavalo alado, que nasceu do sangue da Medusa, quando Perseu lhe cortou a cabeça. Branqueia com cal.
- 2 - Paixão.
- 3 - Pescada moída (T. de Buarcos).
- 4 - Freguesia do concelho de Sintra.
- 5 - Grande quantidade.
- 6 - Gemera. Fileira.
- 7 - Autores. Transpire. Do sul.
- 8 - Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Letra grega.
- 9 - Galvãmos.
- 10 - Hilota. Previne.
- 11 - Lavram.

SOLUÇÃO
DO PROBLEMA N.º 17873

HORIZONTAIS: 1 - ANDA. O. Paca. 2 - Morna. Coros. 3 - Ata. Vãos. CC. 4 - Raspa. Mamão. 5 - Ar. Ala. Rod. 6 - Ás. Ido. Saa. 7 - Avaf. Pt. 8 - Iriar. Corte. 9 - Nua. Ali. 10 - Has. Matai. 11 - Os. Sãos. VERTICAIS: 1 - Amara. VINHO. 2 - Notara. Ruas. 3 - Dras. Saias. 4 - An. Pã. VA. 5 - Avaliaram. 6 - Adi. Ás. 7 - COM. O. Catá. 8 - Posar. Pó. Ao. 9 - Ar. Mostrais. 10 - Cada. TL. 11 - Asco. AZEITE.

SOLUÇÃO
DO PROBLEMA N.º 16683

HORIZONTAIS: 1 - Edimburgo. 2 - Gama. Rios. 3 - Etal. AL. 4 - Ta! Amassado. 5 - Pg. Ca. Nós. 6 - Tramara. Ro. 7 - Pua. Rs. Ms. 8 - Ari. Amasse. 9 - Iman. Força. 10 - Vassalo. Sem. 11 - As. Cosa. Re. VERTICAIS: 1 - Egeta. Paiva. 2 - Data. Turmas. 3 - Imã. Praias. 4 - Málaga. NS. 5 - Mua. AC. 6 - Urraca. Lo. 7 - Ri. Sarrafos. 8 - Góis. Asso. 9 - Os. An. Srs. 10 - Adormecer. 11 - Calosos. Ame.

PROVÉRBIO:
ANDA O VINHO
COM O AZEITE

Resolveu completamente este problema?
Procure, agora em segundo passatempo,
o provérbio nele inscrito.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB

Avenida Almirante Gago Coutinho. Tel. 806496

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1

NASCIDO A 4 DE JULHO

Filme de Oliver Stone

Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.30 e 00.30 horas.

ALFA 2

MISS DAISY

Filme de Bruce Beresford

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 horas.

ALFA 3

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER

Filme de Steve Kloves

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Filme de Peter Weir c/ Robin Williams

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa

Telef. 691275

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

AMOREIRAS 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3

FLORES DE AÇO

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7

CHUVA NEGRA

Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8

NEGÓCIO DE FAMÍLIA

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 9

VALMONT

Filme de qualidade de Milos Forman, c/ Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A

Telef. 763319

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10

Telef. 776098

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15

Telef. 324194

O SEGREDO DO IMPÉRIO

DOS INCAS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO

Parque Mayer

SEKA HOSPEDEIRA

DE CAMA

Hard-core-1º escalão (porno)

Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27

Telef. 573407

COMPETIÇÃO SEXUAL

Hard-core-1º escalão (porno)

Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37

Telef. 533253

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MORTO A TIRO

Maiores de 18 anos

Às 24.00 horas.

CINE PORTELA

ESTÚDIO SHEZA

Telefone 9434762

GENTE GIRA É OUTRA

COISA

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546085

A CONDESSA DESCALÇA



QUE FIZ EU PARA MERECEER ISTO?

Em exibição

SALA 4

Quarteto

PUB

M/16 anos

Filme de Joseph L. Mankiewicz, às 18.30 horas.

PANDORA

Filme de Albert Levin, às 21.30 horas.

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34

Telef. 549999

NOVE SEMANAS E MEIA

Filme de Adrian Lyne

Maires de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES

Av. da Liberdade, 2

Telef. 322523

NEGÓCIO DE FAMÍLIA

Filme de Sidney Lumet

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO

Alameda D. Afonso Henriques, 35

Telef. 555134

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F

Telef. 8487255

DOIS DETECTIVES



«Miss Daisy» com Jessica Tandy

EM APUROS!

Com Lorin Dreyfuss

Maiores de 12 anos

Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo

Telef. 541037

AUDITÓRIO 1

O BANDO DAS QUATRO

Filme de Jacques Rivette

Maiores de 12 anos

Sessões às 13.00, 15.45, 18.30 e 21.30 horas.

FORUM PICOAS

AUDITÓRIO 2

O PROCESSO DO REI

Filme de qualidade de João Mário-Grilo

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO

Alameda D. Afonso Henriques

Telef. 555134

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes

Telef. 8480808

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos

Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.30 e 00.30 horas.

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa

Telef. 691275

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos

Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

AMOREIRAS 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos

Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3

FLORES DE AÇO

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos

Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

Maiores de 6 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7

CHUVA NEGRA

Maiores de 12 anos

Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8

NEGÓCIO DE FAMÍLIA

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

COMUNA

TEATRO DE PESQUISA

"ESPECTACULO DE QUALIDADE"
D.G.E./D.A.

HOJE

21.30 H

DOMINGO

AS 17 H

FOLGA:

4º FEIRA

* ultimas! *
* só até ao fim do mês *
4º MÊS
M. 16 A

A PECORA

"AUTO DA PAIXAO DE SANTA MELÂNIA"

TEXTO NATALIA CORREIA

ENCENAÇÃO JOAO MOTA

MUSICA JOSE MARIO BRANCO

"UM DOS MELHORES ESPECTÁCULOS DO TEATRO PORTUGUÊS

DEPOIS DO 25 ABRIL" - CARLOS PORTO - "D. LISBOA"

PRAÇA DE ESPANHA

TEL. 726 08 18

Subsídios

Secretaria de Estado da Cultura e Fundação Calouste Gulbenkian

APOIOS: PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE • CABELLEIRO CITY • RADIO COMERCIAL

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA 2.º ANO
1 PRAÇA DE ESPANHA - RESERVAS TEL. 726 08 18
NO ESPACO DO CAFE-TEATRO * UM NOVO ÊXITO *
FESTIVAL DA OTITE!
SABADOS AS 24h * APOIO SAMSUNG

CARTAZ

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1

Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2**CLUBE DOS POETAS MORTOS**

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

KING TRIPLEX 3**VEREDICTO FINAL**

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162

FLORES DE AÇO

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2**OS FABULOSOS IRMÃOS BACKER**

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES

Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313

VALMONT

Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão
Telef. 538743

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2**FLORES DE AÇO**

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3**QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS**

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON

R. dos Condes, 4
Telef. 326283

O POLÍCIA DE MIAMI

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 18.00 e 21.30 horas

A FACE DA MORTE

Amanhã às 24 horas.

OLIMPIA

R. dos Condes, 13
Telef. 325309

TATÁS AUDACIOSAS

Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2**NEGÓCIO DE FAMÍLIA**

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA

R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305

PHOENIX - A GUERREIRA

Filme de Robert Hayes
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378

CIÚMES DE MORTE

Filme de Nicholas Broomfield
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2**CLUBE****DOS POETAS MORTOS**

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3**FLORES DE AÇO**

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4**QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?**

Filme de Pedro Almodovar
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00 e 22.00 horas.

SÃO JORGE 1

Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2**CLUBE****DOS POETAS MORTOS**

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

SÃO JORGE 3**MISS DAISY**

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE

Av. da República
Telef. 730715

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210

FLORES DE AÇO

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

TERMINAL

Estação do Rossio

Telef. 371573

GENTE GIRA É OUTRA COISA

Maiores de 6 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas
BAPTISMO DE FOGO
Amanhã às 23.30

TURIM

Estrada de Benfica, 723-A

Telef. 706666

O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30 horas.

XENON

Av. da Liberdade, 9
Telef. 3468446

SHOKER-CEM MIL VOLTS DE TERROR

Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
CONDE DE DRÁCULA NA BAVIERA
Hoje e amanhã às 23.30.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia

Telef. 4934871

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM**ESTÚDIO FLORES**

Telef. 9247570

WARDOG FORÇA ESPECIAL

Maiores de 18 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ**KING D. PEDRO III**

Telef. 4364845

SALA 1**CLUBE****DOS POETAS MORTOS**

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.

SALA 2**CINEMA PARAÍSO**

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.

SALA 3**CORAÇÕES DE AÇO**

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

OEIRAS**ALTO DA BARRA 1**

Av. das Descobertas - Telef. 4439759

CLUBE**DOS POETAS MORTOS**

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2**MORTO A TIRO**

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS**CINE PALMEIRAS 1**

Telef. 2479144

CORRUPÇÃO NA CIDADE

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2**NASCIDO A 4 DE JULHO**

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS**ATLÂNTIDA CINE**

Telef. 2465653

CLUBE**DOS POETAS MORTOS**

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS**MIRAMAR 1**

Telef. 2841744

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2**FLORES DE AÇO**

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD

Avb. 25 de Abril - Telef. 2865027

O VELHO GRINGO

Maiores de 12 anos
Sessões às 16.00 e 21.30 horas.

ALMADA

ALMADA**ACADEMIA****ALMADENSE**

Telef. 2752127

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA**CINEMA PESCADOR**

Telef. 2905350
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 21.45 horas.

EXPOSIÇÕES

ESTREIAM

COLECTIVA - José Faria, Max Sachs, Manuel Peres, Stefan Oncken e Tom Bund, directores criativos de agências de publicidade, assinam os desenhos e pinturas expostos.

Galeria Espiral - Rua Cândido dos Reis, 90 - Oeiras (10/14 e 15/19 horas, excepto domingos. Inaugura hoje às 21 horas.

Até 3 de Abril)
HOMENAGEM A LUÍS DOURDIL - Responderam ao convite da galeria um número surpreendente de artistas.

Galeria do Casino Estoril (Todos os dias, entre as 15 e as 24 horas. Inaugura hoje às 22 horas. Até 2 de Abril)
LÍVIO MORAIS - Pintura e escultura

Galeria Miron - Rua do Mirante, 14 (15 às 20 horas, excepto domingos. Inaugura hoje às 21 horas. Até dia 31)

LISBOA

JUDITE DA CRUZ - "Politics": instalação multimedia. Poucos meses depois de uma exposição na Fundação Gulbenkian, que passou praticamente despercebida, a artista luso-americana faz uma instalação ("Fatal Sedução") no rés-do-chão da galeria, reservando para o primeiro andar um anel de 22 fotocópias de videogramas, em papel velum. Um televisor sobre uma estante, e sobre ele uma ventoinha Mercedes-Benz, protegidos por uma cortina de renda preta de um qualquer material kitsch. Dispostos em cinco raios, montes de jornais pintados de negro (envelhidos, consumidos) calcados por um calhau. Denúncia e alerta para os malefícios da comunicação de massas (escrita e falada) denunciados num espaço (Diferença) historicamente atento a esse perigo ("Cartoons políticos na imprensa portuguesa"/1977; "Fotonovela", de Nicole Gravier/1978; "Instalação de banda magnética", de José Conduto/1979; e em 1987, "Obra gráfica de Wolff Vostell", a partir da sua experiência na imprensa alemã, como freelancer, durante os anos 50).
Diferença - Rua S. Filipe Nery, 42 (15 às 19 horas, excepto segundas-feiras. Até dia 18)

J.F.

3.º e ÚLTIMO MÊS

O Regresso de Bucha e Estica

Ph. Club
Rua da Glória, 57
1200 LISBOA
Telef. 32 51 40

DIREÇÃO DE NÁRIO VIEBAS

SEM SUBSTITUIÇÃO

P/TODOS

MAIS DE 4 MIL ESPECTADORES
JÁ SE RIRAM E DANÇARAM CONOSCO
NA RUA DA GLÓRIA. TEM SIDO A NOSSA
GLÓRIA!!! MARQUE JÁ A SUA MESA PARA
SÁB. 6.ª ou sábado às 21.30h
Sábados e Domingos às 16 horas
BOMOS A SURPRESA DO ANO DA CRÍTICA
E DO PÚBLICO!!
Tel. 325140



Teatro da Cornucópia

SALADA

(TEXTOS dos PALHAÇOS)



- «Há muitos anos que não ria tanto num espectáculo» — *Jornal de Letras*
- «uma autêntica explosão lúdica» — *Diário de Notícias*
- «um momento de teatro divertido e despretençioso» — *O Jornal*
- «Uma salada para todos e que vai alimentar muitas horas de prazer» — *Semáforo*
- «uma arte de inteligência e divertimento que não pára de se divertir conosco e consigo própria» — *Expresso*
- «o que nós nos rimos?... ? uma das propostas teatrais mais modernas que a Cornucópia nos apresentou.» — *Independente*
- «um dos espectáculos mais soltos, mais felizes e mais comoventes do seu historial» — *Fim de Semana*
- «É sensacional... um espectáculo fascinante, capaz de agradar a todos os públicos» — *O. Lisboa*
- «lamentável, mortífero, sem graça (...) o pior espectáculo da Cornucópia de sempre» — *Capital*

5.ª a Sáb. — às 21.30H — Dom. e Feriados — 16H;
3.ª e 4.ª s-Feiras — Matinéas para escolas

TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais, 15A
1200 LISBOA Telef.: 66 15 15/66 92 05

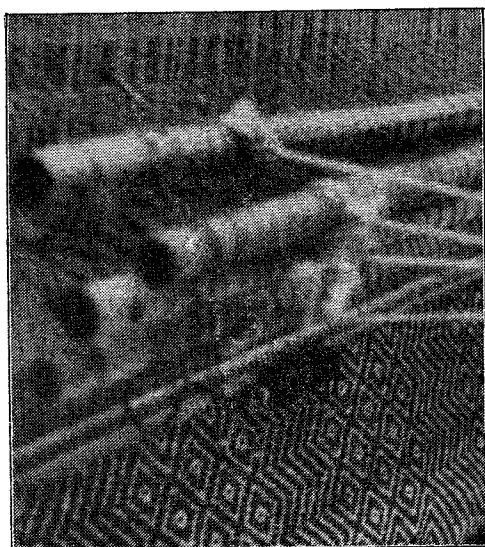
SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE RTP-1

- 16.55 - HOSPITAL CENTRAL 122º episódio
 - 17.25 - BRINCA BRINCANDO
 - 18.30 - RUA SÉSAMO 90º episódio
 - 19.55 - CHEGAR, APOSTAR E VENCER
 - 19.30 - TELEJORNAL
 - 20.00 - BOLSA DIA A DIA
 - 20.05 - O TEMPO
 - 20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
 - 20.15 - VALE TUDO 65º episódio
 - 21.10 - MOBIL NOS CAMINHOS DE PORTUGAL
- «Memórias Árabes, 10º programa da série realizada por Francisco Manso com texto de Miguel Faria. A memória da civilização árabe e a sua influência no nosso país é o tema desta emissão, cujo itinerário se inicia em Moura, nas "atalaias": na vila branca, uma arquitectura popular qualificada. Após uma breve paragem refrescante na piscina municipal de Moura, iremos até Mértola, contemplando o Guadiana: de novo os vestígios árabes, a Igreja Matriz, antiga mesquita. Depois, o fabrico



As 21.10 no 1º Canal, «Memórias Árabes», o 10º Programa de «Mobil nos Caminhos de Portugal»



O filme de José Fonseca e Costa «A Mulher do Próximo», a partir da meia-noite e vinte em «Pela Noite Dentro» (RTP-1)



- das mantas tradicionais, a recuperação de antigos modelos para uma nova joalharia, e os novos artesanatos.
- 21.25 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
 - 22.50 - CHEFE, MAS POUCO... 6º episódio, parte I: Jonathan é escolhido para padrinho do segundo casamento do seu pai. Tony e Mona tentam convencer Angela a estar presente na cerimónia que se vai realizar na Califórnia. Realização de Agaad Kelada.
 - 23.20 - 24 HORAS
 - 23.55 - REMATE
- Inclui o Rally de Portugal
- 00.15 - CARTAS DE HUMOR
 - 00.20 - PELA NOITE DENTRO
- «A Mulher do Próximo»: um filme de José Fonseca e Costa, com Carmem Dolores, Fernanda Torres, Virgílio Teixeira, Mário Viegas e Vítor Norte. J. Fonseca e Costa é de longe um dos nossos mais bem

sucedidos cineastas em termos comerciais, fenómeno que se começou a desenhar-se no princípio da década de 80 com «Kilas, o Mau da Fita» e se consolidou nas obras seguintes, «Sem Sombra de Pecado» e «Balada da Praia dos Cães». Excelente contador de histórias, Fonseca e Costa tem o mérito e a coragem de ter recuperado um certo cinema popular e comercial, numa altura em que o cinema português cristalizava cada vez mais num hermético e vazio expressionismo intelectual mais povoado por sombras que por luzes. «A Mulher do Próximo» é uma espécie de comédia negra que joga com as ironias da vida, do amor e acaso, numa história contada com sentido de humor atravessada por uma atmosfera de melodrama genuinamente português e marcada pelo tema do incesto.

RTP-2

- 17.15 - 3, 2, 1 CONTACTO
 - 17.45 - HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
 - 18.15 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA 57º episódio
 - 18.50 - HAJA MÚSICA
 - 19.40 - CLÁSSICOS DA TV «Estrada 66»
 - 20.30 - AS CIDADES E AS TERRAS
 - 21.00 - JORNAL DAS NOVE
 - 21.30 - RALLY DE PORTUGAL
 - 21.50 - DONA BEIJA
 - 23.20 - ACERTO DE CONTAS
 - 23.55 - ESPECIAL DESPORTO
- Campeonato do Mundo de Patinagem Artística

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS

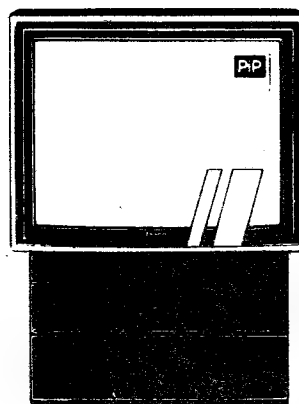
AMANHÃ RTP-1

- 09.01 - JUVENTUDE E FAMÍLIA
 - 12.15 - SINFONIETA
 - 13.00 - NOTÍCIAS
 - 13.10 - OITO E BASTA
 - 14.00 - PARLAMENTO
 - 14.30 - CRIME, DISSE ELA
 - 15.15 - SESSÃO DA TARDE «Paixão de Marinheiro»
 - 17.30 - VIVAMÚSICA
 - 18.10 - RICARDINA E MARTA
 - 19.15 - SETE FOLHAS
 - 19.45 - TOTOLOTO
 - 20.00 - JORNAL DE SÁBADO
 - 21.15 - O TEMPO
 - 21.30 - GOSTAMOS DE ESTAR CONSIGO
- Inclui o Festival RTP da Canção 1990
- 23.50 - CINEMA DA MEIA NOITE «O Ano do Dragão»

RTP-2

- 09.01 - UNIVERSIDADE ABERTA
- 10.20 - O JOGO DOS DISPARATES
- 11.05 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA Compacto
- 13.35 - ILHA DAS CRIANÇAS
- 14.00 - UM SOLAR ALFACINHA
- 15.00 - ESTÁDIO
- 19.00 - MUSIC BOX ESPECIAL
- 19.55 - ENCONTRO EM TRIESTE
- 21.15 - ESTÁDIO

BLAUPUNKT Seleccionou para si...



BLAUPUNKT Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

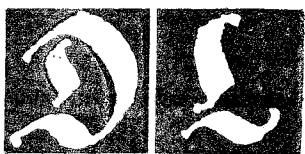
Móveis OLIVEIRA & LEAL, LDA

Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de mapas veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — somniers (por medida). Móveis - sala e quarto (por medida). Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.

Não compre sem nos consultar.

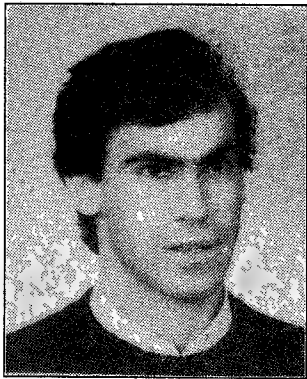
Entregas em qualquer ponto do país.

Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200² exposição)



«O PSD não pode ser conjunto de capelinhas»

Cavaco Silva, «A Capital», 08.03.90

A PERGUNTA
DO DIASalvador Peres
EDP

Que vai fazer a EDP-Electricidade de Portugal para evitar que grandes quantidades de peixe continuem a morrer em consequência da actividade da Central Térmica de Setúbal?

«A Central de Setúbal (como, aliás, os demais centros electroprodutores) está dotada de equipamentos de protecção e adopta critérios de exploração que garantem impactos sobre o meio aquático dentro dos limites da capacidade de regeneração da Natureza.

Este é um critério universalmente aceite para qualquer unidade industrial e, por maioria de razão, para um centro electroprodutor, indutor a jusante de menos poluição e de mais qualidade de vida.

A prática tem confirmado o acerto das medidas de protecção adoptadas aquando da construção da Central, que assentaram na melhor tecnologia então existente e que ainda hoje representam o melhor estado da arte.

De toda a forma, a EDP manifesta a sua total disponibilidade para acolher a introdução de tecnologias de protecção mais eficientes, se e quando tais tecnologias aparecerem, mantendo obviamente diálogo constante com entidades também interessadas na matéria.»

Segunda-feira no

**Diário
de Lisboa**

Artigos
de Artur Portela
e de Alfredo
Margarido

O Serviço Militar
Obrigatório
debatido pelo
Grupo
de Trabalho DL
sobre Assuntos Sociais

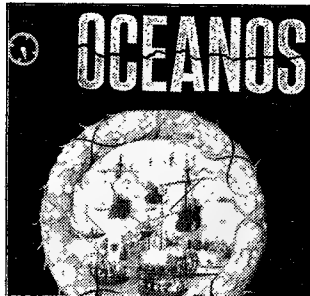
Rali de Portugal

Festival da Canção
da RTP

O DL SUGERE

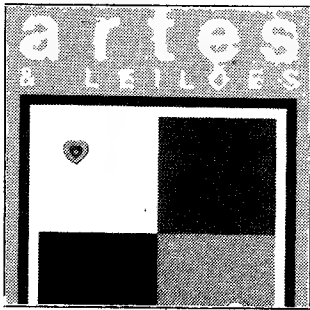
a António Vilar

Leia OCEANOS, a revista da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, dirigida por António Mega Ferreira. O terceiro número acaba de atingir a margem com Bartolomeu Dias, «o capitão do fim», como principal foco de atenção. É uma edição de invulgar qualidade que deve merecer o seu interesse. Para quem já foi Camões no filme de Leitão de Barros e não tira da ideia a história de Fernão de Magalhães é uma leitura imprescindível.



a Nuno Delerue

Leia ARTES & LEILÕES, uma revista que se assume «filha tardia da década, mas nem por isso menos devedora do seu espírito». Os anos 80 ocupam o seu último número num diagnóstico das artes plásticas em Portugal. O deputado social democrata é um amante confesso destas e outras artes, nomeadamente chinesas. Os últimos anos proporcionaram-lhe experiências, senão visões, intensas, seja em Macau, na campanha presidencial de Mário Soares ou na «campanha» da televisão privada. E em todos estes domínios, reconheça-se, arte é o que não lhe tem faltado...



a Nuno Abecasis

Concorra à GRANDE MARCHA DE LISBOA 1990, uma iniciativa da Câmara Municipal alfacinha. É um concurso integrado nas Festas da Cidade e destinado a reanimar as tradições lisboetas. O seu nome está por de mais associado a esta iniciativa. O facto de estar retirado da vida autárquica não deve significar afastamento da folia popular de que tanto gosta. Meta mãos à obra - afinal a sua grande habilidade -, componha uns versitos e verá que o júri não deixará de se render ao seu jeito. Para a música, peça ajuda ao seu camarada Freitas do Amaral...



a Pinto Balsemão

Inscreva-se no curso intensivo de SAPATEADO que Michel dirige na Rua Marcos de Portugal, em Lisboa. É um artista credenciado que decerto lhe proporcionará bons momentos de entretenimento. Além disso, pode beneficiar a sua imagem e adquirir maior agilidade. A SIC, o seu querido projecto de televisão, bem precisa disso. A concorrência aperta, há mais candidatos do que canais disponíveis e todas as cautelas são poucas. Não basta dar conferências de Imprensa é preciso mais movimento...

A MARGEM

Benfica-Porto

Os factos:
Benfica e Porto jogam domingo na Luz. O Porto vai na frente com três pontos de avanço.

Hoje, a dois dias do jogo, os jornais titulam:
"João Santos e Gaspar Ramos acreditam na vitória contra o FC Porto se o árbitro não nos roubar e o André não partir pernas".

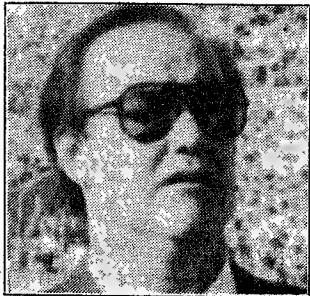
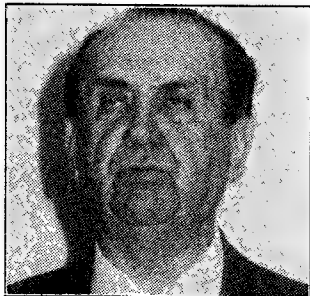
"Desprezo é o melhor que os benfiquistas podem oferecer ao sr. Pinto da Costa".

"Assembleia Geral nas Antas: Gaspar Ramos é o inimigo principal do F.C.Porto" (acusação de Pinto da Costa).

"Vamos transformar o estádio vermelho num estádio azul e branco".

O meu desejo:
Que o público perceba finalmente o que se passa. Que os de Lisboa passem a tarde no Jardim Zoológico, os que vierem do Porto se fiquem pela revista do Parque Mayer e que o senhor Santos e o senhor Costa resolvam entre si o que têm a resolver num Estádio da Luz monumentalmente desértico. No máximo, que chamem os jogadores para testemunhar tão nobre disputa.

José Leite Pereira

meteorologia
Concurso

António José

A primorosa fotografia tirada durante a estreia da revista *Vitória*, *Vitória* e que graças à cortesia do nosso colega do Bairro Alto, *A Capital*, reproduzimos, levanta obviamente algumas questões:

a) o que aconteceu em matéria audiovisual no palco, que o Senhor Presidente está a rir e Maria Barroso não?

b) o que aconteceu em matéria audiovisual no palco que a esposa do Senhor Presidente está aborrecida e Mário Soares não?

c) porque é que o Senhor Presidente nesse exacto momento baixou a cabeça, e assim não pôde ver o espectáculo, e a sua mulher, nesse mesmo momento, olhou fora do ângulo da visão do palco, e assim também não pôde vê-lo?

As melhores respostas serão publicadas e os seus autores receberão dois bilhetes para um espectáculo de teatro independente.

Jorge Listopad

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO

67 360

70 000 CONTOS

2.º PRÉMIO

60 487

12 000 CONTOS

3.º PRÉMIO

19 808

3 000 CONTOS

Sorte Grande e 2.º Prémio

82 000 contos

Vendidos hoje

aos BALCÕES da

CASA DA SORTE

LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO

LOTARIA DA PÁSCOA
TALUDA 137 000 CONTOS

Bilhetes a 13 000\$00 fracção 1300\$00

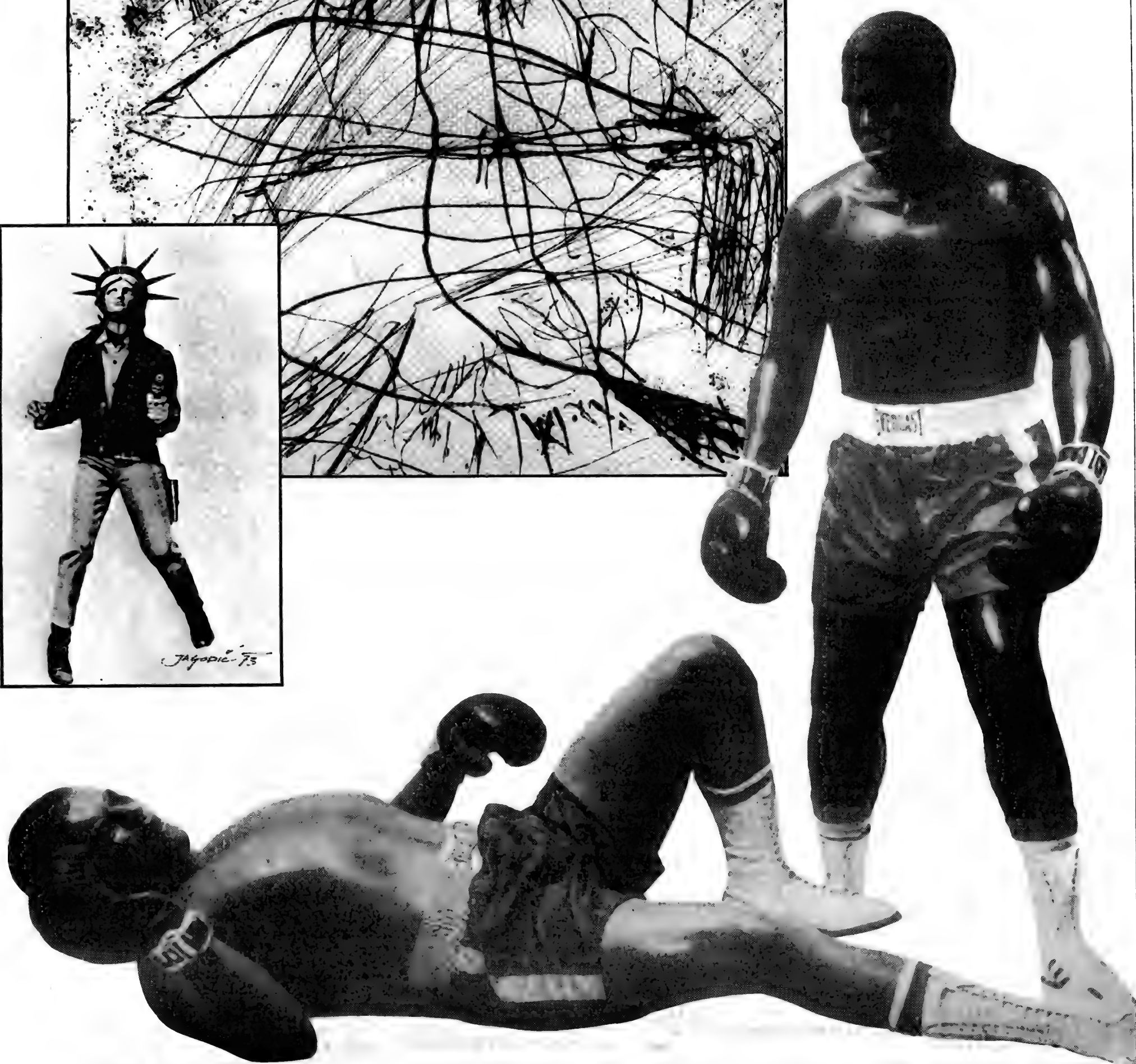
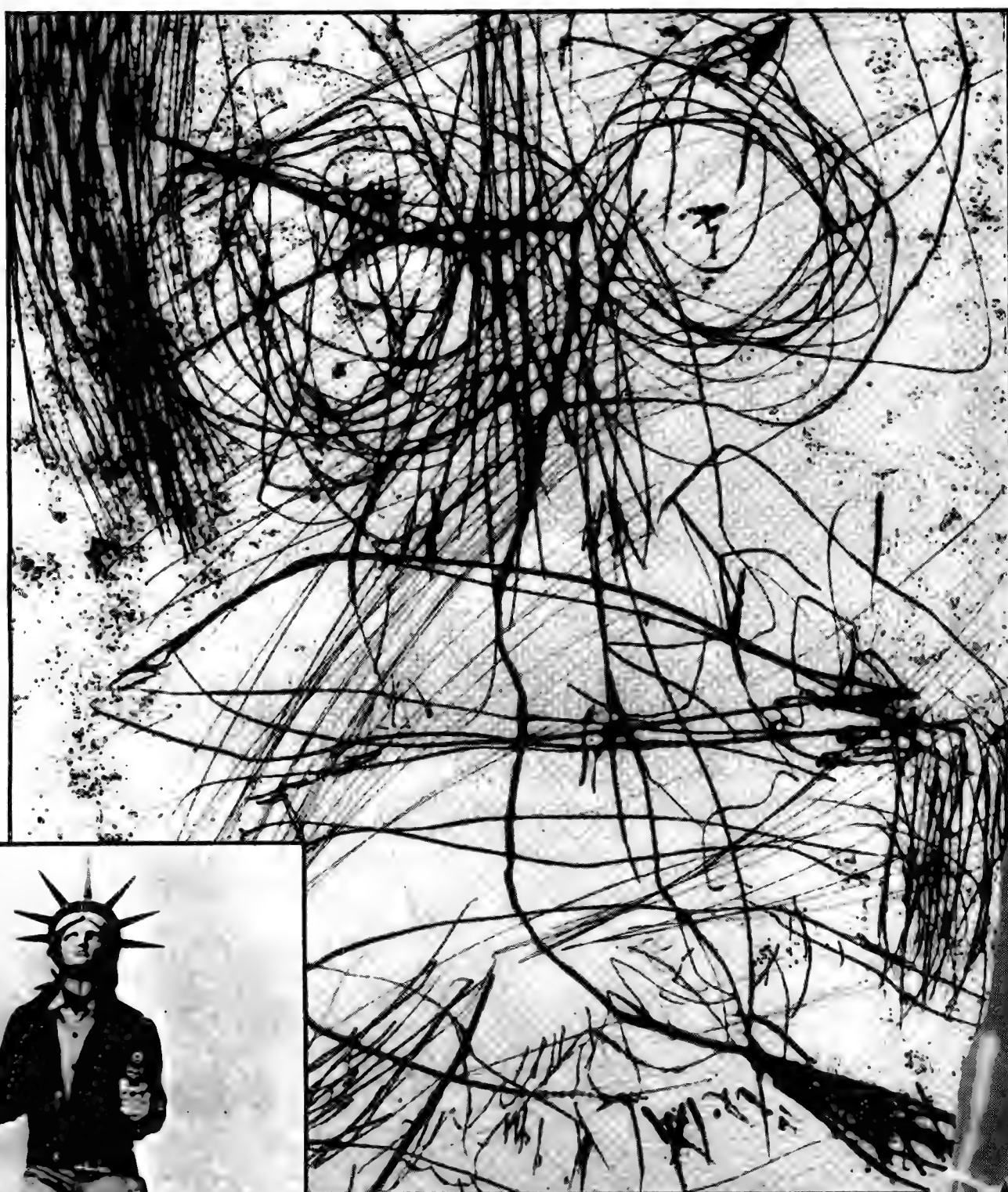
Habilite-se jogando na

CASA VIOLA — A sorte que
«Toca»LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO •
SETÚBAL

Correio: R. Assunção, 67 | 1000 LISBOA

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
9 DE MARÇO DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA



PAGINA 3

Canal DA Crítica

A M O S C A

MÁRIO CASTRIM

Paulo Nogueira dá notícia da publicação de **Epístola aos vindouros**. Diz que o seu autor é o poeta António Queiroz.

Mais tarde, corrigiu. Tratava-se, de facto, do poeta Carlos Queiroz. Fez o que lhe cumpria, como profissional. Errou, emendou.

Agora, Paulo, vá conhecer Carlos Queiroz. Vá. Comece logo por ler a **Canção Grata**, do Livro **Desaparecido: Por tudo o que me deste/Inquietação, cuidado/um pouco de ternura, é certo, mas tão pouco/noites de insónia, pelas ruas, como um louco.../obrigado, obrigado...**

Etc., etc. Se não encontrar o livro, eu empresto. Acredite: vale mais ler o Carlos Queiroz uma hora do que ser locutor toda a vida.

A falta de respeito

Era o tempo de antena do PSD. O fulcro, escusado será dizer, era o prof. Cavaco Silva.

Algumas palavras suas:
— Não me esqueço de uma coisa que o Sá Carneiro dizia em 1980, quando fui seu ministro das Finanças...

E depois:
— Penso que este pensamento do Sá Carneiro...

O tratamento é clássico. Diz-se, sem qualquer ideia de menor consideração (antes pelo contrário) o Camões, o Gil Vicente, o Vítor Hugo, etc., etc. Também dizemos o Fernando Pessoa, o Almada Negreiros, o Sá Carneiro (o outro, o poeta) mas...

Mas na boca do prof. Cavaco Silva o tratamento sabe a... falta de respeito, tratamento de igual para igual, coisa assim.

Não ligue, professor. São tolices minhas.

Na piano e na inglês

Junção internacional não sei onde, qual-quer coisa importante. Necessariamente, participou o ministro João de Deus Pinheiro. Necessariamente.

João de Deus Pinheiro diz que João de Deus Pinheiro se expressou em inglês. Necessariamente?

Confiança perdida

Ángelo Correia. Tinha que falar naquela reunião do PSD? Se calhar tinha. A herança da revolução dos pregos renderá juros.

Que diz ele, unicamente? Diz: «Temas de conquistar novamente a confiança dos portugueses.»

Ah, então o PSD tinha perdido a confiança dos portugueses!

De qualquer modo, corajosa humildade. Ou apressada eloquência?

Mas o quê?

Montalvão Machado, nas jornadas parlamentares do PSD. Ele diz que é preciso fazer qualquer coisa «no próximo ano que se avizinha». Qualquer coisa que destaque «a imagem algo apagada dos deputados do PSD.» Porque? Porque «há necessidade de rejuvenescer qualquer coisa.»

Rejuvenescer alguma coisa, no PSD? Claro. Mas o quê? O quê?

Cuidado, Presidente

O dr. Mário Soares não aparece muitas vezes no Telejornal. Quer dizer, não aparece muito tempo. E sempre lá para diante, para o maralhal.

Estou a ouvi-lo: «Defender a cultura portuguesa é hoje um imperativo verdadeiramente nacional.»

Presidente: não fale tanto. Corre o perigo de fazer as pessoas sorrir.

A luz ao fundo do discurso

A propósito do PPM. Não, não vou meter política no caso. Nã mãe, Deus me livre. Era uma conversa de que participava o di-

rigente daquele partido, Luís Coimbra.

Falava ele com orgulho (o que é perfeitamente natural) do PPM e disse que, entre os pequenos partidos, era o único com 100 mil votantes «o que é mais do que o Estádio da Luz cheio».

Aqui está alguém que não anda dentro das coisas do futebol. Pois é, caro engenheiro, o PPM pode ser grande, mas garanto-lhe que o Estádio da Luz, cheio, é maior.

Cozido à portuguesa de quando em quando

A assistência frequente à televisão dá-nos uma visão estranha da realidade portuguesa. Em todos os sectores. Há sensação de que anda tudo do avesso, que vivemos longe de tudo, suspensos sabe-se-lá de que trapézios.

Há uma propaganda intensiva do golfe, tão pouco implantado entre nós. As partidas de golfe transmitidas pela RTP não passam de pretexto para se ouvir falar dos nomes sonantes da nossa ai soçatezinha. Uma espécie de **Olá!** com muito **green**.

Ténis? Isso é todos os dias. O **Telejornal** gosta de terminar com ténis. Como muitos de nós gostamos de acabar com um cafezinho, assim ele põe ponto final na refeição com um **match point**.

Com tanta propaganda, o ténis (belíssimo e utilíssimo desporto, nem é preciso dizê-lo) não avança entre nós. Continua sendo, como alta competição, uma ninharia e, como divertimento e manutenção, consumo quase exclusivo das classes privilegiadas. Propaganda, há muita. Terreno para a semente é que é pouco. Tomara a maioria do povo português ganhar para o pitrol, quanto mais para as raquetas e para as quotas dos cortes. Em questão de **green** já não chegamos à alfaca, quanto mais ao ténis...

Vistas largas precisam de ajuda. Dizia o prof. José Tribolet, na **Hora da Verdade**, que nenhum ministro, só por si, consegue modificar o ensino em Portugal.

Tem razão. Isto não passa por ministros: passa por uma revolução. Mas o 25 de Abril foi-se à viola. Recordo-me das corridas populares, dos torneios ao ar livre que preenchiam os fins-de-semana. Ficaram-nos, desse tempo amável, campanhas desportivas como as do Seixal (que tem um presidente poeta...) de Vila Franca de Xira (que tem um presidente de vistas largas...) de Loures (que tem um presidente de grande raiz popular...) mas a essas, singularmente, a RTP não liga...

O prof. Hermínio Barreto é de opinião de que a ausência de pavilhões não deve servir de alibi para a ausência de certos desportos. Temos um clima que nos permite uma prática intensiva ao ar livre. Pavilhões serão necessários — a seguir.

Recordo-me, em Cuba, íamos de autocarro pela estrada fora e víamos crianças e jovens, nos espaços das escolas, a jogar basquetebol e voleibol...

Pois. O raio é que as nossas escolas não têm espaços. Só têm carteiras, ardósias e horários brutalmente sobrecarregados para ter os meninos entretidos...

E não há material. E o desporto não têm monitores — como as orquestras não têm músicos. Porque isso da cultura, da arte, da alegria de viver não é para nós.

Para nós, é a escola indigente, o futebol ao domingo, a televisão todas as noites e um cozido à portuguesa, de vez em quando.

Em Bragança

E no entanto, há aquele jovem muito dotado que não conseguiu entrar na faculdade. Que é que ele faz, para passar o tempo, enquanto não se apresenta nova oportunidade?

Vai jogar para um clube semiprofissional de futebol. Enquanto o tempo passa, vai ganhando umas coroas.

O caso passa-se em Bragança. O clube do Nuno milita na divisão distrital daquela cidade.

É um clube semiprofissional...

O santo milagreiro

Remate, naquele dia, começou dezasseis minutos depois da meia noite. Acabou aos 44 minutos.

Quase meia-hora. A RTP não tem um programa literário com dignidade — o **elogio da leitura**, da Isabel Bahía, apesar das provas dadas nunca mais ganha asas. Mas «desporto»? É o que se vê.

Bem. Lá vimos o presidente de «O Elvas» que se demitiu. Porquê? Ele próprio conta.

O sr. José Mendão tinha promessas de ajuda da Câmara. Mas a Câmara roeu a corda. O clube só tem, de certo, as quotas e os bilhetes dos jogos. Pouco, para quem tem ambições.

O que é que o clube pretendia? Terreno para a construção da rede e de uma sala de **bingo**. Câmara prometeu e faltou. Direcção de «O Elvas» demitiu-se.

Bingo é o santo milagreiro. O mecenas do nosso tempo. O futuro está no **bingo**. É no **bingo** que moram, hoje em dia, les lendemains qui chantent.

Mais sarilhos 4

O prof. Jorge Proença é treinador de alguns atletas para os campeonatos do Glás-gua, também conhecida na gíria por Glas-gow.

Vai, ia embarcar em cumprimento da sua obrigação e, já no aeroporto, sabe que não, que não pode seguir. A federação havia-o dispensado por carta deixada na caixa do correio dele. Por acaso ele não viu a caixa e foi a bronca.

O professor não se alargou. Aquilo na federação de Atletismo? Ô, ô! o caso da Rosa Mota é o mais falado, porque.

Caramba. Haverá algum país tão pequeno com sarilhos tão grandes?

Desporto ao vivo

Ciclismo. A corrida de Lisboa. O José Rodrigues fuge. Outro ciclista, o José Marques, vai no seu encalço. Ei-lo à conversa com o repórter:

— **Ataquei, fui apanhar o José Rodrigues. Dividimos o trabalho a meias. Ele ajudou-me bastante. Trabalhou como eu. Prometi deixá-lo ganhar a montanha e todas as metas volantes. A certa altura soube que já tínhamos catorze minutos de avanço e comecei a acreditar na vitória. Digo pra ele: Zé, dá tudo que eu deixo-te ganhar a etapa. Disse e cumpri. Só não o deixei ganhar a etapa porque ele não aguentou mais. Não ataquei, mas não podia ficar para trás. Ele é que não aguentou a minha roda.**

Futebol — e outras coisas

Há notícias sobre as perspectivas financeiras para o campeonato do mundo em futebol. A FIFA não está preocupada. Os italianos acham que a venda dos bilhetes se está a processar em bom ritmo. Particularmente nos países europeus.

Quanto ao Japão é que as coisas estão mais escuras. Explica-se porque. Assim: «No Japão, nenhuma empresa dá um mês de férias aos seus trabalhadores. Então que fazem os adeptos de futebol? Vêm aos jogos, depois regressam ao seu país e procuram outro emprego.»

O rei

Futebol. O rei: o rei mesmo nas grandes repúblicas. Paradoxos dos tempos modernos. A própria televisão lhe deve muito da sua popularidade. Diz-se mesmo que está no futebol a origem da expansão da TV europeia: um dia, com mais vagar, lhes contarei a história.

Sem dúvida: quem gosta de futebol vê televisão. Mesmo que tenha ido ver ao campo, não perde as reportagens. Serão milhões de telespectadores interessados. Daqui se conclui da grande responsabilidade no assunto.

São frequentes os «casos». Que foi grande penalidade, que não foi, que houve fora de jogo, que não houve. Depois dos jogos, habitualmente, os presumíveis prejudicados comentam:

— Não cometemos falta. Logo se há-de ver pela televisão...

Em regra, as expectativas saem goradas. Porquê? Porque a reportagem utiliza apenas uma câmara — e essa ou está muito longe, ou mal colocada, ou distraída. Quer dizer, a TV falha na sua obrigação de testemunha — e a perder crédito, e a permitir a acumulação de confusões, de intrigas, de suspeitas, e a não exercer o seu papel de pacificação social.

As transmissões da TVE, por exemplo, dão-nos uma visão mais completa dos jogos,

para o que utilizam nunca menos de cinco câmaras.

Mas a nossa televisão, coitadinha, é pobre. Não é desculpa. Podia organizar um peditório. Também não há peditórios para os deficientes mentais?

Tampões precisam-se

O jogo Penafiel-Benfica, trouxe-nos de novo o relator José Nicolau de Melo, de quem tarda a publicação das obras completas. Jogo, explica ele «que estamos a levar até ao local onde estão a ver-nos». Notável de precisão!

No decorrer da partida, o prof. José Neto forneceu indicações, números, um acervo estatístico, de colossais dimensões.

Eu não digo que tais indicações sejam inúteis. Mas não assim (em números que logo se esquecem nem ali, com o jogo a decorrer e ele a distrair-nos).

A realização merece nota amplamente negativa. No índice «A BOLA» mereceria 1. O jogo em acção e César da Silva, o realizador, a dar-nos repetições, câmaras de um lado, o movimento do outro, etc., etc. E as vezes que nos deu a bola no centro do televisor? Fantástico, uma bola tão fotogénica.

Não há-de faltar aqui uma nota de louvor para aquele estádio. Aliás aqueles e outros. Podem não valer nada, em relva, em piso e em comodidade, mas têm formidáveis condições acústicas.

Ouve-se cada uma... Tampões para os ouvidos mais sensíveis além das pantufas, deverão passar a ser material indispensável na hora dos futebolis.

Será só?

Ao jogo entre o Belenenses e o Boavista assistiram qualquer coisa como 500 pessoas. Disse-o Gabriel Pais.

Razões admissíveis: a transmissão pela TV, o frio, a chuva...

Será só? Futebol é desporto de Inverno. De chuva e frio. Portugal será dos poucos países da Europa que temem o «mau» tempo. Nas escolas, os meninos começam logo por dizer que «estava um dia triste, um dia chuvoso». O Inverno acham eles, morbidamente, que «é a estação em que a natureza morre». Não fazem a coisa por menos.

Mas serão apenas aquelas as razões? As pessoas não saem por causa da televisão ou vêem televisão porque não podem sair?

Voto pelo segundo termo. Sair representa despesa e o salário (quando o há) vai chegando (quando chega) para o essencial.

E a alegria não é essencial. A convivência não é essencial o teatro, o cinema, o sindicato, o partido, o passeio, o futebol não são essenciais.

Estão a educar-nos para um essencial: a sobrevivência. Ir andando, ir esquecendo, ir dormindo, ir trabalhando, ir morrendo...

Quinhentas pessoas? As razões hão-de ser mais graves, relator amigo.

A Mongólia

Domingo Desportivo voltou à carga com o caso do prof. Jorge Proença, a propósito da medalha de bronze para Ana de Oliveira, em Glasgow, de quem é treinador. Honestamente, aparta todas as honras para a atleta, que nos últimos tempos tem ficado entregue a si própria, ocupado como ele anda com o seu doutoramento.

Algumas breves notas de um telespectador ainda acordado.

1.º — É de facto estranho que a atleta não estivesse acompanhada do seu treinador.

2.º — É desagradável que a atleta fivesse ficado entregue a si própria. Sem esquecer as relações afectivas que ligam o atleta ao seu treinador, será necessário que este não seja único, mas o chefe de uma equipa. Sem o que, isto de «alta competição» não fará sentido.

3.º A televisão ouviu já duas vezes o prof. Jorge Proença e nenhuma a Federação.

Não está em causa a razão de um ou outro. Está em causa um processo de trabalho. Na RTP, em regra, não existe informação contrastada. Quem «sabe» o que se passa nos Estados Unidos a não ser pelo José Ricardo? Quem «sabe» o que se passa a Leste a não ser pelo Fino? Quem «sabe» o que se passa na Mongólia a não ser pelo Santos Pereira?

O processo é mau. O produto é o que se vê.



O REI VAI NU BRNCOS, FEIOS E ENLATADOS

Saídos de um pesadelo televisivo de «Fricção Científica» (estilo telenovela — brazuca-a-metro ou foleirice-caseira-semanal-versão-cópia «Casino Royal»), carnavalescamente disfarçados de Melancias, Abóboras, Melões, Coirões, Estupores mafiosos de segunda, ex-Merceeiros (sem desprimor para os ditos), Barbeiros rafeiros, Megalómanos, Misógenos, Esquizofrénicos, Paranóicos, Aprendizes de Feiticeiro, Parasitas e quejandos; uns sinistros andrógenos, **Broncos, Feios e Enlatados** (lata é coisa que não lhes falta) «assentaram» arraiais no Reino da microcósmica-macro-confusão.

«Modus vivendi» insultantemente ostentosos, Buldozers dos apalermados cidadãos comuns, borrifando-se nas desgraças quotidianas dos mesmos, os **Broncos, Feios e Enlatados** com o jeito característico dos pequenos espíritos, esgrimerem, frases feitas, lugares comuns e banalidades, com o despalante e a «naturalidade» decorrentes da sua «condição».

É um espectáculo diário de pedagógicas referências para os vizinhos Europeus.

Um **bronquíssimo e feíssimo, enlatado** ex-ministro lamenta-se: — O pior é que agora vou ter de pagar as contas do telefone!

Pelo «melão» deste andrógeno, não passam fluxos de energia positiva. Pagar a conta do telefone é uma das desgraças que mensalmente atormentam o cidadão do Reino; isto é, depois de lhes sacarem dez notas p'rá «instalação» e largar cada mês, quer use ou não o maldito-cujo, mil e duzentas moedas (mais do dobro do que paga o tio Sam), além de que neste eficiente serviço, em cada três chamadas, duas vão parar à Morgue ou outro local de aprazível ambiente. Então não era mesmo de «convidar» este **Bronco** a fazer uma viagemzinha de contentor, (de preferência um de aqueles que lá para as bandas de St.^a Apolónia servem de base a estudos piro-técnicos) instalando-lhe previamente um

telefone; mandá-lo gozar com o caraças e pô-lo a ligar diariamente para a assistente dos TLP ou para as informações?! — Era pois!

Ao outro ex-ministro que andou p'raí na compra, venda, troca e baldroca vivendo no Porto com residência em Lisboa e vice-versa recebendo para o efeito, subsídio de deslocação, além do transporte de mobílias à borliú, enquanto um desgraçado casal de professores residentes em Coimbra, ele colocado em Bragança e ela em Lagos, vêem «nepias», gastam os ordenados em rendas de casas e viagens de encontro ao fim-de-semana, endividando-se para pagar os comes, os bebês e os livros. Então não era de «convidar» aquele andrógeno a fazer viagens diárias Porto-Lisboa nas confortáveis carruagens de 2.^a classe do comboio-correio, até aos sessenta e cinco anos?! — Era pois!

Aquele ainda ministro (o tal que não lê jornais) cuja pancada xenofóbica lhe dá para comprar automóveis blindados, não fossem os cidadãos descontentes atirar-lhe com berlines à tola quando se deslocam nos seus velozes autopatas. Então não era de o «convidar» a utilizar o metro entre a Rotunda e os

Restauradores às horas de ponta de 2.^a a 6.^a e de vez em quando, para variar, o comboio da linha de Sintra às oito da manhã e às dezassete, e trinta?! — Era pois!

Aquela secretária de Estado que não disse nada, não fez nada e era muito boazinha coitadinha (P'róis amiguinhos) acompanhada do patarata do pandemónio nacional, mais os senhores que se seguem (todos juntos faziam cá uma equipa); então não era de pô-los a jogar à sardinha, debaixo de um dos claustros dos Jerónimos durante as horas de maior afluência de visitantes (sobretudo turistas japoneses), duas vezes por semana, nos restantes dias e com a maré alta a jogarem à cabra cega na base circundante da Torre de Belém e durante as horas de maré-baixa a fazerem corridas ao pé cochinho nas fundações do Centro Cultural?! — Era pois! E aquela ex-ministra da Saúde que foi mordida por um cão e apanhou uma raiva aos médicos que foi coisa séria. Então não era de obrigá-la (esta com convites não ia lá) a tirar Medicina com as aulas práticas nos serviços de urgência de S. José e St.^a Maria e em dias alternados de serviço às consultas da Caixa, além de às

sextas e sábados à noite pô-la como maqueira nas urgências e cada seis meses mandá-la para a periferia, acumulando urgências, no Porto em Coimbra e Lisboa e Serviço de Ambulâncias nas restantes horas, então não era?! — Era pois; ai isso é que era!

Aquele super **Bronco** da Madeira que só abre a boca para dizer patacoadas, então não era de lhe arranjar um programa especial; a saber: Metê-lo à força num bote a remos, obrigatoriamente com uma das mãos num remo e a outra a tapar a boca (por via das asneiras) alternadamente; depois pô-lo a dar voltas à ilha até saber de cor o percurso, de trás para a frente e vice-versa, oito horas por dia toda a semana com folga ao domingo de manhã para ir à Missa na Camacha?! — Era pois!

E aquele ex-Presidente da Câmara de Lisboa **Bronco** e **Feio** ao dizer chega, que andou a apregoar o fim das barracas e dos buracos em Lisboa e deixou um buracão de todo o tamanho. Então não era de convidá-lo a viver num daqueles «palácios» da Musgueira com electricidade em pó, água da chuva canalizada pelos telhados abaixo e esgotos de superfície; dar-lhe uma trotinete para as deslocações e visitas através das crateras lisboetas, noite e dia para ver a diferença e durante dez anos?! — Era pois!

Para abreviar este plano de limpeza dos **Broncos, Feios e Enlatados**, deveriam organizar-se excursões colectivas ao Bugio, em botes de borracha com esvaziamento lento, seleccionando os participantes a partir de um torneio preparado no Estádio Nacional com jogos especiais (por exemplo: o mata, o esfola) de acordo com as «capacidades» dos intervenientes e com a assistência assegurada pelos tan-tans, abúlicos e cidadãos esquecidos, num processo de salutar terapêutica e pedagógica intenção: Abrir os olhinhos do pessoal; ver o Rei todo nu. Talvez um dia o mandassem vestir-se.

EM BUSCA DO ESPAÇO PERDIDO

Como de costume, ainda não eram 8 horas da manhã, espreitei pelas janelas das traseiras. Deveres...

Note-se que, se todos os dias o faço, e porque tenho «traseiras», ou seja, tenho mais sorte do que muita gente: vivo numa casa que não tem as costas cegas. Mas, nada de ilusões: as minhas traseiras pegam com as dianteiras do vizinho do lado e dão para as varandas da frente e de trás dos vizinhos de trás (que são da frente para o meu vizinho do lado), naquele sistema de encaixe em ângulo recto que dá para poupar canalizações e esgotos e não se preocupa excessivamente com o sol, esse produto de luxo.

Nada de me suporem, portanto, contemporânea desses memorialistas de traseiras, princípio de século, Miguéis, José Gomes Ferreira, formados nas escolas das escadas de salvação e das conversas de vizinhas e criados que estendiam roupas viradas umas para as outras, com o leiteiro a bater à porta às 7 da manhã e o padeiro a deixar o pão no saco de pano pendurado do lado de fora.

As minhas traseiras são relativas...

De um dia para o outro

Espreitei, pois, para esse lado que para mim (mas não para o vizinho do lado) é a parte de trás e, em vez do campo mais ou menos verde que na véspera havia, da estrada mais ou menos esburacada (de há uns tempos ladeada de fundos caboucos, é certo), em vez das casas baixas ao longe, do muro de tijolo, da fábrica ou depósito de placas de cimentos ou coisa assim, com a grande grua a que me fui afeiçoando, dos telhados velhos muito ao fundo, dum bairro moderno (ainda mais longe) cada vez mais crescido e colorido, tinha uma altíssima e monumental parede, mais áspera que cinzenta, à espera do cor-de-rosa, ainda não tratada, mas intratável já, com aquelas reminiscências arábicas dos portais redondos e dos pendentis triangulares, com um nítido ataveirado na traça, que havia de esconder em breve os meus próximos vizinhos.

Juro que foi de um dia para o outro. Fiz contas rápidas, que estava atrasada. Era o local exacto onde há poucos anos me tinha feito fotografar ao lado dum burro que por ali andava! Registei mais este furto de que tinha sido alvo, em que nem as novas leis do direito da acção

popular me poderiam valer: tinham-me roubado o ponto de vista.

Vendo bem, não era assim tão grave como isso: não só não tinha o hábito de contemplar a paisagem roubada, como a dita paisagem nunca poderia ser classificada de «património» nacional. Se o fosse, estaria mais «protegida»...

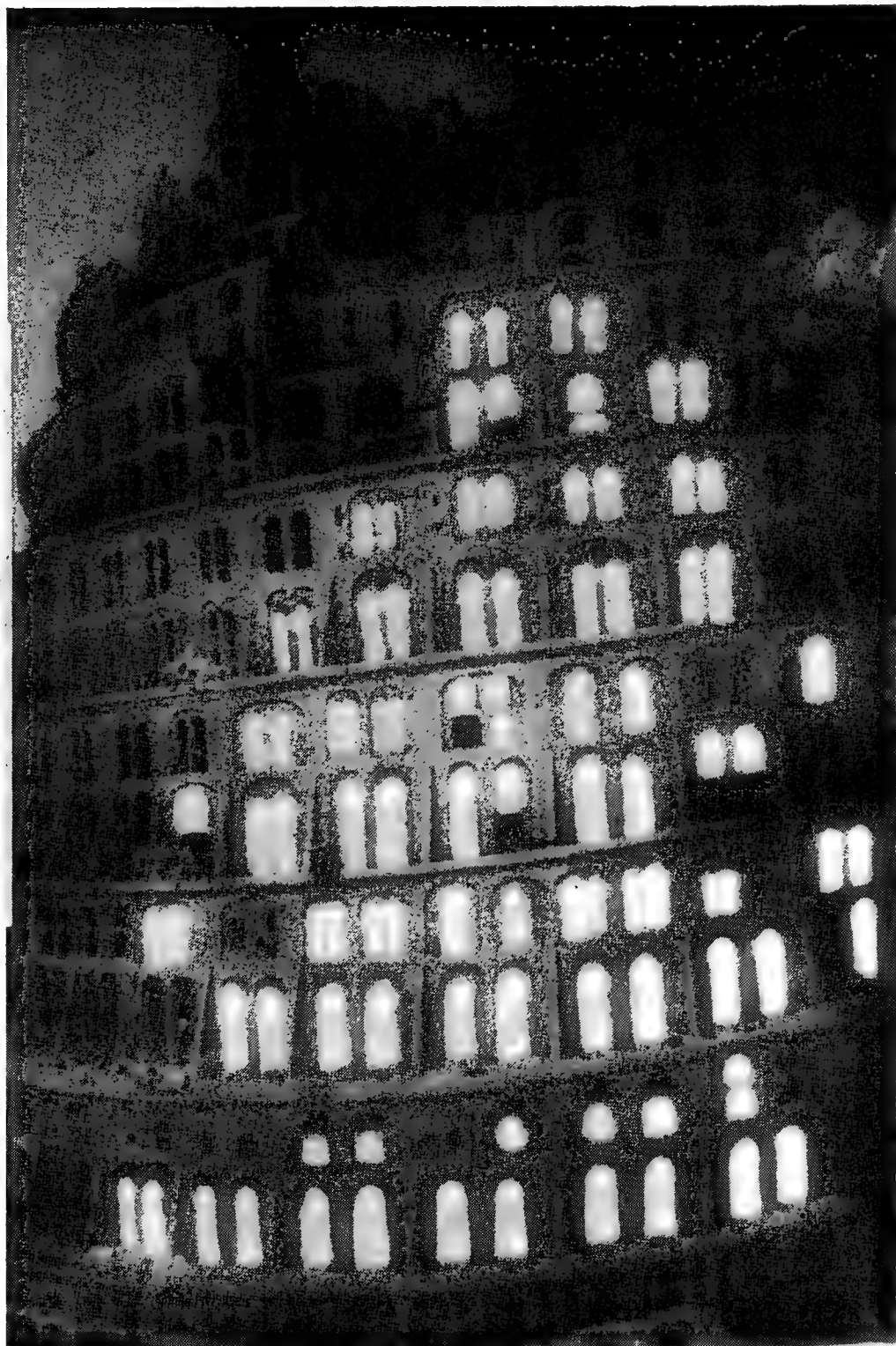
Vendo melhor, não passava de um esporádico «património» do meu próprio olhar e de mais uns quantos, todos eles egoístas e mesquinhos, sem a dimensão patriótica e nacional que têm, naturalmente, um construtor, um empreendedor, um urbanista, um autarca... Meros moradores...



De facto, só espreitava à janela das traseiras quando precisava de avaliar o trânsito para saber se valia a pena meter-me pelos buracos alternativos à estrada principal e também, confesso, quando, inquieta, esperava por algum amigo atrasado que tinha pressa de rever. De resto, sempre manifestei o desprezo mais completo por aqueles terrenos onde até há pouco tempo a porteira do meu prédio cultivava alfaces e batatas, que um dia me ofereceu.

Estará agora a ser castigada? Estaria a pagar pela indiferença com que tinha sido informada das acções de protesto da escola do bairro à qual, em acção de construção civil anterior, tinha sido retirado o sol?

Espicada de pasmo, paralisada de revolta, deslumbrada por me terem posto a viver em ritmo de desenho animado, onde bastam 5 frames para uma árvore crescer e 10 para uma cidade se cons-



truir, ocorreram-me os mais diversos pensamentos sobre a minha falta de espaço.

Espaço é dinheiro, claro

Veio-me então à memória todo o tempo que já tinha perdido à procura de espaço e as tenebrosas operações que essa procura sempre envolveu.

Não se conquista espaço sem luta — lá sabiam os nossos descobridores, mais seus reis e senhores. Mas aí, caramba, era um espaço à borla. Alargava-se o reino, mas não se pagava nada. Até se ganhava.

Hoje, poucas voltas se dão que não seja para procurar um espaço e, como espaço é dinheiro, um quarto de água das pedras pode custar 200\$00, quando também se tem que «pagar o espaço». Bom, mas isso são espaços excepcionais, de festa. O que me preocupa são os espaços normais.

Quanto tempo terei perdido à procura de um espaço para morar?

Quantos anúncios li, pequenos e grandes, pondo de lado à partida os dos telefones repetidos, os duplex cobichados, os com mais de 4 ass. os apartamentos em zona antiga, os palácios com azulejos da época divididos em T0, T1 e T2, os com lareira, os com parabólica, os com piscina para uso exclusivo dos moradores, os que precisam apenas de pequenas obras, os que só se alugam a casal estrangeiro, a cavalheiro de posição, a menina solteira, os que facilitam a entrada, os que só pagos a pronto, aque-

les com chave de ouro que custa o preço da morada...

Horas e horas de leitura, de perguntas, a calcorrear ruas, a olhar para janelas, estava quase e afinal...

Mas que cidade é esta, sem espaço onde caiba uma vida, vida e meia, duas e meia, digamos?)

É preciso saber encontrar soluções

Perdidas esperanças e energias (que não-de voltar outra vez), passa-se então a esticar o espaço que se tem, o que durante um tempo, nos leva o tempo quase todo, tirando o tempo em que se trabalha.

A receita é simples:

Vai-se à caixa do correio, que lá há-de estar um cartão. Telefona-se. Vêm tirar as medidas: a varanda, que não servia, a bem dizer, para nada, por onde até entrava o frio, fica encaixilhada a alumínio e envidraçada em menos de nada. Passa-se a secar a roupa dentro de casa (só ocupa espaço enquanto está pendurada), a casa fica com outra dimensão, os amigos admiram a conquista do espaço. Tudo ficou mais confortável, perguntam-nos a marca das persianas. As fachadas ficam mais normalizadas: tapou-se o buraco que faltava na correnteza de vidraças, que as varandas (quando havia disso), era mesmo para isso que serviam, explicava sempre o

construtor. Hoje em dia, alguém namora à janela?

Felizmente, as mesmas empresas encarregam-se dos tectos falsos (alguém precisa de tais alturas?) e, nos casos de escritórios e repartições públicas, daquelas divisórias folheadas até metade e transparentes para cima que permitem um animado convívio entre dactilógrafas e computadores.

De facto, mudar de casa teria sido um puro e simples disparate. Com tanto espaço desconhecido dentro de casa!

Claro que, ao tempo despendido nestas pequenas obras que resolvem de vez todo um problema, há que acrescentar outras soluções complementares, que não poderão ser desprezadas por quem busca o espaço perdido: construção de armários que aproveitam os vãos (e aqui os prestáveis **kit markets** têm a sua palavra a dizer, estantes acrescentadas, camas dentro de armários que à noite descem e de manhã recolhem, 2 filas de livros nas prateleiras, painéis dentro de painéis, 3 casacos num só cabide — o que de nenhum modo dificulta a sua utilização, se tivermos como objectivo prioritário o aproveitamento do espaço —, sem falar das imprescindíveis arrumações de armários e gavetas que nos levam à conclusão que até temos espaço a mais, não sabemos é organizá-lo, é o que é: para quê guardar comunicados de crises académicas, jornais do tempo do PREC, poemas que se fizeram na juventude, conclusões de congressos, casacos coçados, cinzeiros oferecidos, livros já lidos?

E foi neste momento que me perturbou outra memória: nos grupos de teatro por onde passei, levei mais tempo a arrumar espaço do que a fazer teatro propriamente. O tempo que levámos a encontrar o lugar onde o espectáculo fosse possível, a pôr e tirar praticáveis, a pôr e tirar cadeiras, a meter baús, fatos sobre fatos, do subpalco, para o palco, do palco para os bastidores, dias a fio, que o mesmo espaço servia para tudo o que se pudesse fazer e para todos os que chegassem, que não havia «espaços» na cidade, foi sempre o que ouvi dizer...

roubados

Mas pior tem sido a procura obsessiva dos espaços roubados. Houve altura em que todos os dias me roubavam um. Agora, o ritmo abrandou, porque já não há espaços para roubar. Eram sobretudo cafés. Quando digo «café», é um sítio qualquer com uma mesa de um tamanho qualquer onde se possa ler e escrever sem que nos venham dizer que não se pode estudar.

Aliás, ao longo dos anos, fui de tal modo reduzindo as exigências que já me contentava com um pedaço alcatifado de centro comercial em que eu ficava a nadar como em aquário, com horário das 10 às 12 para estudar! Pois até esse me roubaram. Inexoravelmente. Para refeições completas.

Foi então que começou o meu calvário de toldo em toldo com **Buondi** ou **Segafredo**, a ver se por acaso aquele... Mas, normalmente, ou se fica em pé, e é para quem é, ou nos empoleiramos em fila olhando-nos em espelhos ou em azulejos, ou as mesas estão postas de papel à espera de clientes que não leiam jornais, nem escrevam artigos e romances no meio das multidões. É por isso que, quando se descobre um quadrado de fórmica que nos autorize livre estacionamento, nem que seja em regime parquímetro, devem-se guardar bem o

segredo, não vá o espaço não chegar para todos os que têm as mesmas manias.

Três pistas para a felicidade

Não resisto a dar algumas pistas, ainda sob a impressão do roubo definitivo que me fizeram do ponto de vista sobre as traseiras. Impossibilitada de ocupações selvagens (que são contra a democracia), a minha revolta tem que limitar-se a esta denúncia: os três espaços que, depois de muitas procuras, decidi que podiam substituir os primitivos são, eles próprios, também roubados:

Um deles é um espaço roubado a um jardim. Ficamos cercados de grades e do céu, antes que o calendário de Verão o permita, pouco se vê porque em frente do nariz temos uma imensa cobertura pneumática que protege crianças e piscina das intempéries. No Verão, com mais céu à vista, somos atacados pelas ditas crianças em busca das pacientes mães e das respectivas bolas de Berlim. Mas é um oásis para estudantes sem computador. Ninguém nos acusa, nem ao fim de 12 horas, de estarmos a usufruir de um espaço barato de mais...

O outro foi roubado a uma esquina de passeio: o interior tem espaço para duas mesas e uma senhora gorda sentada ao pré (e pós) pagamento; o exterior é uma semiesplanada: estrado (que a rua é a descer), toldo anunciante, guarda-sóis/chuvas, plexiglás baço contra a ventania, carros estacionados a meio metro de uma fronteira de corda, cadeiras e mesas de plástico branco das que recentemente deram à costa na Península. A verdade é que até ao momento nenhum funcionário me incomodou, desde que fora das horas de «refeições».

O terceiro e último talvez desapareça assim que o local deixar de estar em rodagem, quando já ninguém reparar que foi um espaço roubado logo no projecto. Fica à boca de um metro, daquelas com fortes correntes de ar, grande asseio europeu e muita arte e nasceu entre as colunas de um prédio. É uma daque-

las «cafetarias» que, pela brancura da higiene (que não se sabe se a CEE conseguirá manter depois da entrada dos buliçosos povos de Leste), lembra irresistivelmente uma peixaria onde bolos e clientes estivessem irrepreensivelmente conservados em blocos de gelo. Nas paredes, imitadas do neon, a luminosidade dos hamburguers donde espreita alface, dos descafeinados e dos chocolates. Nunca me disseram nada. Nem que não podia fumar, nem que não podia «estudar»...

As saudades da praxe

Inevitável.

Lembro-me bem de um tempo em que o Mundo tinha mesmo muito espaço. Tenho a certeza disso. Ninguém me convence do contrário. Até havia «quartos de arrumações» mas casas, corredores que não serviam para nada e placas sem carros entre as duas vias das avenidas. E, mais espantoso ainda, havia espaço no ar. Podíamos olhar para cima e não víamos só janelas cegas e outras de pintura.

Lembro-me de andar por passeios de muitas ruas sem ter que me desviar dos pára-choques, lembro-me de em pequena ir brincar «para as terras», no tempo em que os cinemas e os teatros tinham plateia, 1.º e 2.º balcão. Havia armazéns e garagens e os antepassados de bandas **rock** não precisavam de ensaiar no antigo quarto da criada. Até de quintais me lembro, e de quando o Largo do Rato era um largo, a Praça do Comércio uma praça, e Avenida de Berna tinha árvores ao meio.

Foi assim há tanto tempo? Já nem falo de hortas, nem de vivendas, nem de vilas, nada disso.

Falo apenas de um tempo em que não me parecia que um espaço fosse mais caro do que uma pessoa, em que julgava mais rico aquele que tinha terras do que aquele que tinha terrenos. Era o tempo antes das «quintinhas», dos «lotes» e das «pracetas».

Entre cada terra de nome diferente

havia estrada e sair de Lisboa era mais do que ler uma placa com outro nome.

Lição de moral

Inevitável: a criança que eu ia levar à escola puxou-me pela manga do casaco enquanto mastigava o pão: **Não vês que vou chegar atrasada? Não vês que são horas? Não te lembras do trânsito? Não sabes que toca às 8?**

Foi a gota de água:

— **Fica sabendo que vais mesmo chegar atrasada e é porque eu quero. E é bem feita que a professora ralhe contigo, e te bata, e não te deixe entrar. Não percebes que tens que entrar a uma hora destas porque não há espaço? Não percebes que tens que entrar às 8 para saíres à uma, porque o teu espaço tem que dar para dois? Não percebes que isto é tudo porque o espaço é muito caro, é mais caro do que tu, minha estúpida! Não sabes que andas a viver por turnos e que eu não estive para andar para aí atrás do espaço, à procura de espaço. Já viste isto? Como é que a gente agora sabe se há-de ir por trás ou pela frente? Não te falta o ar, a tí?**

Claro que a criança desatou a rir à gargalhada. Não lhe passou pela cabeça que eu tivesse enlouquecido. Uma mãe nunca enlouquece. E ainda por cima, por causa da construção de um prédio.

Epílogo

A criança chegou muito atrasada à escola. É que eu não consegui tirar o carro: alguém tinha estacionado atrás de mim. (De madrugada. Dormia agora). À minha frente, uma montra cheia de electrodomésticos. Só podia começar e encher o espaço de buzina. Foi o que fiz. Mesmo assim, o espaço não cresceu, nem abriu.



Texto de
Amadeu Lopes Sabino

UMA HISTÓRIA DE BRUXELAS



O AMIGO FIEL

De *guerre lasse*, como ela própria dizia, Clara Eugénia impôs-se uma disciplina espartana. Fez ginástica, tornou-se abstinência e aplicou-se a estudar a abolição das formalidades fronteiriças entre os países membros das Comunidades Europeias. Acompanhava mensalmente a sessão plenária do Parlamento Europeu em Estrasburgo mas, exceptuando essa deslocação, raramente saía de Bruxelas. Aos fins-de-semana, lia os romances de Simenon e ia ao cinema. Escreveu longas cartas ao pai e recebeu respostas breves. Num postal remetido de Zurique, o pai falava-lhe de um macaco que fora o companheiro da infância de Clara Eugénia; ela recordou com saudade esse amigo fidelíssimo de olhar pícaro e que a vigiava com a solicitude de um irmão mais velho. Nessa noite sonhou com o pequeno gorila a quem, em criança, chamava Mono. Via-o sentado aos pés da cama, fumando charuto, a perna trancada e o sorriso irónico. Sentiu-se acompanhada.

A partir desse reencontro memorável, o Mono voltou a ser o seu anjo da guarda, a preencher os seus momentos de solidão, a segui-la sempre, a diverti-la por vezes, a consolá-la quando necessário. Graham, o marido de Clara Eugénia, um diplomata britânico com posto em Bruxelas dotado de uma condescendência filosófica, aceitou que o macaco adquirisse a dignidade de um membro da família. Considerava-se o Mono o autor de façanhas mais ou menos fabulosas; responsabilizava-se o Mono pelos pequenos fracassos domésticos; atribuíam-se-lhe tanto a aquisição de um candeeiro **art déco** num antiquário de Antuérpia como a desastrosa confecção de um prato. Era o guarda da casa e o motorista do casal. Conduzia com perícia, mas a atracção das velocidades dava-lhe volta à cabeça. Ao contrário de Clara Eugénia, amava intensamente a vida, que partilhava com amigos e conhecidos, com uma fraternidade não isenta de uma truculenta bonomia.

As conversas acerca do Mono, das suas múltiplas vidas e das suas gloriosas aventuras, tornaram-se a forma privilegiada de contacto entre Clara Eugénia e Graham. Uma polida frieza que ultimamente caracterizava o trato de ambos foi pois substituída por uma relação triangular, superficial mas lúdica. Paralelamente, a uma acrescida importância na vida do casal, o macaco adquiriu

assim uma biografia pomenorizada. Policarpo de nome próprio, era de ascendência andaluza e cigana e, por assumida convicção, boémio e andarilho. De idade indefinida (suspeitavam-no eterno), vivia de vagos rendimentos e de múltiplos talentos de artista de circo, toureiro e especulador na bolsa. Mais tarde, e à medida que ia servindo de pretexto para ridicularizar costumes e atitudes, o Mono foi, sucessivamente, banqueiro, escritor, político e, é claro, diplomata. Esta última qualidade tornou-se uma constante: o Mono acompanhava Clara Eugénia e Graham a recepções e jantares e aí tratava gregos e troianos com desconcertante à vontade. Beijava a mão às senhoras com vénias excessivas, próprias de um personagem da **commedia del arte**. Bebia razoavelmente, falava demasiado e, às vezes, partia copos e pratos. Pronunciava-se acerca de política e arte, história e filosofia, vinhos e culinária... Revelava segredos de Estado e estratégias internacionais, dizia disparates com evidente convicção. Estava apto a brilhar, resumia Graham, no mais exigente dos salões.

Uma noite acompanhou Clara Eugénia e o marido a casa de um conselheiro da embaixada de França que homenageava um português recentemente agraciado com a Legião de Honra. O serão decorreu magnífico. O condecorado discorreu acaloradamente sobre a cultura portuguesa desde a época dos Descobrimentos até aos nossos dias. Falou de Camões, de Pessoa e de meia dúzia de poetas seus conhecidos que considerava de mérito idêntico. Era baixo, gordo, comia com um apetite devorador e bebia a condizer. A meio do jantar engasgou-se ruidosamente. Policarpo correu em seu socorro e recitou de cor várias estrofes de **Os Lusíadas**. Depois, como fosse necessário passar aos contemporâneos, leu um longo poema da sua autoria que foi elogiado pelo condecorado e por uma senhora que, conhecendo o castelhano, se propunha compreender o português. Clara Eugénia e Graham consideraram o poema de Policarpo, um soneto em verso branco, apenas sofrível na primeira estrofe, de um insuportável academismo modernista na segunda e de uma rematada insensatez na terceira e na quarta. Mas ninguém, entre o resto da assistência, partilhou uma tal opinião.

Senhor do terreno a partir desse dia, Poli-

carpo entendeu dever passar a dar abrigo permanente ou ocasional a uma pequena legião de outros animais. Primeiro recebeu um jovem macaco de nome Pantagrul, de quem fez secretário, motorista, confidente e, inevitavelmente, cozinheiro. Chegou depois o Lili, um suíno originário do Porto, que entrou de imediato na carreira diplomática e casou com uma flamenga da sua raça, de nome Mimi, numa cerimónia magnífica na igreja do Sablon presenciada por todo o **jet set** europeu. Posteriormente, apareceu o Pirolito, irmão da Mimi, um especialista em literatura portuguesa que se correspondia com os mais ilustres lusófonos do universo. Mas os grandes favoritos de Clara Eugénia eram, sem sombra de dúvida, os **macacos sem fronteiras**, Pantaleão, Ciprião, Cipriano e Tibério, símios licenciados em medicina, eternamente a caminho da Etiópia e de Moçambique em missões humanitárias e políticas; como nessas terras não há pão para as bocas, os macacos viam-se obrigados a comer caviar e a beber champanhe, dizia Graham.

A vida quotidiana dos hóspedes tornou-se o tema das preocupações diárias de Clara Eugénia e do marido. Convencionaram que os animais o eram apenas aos seus olhos, passando por digníssimos representantes de género humano perante os cidadãos desprevenidos. Esta asserção permitiu formular uma teoria geral: as pessoas com quem diariamente nos cruzamos na rua são apenas animais disfarçados, assumindo forma humana para mais facilmente singrarem nas florestas da vida; poucos possuem o dom de os identificar como animais, com frequência selvagens, que efectivamente são.

Quando, em Lisboa, por ocasião do centenário do nascimento de Pessoa, o celeberrimo baú dos inéditos foi novamente revolido e um investigador inspirado descobriu que o poeta assinara textos com o heterónimo de Pantaleão, o Mono viu desenharse a grande oportunidade da sua vida. Na sua qualidade de chefe tribal, fez regressar o médico Pantaleão da Etiópia e acompanhou-o a Portugal, onde o apresentou como uma reencarnação do poeta. Pantaleão aceitou o desafio e, segundo o Pirolito, acreditou na fábula: foi recebido e condecorado pelas mais altas autoridades do Estado, visitou as mais prestigiadas instituições culturais, proferiu conferências, deu autógrafos e entervis-

tas, animou recitais, percorreu o país na companhia de presidentes de câmaras, governadores civis e ranchos folclóricos. Finalmente, o Presidente da República, lamentando-se que a Academia Sueca ainda não tivesse distinguido o lusitaníssimo Pantaleão com o Nobel da Literatura, atribuiu-lhe uma tença vitalícia igual ao ordenado mínimo nacional. O Mono espumou de raiva, no que foi acompanhado por toda a tribo. Portugal, declararam, continuava a pagar miseravelmente aos seus poetas; ia repetir-se, uma vez mais, o trágico destino de Camões. Pantaleão regressou desiludíssimo à Etiópia: o ordenado mínimo português não lhe chegava sequer para o caviar.

— Meu deus! — exclamou Clara Eugénia ao saber do infausto acontecimento. — Portugal império-se num local péssimo. Perdeu o império de sempre e pretende restaurá-lo através de um pirossíssimo respeito por uma cultura totalmente desconhecida a partir de Badajoz! Portugal degradou-se ao nível da Bechuanalândia. **Delenda est!**

Tratou pois de eliminar Portugal de todos os mapas que encontrou em casa. Recortava com cuidado o rectângulo português (era dotada para os trabalhos manuais) e substituíra-o por papel azul marinho. Portugal mergulhava assim definitivamente no fundo dos mares. No Outono, visitou o país africano onde nascera. O mundo colonial e as suas injustiças contrastantes tinham desaparecido para sempre, substituídos por um fanatismo medíocre e por novas desigualdades sociais que tornavam impossível qualquer esperança. De regresso à Europa, passou pelo colégio de Geneve onde estudara. Distribuiu chocolates e flores, mas compreendeu que, tanto as professoras como os funcionários, a tinham esquecido completamente.

— Não tenho pátria, não há dúvida — comentou Clara Eugénia, após esta interessantíssima série de experiências. — Aceitarei conformadamente ser europeia.

Take it easy! Calma! — respondeu-lhe Graham, regressando à leitura de Yeats, nos últimos tempos o seu poeta favorito.

Quando, dois anos antes, em Janeiro de 1986, a bandeira portuguesa fora hasteada na rue de la Loi, em Bruxelas, Clara Eugénia experimentou, à mistura com algum prazer, uma tranquilizadora vingança. De ascendência brasileira e suíça, nascera numa ex-colónia africana e vivera desde os dez anos entre Londres e Lisboa, razão porque considerava o seu passaporte português um mero acidente. Conservadora por educação, reconhecer-se-ia de direita se a direita portuguesa não fosse uma mera sucessão de equívocos nacionalistas. «O patriotismo», dizia ela, «esse então é a pornografia de que o nacionalismo é o erotismo».

Aceitara ocasionalmente um emprego de administradora no Parlamento Europeu; mas, a pouco e pouco, admitiu, com uma convicção mordaz, que a unificação europeia a interessava apesar de a não apaixonar. Quando casou com Graham, que conhecera no mês anterior, mostrou-lhe Portugal como quem cumpre um rito. Não deixou porém de o avisar que se tratava de uma simples digressão litúrgica. Não amava o seu país, disse-lhe, ou, pelo menos, não o amava especialmente.

O marido, que cultivava para com ela uma energia branda e quase paternal, respondeu-lhe:

— Oh!, mas isso acontece sempre aos seres cuja relação com a mãe é problemática, sobretudo mulheres, está bem de ver. A Pátria é a mãe e, se tu não amas a tua mãe, como poderias amar a tua Pátria? Provavelmente queres abandoná-la, esquecê-la, traí-la, etc.. Não se trata de propósitos muito graves no fim do século XX...

Clara Eugénia dizia alto e bom som que escolhera Graham apenas pelo nome. Quem a conhecia sabia que ela falava verdade: amava ou odiava as palavras, como uma criança à medida que as descobre. Rejeitava umas e colecionava outras: inventava incessantemente fonemas que repetia em voz baixa ao espelho, enquanto se pintava. Se fosse homem, apaixonar-se-ia por uma

mulher de nome Clélia, como Fabricio del Dongo; e não necessitaria de lhe ver o rosto para a identificar no meio de um exército de espectros.

— Não quero reproduzir a imagem da minha mãe — confessava ao marido — Não esperes isso de mim: o corpo deformado, as dores do parto, o enfado provocado pelas crianças, as mediocres relações entre progenitores e descendentes... Tudo isso me horroriza. Tudo. Não terei filhos. Sou peremptória.

— Peremptória! Que bela palavra! — respondeu oanhadoramente. — Sei bem que és peremptória sempre que falas. Nem que seja por poucas horas...

Em 1986, quando Portugal se tornou um entre os vários Estados-membros das Comunidades Europeias, Clara Eugénia admitiu que a realação conflitual que mantinha com o seu país iria começar a banalizar-se. Os Portugueses seriam cada vez mais Europeus e a identidade nacional (expressão cuja simples fonética abominava) passaria a pouco e pouco a definir-se como um mero provincianismo paroquial, tão ridículo quanto irrelevante. «Limitada, quando muito, aos vinhos e à culinária», acrescentava com mordacidade.

Ora aconteceu que, poucos dias depois, ao acordar, se sentiu como uma planta sem raízes. Em toda a parte se considerava uma estrangeira — pensou. Casara com um homem por quem experimentava um amor assente na curiosidade mas que, em relação a ela, continuava a ser sobretudo um estrangeiro. Olhava em volta e pareciam-lhe estrangeiros os objectos em que tocava, a cama em que dormia, o homem que nessa cama continuava deitado, a casa onde ambos viviam. Ela própria era uma estrangeira. Fechou os olhos e tentou em vão reconstituir a imagem do seu rosto: os contornos dos volumes esfumavam-se; sentiu uma dificuldade angustiante em respirar, o que ultimamente

lhe acontecia com frequência. Correu para a cozinha, abriu a janela de par em par, aspirou o ar gélido da madrugada, bebeu com sofreguidão várias chávenas de café.

A partir desse dia, decidiu criar vínculos. Empenhou-se em amar o marido, tarefa que lhe pareceu demasiado fácil e por isso monótona. Disse-lho. Graham achou que ela desafiava os deuses, interrogando-os em vão. Em vez de vínculos, aconselhou-a a criar centros de interesse, simples alibis para a vida cuja eficácia depende precisamente do facto de quebrarem a monotonia sem afectarem a tranquilidade dos hábitos. (Graham sublinhou com um sorriso o advérbio **precisamente**, que pronunciara num português impecável).

Clara Eugénia renovou o guarda-fato, mudou de penteado e escreveu poemas na agenda do escritório. Depois propôs-se a si própria uma paixão por um colega de trabalho, por um motorista de táxi (teimava em não conduzir e evitava os transportes colectivos) ou por um espião soviético. Graham percebeu que ela esgotara as três hipóteses praticando-as sucessiva e freneticamente. Abriu os seus belos olhos azul-turquesa num esforço de severidade desajeitada e aconselhou-lhe moderação:

— Não perca o norte, pelo menos faça por isso. A nossa casa parece o palácio presidencial de Manila após a queda da ditadura. Os pares de sapatos e os fatos da mulher do presidente Marcos foram, como sabe, pretexto para educativas visitas das crianças das escolas. Mais dia menos dia, organizam-se visitas de estudos para admirar os seus guarda-fatos. Você — ele tratava-a por você em português quando, imperceptivelmente, passava da serenidade à irritação — você pode perder-se no meio de tanto fato e de tanto sapato. Já pensou nisso?

Nessa noite, Clara Eugénia conheceu numa recepção um homem dado ao cinismo e que lhe pareceu sedutor. Tratava-se de um diplomata israelita, pálido e quase sexage-

nário, cujo sorriso perspicaz funcionava à maneira de um elixir da longa vida. Clara Eugénia narrou-lhe como os seus antepassados portugueses, de origem judaica, tinham iludido o exílio e as fogueiras da Inquisição tornando-se cristãos-novos nos princípios do século XVII. Animada pelo álcool, admitiu dever retomar ela própria a tradição bíblica e aí lançar raízes, construir pontes para o passado, edificar uma história pessoal dotada de coerência. Contou depois que a mãe a abandonara ainda criança, perseguindo uma miragem personificada num cantor de ópera ou num pianista de **night club** (já mais o soubera ao certo); o pai achava preferível entregá-la aos cuidados de sucessivos colégios; não tinha irmãos e apenas vagamente conhecia uns ténues avós; considerava por isso a família uma convenção ou, ainda pior, um preconceito e dispunha-se a inventar uma a título de divertimento. E assim por diante.

O israelita, que se chamava Perez, aproveitou a ocasião para falar jocosamente do seu próprio passado. A mulher e um filho haviam desaparecido nas câmaras de gás de Treblinka mas ele vingara-os anos depois nas margens do Jordão. Amava a guerra, só suportando a diplomacia porque a praticava com o rigor de um estratega e a veemência de uma desportista, manejando uma espécie de **master mind** à escala planetária.

Clara Eugénia sentiu-se atraída por esse desdourado repleto de sagesa, misto explosivo de proselitismo e descrença, de empenhamento no destino da Humanidade e de misantropia.

A despedida, o israelita disse-lhe:

— Se me deixar confessar-lhe que um dia virei a amá-la, a minha vida pode adquirir um sentido. Pode, está a ouvir-me?

Clara Eugénia deu-lhe um rápido beijo na face:

— Meu caro amigo, desse modo a sua vida perderia todo o sentido. — tentou aparentar ligeireza mas foi com amargura que concluiu: — Estaria irremediavelmente perdido e, pior do que isso, o seu bom humor naufragaria...

— Naufragar, naufragar... remungou Perez. — E você, já alguma vez naufragou?

— Sim, sim — respondeu ela com a mesma amargura. — Em Londres. Naufraguei numa cidade, veja lá!

Anos antes, em Londres, onde concluiria os estudos, Clara Eugénia conhecera a solidão absoluta.

Terminava um doutoramento na London School of Economics. Após as aulas estudava na biblioteca da escola e à noite havia uísque até adormecer. As suas inclinações narcisistas aproximavam-na dos espelhos e, por vezes, beijava a sua própria imagem. Mas um desgosto crescente levou-a a abolir a pouco e pouco a sua volta todas

essas terríveis máquinas de destruição que, desde os tempos remotos em que a madrastra da Branca de Neve foi rainha, inquietam os seres humanos, sobretudo os do sexo feminino. Durante o fim-de-semana ouvia discos de manhã à noite. As suas preferências iam inicialmente para os Beatles e para Mahler mas reduziram-se depois ao **rock**: a violência da música reflectia a angústia que dela se apos-sara.

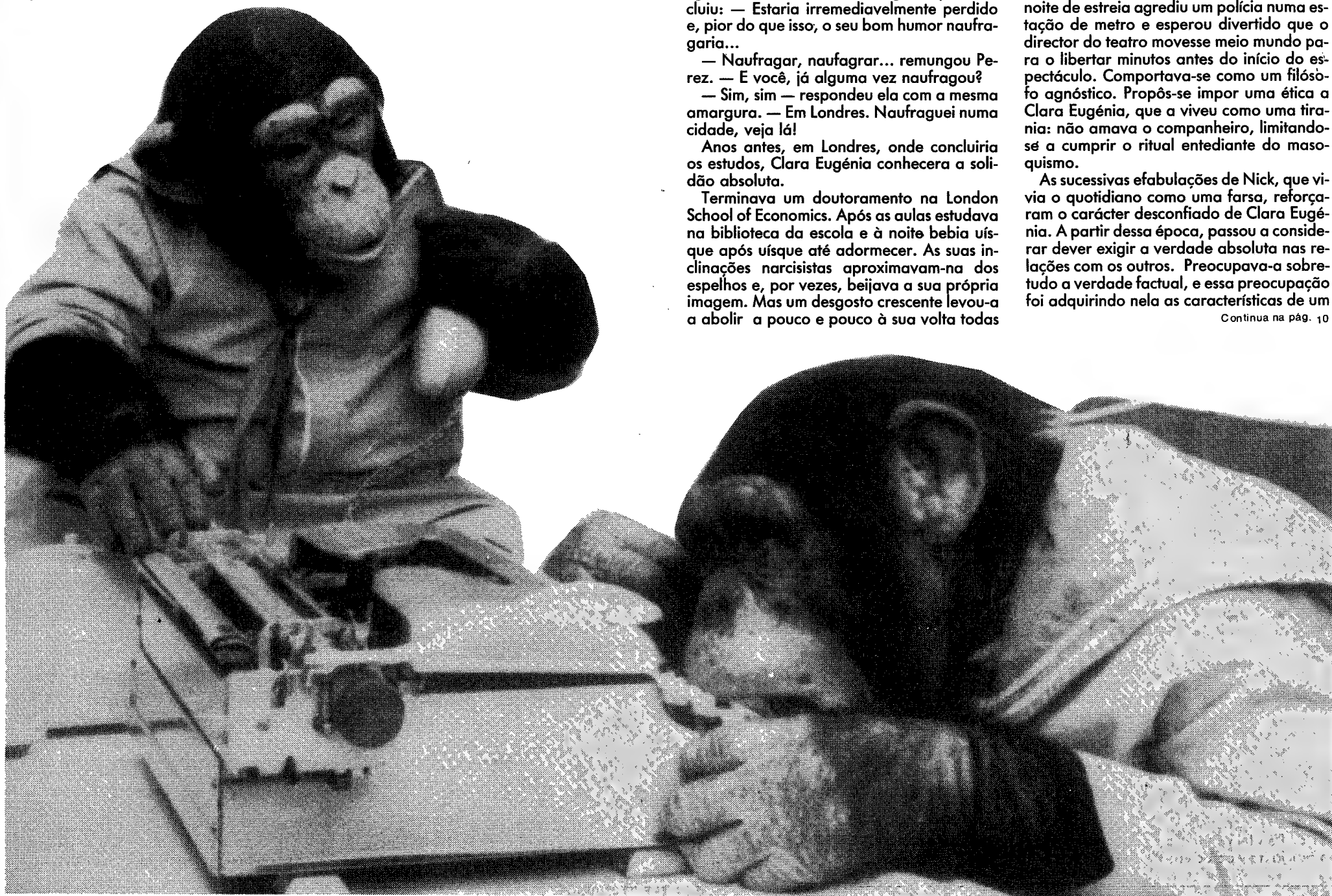
Mantinha ligações com homens mais velhos; essas ligações começaram por ser irregulares e transformaram-se em episódicas. Num inverno particularmente longo chegou a aceitar o convite de um desconhecido. Nada disso a tranquilizava. As coisas complicavam-se ainda mais porque Clara Eugénia, que desconhecia o prazer, considerava a um homem com quem passasse uma hora. A sua insegurança conduzia-a constantemente à competitividade. E a competitividade abria-lhe os caminhos do desespero.

Os três últimos anos da estada de Clara Eugénia em Londres foram marcados por aquilo a que ela chamou, mais tarde, «o ciclo de Nick», uma relação tumultuosa com um jovem actor de teatro. Nicolas North, órfão desde os quatro anos, vivia com os avós numa vivenda em Chelsea, dividido entre a paixão pelo teatro e o gosto pelos desportos mecânicos. Quando conheceu Clara Eugénia, abandonara os estudos e representava o papel de Puck num **Midsummer's night dream** encenado por Victor Garcia. Após os ensaios reunia-se a um grupo de jovens sem ocupação que queimava as noites de cervejaria em cervejaria em corridos de motorizadas pelas estradas dos arredores.

Nick era talentoso, arrogante e excessivo. Recorria incessantemente a todo o género de experiências. Utilizava o álcool, a droga e a velocidade como formas de um conhecimento em relação ao qual era capaz de um compromisso radical. Numa noite de estreia agrediu um polícia numa estação de metro e esperou divertido que o director do teatro movesse meio mundo para o libertar minutos antes do início do espectáculo. Comportava-se como um filósofo agnóstico. Propôs-se impor uma ética a Clara Eugénia, que a viveu como uma tirania: não amava o companheiro, limitando-se a cumprir o ritual tedioso do masoquismo.

As sucessivas efabulações de Nick, que vivia o quotidiano como uma farsa, reforçaram o carácter desconfiado de Clara Eugénia. A partir dessa época, passou a considerar dever exigir a verdade absoluta nas relações com os outros. Preocupava-a sobretudo a verdade factual, e essa preocupação foi adquirindo nela as características de um

Continua na pág. 10



O AMIGO FIEL

Continuação da pág. 9

tormento. «As árvores dos factos escondem quase sempre a floresta dos sentimentos», dir-lhe-ia Graham, anos depois. «E se te preocupasses um pouco mais com a serenidade e um pouco menos com esse detectivesco culto da verdade a todo o preço?»

☆☆☆

— Há uma consciência de culpa exacerbada e mortificante que é tipicamente judaica — disse-lhe Perez —. Você possuía-a, não há dúvida.

— Claro, claro — respondeu ela rindo —. Desde Eva que todas as mulheres são judaicas está bem de ver! Vamos arrastando o pesado fardo da culpa. O século XX e a emancipação feminina complicaram ainda mais as coisas.

Aceitara um convite o israelita para uma peregrinação às marcas da presença dos judeus portugueses na Holanda. Passaram um dia entre os túmulos de Oudekerke e a grande sinagoga de Amsterdão. Perez dizia-se descendente de uma família de lapidadores de diamantes de origem sefardita que vivera em Arnheim até à invasão hitleriana. Clara Eugénia encontrou na sinagoga uma placa com o apelido da família da mãe. O judeu, obviamente um bom narrador de histórias, contou-lhe como um seu antepassado lapidara o diamante Sanay, perdido por Carlos, o Temerário, na batalha de Morat; misteriosamente recuperado, o diamante pertencera depois a Henrique VIII de Inglaterra e a Maria Tudor, eclipsando-se no século passado. Mas ele, Perez, propunha-se descobri-lo.

Essa sucessão de informações excitou a imaginação de Clara Eugénia e predispo-la para um acto romanesco. Passou a noite com Perez num hotel pouco recomendável onde havia grandes janelas com pseudovitrais e gravuras eróticas nas paredes recobertas de seda adamascada. Nesse cenário de opereta, ela oscilou entre a curiosidade perante um sexo masculino circuncidado e a irritação provocada pela ejaculação precoce do companheiro, que a impediu de realçar os seus dotes de amorosa.

Regressou a Bruxelas em silêncio e foi em silêncio que se manteve encerrada em casa durante uma semana. Sentia-se febril, engolia aspirinas e copos sobre copos de uísque seco. A chuva e o vento fustigavam as janelas, desenhando nas vidraças figuras de quimera que, na imaginação perturbada de Clara Eugénia, se assemelhavam a monstros disformes. No jardim, uma araucária possuía olhos de dinossauro; uma magnólia abria grandes braços tentaculares; no telhado da garagem, reunia uma assembleia de animais selvagens — tigres, macacos e leões — discutindo em grande algazarra a estratégia do ataque aos humanos. O rosto da madrastra da Branca de Neve, emergindo de uma coifa vermelha e negra, desenhada no espelho do guarda-fato um sorriso de mofa. À noite, a chuva cessava e as rosas brilhavam luminosamente na muda escuridão do jardim.

No termo de uma semana de pesadelos, Clara Eugénia decidiu-se a retomar o fio do quotidiano. Graham disse-lhe:

— Tenho um parente mormon. Sabes qual é a pedra basilar dessa doutrina? Deus ordena aos homens que sejam felizes. Vê lá! Ando a pensar abraçar essa religião e a dedicar-me de vez a um hedonismo anímico. Mas suspeito da possibilidade de o fazer na tua santa companhia, minha querida e amada esposa. Possuis uma desmedida atracção pela infelicidade, princípio oposto ao da religião que me interessa. *Voilà!* Não era Proust quem dizia que a única maneira de a mulher se ir embora é fugir? Tu foges constantemente, através de comportamentos que te vão permitindo coleccionar infelicidades e depressões. Sendo egocêntrica, não sabes ser egoísta. Fazes o Mundo inteiro girar à tua volta mas não te move qual-



quer princípio do prazer. É pena!

— Que queres? — perguntou Clara Eugénia, à beira de uma crise de choro —. Que queres? Não pretendo ser mulher, mas ser humano... É difícil, difícil! Ser mulher é estar metida em casa, tratar da cozinha e dos filhos. Ou então, o que é bem pior, deambular entre as redacções dos jornais e os cinemas ditos de qualidade, teorizando sobre o feminismo e debitando lugares-comuns sobre a escrita feminina. Queres que me conforme?

Graham não respondeu. Esvaziou calmamente o seu porto e passou as mãos pela melena loira que disfarçava uma careca precoce. Vestia fato azul claro contrastado por uma gravata de caxemira em tons vermelhos. Mantinha nos lábios o sorriso cômico de um súbdito de sua majestade britânica; natural de uma das ilhas do canal, considerava-se, contudo, quase um homem do Sul, capaz de compreender os actos mais desrazoáveis. Deu a conversa por concluída e, junto à lareira, dedicou-se a estudar o cerimonial da entrega das credenciais do novo embaixador britânico ao rei da Bélgica: «No dia fixado para a audiência real, um ajudante de campo do rei vai, com automóvel da corte, buscar o embaixador à sua residência, para o conduzir ao palácio. O embaixador pode fazer-se acompanhar por um número limitado de diplomatas da sua missão».

Entre Clara Eugénia e o marido cavara-se um fosso apenas ocasionalmente transposto por aquilo a que ambos chamavam «les métaphores animalières». Graham não se fizera mormon mas, entre o ténis e o *squash*, seguia cursos de sofrologia, técnica que, ao que dizem, ensina o autodomínio e a serenidade. Interessava-se também pelas filosofias orientais. Dotado de espírito metódico, coleccionava relógios que ele próprio conservava. «Como Luís XVI», dizia de si para si, «vou descurando a minha Maria Antonietta. Acabarei no cadafalso».

Clara Eugénia, mulher radical, julgava-se absolutamente infeliz. E era-o. Trabalhava até à exaustão, escrevendo relatórios e discursos cujo destino final lhe era indiferente. Entre Bruxelas e Estrasburgo, ia comandando batalhões de secretárias que tratava com efusividade excessiva, fazendo esforços

sobre-humanos para não esquecer os respectivos nomes. Tentava aparentar uma serenidade apolínea que caía como uma máscara cada vez mais vetusta quando ficava só. Um cansaço agónico invadia-lhe então o corpo e a alma. Organizava reuniões, colóquios e debates, ouvindo os oradores sem lhes prestar a mínima atenção, fazendo sinais de assentimento ou de dúvida, esboçando inteligentíssimos sorrisos de concordância. Trabalhava mais do que lhe era pedido, tinham-na por competentíssima e imprescindível; no entanto, ela passava os dias à espera de um elogio ou de um louvor, espiando as reacções de quantos a rodeavam, duvidando que a apreciassem devidamente. Era destituída de qualquer espécie de confiança em si própria: era esse, simultaneamente, o seu ponto fraco e o seu ponto forte.

No fim de um extenuante dia de trabalho, sozinha no seu gabinete do Parlamento, fechava as luzes e, à janela, fixava os olhos nas filas de trânsito que desciam a rue Belliard. Os automóveis, pensava, transportavam gente para quem a vida possuía um significado. «Pobre gente, totalmente destituída de lucidez», murmurava, encolhendo os ombros num gesto de desdém. Os seus olhos concentravam-se nas matrículas dos carros. Esgotada, nervosa, perdia-se em sucessivas adições de algarismos, tirando-lhes os nove e concluindo pelas propriedades fastas ou nefastas dos resultados. Finalmente, ao longo de horas, ia decifrando os códigos das letras das matrículas: GCY — Grupo de Católicos Yrreflectidos; FHR — Federação de Hipócritas Reaccionários; MAS — Movimento de Aspirantes a Sacanas; LHC — Liga de Homossexuais Comunistas; APE — Associação de Pindéricos Ediotas; SVT — Sociedade de Veterinários Trogloditas; CVG — Crápulas, Vigaristas e Graxistas; EEX — Escola de Elefantes Xintoístas...

Chegava a casa cada vez mais tarde. Dormia só, de portas e janelas abertas porque era claustrofoba e temia a escuridão. Pela noite adiante, assaltavam-na as imagens do passado: o dia em que a mãe desaparecera de casa, a atenção cerimoniosa que o pai sempre lhe dispensara, a solidão disciplinada dos colégios em que vivera a infância e a adolescência. O absurdo da existência feria-a como um espinho: admitia, admitiria

para sempre, tratar-se de algo de universal e não de uma marca da sua história pessoal. Recordava-se então de uma professora de dança que conhecera na colónia africana onde nascera, uma mulher calma e sensível que vivia entre um marido brutal e um regimento de filhos. Um dia, num acto de desafio, essa mãe de família aparentemente conformada utilizara uma garrafa partida para se ferir na vagina e entre as pernas. «Para sempre, para sempre», murmurava ao entrar no helicóptero que a conduziu à capital da colónia.

Na grande cama que fora a do casal, Clara Eugénia chorava em silêncio. Engolia um somnífero num gole de uísque e caía num sono agitado. Sonhava invariavelmente com uma ilha tropical rodeada de um mar sereno. Sucediavam-se imagens pacificadoras: pescadores que, entoando cânticos, empurravam os barcos ao longo da praia, crianças que erguiam fabulosas construções na areia. Finalmente, o mar cordato revelava-se uma armadilha, devorando gentes e barcos que e nele se aventuravam. Clara Eugénia acordava em pânico e corria para junto do marido.

— Calma! Calma! — dizia Graham. — Vamos pedir ajuda ao Mono. Ele embala-te até adormeceres, ador... me... ce... res...

Quando o deputado britânico com quem trabalhava renunciou ao mandato europeu e regressou aos Comuns, Clara Eugénia decidiu acompanhá-lo. Ocupar-se da cultura da batata no Sussex ou da decadência da indústria carbonífera no País de Gales pareceu-lhe constituir o corolário lógico do seu europeísmo. Graham partiria para África ou para Ásia no ano seguinte, esperando ser nomeado embaixador num país esquecido onde se dedicaria à leitura e à meditação. Quando Clara Eugénia lhe comunicou a decisão de se radicar em Londres, o marido limitou-se a citar San Juan de la Cruz, nos últimos tempos o seu poeta favorito:

— *Con esta buena esperanza
que de arriba les venía,
el tedio de sus trabajos
mas leve se les hacia...*

Clara Eugénia disse-lhe com um entusiasmo de que não estava ausente alguma dissimulação:

— Durante a semana, trabalharei como uma louca. No fim-de-semana, acompanharei o meu deputado e a família até uma quinta perto de Oxford e vamos fazer remo no Tamisa. Quando vieres a Londres, exploraremos os restaurantes indianos, turcos, afgãos, etc., etc...

— Hum! Hum! — murmurou Graham —. Agora preocupo-me sobretudo com o budismo. Aceitar a vida e a morte com hospitalidade. Com alegria, mesmo. — E, mudando de tom acrescentou: — Mas toma conta de ti. Vê se dormes... Não trabalhes de mais... Descansa... Não fumes tanto...

— Bom, bom — atalhou Clara Eugénia. — Não te preocupes. Hei-de habituar-me a viver só. Ou melhor, com as minhas...

— Diz, diz!

— Com as minhas metáforas.

No dia da partida, Graham acompanhou Clara Eugénia à Gare du Midi. Ela entrou para o comboio sem vacilar e, depois de arrumar as malas na bagageira, veio até à porta para um último adeus.

— O Mono já se foi sentar no lugar ao lado do teu — disse Graham.

— Esse nunca me abandona — respondeu Clara Eugénia com um sorriso distraído.

— Já puxou de um *Davidoff*. Espero que tenham escolhido uma carruagem para fumadores.

— Como sempre. Nunca me engano.

Ouviu-se um apito. O comboio começou a deslizar suavemente na plataforma, fendendo a bruma da madrugada.

— Encontramo-nos no mês que vem em Londres — disse Graham, elevando a voz e enxugando uma lágrima furtiva. — Ou daqui a cinco semanas em Brighton, no congresso do teu partido. Ou...

Mas as palavras dele perderam-se entre os ruídos da gare. Clara Eugénia já não o ouvia; voltara ao compartimento e mergulhara na leitura de um livro de Chandler. Queria saber a identidade do assassino antes de chegar a Ostende.

Texto de
Antônio Ribeiro Ferreira

O «FUGGEREI» DE AUGSBURGO

Um campo de concentração católico, apostólico e romano

Augsburgo no limiar do século XX : um bairro com cerca de 120 apartamentos, onde vivem 250 pessoas e regras muito próprias estabelecidas por um rico comerciante da cidade falecido em 1525. Um pequeno campo de concentração, orgulho dos habitantes de Augsburgo, cidade alemã com 250 mil habitantes no estado da Baviera, e das suas seculares tradições. Os eleitos para morarem em tal maravilha têm que obedecer a requisitos e a rotinas diárias que estão de acordo com a história da cidade e o seu modo muito peculiar de funcionamento. Assim, os candidatos têm de ser pobres encartados, católicos praticantes, terem boa reputação junto da comunidade e rezarem todos os dias várias Ave-Marias, Padres-Nossos e Salvé-Rainhas pela alma do benfeitor. Embora o pensamento seja livre e as pessoas possam dar largas à sua imaginação sempre que se ajoelham na pequena capela do bairro no cumprimento do estipulado no século XVI, todos garantem à uma que não há dia que falhe à alma de tão ilustre pecador as rezas necessárias e suficientes para a levar um dia ao almejado paraíso. Para completar o quadro do dito campo de concentração, católico e praticante,

importa referir que as 250 almas são assistidas por um padre e têm assistência médica gratuita. Mas há um pormenor importante e que até ficaria mal não relatar nesta história: todos os habitantes são obrigados a recolher a suas casas até às dez horas da noite. Os noctívagos pagam 1 marco de multa e são obrigados a tocar a sineta do campo para sua vergonha e desconsolo. Se o atraso for maior, a multa agrava-se, podendo mesmo representar a expulsão de tal paraíso. Para quem paga uma renda de 1,72 marcos por ano, a penalização é drástica e mostra bem como os maus costumes são severamente castigados.

Jakob Fugger, assim se chamava o rico negociante de Augsburgo, foi um dos poucos que se manteve fiel a Roma quando os ventos da Reforma invadiram a Alemanha. Fiel a si próprio, Jakob Fugger amava o Imperador, a Igreja e o capital. A sua obra-prima social, ainda hoje muito elogiada na Baviera, foi erigida em 1514, parcialmente destruída na II Guerra Mundial e reconstruída pelos seus herdeiros, que mantêm uma invejável situação económica nos dias de hoje. O «Fuggerei», nome do bairro modelo de Augsburgo, com as suas portas e

sistemas de segurança, está de acordo com o que se passava no século XVI. Os forasteiros, para entrarem de noite na cidade tinham que atravessar quatro grossas portas, uma ponte sobre um fosso, uma ponte-levadiça e uma barreira de ferro. Depois de ultrapassarem todas essas barreiras, pagavam uma portagem e eram vistos e revistos não fosse o diabo tecê-las.

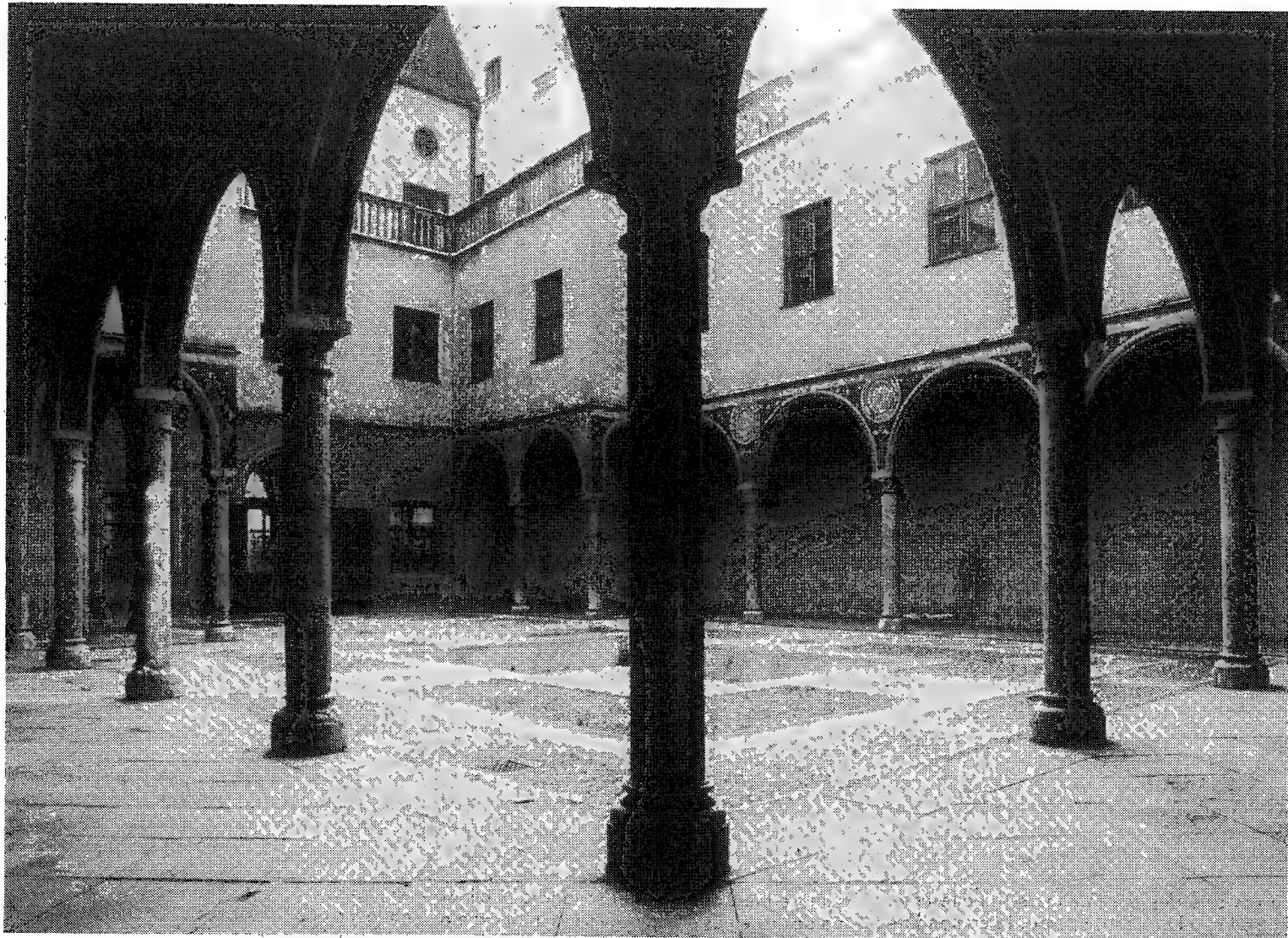
Como se vê, o «fuggerei» está de acordo com a história da cidade, que foi violentamente bombardeada por ingleses e americanos nos finais da II Guerra Mundial. Apesar dos habitantes de Augsburgo recordarem com manifesta emoção esses momentos dramáticos, importa recordar que nos arredores se situava a célebre fábrica de aviões Messerschmidt, onde hoje em dia se constroem alguns componentes dos Airbus, para grande orgulho da cidade. Augsburgo, aliás, está ligada ao voo de Rudolf Hess para a Grã-Bretanha, na Primavera de 1941. Passemos a citar o que escreveu Jacques de Launay no seu livro «Segredos diplomáticos 1939-1945»: «O voo de Hess havia sido minuciosamente preparado. Inclusivamente, Hess mandara fazer por um dos astrólogos que ele mantinha o "



Jakob Fugger, «O Rico», numa xilografia baseada num desenho de Hans Burgkmair

horóscopo do voo". Depois de ter feito três voos de treino, Hess partiu do campo das fábricas Messerschmidt, em Augsburgo, com dois reservatórios de gasolina suplementares montados no seu "Me 110". A 10 de Maio desceu em pára-quedas próximo de Glasgow. Ficou ferido e foi conduzido para um hospital inglês, onde pediu para ver o duque de Hamilton. Avisado pelo telefone, o duque chegou rapidamente a Glasgow. O capitão da Luftwaffe, que até àquele momento tinha dado o nome de Horn, declinou então a sua verdadeira identidade: Rudolf Hess».

Como se vê, Augsburgo mereceu as bombas aliadas. Com os seus princípios e a sua história muito peculiar a cidade de Augusto ainda hoje é o reino do insólito. Lado a lado com o «fuggerei» lá está sinagoga para os pouco mais de dois mil judeus que habitam em Augsburgo. Sem rabino mas ponto de passagem obrigatório para os turistas que teimam em associar a cidade e os seus habitantes a princípios e actos que marcaram a história do século XX. O facto do novo-velho Partido Republicano ter uma forte adesão na Baviera é apenas uma consequência do seu espírito autonomista, que os americanos iam reconhecendo no final da guerra, e do medo secular que todo e qualquer forasteiro provoca aos bávaros. Assim, num mundo quase sem fronteiras, Augsburgo conserva para consumo interno um pequeno campo de concentração de virtudes, onde reedita diariamente os dias ricos e felizes do século XVI, com as suas portas, pontes e portagens, e dá apoio a um partido que lhes faz lembrar as grandes fábricas de aviões e o histórico voo desse alemão dos quatro costados que dava pelo nome de Rudolf Hess.



O pátio das senhoras no palácio Fugger, situado na avenida Maximilian, em Augsburgo

Texto de
José Carlos González

O SOL-PÔR EM LISBOA

Ao aproximar-se a hora do sol-pôr em Lisboa, alguns morcegos, naturalmente, invadem as vielas dos velhos bairros. Mascarados de namorados e namoradas andam ao encosto pelas esquinas do Bairro Alto, da Madragoa, de Alfama, de Alcântara. São bichos-homens sedentos de fraternidade, dessa fraternidade que não encontram nem em suas casas, nem as escolas que frequentam, nem nos divertimentos soezes que lhes são propostos por uma sociedade em real decomposição.

Quanto há um eclipse da lua, alguns trazem óculos ou vidros fumados para tentarem prescrutar outras realidades, outros modos de viver, de amor, ainda de sofrer, que os distraiam da monocór-

dica mediocridade em que os obrigam a viver. Lembro-me de que, quando puto eu, o que me fascinava eram as tiras de papel com cola que se pegavam obrigatoriamente às janelas, aos quadrados, por causa da possibilidade de bombardeamentos, fossem dos nazis ou dos aliados. Eram bom poder, mesmo com esse defeso, descortinar o taberneiro da frente, os magalas chateados com os polícias mal-encarados, ver que as raparigas da rua, nunca, mas nunca, incomodavam as vizinhas que não exerciam a sua «profissão». Saudosismo? Nem pensar nisso. Apenas uma memória condoída mas terna de um tempo baço, onde os habitantes da cidade estavam secretamente unidos contra a velhacaria fascista e contra a falsidade de quem nos

desgovernava. Que vemos agora?

É outro tempo, claro, outro mundo também a começar. Mas os mochos permanecem. Disfarçados em pastinhas pseudo-eficazes, gravatas nojentas de mau gosto, fatiotas que, por muitos contos de réis que custem são, perfeitamente lamentáveis. Além de que já não há candeeiros a gás, que o homem da vara longa vinha alumiar pelas seis, sete da tarde, nas esquinas da cidade velha, beata pendente da beija, mas com um boas-noites quente e uma passagem discreta para o próximo candeeiro.

Que quero, no fundo, dizer com estas expressões dispersas, descontinuas? Que a desumanização de Lisboa — apenas por dois breves anos interrompida, 74 e 75 — se está a fazer de uma manei-

ra acelerada e descomposta. E que é mais que tempo de lhe pôr fim. A Edilidade lisboeta deste momento sabe, e sabemos, que tem a braços um trabalho ingente de corrigir a desfaçatez arrogante e imbecil do senhor Abecasis, que eu nomearia, com grã-cruz, Grande-Destruidor. Mas esta nova Edilidade terá, certamente, que contar nos seus livros de projectos, com um projecto fundamental: re-humanizar Lisboa, porque Lisboa o merece, tanto quanto se lhe deve aos lisboetas. A nova Câmara está, sem dúvida, ciente disso. Mas ao comentador ocasional que sou, não pode escapar este apelo, pela cidade onde nasci, para onde voltei, depois de alguns anos de exílio e de alguma modesta ajuda à implantação da Liberdade no País.

Como Complemento da sua formação, exigida pelo mundo moderno.

**INSCREVA-SE NOS
CURSOS PRÁTICOS
(WORK — SHOPS)**

DE

INICIAÇÃO À DANÇA (Prof. Ruben Marks)
INICIAÇÃO MUSICAL (Prof. Óscar Flecha)
GUITARRA CLÁSSICA (Prof. Óscar Flecha)
CERÂMICA (Prof. Joaquim José Silva)
INICIAÇÃO À TAPEÇARIA (Prof. Isabel Fonseca)
INICIAÇÃO À TECELAGEM (Prof. Isabel Fonseca)
INICIAÇÃO AOS COMPUTADORES (GRÁFICAS) (Carl Simpson)

Porque a Aprendizagem das Artes e Saberes não é um problema de ter ou não habilidade ou vocação mas sim de ter ou não paixão ou empenho, junte-se a nós, um grupo de artistas, técnicos e professores que acreditam na aprendizagem através do convívio utilizando a nova fórmula educativa

PROFANTES — ESTUDORES

Número de sessões de cada Curso: 20 sessões de 3 horas

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

R. Costa Pereira
4920 Vila Nova de Cerveira
Telefones: 051/95456-95899
Telex: 33793 EPOA P
FAX: 051/96417

Escola Associada da



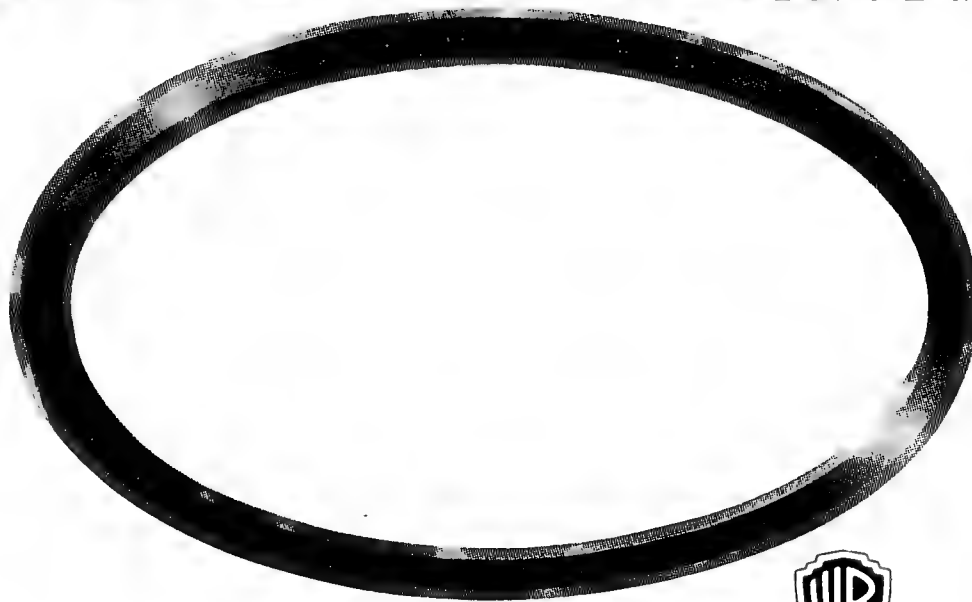
Subsidiada pela Fundação
Calouste Gulbenkian



**ESCOLA PROFISSIONAL
DE OFÍCIOS E ARTÍSTICOS**



VAI CHEGAR EM BREVE...



WARNER HOME VIDEO



A

DOS FILÓSOFOS



SANTO AGOSTINHO, TÃO FRACO COMO UMA MOSCA...

Quando Pascal afirma que basta o zumbido de uma mosca para distrair um personagem importante das suas reflexões, ele indica, por um lado, que o seu próprio discurso, ao questionar os fundamentos do poder político, perturba como o ruído da mosca e, por outro lado, que a razão humana apenas se concentra sobre ninharias. Se, por causa de uma mosca, um governador não consegue mais reflectir sobre as cidades e os reinos que dependem dele, isso significa que a mosca parasitou o espaço da reflexão, que ela tomou o lugar das cidades e dos reinos, que ela se impõe enquanto objecto de concentração.

Pascal, no prosseguimento de Montaigne, rebaixa o homem mostrando «o poder das moscas», mas humilha-o agora ao denunciar a futilidade dos objectos da reflexão. Já não é tanto Montaigne que se encontra aqui convocado, mas antes Santo Agostinho quando lamenta

a deplorável atracção humana pelas coisas miseráveis que travam sempre o movimento do espírito para a transcendência. A mosca faz parte das «curiosidades quotidianas», este universo estúpido do qual ficamos no entanto prisioneiros porque, apesar do nosso desprezo, gostamos dele, de um certo modo. Repugna-nos e, porém, seduz-nos, irresistivelmente, responde e corresponde a uma inclinação natural e esta inclinação, é preciso vê-la como um declive demoníaco, um percurso deslizante que nos precipita numa queda, muito funda, remetendo-nos à escala dos animais: «Contudo, quem poderá contar as insignificantes e desprezíveis misérias que todos os dias tentam a nossa curiosidade, e o número de vezes em que escorregamos? Quantas e quantas vezes não ouvimos contar banalidades! Ao princípio tolerámo-nos, só para não ofender os fracos; mas depois ouvimo-las com gos-

to sempre crescentel Já não contemplo um cão a correr atrás duma lebre quando isso sucede no circo. Mas se a caçada for no campo, que eu casualmente atravesso, talvez ela me distraia de um pensamento importante e, se me não obriga a mudar de caminho para a seguir a cavalo, siga-a ao menos com um desejo de coração. Se imediatamente por meio da minha já tão conhecida fraqueza, me não avisardes que me liberte desse espectáculo, e se eu me não elevar até Vós com alguma consideração, ou desprezando-o por completo ou passando adiante, ficarei hebetado» (1). O cão, símbolo da lubricidade, a caça, imagem do divertimento, análoga ao circo, rivalizam com o pensamento de Deus, remetem o pensamento do homem para o nível da imanência, abandonando-o ao hebetismo. Como passar do hebetismo para a beatitude? O que Agostinho pede a Deus é em suma dar-lhe a força para poder aproveitar-se da estupidez do espectáculo divertido como se fosse uma lição. Num primeiro momento, a corrida do cão atrás da lebre chama a atenção reservada a Deus; num segundo momento, deve esta imagem do cão e da lebre servir à aproximação de Deus, o que significa que ela deve tornar-se num objecto de reflexão. Pascal terá percebido a mensagem de Santo Agostinho e questiona daí o divertimento [«Os homens ocupam-se em andar atrás de uma bola e de uma lebre» (2)] para descortinar a confusão entre o hebetismo e a beatitude; não é «que se imagine que a verdadeira beatitude consiste em ter dinheiro que se possa ganhar ao jogo, ou na lebre que se persegue: nada disso queríamos se nos fosse oferecido. Não é este modo de vida mole e plácido que procuramos, o qual nos deixa pensar na nossa infeliz condição... Mas é a preocupação que, essa sim, não nos deixa pensar em tudo isso e nos distrai» (3). O homem mergulha no divertimento porque nada o angustia tanto como ficar em repouso no seu quarto. Mesmo enclausurado, o homem não se concentra, as moscas zumbem e distraem-no ou

oferecem-lhe um espectáculo que o diverte: «Quando estou sentado em casa não me prende também muitas vezes a atenção, um estelião a caçar moscas, ou uma aranha enredando as que se atiram às suas teias?» confessa o bispo de Hipona, acrescentando: «Acaso por serem animais pequenos, a curiosidade deixará de ser a mesma? É certo que disto me aproveito para Vos louvar, ó Criador admirável e Coordenador de todas as coisas. Mas não é isto o que primeiro me desperta a atenção. Uma coisa é levantar-me após a queda, e outra coisa é não cair nunca» (4).

Esta cena lastimável deve portanto servir de lição a Santo Agostinho, e o aproximar de Deus. O que vê o filósofo ao olhar a mosca prisioneira do lagarto e da aranha, não é senão a sua própria imagem. De resto, Pascal evidenciará o processo de projecção intrínseco ao divertimento, ao sublinhar que, na caça, o caçador apenas caça a sua própria morte: «Eis tudo que os homens puderam inventar para se tornarem felizes. E aqueles que a este respeito se fazem filósofos e pensam que as pessoas são muito pouco razoáveis ao passarem todo o dia a correr atrás de uma lebre que não queriam se a tivessem de comprar, nada conhecem da nossa natureza. Essa lebre não nos protegeria da visão da morte e da miséria, mas a caça — que dela nos distrai — protege-nos» (5). A semelhança de uma mosca, portanto, Agostinho «cai», devorado pela curiosidade mórbida, sucumbe à corrupção, cai nas redes da concupiscência. O lagarto que procura engolir as moscas, a aranha que tece as suas armadilhas, figuram, deste modo, o que é, para Agostinho, a nossa principal doença, ou seja, a associação da curiosidade e da volúpia que, ambas, nos sujeitam.

(1) Santo Agostinho, *Confissões*, Livro X, XXXV; Livraria Apostolado da Imprensa.

(2) Pascal, *Pensamentos*, fragmento 141; Europa-América.

(3) *Ibid.*, fragmento 139.

(4) Santo Agostinho, *Ibid.*

(5) Pascal, *Ibid.*

METROmorfoses



BOLSOS VAZIOS

O passageiro olhava pelo canto do olho, entusiasmado com o livro que Gregório S. tinha nas mãos. «Vi uma vez um cavalo cego: a natureza errara», escrevera a autora.

Era um livro que falava de cavalos. O passageiro tentou, a todo o custo, ler o título do livro, mas Gregório S. escondia-o com os dedos, de propósito, para que o passageiro se denunciasse.

Este chegou até a abotoar os atacadores, inclinando-se ostensivamente, mas não conseguiu descobrir de que livro se tratava.

«Desculpe», disse o passageiro, já em desespero.

«Sim», respondeu Gregório S., fazendo-se mais embrenhado na leitura do que na realidade estava. Franzia a testa.

«Esse livro fala aí em cavalos», continuou o passageiro.

«Fala», disse Gregório S.

Ao lado, quatro homens vestidos de casaco de cabedal entreolhavam-se para ver qual deles se levantaria para dar lugar a uma mulher com um filho nos braços. Hesitaram os quatro. Ela foi sentar-se num outro banco, respondendo à solicitação de uma mulher mais velha, mas sem filhos ao colo.

O passageiro não largou Gregório S.: «Eu fui tratador de cavalos, era essa a minha especialidade na tropa».

Gregório S. reparou que ele tinha uma cicatriz no queixo e gaguejava levemente. Notou ainda mais esse pequeno defeito quando os fiscais entraram para controlar os bilhetes e ele se enervou à procura do passe.

«Eu tinha-o aqui», assegurou o passageiro.

Os fiscais miraram-se entre si, esboçando sorrisos triunfantes. Um deles seguiu até ao fundo da carruagem, olhando de vez em quando para trás. Gregório S. continuou a leitura: «Na inveja do desejo, meu rosto adquiria a

nobreza inquieta de uma cabeça de cavalo».

O passageiro corou. Olhou para Gregório S., procurando auxílio, talvez uma desculpa, um cúmplice.

«Eu tinha-o aqui», repisou ele.

O seu rosto modificara-se. O cabelo caíra para a testa e as narinas tomaram-se largas. O queixo estendera-se para a frente e os lábios formavam agora um único pedaço de carne homogêneo, espetado contra o nariz. Havia qualquer coisa de animal naquele rosto a transformar-se lentamente, enquanto procurava o passe nos bolsos.

«Eu tinha-o aqui», repetia.

Um rapaz com o corpo completamente deformado pedia dinheiro com uma caixa de sapatos na mão. Para se movimentar apoiava a mão esquerda no joelho. Tinha uma saliência da parte direita das costas. Assim que acabou a colheita, encostou-se à porta a cantar. Olhava para as pessoas a rir e a dançar. Toda a gente se voltava para ele.

«É a Lambada, é a Lambada», dizia.

O fiscais estavam em frente do passageiro, aguardando. Um deles tinha o cabelo espigado e o outro, entusiasmado, coçava as virilhas com a mão dentro do bolso.

Gregório S. continuou a leitura, com uma indiferença estudada: «A noite é a minha vida com o cavalo diabólico, eu feliziceira do horror. A noite é minha vida, entardece, a noite pectedoramente feliz é a vida triste que é a minha orgia...».

Levantou o livro de modo a que o passageiro pudesse ler o título: «Onde

Estivestes de Noite» de Clarisse Lispector.

«Nunca tinha ouvido falar», disse o passageiro.

«Então?», perguntou um dos fiscais, irritado.

«É melhor sairmos e tratarmos deste assunto lá fora», acrescentou o que coçava as virilhas.

«Eu tinha-o aqui», respondeu o passageiro.

Os quatro homens vestidos de cabedal saíram a rir-se. «Larguem o homem; vão trabalhar; tirem da mão!», comentaram. Viam-se os seus gestos obscenos do lado de fora da carruagem. Os fiscais não responderam, mas olharam o passageiro cheios de ódio.

«O que este senhor diz é verdade. Veio no mesmo autocarro que eu e realmente vi-o mostrar o passe ao condutor», disse Gregório S.

O fiscal do cabelo espigado assoou-se, enquanto olhava para Gregório S. sem saber o que dizer. Foi o que coçava as virilhas que respondeu:

«Não é nada consigo. Este passageiro tem que mostrar o passe ou acompanhar-nos. É o regulamento».

O passageiro levantou-se. Seguiu os fiscais até à sala de comando da estação das Picoas. Gregório S. acompanhou-os.

Um emigrante protestava junto do funcionário pelo facto de lhe terem roubado duzentos contos em francos e a carteira com os documentos.

«Já devia saber que não se pode andar de metro com tanto dinheiro», disse o funcionário.

«E agora?», perguntou o emigrante.

O funcionário não respondeu e foi atender o telefone. O comboio avariara entre os Restauradores e o Rossio.

«E os senhores fiscais não fazem rien?», continuou o emigrante. Vestia uma camisa com motivos parisienses, o Arco de Triunfo e a Torre Eiffel.

«Nós?».

«Eu tinha-o aqui, já disse», assegurava o passageiro.

«Duzentos contos é de l'argent», insistiu o emigrante.

Gregório S. mantinha o livro na mão, com um dedo a marcar a página. Viu o passageiro olhar para ambas as saídas. Um comboio acabava de entrar na estação.

«Ninguém garde ça, não há police, não há rien», desabafou o emigrante.

O passageiro aproveitou a confusão e fugiu em direcção à escadaria. Os fiscais não se mexeram. Olhavam para o fundo da estação, mas de olhos parados, como estátuas de jardim.

«Está tudo fou neste país, eu bem não queria venlr», comentava o emigrante.

Gregório S. havia já visto aquele rosto noutro lado. Guardou o livro e caminhou devagar. Ainda viu o funcionário da sala de comando fazer gestos do lado de dentro, mas ninguém o conseguia ouvir.

Cá fora o emigrante levava as mãos à cabeça. Não se calava:

«Trazia-os aqui dans la poche!».





O VELHO DONO DO RIO

Aquele rio imenso, que todos os gari-
nos tentávamos conquistar, pertencia a
um homem só. E pobre. Que, de noite,
vinha rigorosamente conferir as ondas,
uma por uma. De quando em tempo,
um caranguejo trôpego e balofo, vinha
tocar-lhe a ponta do pé enegrecido e es-
perava assim, de barriga para o ar, to-
do o fim. E surgia, noite à entrada, mu-
lusco-fusco, uma pequena e esgrouvia-
da centelha de prata que, a nós, lá ao

alto, parecia ninfa, corpo longo e estria-
do, belo, reluzente mas não para re-
quinte de mesa, coisa mais a puxar pró
fino, talvez um quadro com caixilho de
prata, sei lá se merecendo, mesmo, uma
pontinha de ouro em cada barra.

No mirante, naquela faixazinha de
terra que a todo o calendário ameaçava
ir colocar-se ao azul infinito, a gente es-
preitava a borbulhinha alongada de on-
de fugia um peixito, mal congeminado
ainda, tem-te-não-caias antes de surgir
a predadora gaivota. E fazíamos apos-
tas: tantos no bico, tantos na fuga. Com
o velho homem do rio cá em baixo, de
caniço na mão, intimidando e mandan-
do:

— *Nem um passo, ouviram? Nem um
passo! O rio é meu!*

Era. Estendia-se até os olhos se cola-
rem de espanto aos outros focos do vizi-
nho. Nunca mais acabava. Era uma

imensidão de braços colados ao tronco,
o peito inchava quando uma onda me-
nos mole vinha de longe. Então, os pés e
as mãos esgravatavam na areia pintada
de verniz, as formigas iam levando o ar-
raial para outro montinho de terra, as
moscas desafiando o toque pela chibata
da água davam outra cabriola. Só o ve-
lho ali estava: sereno, impávido, dono
de uma fortaleza que ciosamente guar-
dava, com unhas e dentes, de sol a sol.

— *O rio é meu!*

De vez em quando escutávamos o seu
grito de posse, que voava até mais lon-
ge, sempre mais além. O chicote que
nos afugentava batia no rio, obrigava-o
a manter-se sereno, não o deixava sair
da sua estrada. Irrequieto, insubmisso,
de quando em vez o rio dava um pulo:
mas, lá estava o velho, irado, furibundo;
domador de tronco nu, oferecido às

garras da água. Entrava pelo rio e
berrava-lhe ao ouvido:

— *Para trás, ouviste! Para trás!*

Parece-nos que dessa vez terá escor-
regado ou foi apanhado por uma rastei-
ra do seu menino. Lá do alto, no nosso
ponto mais avançado de vigia, não mais
vimos os seus pés, o seu chicote, a pele
enegrecida e a barba de muitos sóis. E a
gaivota branca, que ia, muito triste, em-
poleirada naquela cabeça que beijava
o rio a caminho do mar, foi a última coi-
sa que se grudou ao nosso olhar. Ficá-
mos um tempo ali: mas nunca iríamos
aprender a nadar porque a voz do ve-
lho martelava sempre os nossos ouvidos:

O rio é meu! Meu!

Partiu como rei da sua fortuna, dentro
do rio, até lá longe, sempre mais além,
embalado pelo filho que nunca mais o
devolveu para as ameias do seu castelo.

PALAVRA POR PALAVRA

HERANÇA AFRICANA

*A nossa língua será a nossa pátria
mas, não raro, também é a pátria
dos outros*

*Dengoso, sentou a bunda, rapou do
cachimbo, coçou a careca e, num gesto
catita, após o carimbo com que
empatou o negócio. Depois, zangado,
rapou do seu fumo e, como que
zombando, encafuu-se no escritório,*

*enquanto, lá fora, o banzé dos banjos,
das zabumbas e dos berimbaus fazia
um batuque capaz até de acordar as
minhocas.*

Este naco de escorreita prosa seria
grego para Luís Vaz de Camões (que
até se entendia mal com o idioma de
Homero ou de Platão); o padre António
Vieira entraria em cólera se lhe
garantissem que tal aborto era a sua

própria língua; até mesmo Camilo
torceria o nariz a alguns dos vocábulos.

As línguas têm destas coisas.
Palavras nascem, palavras morrem,
palavras se pedem emprestadas aqui e
ali. O português para isso nasceu
fadado. Do que por cá se falava antes
da chegada do Latim, resta-nos menos
que uma mancha de termos, depois
foram os árabes e a nacionalidade viria
a abrir-se com uma primeira onda de
galicismos, não fosse borgonhês o pai
do primeiro monarca, franceses quase
todos os principais clérigos e mestres
de aulas nos primeiros séculos do
reino.

O texto com que se abre esta crónica
é, basicamente, formado por palavras
africanas que o português foi
assimilando ao longo dos séculos e
tornando suas, de tal forma que nenhum
dicionário actual se perdoaria por não as
anotar. Uma herança africana, a
contrabalançar outras muitas heranças,
positivas e negativas, que por lá
deixamos.

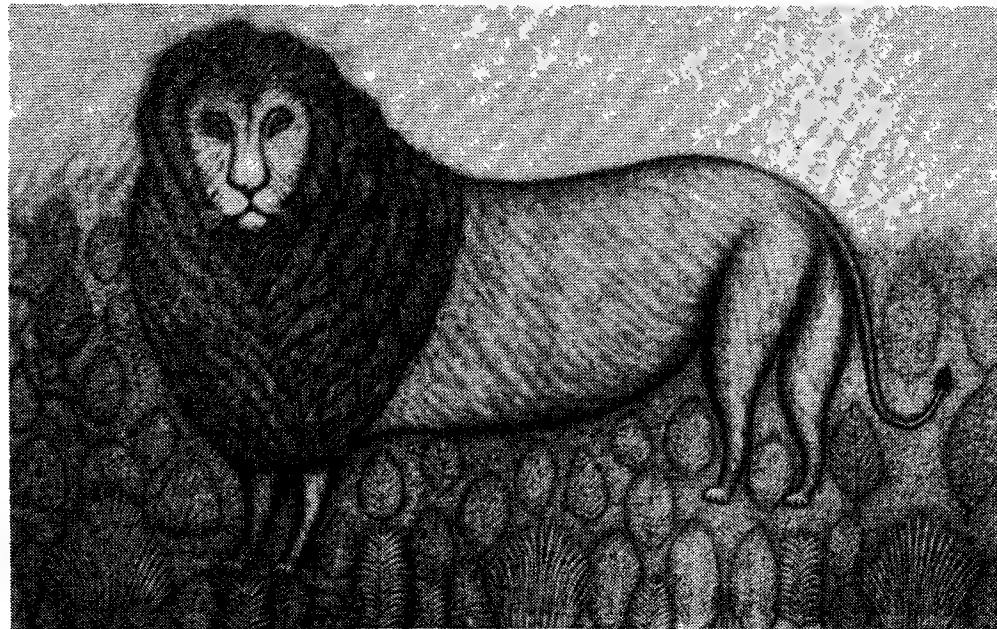
O quimbundo é o principal fornecedor
de terminologia «nova». Por exemplo, a
palavra dengue é o ndenge quimbundo,
que significa afagar; banjo é mbanza,

com o mesmo significado; banzar
provem de banza, que significa pensar,
meditar; o berimbau é mbirimbau, só
com a diferença que, por lá, o
instrumento se toca com os dentes;
bunda é mbunda, as rotundas nádegas;
e até o singelo búzio é bujilis, concha
que servia de moeda no sertão
africano.

Do quimbundo nos vieram ainda
palavras como cachimbo (kixima),
cambada (dikamba, amigo, parceiro,
camarada), careca (makonica,
calvície), carimbo (kirim bu, marca,
palavra que só aparece em português
em 1873), catita (catito, pequeno, por
extensão mimoso, delicado), cochilar
(kochila, dormir), quezília (kijila,
jejuar), minhoca (nhoca, cobra).

Zanga é congues, (mazanga,
lágrimas); zombar é ambundo (ki
zomba, brincadeira, diversão, dança),
como também ambundo é fungar
(kafunga, farejar). E um nunca mais
acabar... Um útil regime de trocas que
enriqueceu e deu novo colorido ao
português. E já nem os puristas
entendem que se trate de uma embófia
(cafre empofia, trapaça)!!!

Roby Amorim



Texto de
Daniel Oliveira

LUTA LIVRE

*O combate era combinado, e por isso o público gritava: «chiqué» .
A maioria dos espectadores não se apercebia e a luta livre ia
arrastando multidões. «Tarzan» Taborda, Lobo da Costa e
«Mascarado» foram alguns dos lutadores mais conhecidos. Uns
eram vilões, outros heróis.*

Albano Taborda, o «Tarzan», 102 quilos. Yull Bryner, o «clínico», alemão, 106 quilos. Estamos nos finais dos anos 60, em Luanda. Começa um dos últimos combates do Cinturão de luta livre de Angola. A meio do combate, Bryner utiliza golpes proibidos. Agarra-se aos cabelos de «Tarzan», mete-lhe os dedos nos olhos, puxa-lhe o nariz e faz-lhe caretas.

A luta era assim, sem regras. Mas o campeão português não aceitava este estado de coisas. «Era um idealista» diz-nos. Para ele, a luta era uma coisa séria e naquele combate não pensou duas vezes, atacou sem perdão. Depois de o pôr zozno, Taborda prendeu o «clínico» às cordas, fez um vôo planado e deu-lhe com os pés no estômago. Todos o tentaram acalmar. O árbitro apanhou por tabela. Lobo da Costa, organizador do Cinturão de Luanda, ex-lutador e empresário de «Tarzan», subiu ao ringue. Acabou, também ele, por ganhar um olho negro. A todos os que o tentaram deter Taborda mandou para a platela. Por fim bateu no peito e desafiou: «venham um por um ou todos juntos».

O Idealismo de «Tarzan» era assim. Pu-

nha em risco quem o desafiava. «À saída todo o povo comentava: Boa luta!», conta uma revista da época, concluindo: «é o que se quer».

Vinte anos depois, Taborda e Lobo da Costa estão juntos, sentados numa esplanada do Parque Mayer. Sem grandes conversas. Com eles, David Ferreira, conhecido no meio da luta livre por «mascarado», pois era com uma máscara que se apresentava ao público. Estavam ali para falar com A MOSCA.

Albano Taborda, David Ferreira, e Lobo da Costa, foram vedetas nos anos 60. Há quinze anos que o espectáculo de luta livre morreu e os três seguiram percursos diferentes.

«Tarzan» Taborda ganhou dinheiro e abriu vários estabelecimentos comerciais e um ginásio. David Ferreira permaneceu ligado ao boxe, que sempre fora a sua paixão, e continuou a dar aulas aos paraquedistas da Unidade Militar de Santa Margarida. Lobo da Costa perdeu quase tudo o que tinha em Angola, foi depois segurança e agora é reformado.

«Nunca entrei em palhaçadas»

Também na luta livre têm passados diferentes. Taborda não participou nas famosas lutas do Parque Mayer, onde o público vibrava com combates já combinados. «A luta livre era um espectáculo, não um desporto, era esse o seu valor, não íamos lá para nos matarmos» esclarece Lobo da Costa, que além de lutador, foi um importante empresário do ramo.

«Tarzan» tem uma visão diferente das coisas. «Sempre me recusei a participar em palhaçadas» afirma, e explica: «nunca fui lutador de Parque Mayer, a luta livre é um desporto para ser levado a sério, e foi isso que sempre fiz». «Nunca lutei a fingir» garante Taborda, confessando a seguir: «se alguma vez fiz com que um combate durasse mais tempo, foi por causa do público».

Apesar dos seus princípios, Taborda nunca hesitou em se vestir de «Tarzan», fazendo jus à sua alcunha. Ele não se dá bem com os outros ex-lutadores. «A maioria deles tinha uma vida duvidosa e muitas vezes me fizeram esperas» garante.

Diz que, na luta, sempre quis pôr os pontos nos 11, e que esse é o segredo do seu êxito.

David Ferreira também não tem papas na língua. «Quem mandava era quem pagava» afirma, e explica: «O empresário é que sabia quem era o "homem da bilheteira", aquele que tinha a simpatia da assistência».

David era empregado de balcão e dava aulas de boxe no Benfica. Quando entrou para a luta foi para ganhar mais algum dinheiro. Usava uma máscara para não ser reconhecido pelos seus alunos.

Vivia duas vidas. Lembra-se de ver na assistência um dos seus melhores amigos e de ter reparado que era precisamente ele o que mais nomes lhe chamava. Recorda-se também de ouvir da boca dos seus alunos opiniões menos favoráveis em relação ao «Mascarado».

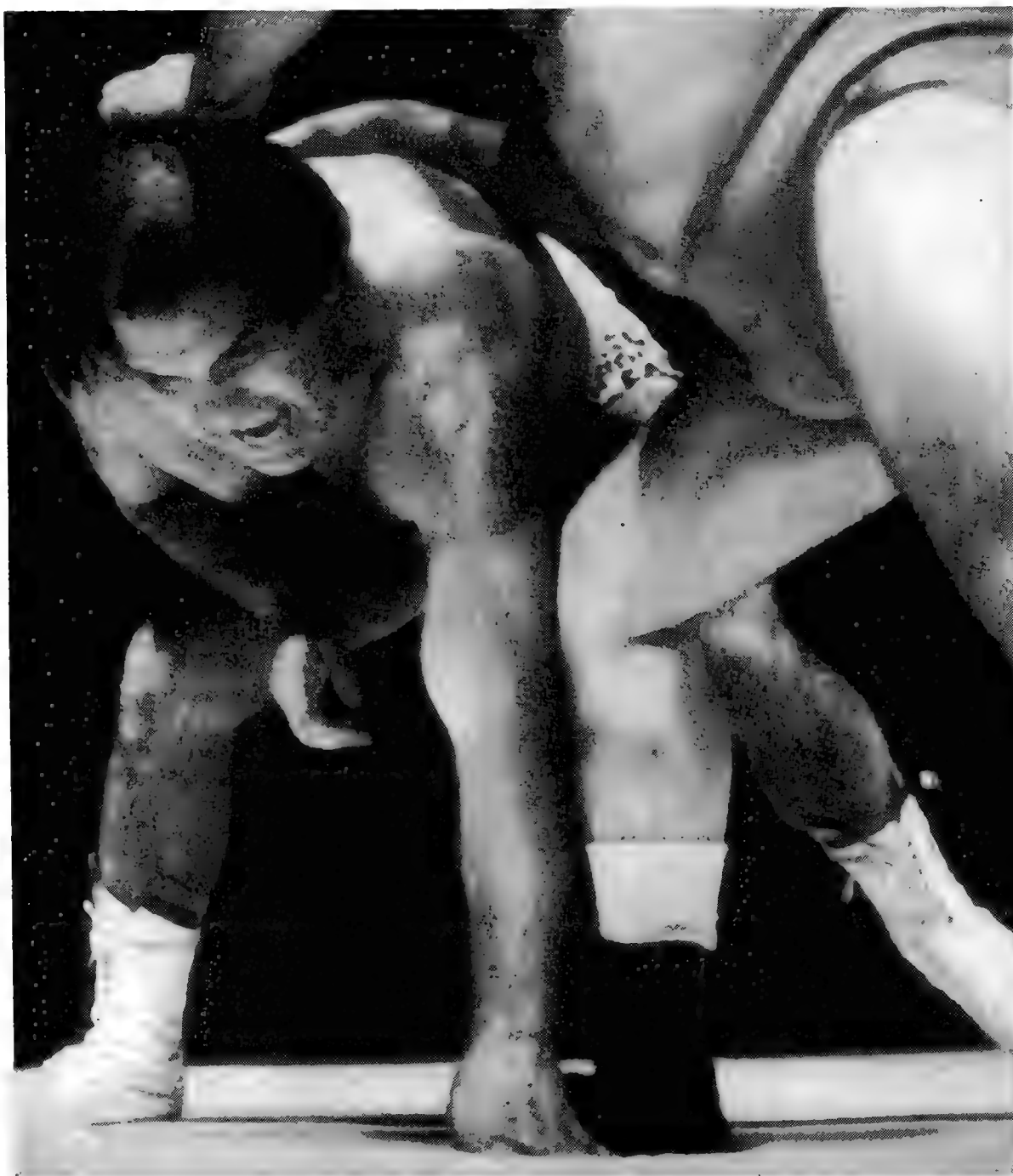
É que na luta livre, explica, existiam os maus e os bons, e ele era um dos vilões. Desleal no ringue, quando lutava, fazia tudo para não cair no chão.

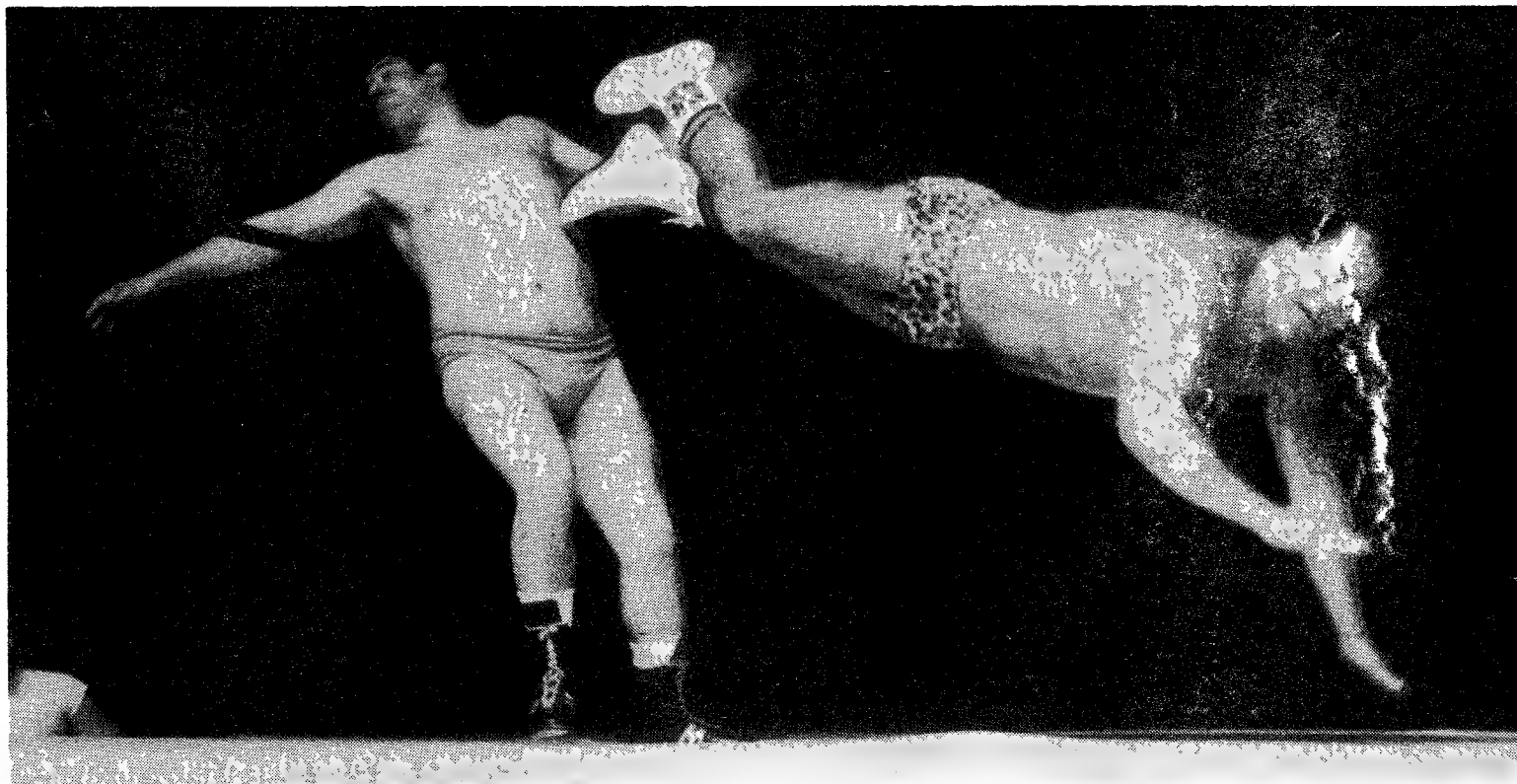
Uma vez, no Pavilhão dos Desportos, depois de ter batido de forma indigna num adversário, levantou-o nos braços e pediu desculpa ao público. Este, sensibilizado, aplaudiu efusivamente o embuçado. Mas, quando todos menos esperavam, o «Mascarado» largou-o no chão e de novo o atacou sem piedade.

As histórias de David Ferreira não acabam aqui: aconteceu um empresário, José Arsénio, o convidar para um torneio, no Porto, para combater contra Max, um outro homem da luta. Pediu-lhe que arranjasse maneira de ir parar ao hospital. O «Mascarado» aceitou a proposta.

É assim foi: a meio do combate atirou-se para o chão em grandes choros. Os bombeiros foram-no buscar e levaram-no para o Hospital. Ali, quando o médico constatou que ele nada tinha, David contou a história. O Doutor, bem disposto, encheu-o de tintura de iodo e de ligaduras. «Ia morrendo de calor» conta David Ferreira.

Depois daquilo, o «Mascarado» seguiu para uma pensão, tendo como roupa os cal-





Durante alguns dias, no ano de 1960, para substituir um amigo, foi guarda costas de DeGaulle, por quem tinha uma grande admiração.

Conta coisas inacreditáveis: que foi despedido por dezenas de milhares de mulheres em Viena. Que na Alemanha as raparigas andavam com o seu nome bordado nos jeans, fazendo parceria aos de Elvis Presley e Peter Krauss.

E os tempos de glória não pararam. De vez emquando lá aparece de novo nas páginas dos jornais: ou por causa do desentendimento que teve com o antigo presidente do Benfica, Fernando Martins, que o desalojou do seu ginásio sem querer dar a devida indemnização, que acabou por pagar. Ou porque foi eleito, e mais tarde se demitiu da vice-presidência da IFL, uma organização de intercâmbio mundial de jovens. Porque pertenceu aos órgãos directivos do Conselho Nacional da Juventude.

Entretanto, a luta, que «quanto mais a brincar é, mais a sério parece», como nos disse David Ferreira, foi morrendo. «Já não há lutadores, e é pena porque se podiam fazer aqui torneios em condições» afirma Lobo da Costa. «Tarzan», que fez o o seu

ções que utilizara no combate.

No dia seguinte, ainda José Arsénio lhe não tinha pago o combinado, leu nos jornais que ele, o David, estava internado num Centro de Saúde. Não pensou duas vezes: foi ao Parque das Camélias, onde estava a começar um combate, e avisou o empresário que ou lhe pagava o combinado ou ele se expunha a todo o público, assim, sem um único ferimento. «Acabou tudo em bem, pois ele pagou o que estava acordado» diz David Ferreira.

Havia lutas onde até as hemorragias eram simuladas. O método era simples: juntava-se sangue de vaca e de cabra, para não coagular. Punha-se o líquido dentro de um preservativo e faziam-se minúsculas bolsas. A meio do combate, quando o árbitro limpava a cara do lutador, punha-lhe aquilo na nas gengivas. Depois, espera-se só o momento certo para cair no chão, esfregar os dentes na lona, e mostrar ao público o sangue escorria pele queixo.

David Ferreira não hesita em dizer: «A luta acabou porque, depois do 25 de Abril, com esta liberdade, era impossível manter a calma na assistência».

Combates:

Verdadeiros mas não muito

Para Lobo da Costa, a luta morreu por causa da forma pouco séria que foi tratada. Quando foi empresário, garante, nunca organizou torneios onde entrassem «mas-carados ou outras palhaçadas».

A primeira profissão de Lobo da Costa foi a trabalhar numa oficina de relojoaria. Há noite, lá até ao Parque Mayer e assistia aos combates de luta livre. Ficava no pé, o lugar mais barato. Depois conheceu Filipe Rebordão, o boxeur profissional e irmão de Amália Rodrigues. Foi ele que o meteu no mundo do boxe. Daí até à luta foi um passo.

Alguns anos depois, em 1954, foi a Angola, num torneio que durou dois meses. «Gostei tanto daquela terra que fiquei por lá» conta. Entre outras coisas, dedicou-se a organizar o Cinturão anual de Luanda. Iam lá, todos os anos, lutadores de todo o mundo. Os combates chegavam a juntar mais de 4 mil pessoas e ele tinha o monopólio da exploração daquele espectáculo.

Mas Lobo da Costa, que agora tem 62 anos, não foi só empresário. Também lutou, e ao que consta, bastante bem. Uma vez, em Kinshasa, um empresário pediu-lhe que perdesse com um belga. Lobo, que combatia pela primeira vez fora de Luanda e que se encontrava no auge da sua carreira, recusou.

Subiu para o ringue, pronto para para seis assaltos de cinco minutos. À última da hora passaram os assaltos para 10 minutos. Lobo aguentou-se e não perdeu, mas quando acabou a contenda não falava, não ouvia e praticamente não via.

Dos vários combates em que participou ficaram-lhe algumas mossa e uma perna partida. Aconteceu quando foi, a convite de Manuel Gonçalves, a Moçambique.

Mais tarde passou a organizar ali torneios anuais. Depois disso só lutava quando era indispensável.

«Os combates inteiramente verdadeiros não davam espectáculo e o público não gostava» afirma. Um exemplo disso mesmo foi o torneio que organizou, em Luanda, com a participação de Carlos Rocha, José Luis e «Tarzan» Tabora, os melhores da luta livre portuguesa. «Foi um fiasco, eles passaram todo tempo a fazer chaves uns aos outros» lembra-se Lobo da Costa. Ele não gostou e os espectadores muito menos.

Por isto, quando, como empresário, muitas vezes deu ordens a homens seus para serem derrotados. Mas nem sempre pedia a um lutador que perdesse antes do combate. «A meio da luta, consoante as reacções do público, fazia sinal a um lutador para que se deixasse vencer» conta.

«Tarzan»:

De BB a De Gaulle

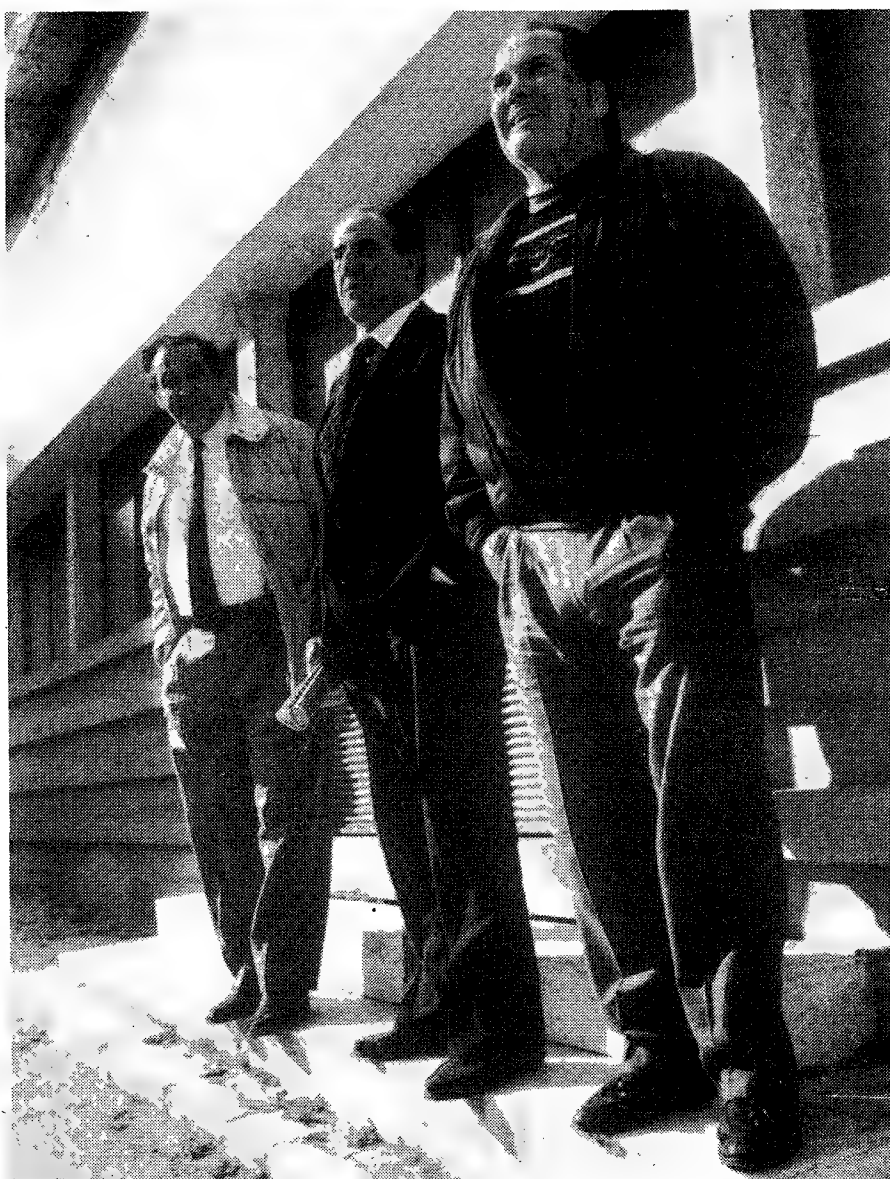
Foi com «Tarzan» Tabora que Lobo da Costa mais dinheiro lucrou. «Era novo, violento e tinha bom físico», explica o ex-empresário. Mas se «Tarzan» dava dinheiro, também cobrava caro. Era o lutador que mais recebia. Chegava a ganhar 15 vezes acima da «tabela». Em 1970, afirma Tabora, ganhava mais do que grande parte das vedetas portuguesas. No Iraque, por exemplo, chegou a receber 200 contos por uma actuação.

A MOSCA falou com ele no seu Instituto para o Tratamento da Coluna Vertebral. Imponente, gordo, com pele esticada e boca grande, «Tarzan» Tabora é um homem valioso. Conta as suas histórias de forma épica. Nunca se esquece das suas vitórias.

Antes desta vida era professor de Educação Física. Em Paris, onde vivia, iniciou-se na luta greco-romana. Tinha 18 anos. Uns anos mais tarde meteu-se na luta livre e, só muito depois, em 65, se estreou em Portugal. Foi com o campeão José Luis. Lutou a sério, ganhou e foi assunto para todos os jornais. O rei estava destronado. «Acabei com a carreira dele» afirma, com orgulho, Albano Tabora.

Com portugueses raramente perdia. Uma das poucas vezes foi precisamente com o seu empresário, Lobo da Costa. Foi a seu convite a mais um torneio em Luanda. «Tarzan» tinha 24 anos e o organizador 32. O primeiro tentou que o espectáculo durasse. Lobo, na versão de Tabora, aproveitou-se, deu-lhe um murro que o fez bater com a nuca no chão. Ficou K.O.

Nessa temporada voltou a lutar com o



Lobo da Costa, David Ferreira e «Tarzan» Tabora, no Parque Mayer. «Nunca quis lutar aqui» frizou o último.

seu manager. Não só lhe venceu como se vingou da desfeita. «Ninguém me ganhava e ninguém me ganha» garante o ex-lutador, que tem agora 54 anos e muitos quilos acima dos cem. Depois de muitos êxitos repetidos, «Tarzan» transformou-se num ídolo. Enchia as casas onde lutava, chegando mesmo a juntar algumas dezenas de milhares de pessoas para o ver. Lembra-se, por exemplo, com alguma saudade, da sua actuação na Plaza de las Ventas, em Madrid.

Ele, tal como o José Luis, faziam o papel de simpáticos no «teatro» da luta livre. Entretanto, os combates acabaram.

Mas Albano Tabora não se dedicou apenas à luta. No cinema contracenou com Brigitte Bardot e entrou em vários filmes franceses e norte-americanos, como «O dia mais longo». No cinema era conhecido por Tabora Curtis. Foi depois de fazer o papel de Tarzan no ecrã que adoptou o nome do célebre herói da selva.

último combate no Iraque, em 76, culpa-se, sem remorsos, pelo triste fim daquele espectáculo: «sempre me recusei a entrar em brincadelas e, com isso, contribuí muito para que a luta acabasse».

Tabora nunca deixou de ser um homem polémico e foi através da imprensa que sempre lançou os seus desafios. Em 1980 desafiou o super campeão de boxe, Cassius Clay, para se bater com ele. Agora é mais modesto e lança o repto: «Dão-me um mês para treinar e estou pronto para combater com qualquer lutador português, de qualquer desporto de combate». Ao infeliz que aceitar vai o aviso: «Não dura mais do que cinco minutos nas minhas mãos».





Jorge Fallorca

Uma panóplia de ferramentas para fantasias capilares, fundidas em bronze e posteriormente pintadas de branco, a que se associam utensílios de cozinha e hipotéticas gulodices, constituem o banquete escultórico que Ana Jotta serve na Galeria Alda Cortez.

Se repararmos nos títulos das suas anteriores exposições e instalações (Gaetana, Sala de Estar - com Gaetan e F.M. - 1985; Eu seja cão - 1987; A coragem de Lassie - 1988; Portraits e Drinks - 1989), verificamos que ao utilizar os mesmos processos formais, Ana Jotta ridiculariza as galerias de retratos, o método Carré do ensino primário no começo do século e o culto das mesas de caridade.

"Nos Drinks, transcrevi frases de um livro de leitura da instrução primária, do método Carré, utilizado no começo do século. Ficou provérbio alentejano: se hoje é domingo, e amanhã segunda, depois de amanhã será terça... Esse é o lado literário que pontualmente poderá ter aparecido naquele trabalho, já que começou por me fazer essa pergunta. Além de também ter utilizado um texto do Ponge (artista que muito prezo) em dois pequenos quadros do mesmo formato e

ANA JOTTA SERVE «FIRMEZA»

Em tempos mais ou menos moles e de flácidas decisões, é agradável entregar o olhar a degustações menos leves que os torrões de açúcar do bom gosto instituído ou afadigarmo-nos com a reconfortante inutilidade do decorativo

que abriam, ou fechavam, as séries Drinks e Portraits, o ano passado na Diferença. Faziam um pouco a função do azulejo de parede, e diziam mais ao menos isto: "...voilà qui est tout simple, ni de trop bon ni de trop mauvais goût et qui peut plaire, plaît pourtant à tout le monde comme hors-d'oeuvre".

«D.L.» - Além do *tromp l'oeil*, nessa exposição percebia-se que a pintura objectual estava eminente. Recordo-me sobretudo de um retrato onde o rosto era substituído por pregos.

"Era uma galeria convencional de retratos. Como são as salas dos retratos ou os quadros de um museu com as respectivas legendas de latão, que assinavam o nome do autor ou da obra. Neste caso, o nome das retratadas: Sissi, Custódia, Abigail, Constance, Prudence, Daphne, etc. Ironia também, se quiser".

«D.L.» - Ao pintar de branco estes objectos de bronze, a Ana Jotta volta a despistar o público. E porquê o título Firmeza?

"Pintei-os de branco para lhes retirar a aparência de peso que o bronze tem. Já que foram feitos com a aplicação de uma dona de casa, doceira, que experimenta novas receitas, o branco é mais adequa-

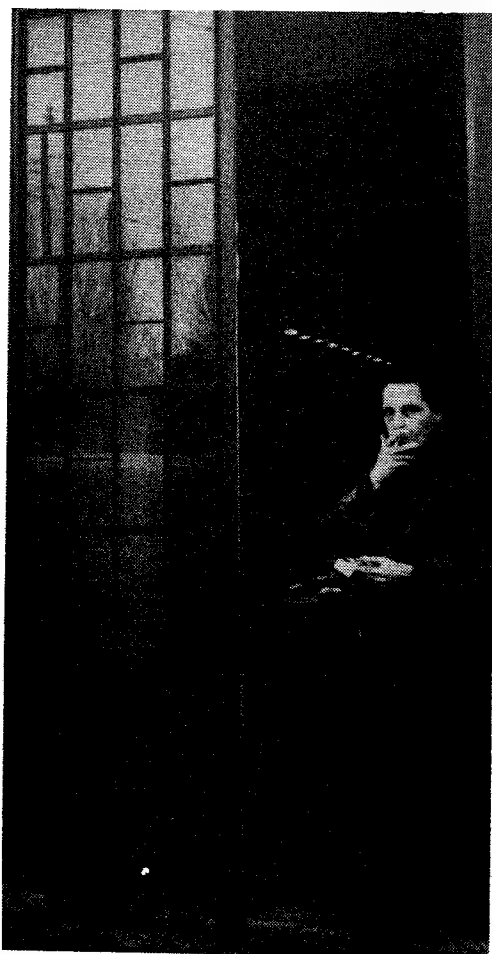
do a levezas e açúcares. Podem lembrar instrumentos de cozinha, espátulas, frigideiras, suspiros, ferros de engomar, etc. Outros são mais da ordem das fantasias capilares, e dos usos e costumes do século XIX: canudos de cabelo, caçarapazes, postigos, chapéus, miúdezas, pistola de duelo, etc. O título Firmeza está lá, já que aparece na única peça que tem uma inscrição. De resto, sempre e para tudo, Firmeza!"

«D.L.» - Esta é uma primeira parte da exposição. Como vai ser dia 17?

"Dia 17 a mesa desaparece, e é substituída por uma peça única de parede, também de bronze pintado (cinco medalhões, cinco laços) em que inscrevi mais uma vez um texto do Ponge, que trata de inscrições para pratos: *vos yeux baissés sur moi*. Claro que é a mesma exposição, é a segunda parte, se quiser um segundo corpo".

«D.L.» - E a pintura? Depois destas peças escultóricas a Ana Jotta vai fazer pintura objectual?

"Não sei. Estou a preparar uma exposição de desenho, para a Loja de Desenho, que se vai chamar Defeitos e Avarias".



TRINTA E QUATRO PAÍSES ESCREVEM A BEUYS

Beuys & Girls foi o tema encontrado pelo grupo "3D'Evandauns3"

para uma grande exposição internacional de arte postal co-produzida pela Galeria Monumental, para as suas instalações do Campo dos Mártires da Pátria, já no próximo dia 29

A ideia partiu de Maria Moreira (licenciada em História de Arte e colocada no Arquivo Nacional de Fotografia); cabendo ao músico José Oliveira a autoria do tema.

Escolhida para limite de recepção dos trabalhos, a data de 28 de Fevereiro, os organizadores da exposição internacional de arte postal, Beuys & Girls, decidiram dilatar a até ao próximo dia 25, ao tomarem conhecimento de greves dos correios de alguns países.

Comprometendo-se a expor todos os trabalhos recebidos no Apartado 21256 - 1131 Lisboa Codex, terminada a exposição, os mesmos passarão a constituir um arquivo de arte postal, disponível a qualquer solicitação, logo que seja encontrada uma solução logística aceitável.

Os organizadores afirmam ter enviado cerca de 1 500 convites, com pedido de divulgação, a outros tantos artistas encontrados em publicações internacionais da especialidade.

Ao fim do dia de ontem, já tinham sido recebidas cerca de 800 obras de 500 participantes, remetidas de 34 países.

Entre eles, e além de Portugal, presença da África do Sul, Argentina, Austrália (Pete Spence e Pat & Dick Larter), Áustria, Bélgica (Guy Bleus, Thierry Tillier, Geluwe e 3 Rio-recordings), Brasil (material de arquivo referente a Paulo Bruscky), Canadá (material referente a Monty Cantsin), Chile, Coreia do Sul (Kun Nam Baik), Dinamarca, Escócia, Espanha, País de Gales, Finlândia, França, Ghana, Guatemala, Holanda, Hungria, Inglaterra (Art Naphrø), Irlanda, Itália (destacando-se uma larga participação femini-

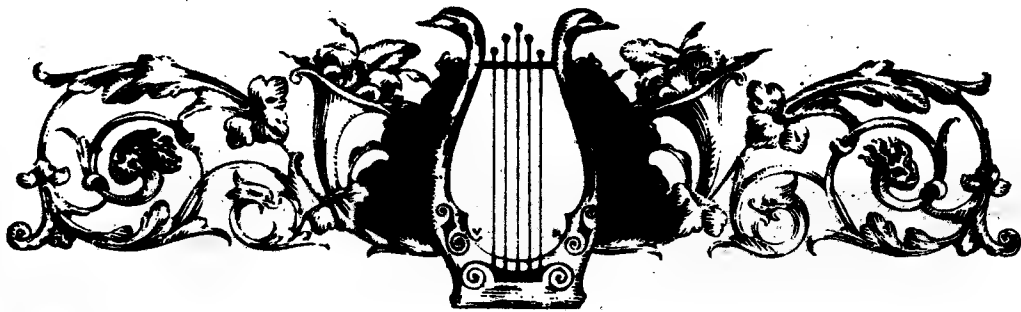
na), Japão, Nova Zelândia, Polónia, RFA, RDA (Hundermarkt, a editora de Beuys), Suécia, Suíça, URSS, Uruguai, USA (Christo e David Cole) e Venezuela.

Remontará a Marcel Duchamp a pré-história da arte postal. Segundo alguns historiadores, o primeiro remetente de correspondência de conteúdo artístico terá sido expedido por este operador estético francês, embora outros defendam que o despoletar da Correspondence Art se deve ao norte americano Ray Johnson, ao fundar a New York Correspondence School, em 1962, homologando definitivamente a partilha artística entre pessoas com estatutos, profissões, meios de expressão e localização geográfica não poucas vezes opostos.

O suporte da *mail art*/arte postal é o serviço internacional de correios, e os seus limites são a capacidade de resposta desse mesmo serviço aos desafios propostos pela imaginação de cada remetente. Digamos que para a homologação como arte postal do que é enviado, também são consideradas as diferentes etapas (e vicissitudes) percorridas durante a expedição, manuseamento e o destinatário.

Não poucas vezes o simples acto de envio (de qualquer objecto logo que aceite pelos correios) assume essas características, quando recebido pelo destinatário, transformando a caixa de correio em museu dinâmico, sempre nómada e efémero.





OS SONS À NOSSA PROCURA

PEIXINHO: O COMPOSITOR AOS 50 ANOS

Vinte e uma horas. Uma espaçosa sala em L com portas de pavilhão chinês, discretamente iluminada. Nas várias estantes recheadas de livros, nas paredes, na vasta mesa, um sem número de objectos, sonoros e não só — memórias de muitas viagens, de mil amigos, signos de outras paragens e vivências. Concentrando todas as atenções, dominando todo o ambiente, de um tom castanho levemente avermelhado, com colunas duplas sustentando o seu peso, um piano de cauda. Longas cadeiras almofadadas esperam os amigos sempre desejados — neste caso, nós. Esta é a casa de Jorge Peixinho, e esta é a breve história de uma longa conversa.

Quem é Jorge Peixinho?

«A minha tia era professora de piano, no Montijo. Com ela comecei a estudar solfejo e piano, e pouco depois tive vontade de escrever música. A primeira peça que compus, denunciava, curiosamente, algo próximo do **Microcosmos** de Bartok, com todos os defeitos de escrita e unicamente por mera intuição.

Aos 9 anos comecei a estudar harmonia e aos 11 contraponto, com o professor Artur Santos, no Conservatório, o que foi muito útil, embora me condicionasse de certo modo. Pouco depois comecei a estudar fuga e instrumentação, e simultaneamente continuei o estudo de piano, no Conservatório de Lisboa.»

Terminados os Cursos Superiores de Piano e de Composição, teve o primeiro embate com a realidade cultural europeia, da qual Portugal estava alheado:

«Quando acabei o Conservatório, tive uma bolsa da Fundação Gulbenkian, e fui para Roma. Pensei que entraria automaticamente no curso de aperfeiçoamento de composição, na Academia de Santa Cecília o que, curricularmente, parecia uma coisa óbvia. Infelizmente, não tinha qualquer preparação. Era ainda um adolescente (18 anos) e não tinha nenhum conhecimento da música do nosso tempo. Tinha ouvido, vagamente, Stravinsky e Bartok, mas desconhecia completamente Schoenberg e Webern. Tive o meu primeiro contacto com a realidade italiana, centro fundamental da música do nosso tempo. Mas ainda hoje existe uma certa «decallage» entre o nosso país e o estrangeiro, embora haja uma maior consciencialização, informação, estando os próprios professores, que também são compositores, inseridos na realidade musical do nosso tempo.»

Mas Jorge Peixinho entrou para a Academia, em Roma, e começou a tomar consciência da situação vigente.

«Durante o período de trabalho com Boris Porena, pude realizar um núcleo de obras que me permitiu o acesso à Academia de Santa Cecília, acesso esse que era feito pela apresentação de obras e não por diplomas. Aqui nasceram as minhas primeiras peças, sendo já uma expressão legítima da minha actividade criadora (1959/1960). Depois trabalhei com Luigi Nono, em Veneza, fiz um estágio na Holanda, segui os cursos de Stockhausen e Boulez na Academia de Basileia. De 1960 a 1970 participei em vários cursos internacionais de Darmstadt. Aqui realizei experiências fundamentais, como as composições colectivas congeminações por Stockhausen, e que nós, um grupo de 12 jovens compositores escolhidos entre vários de todo o mundo, tornámos realidade. Em 1967 realizámos **Ensemble** e em 1968 **Musik für ein Haus**, dois projectos fundamentais e de grande repercussão, tanto ao nível da música de Stockhausen como de uma nova visão de concretos e

da nossa actividade individual, como compositores.

Todas estas influências e experiências foram muito importantes, proporcionando-me uma formação técnica mais firme. A experiência que adquiri nesses anos foi fulcral e repercutiu-se ao longo da minha carreira de compositor.»

Os primeiros «happenings»

Em 1960 são apresentadas em Portugal algumas das suas primeiras obras, que tiveram má recepção por parte do público, suscitando mesmo dificuldades por parte dos intérpretes.

Entre 1965-1966 leccionou no Conservatório do Porto, cidade na qual, em conjunto com Lisboa, participou em diversas manifestações artísticas:

«Realizei o Concerto Pictórico, na Galeria Divulgação, em Lisboa, em colaboração com criadores da poesia experimental e de artistas plásticos dessa altura. Este grupo reunia-se com alguma frequência: Mello e Castro, Herberto Helder, António Aragão, Ana Haterly, Manuel Baptista, e por vezes António Areal.

Nestas primeiras manifestações polifónicas, que causaram enorme escândalo tanto no Porto como em Lisboa, colaboraram Clotilde Rosa e Mário Falcão, «compagnons de route» nessas «trilhas» de vanguarda, a que se juntou, posteriormente, António Oliveira e Silva, entre outros.

A época de 60 foi, realmente, muito importante para o desbravar de terrenos. Começou a alterar-se substancialmente o rosto da vida musical portuguesa dessa altura.»

A formação do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa

O Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, dirigido por Jorge Peixinho, é uma referência obrigatória na divulgação da música contemporânea em Portugal. Como surgiu este grupo?

«Ao longo da década de 60 foi começando a alicerçar-se progressivamente o gosto pela música contemporânea, e a necessidade de expressão própria por parte dos compositores que iam surgindo, aderindo a uma corrente inovadora e apoiados por um grupo de músicos. Na primeira linha encontravam-se a Clotilde Rosa e o Mário Falcão, aos quais se juntaram progressivamente Carlos Franco, António de Oliveira e Silva, António Reis Gomes e outros.»

A par desse grupo, Peixinho salienta a importância do Quarteto do Porto, como fundamental na difusão da música contemporânea, sendo a «espinha dorsal» do quarteto de cordas da Oficina Musical. O incremento dado à música contemporânea em Portugal, traduziu-se também em actividades fomentadas pela Fundação Gulbenkian.

«A dr.^a Madalena Perdigão, então directora do Serviço de Música da Fundação, organizou algumas conferências para a divulgação da música contemporânea, tendo eu proposto a interpretação de obras minhas como ilustração viva das conferências, que logo passaram a concertos. Escolhi os músicos disponíveis, dando-se automaticamente uma selecção, decorrente do seu interesse no prosseguimento de determinados objectivos. No final dessa série de miniconcertos, já na década de 70, propusemos, discutimos e levámos a cabo a formação de um grupo dedicado à música contemporânea, estável, do qual ainda temos hoje, como membros efectivos, alguns dos fundadores. A primeira apresentação oficial do Grupo, deu-se no Verão de 1970, por altura do Festival de Sintra. Foi um concerto que teve uma importância histórica, pois para além da apresentação de algumas obras minhas que se encontravam na «gaveta», fizemos uma estreia importante — os *Geistliche Lieder* op. 15 de Webern, com a Jennifer Smith.»

Em 1972, o Grupo apresentou-se pela primeira vez no estrangeiro (no Festival de Arte Contemporânea de Royan), onde foi estreada a obra **Ma fin est mon commencement**, da autoria de Jorge Peixinho. Neste mesmo ano realizaram-se as Primeiras Jornadas de Música Contemporânea da Madeira (primeiro festival dedicado a este tema em território nacional).

«Nos anos 60 a música contemporânea em Portugal, era vista como um fenómeno esporádico, marginal e mal visto pela sociedade e pelos músicos. Nos anos 70 começou a haver uma maior informação e aceitação, que se traduziu, por exemplo, na vinda a Portugal de Luciano Berio, com o qual colaborei na primeira audição de uma sinfonia sua, o **Recital** com a Cathy Barberian.»

A estética de Jorge Peixinho

No que respeita à sua escrita, acusa influências essenciais do dodecáfono serial e do serialismo integral. Não se considera um serialista, mas sem dúvida que os processos de criação utilizados

ao longo de várias fases da sua produção, são consequência do pensamento dos compositores da chamada Segunda Escola de Viena.

«Existe, sem dúvida, como que um cordão umbilical que nunca se cortou, entre a minha música e o pensamento serial.»

Quando se lhe coloca a questão da música electroacústica e das novas tecnologias, nomeadamente o computador, fala-nos das experiências que tem tido em alguns estúdios no estrangeiro, lamentando a não existência no nosso país de um único estúdio electroacústico, onde os compositores nacionais possam investigar e trabalhar nas suas obras. Foi na Bélgica e França que realizou as suas primeiras composições electroacústicas, e é ainda no estrangeiro que é solicitado para escrever música com utilização de novos meios. Continua a aprofundar os seus conhecimentos no âmbito da produção musical em estúdio, mostrando-se interessado pelas mudanças que a informática musical irá incutir nos processos de escrita e nos resultados sonoros.

No que respeita à recepção das suas obras, não se preocupa em satisfazer os interesses deste ou daquele público. A obra é tanto mais rica quanto mais diversos forem os receptores que ela interessa. Não existe um **público**, assim como não existem **públicos**, pois os processos de fruição de uma obra (bem como na sua elaboração e interpretação) são únicos e pessoais.

Nunca se deverá conceber uma standardização na recepção, apesar de para aí caminharmos, se se continuar a verificar os actuais processos na produção e divulgação musicais.

«Muitos dos meus problemas e angústias como criador, são exactamente o sentir que há toda uma espécie de desmobilização geral, que atinge a minha própria criatividade. (...) O envelhecimento biológico de uma sociedade é paralelo ao envelhecimento da pessoa, e estes são aspectos em que é preciso absolutamente rejuvenescer a todos os momentos.»

A música no social

«Nunca acreditei muito na música de intervenção directa, mesmo em obras que são reflexo de determinados acontecimentos circunstanciais no processo histórico, como **CDE, Elegia a Amílcar Cabral** e outras, onde me inseri sobre uma posição mais de reflexão sobre as situações do que propriamente como intervenção activa. Aliás, a intervenção directa tem os seus dias contados há já muito tempo, verificando-se toda uma série de processos contraditórios. O caso de um computador como Luigi Nono, é um caso muito interessante: são as suas obras mais esotéricas que ele pretende lançar com uma mensagem de intervenção político-social.

A minha opinião é que a velha dicotomia entre arte de intervenção e arte pura, na sua torre de marfim, independente e pairando como uma nuvem sobre tudo o que se passa, não tem razão de ser, pois toda a obra nasce com uma força e uma originalidade própria, como algo que não vem repetir o que já existe mas que procura de uma maneira mais ou menos ambiciosa ou modesta, criar um pequeno microcosmos de intervenção, no sentido de um alargamento do nosso próprio universo, em termos de informação, de conhecimento e horizonte poético. O conhecimento do mundo será sempre mais amplo com cada obra que se está a realizar em cada momento. Nesse sentido, um dos grandes crimes

cont. na pág. 20

cont. da pág. 19

de lesa-cultura em Portugal é a completa falta de difusão da música do nosso tempo, porque não é só necessário aos músicos e compositores, mas a toda a gente, para se compreender melhor não só o mundo em que vivemos, mas também para formar a nossa sensibilidade, para a compreensão das coisas e o enriquecimento do nosso próprio universo poético, que vai contribuir para o enriquecimento da nossa criatividade, da de todos. Nesse aspecto é que eu penso que a música é sempre uma arte de intervenção.»

No que respeita à interligação das várias artes, Jorge Peixinho apela a uma maior ligação efectiva:

«Nos anos 60 procurou atenuar-se o isolamento entre as várias artes. Podem encontrar-se aspectos comuns, mas só ao nível das macroestruturas da evolução estética, das grandes transformações do pensamento, da sensibilidade e da absorção do movimento histórico das últimas décadas. Este facto é muito visível, podendo-se estabelecer um paralelismo entre as várias artes, mas como nos anos 60, nunca houveram grandes acontecimentos colectivos, existindo apenas uma grande identificação de ideais, ou melhor dizendo de sensibilização comum.

Na altura do 25 de Abril quisemos planificar um mundo que não fomos capazes de atingir; esbracejámos apenas, não chegando a uma transformação real da situação vigente. Depois as energias acabaram, criando-se esta espécie de vazio em que vivemos hoje, que espero não seja irreversível. Faço votos que se crie uma ligação entre as artes e que possamos chegar a um enriquecimento harmonioso e homogêneo da nossa cultura.»

Prémios recebidos e projectos futuros

Foram já vários os prémios atribuídos a Jorge Peixinho, nomeadamente nos concursos de composição da Fundação Calouste Gulbenkian (1965, 1968 e 1974), prémios da Sociedade Portuguesa de Autores (1975), da Imprensa (1972), do Conselho Nacional da Música (1983), Prémio Nacional da Música (1987) e Medalha de Mérito Cultural (1988). No entanto, e apesar destas provas de reconhecimento nacional, as encomendas e solicitações que lhe surgem, neste momento, vêm do estrangeiro e não de Portugal, o que constitui, sem dúvida, um facto extremamente curioso.

A par de vários projectos de composição, Jorge Peixinho irá realizar dentro de dias uma digressão pelo Canadá nomeadamente a Toronto e Montreal, onde fará várias conferências e concertos, destacando-se um com obras suas entre as quais uma nova composição encomendada pelo New Music Concerts de Toronto, responsável pela interpretação das peças. Seguir-se-ão os cursos de Vila do Conde, uma ida a Oslo (Noruega) em Setembro, onde apresentará a sua obra **Ouçam a Soma dos Sons que Soam**. No ano de 1991 tem uma encomenda para o Festival de Alicante, em Madrid, onde se deslocará conjuntamente com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa; tem convites para participar num festival e num encontro internacional de compositores no Brasil, para o Festival de Música Electroacústica de Cuba e para trabalhar novamente no Estúdio de Música Experimental em Bourges (França), onde já realizou obras em 1979 e 1989 (esta última intitulada **Canto Germinal**, integrada no ciclo das comemorações do bicentenário da Revolução Francesa).

Ana Mafalda Correia
Helena Lima
Paula Bach
Paulo Lameiro



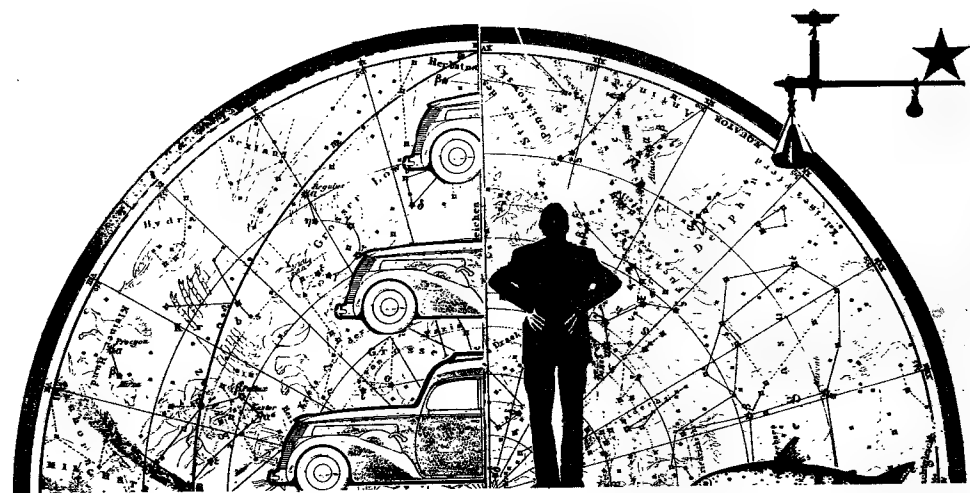
Rui Eduardo Paes

SEIS DISCOS POR REENVIO OS CAMINHOS DE ROMA

O bom ouvinte de música não se fica por um objecto só, elabora associações, conjuga estilos e sons, complementa, contradiz, joga. Em suma, escolhe e escolhendo reinventa os sentidos da música que ouve. Pode prosseguir uma evolução temporal, pretendendo ser a História um novelo que se desenrola linearmente. Pode pelo contrário ser indiferente às operações do tempo e decidir-se pela sincronia dos actos musicais nas variantes de uma determinada escola ou geografia.

Mas também pode atravessar o espectro das músicas, num gesto oblíquo, procurando os indícios comuns e as diferenças, o que converge e o que explode. E sabe, seja qual for a sua atitude perante o conjunto de obras que, planeando ou improvisando, seleccionou, isto que é essencial: a audição nunca se deseja uma prática passiva, trabalha e dá forma, recria, e faça que opção fizer é dinâmica. O homem mais feliz do mundo é o «disc-jockey». Somo-lo cada vez mais.

Afinal, estamos em plena era do «sampling» e do «remix». Nada, absolutamente nada, vale por si mesmo, mas pela relação que conseguir manter com o que o precede ou sucede. Talvez porque o vínculo mais directo entre músicas é o que nos reenvia entre dois produtos específicos e apenas dois, foi assim que procedemos...



Por exemplo: porque não ouvir «The Lamp and the Star», o último do percussionista Alex Cline editado o ano passado pela ECM e agora importado pela Dargil, juntamente com um disco de paralelismos «improváveis», o mais recente dos portugueses Telectu, registado numa actuação em palco internacional - «Live at the Knitting Factory», lançado

pela Mundo da Canção, uma recém-estreada editora do Norte. São, como desde logo se nota, títulos de estéticas diferentes, ainda que ambos partilhem o legado da música contemporânea universalmente entendida.

Cline, juntando um agrupamento de oito elementos em que os lugares de destaque vão para o violino de Jeff Gauthier, o violoncelo de Hank Roberts e as teclas de Wayne Peel mais do que para si mesmo, dá-nos um excelente exemplo do que pode ser a música acústica com uma sofisticada produção sonora. Os Telectu, por sua vez, ou mais exactamente Jorge Lima Barreto e Vítor Rua, perseguem os códigos da música electrónica integral mas submetem-nos a outros critérios, surpreendendo quem conhecia as suas anteriores insistências nos modelos minimal e repetitivo ou, em contraste absoluto, na desestruturação improvisacional da música livre.

Ora, a excelência de um e a agradável mudança dos outros constituem, sem mais comparações do que as possíveis, uma muito semelhante ambiguidade de efeitos, se bem que não de processos.

Cline, um músico de formação «free» que parece ter-se finalmente libertado dos legados negativos que vinham de uma certa leitura «europeísta» do jazz radical praticado nos anos 60, dilui em «The Lamp and the Star» o balanço próprio dessa sua faceta na ambiência, só-

lida e cativante, de uma música essa sim originalmente europeia e que hoje ganha contornos particularmente interessantes, na redescoberta da sua dimensão sacra e da sustentação básica num passado que ilude a imediata decisão histórica.

O disco terá algo de renascentista, mas encarando de tal modo essa «postura» que o resultado surge intemporal, transversal. Já «Live at the Knitting Factory», do duo Telectu, cultiva um enquadramento de modernidade última, que só é intemporal porque é instantâneo. Uma característica que decorre da própria programação rítmica, com pontes para o rock, o funky ou pelo menos um enten-



dimento assim conotável dos ritmos étnicos. Barreto e Rua abandonaram a tentação dos exercícios de estilo, resolveram-se finalmente a largar a experimentação das diversas tipologias que passam por uma conceptualização da electrónica para homogeneizar uma proposta musicologicamente cosmopolita mas identificada.

A (as)simetria entre estes trabalhos é evidente, e (des)articulável: uma ou outra hipótese depende do exercício que, como auditores, pretendemos efectuar.

★ ★

Mas o «disc-jockey» que nós vamos gostando de ser pode sentir-se movido por objectividades menos subtis, e provocar uma associação em tudo empática entre duas músicas. No caso, a ambiguidade cede terreno à evidência. Entre, designadamente, «New Sounds for Winds and Brass» de László Dubrovay (1989, Hungaraton, distribuído pela Dargil) e «Kalotaszegi Népzene - Hungarian Folk Music From Transylvania» de Fodor Sándor, saído no mesmo ano e na mesma etiqueta, há uma semelhante tónica na explanação impressiva.

Dois registos vindos do Leste, como já se percebeu, e que encadeiam duas das maiores vocações regionais: uma a extrapolação erudita, servida por boas tradições, a outra um vínculo com a raiz que sempre impediu qualquer fronteiramento do que é considerado «popular».

As composições de Dubrovay para duas flautas, quinteto de madeiras, trombone solo, tuba e septeto de metais, avizinham o som do silêncio de uma forma rara, como se a música fosse simplesmente a sua emanção. Talvez por isso o autor atenta, ao longo deste disco, nas «proporções de frequência», mínimas que não minimais, discursivas apesar de rigidamente economizadas no vocabulário, comportando afinal uma grande complexidade e exigência técnica.

O violinista Fodor Sándor, pelo seu lado, é um intérprete de extroversões, permite-se ser «inexacto», repentista, excessivo na expressão, não só devido às condições impostas pelo folclore da Transilvânia mas em grande parte porque, como se percebe, é esse o seu modo de estar enquanto músico húngaro, baseado em muito do virtuosismo cigano daquela parte do mundo.

Se um tem a menos o que o outro mostra a mais, nem pela oposição o facto é outra coisa que não uma esclarecedora coincidência: rigorosa pela mão de László Dubrovay, imediatista com Sándor, temos a configuração da música

como uma arte do desequilíbrio. Só assim, aliás, as peças encaixam...

★ ★

E que poderão ter a ver estes dois produtos da música que hoje é feita - «Deep Listening» de Pauline Oliveros, Stuart Dempster e Panaiotis, um New Albion Records de 89 acabado de importar pela Você Gosta de Música, e «Paradise of Replica» dos japoneses After Dinner, com selo RecRec Music, também do ano passado, e comercializado entre nós pela Contraverso?

Isto, que é particularmente convergente: o primeiro contém uma música densa, espessa, feita de massas sonoras compactas, e no entanto há nela algo de volátil e etéreo, tanto assim que o acórdão, o trombone e as percussões metálicas intervenientes perdem a sua denotação para serem somente «instrumentos»; o outro apresenta-nos um lote de canções simpáticas, superficiais, leves, mas com características que sugerem mais sérias considerações.

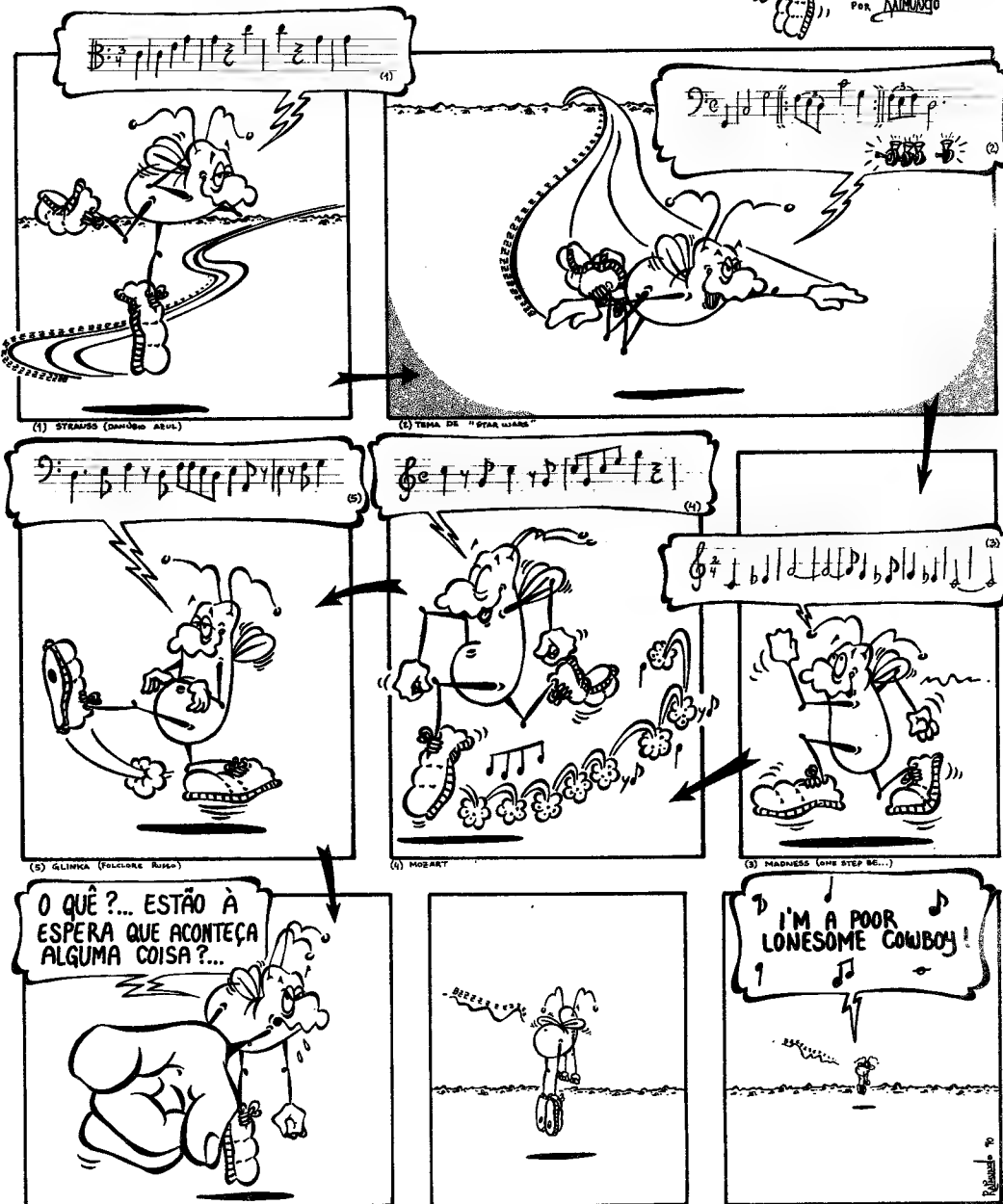
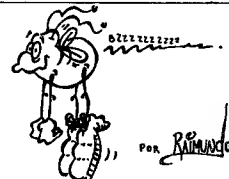
Ou melhor: situando-se «Deep Listening» na área que sucede à derrocada do vanguardismo, embora prossiga alguns dos seus códigos, tal como uma certa procura da abstracção e um descomprometimento radical para com os géneros definidos, e consistindo «Paradise of Replica» numa pop sem lugar para dúvidas, ainda que a conexão do modelo ocidental com os orientalismos proposta pelo grupo da cantora Haco esteja aqui intencionalmente problematizada e as muitas alusões «cultas» do disco impliquem alguma familiarização com outras correntes (a clássica, sobretudo), o que fica da audição conjunta destes trabalhos é a sensação de uma correspondência bem menos inocente do que se pretendia.

Se à «profundidade» de um projecto musical pensado, como é o do trio Oliveros-Dempster-Panaiotis, no qual os conhecimentos da electrónica serviram para conceber uma música que depende a cem por cento da espacialidade acústica e das potencialidades naturais de esculturação do som, pode corresponder a ligeireza jovial dos After Dinner e as piscadelas de olho que constantemente nos dirigem, é porque devemos acreditar no velho provérbio: todos os caminhos vão dar a Roma.

Seria banal se tivéssemos dito tudo. Assim não aconteceu. Ouvir a música da Transilvânia para violino e depois os After Dinner, Alex Cline e de seguida os autores de «Deep Listening», os Telectu e Dubrovay, resultaria noutros considerando que não os que foram feitos nestas páginas, mas provaria não obstante que a equação é conjugável quase até ao infinito.

Para dele nos aproximarmos convinha o passo seguinte: reservar umas horas largas para estes consumos e passar no gira-discos e no leitor de CD's todos estes seis títulos, numa ordem a inventar pelo «disc-jockey». Outras conclusões tornam-se possíveis...

A MOSCA



PRÉMIO CAMINHO DE LITERATURA POLICIAL E DE FICÇÃO CIENTÍFICA

1991

REGULAMENTO

1. Dado a repercussão alcançada em 1982 pelo Prémio Caminho de Literatura Policial e de Ficção Científica, a Editorial Caminho decidiu em 1985 manter as suas características e tornar esse prémio bienal. Assim, após os prémios concedidos em 1985, 1987 e 1989, promove agora o prémio para o ano de 1991.
2. Este prémio destina-se a estimular a criação em português de literatura policial e de ficção científica.
3. O prémio será atribuído nas seguintes modalidades:
 - a) ficção científica;
 - b) história policial.
4. As obras concorrentes às respectivas modalidades poderão ser romances ou colectâneas de contos.
5. As obras concorrentes deverão ser em língua portuguesa e inéditas.
6. As obras concorrentes deverão ter um mínimo de 160 páginas dactilografadas nas condições do nº 10 deste regulamento.
7. O valor do prémio será de 300 000\$00 para cada modalidade. No acto da entrega do valor do prémio o autor premiado considerará com isso pagos os direitos autorais da primeira edição da respectiva obra, com uma tiragem máxima de 3000 exemplares, ou, no caso de se optar por edição de bolso, com uma tiragem máxima de 15 000 exemplares.
8. A Editorial Caminho reserva-se o direito de publicação da primeira edição da obra premiada. Os direitos das edições seguintes pertencem integralmente ao autor, concedendo este à Editorial Caminho o direito de opção em igualdade de circunstâncias. A Editorial Caminho reserva-se o direito de opção para publicação de obras não premiadas.
9. As decisões do júri, cuja composição será tornada pública oportunamente, serão tomadas por maioria de votos. O júri poderá, se assim o entender, não atribuir o prémio de uma modalidade, ou de ambas, por falta de qualidade das obras concorrentes, mas em caso nenhum o prémio será repartido por duas ou mais obras. O júri poderá também recomendar a publicação de obras que considere com mérito para tal.
10. As obras concorrentes deverão ser enviadas, com a indicação da modalidade respectiva, à Editorial Caminho, PRÉMIO CAMINHO DE LITERATURA POLICIAL E DE FICÇÃO CIENTÍFICA, Alameda de Santo António dos Capuchos, 6-B, 1100 Lisboa, dactilografadas em três exemplares, a dois espaços, em papel formato A4, até 31 de Dezembro de 1990. Estes exemplares não serão devolvidos. O júri tornará pública a sua decisão até ao dia 31 de Maio de 1991.
11. Os exemplares devem ser assinados com um pseudónimo e acompanhados de um envelope lacrado contendo a identidade do respectivo autor. O não cumprimento desta cláusula implica a eliminação do concorrente. Só serão abertos os envelopes relativos aos autores premiados e àquelas obras sobre as quais a Editora decida exercer o seu direito de opção para publicação.
12. Para todos os efeitos considera-se que, a partir do momento em que entregam os seus originais a concurso, os concorrentes aceitam as disposições do presente regulamento.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1990

EDITORIAL CAMINHO, SA
Alameda Santo António dos Capuchos, 6-B — 1100 LISBOA Telef.: 542683-570373 — Telex: 65792 CAMIN P
Sede: Rua de São Bernardo, 14-3.º esq. — 1200 LISBOA — Capital social: 60 000 000\$00 — CRCL matrícula n.º 48942 — NIF 500439214



Carlos Porto

1990 ANO TCHEKHOV

JOSÉ VIANA (DIONÍSIO)

Só por distração, aliás inadmissível, cometemos o erro de esquecer que Viana Dionísio foi o primeiro nome com que José Viana apareceu em público. Trouxemo-lo aqui como um dos responsáveis (com Jacinto Ramos e Varela Silva) pelo espectáculo com textos de Anton Tchekhov apresentado na Guilherme Cossul, como referimos (23-02-1990). Aliás para o descobrir ou recordar bastaria recorrer à respectiva entrada do «Dicionário do Cinema Português», do Jorge Leitão Ramos, que interessa não só aos que pelo cinema se interessam como também aos do teatro, como não podia deixar de ser. Aí poderíamos ter verificado que o José Viana se chama, precisamente, José Maria Viana Dionísio. E assim ficava esclarecido o mistério de um nome de quem nada se sabia, a não ser que está na ficha de um espectáculo dos Companheiros do Pátio das Comédias, uma das várias tentativas de António Pedro para remar contra a maré, a última das quais viria a resultar em cheio, ou quase (no Porto, com o TEP, claro). Foi precisamente com esse grupo, que começara por ser anónimo, e depois se profissionalizara, passando a actuar do Teatro Apolo (mais um dos demolidos) que José Viana, ainda com o nome de Viana Dionísio, se estreou como profissional. A peça era o célebre «vaudeville» de Labiche e Marc-Michel, **Um Chapéu de Palha de Itália**, encenação, claro, de António Pedro. Com José Viana estavam, por exemplo,

o Costa Ferreira, o Ruy Furtado, o Armando Cortez, o Canto e Castro, o Carlos Duarte, o Luís Santos, gente que viria a ser aplaudida, como outra que passou pelas mãos de António Pedro.

Numa entrevista a Alice Vieira («DN»/14-02-87), José Viana lembra que começou como actor tinha já 25 anos. Antes disso o teatro fora apenas um trabalho no Parque Mayer como desenhador de cartazes. Então, na Guilherme Cossul, foi convidado pelo Jacinto Ramos a desenhar os cenários para um espectáculo em preparação. Interessado, assistindo aos ensaios, José Viana acabou por ser convidado a substituir um actor que adoeceu. E foi assim que se estreou como actor, a interpretar Gil Vicente. Foi por essa altura que dirigiu Raul Solnado, conta ele na citada entrevista a Alice Vieira, na peça de Tchekhov **Pedido de Casamento**.

Não sabemos se José Viana voltou a Tchekhov. Não nos parece. Nem Raul Solnado, supomos.

De qualquer maneira, vale a pena insistir neste facto do dramaturgo russo ter interessado, em começo de carreira a artistas como António Pedro, Costa Ferreira, Gina Santos, entre muitos outros. E a artistas como José Viana e Raul Solnado cujo talento para o cómico não se pode separar dessas experiências, mesmo que limitadas, com a farsa tchekhoviana. É isso que conta nesta história do teatro de Tchekhov em Portugal.



Platonov, a menos conhecida das peças de Tchekhov, agora em ensaios no TEUC, com Rogério de Carvalho, encenador, e José Manuel Castanheira, cenógrafo. Na foto, uma encenação alemã, de Hamburgo, dirigida por Juegen Flimms (1989).



FALAS

Hoje em dia, acho que temos um público formado em ver histórias, principalmente histórias feitas para a Televisão. E o que é que acontece? Ele hoje, mesmo a ver Cinema ou a ver Teatro, tem sempre presente que a imagem está à frente da palavra. Até porque os anúncios televisivos também deformam bastante. E o próprio Teatro não pode voltar as costas a isso. Portanto, temos também nós de criar determinadas imagens para que esse público possa vir ao Teatro. Isto é uma ideia minha, é a minha forma de ver o Teatro.

João Lourenço

Entrevista à «TV-GUIA» 6-01-1990

HEMEROTECA

«EL PUBLICO» MUDA

«El Publico», a revista do Centro de Documentação Teatral, de Madrid, dirigida por Moisés Pérez Coterillo, mudou — e de que maneira! Com o novo ano surgiu com novo aspecto: trocou o negro pela cor, incluindo a capa, mudou o formato, agora menor, aumentou o número de páginas, para 160, mudou também a periodicidade, agora trimestral e não mensal, como até aqui. Aumentou também o preço mas continua a ser uma revista escandalosamente barata.

«El Publico» está agora uma revista de luxo sem deixar de ser uma revista útil, está uma revista europeia sem deixar de ser de expressão ibérica. Não sabemos se está melhor ou pior, está diferente, como é óbvio.

Neste 1.º n.º do ano, o **dossier** principal, aliás excelente, é dedicado ao teatro-dança, colaboração que ocupa mais de metade da revista. Outra colaboração a merecer destaque: as páginas dedicadas a Samuel Beckett, a presença de Lluís Pascual em Paris, e a secção internacional, especialmente a parte referente a Portugal, dedicada à estreia de **A Pécora**. Deslocou-se para o efeito a Lisboa o chefe da redacção da revista, José Luís Vicente Mosqueta, que além de um texto amplamente ilustrado sobre o espectáculo entrevistou Natália Correia e João Mota. Um excelente trabalho de «El Publico»..

El Publico — n.º 76 — Janeiro/Fevereiro — 600 pts.

TABELA

• Erro nosso: o encenador de **A Ilusão Cômica** de Corneille, espectáculo anunciado pelo Centro Dramático de Évora, não será Mário Barradas, que encenou a peça para a Cena, de Braga, mas Fernando Mora Ramos. Desculpas aos dois e aos leitores.

• Finalistas da Escola Superior de Teatro apresentam-se no Instituto Alemão com a peça de Fassbinder **As Lágrimas Amargas de Petra von Kant**, peça estreada entre nós pelo Teatro Hoje. Último espectáculo, hoje, sexta, às 21.30.

• Em Abril nas bancas, o primeiro número de uma nova revista de teatro: «Palco», edição do Centro Português de Teatro.

• Já está a trabalhar na RTP/2 o encenador Castro Guedes, ex-Tear, agora assessor da área de teatro daquele canal.

• Redondo Júnior dirigiu uma visita guiada à Sala de Teatro da Biblioteca Municipal da Figueira da Foz onde vive desde há algum tempo. O conhecido crítico ofereceu a sua biblioteca àquela instituição.

• Em cena em Portalegre, o **Auto das Fadas e o Auto da Índia** de Gil Vicente, um espectáculo do Teatro de Portalegre, grupo que acaba de receber um subsídio de 4000 contos atribuído pela SEC.

• De 7 de Julho a 12 de Agosto, o CITE-MOR/90 — festa de teatro e da cultura a realizar em Montemor-o-Velho, uma iniciativa do CITEC.

• Dois espectáculos de Ulysses Cruz nos 10 mais de S. Paulo e do Rio, respectivamente **A Cerimónia do Adeus**, de Mauro Rasi, que aliás veio a Portugal, e **Encontrar-se**, de Pirandello.

• Partiu para Nantes, onde vai uma vez mais participar no Festival Carrefour des Nations, a Companhia de Teatro de Almada, dirigida por Joaquim Benite. Peça portuguesa: **Filipa de Vilhena**, de Almeida Garrett.

Entretanto um outro grupo de actores da companhia tem estado a apresentar no concelho de Almada a peça para crianças de Virgílio Martinho **Valentim, Valentina**.

A CTA deve estreiar ainda este mês o seu novo espectáculo.

• A decorrer desde quarta-feira, em Vila Real de Santo António, um festival de teatro que se prolongará durante um mês. Além de O Bando e do Teatro Ibérico, participarão o Maizum, o TIL, o TAS, e ainda o Grupo de Teatro del Casino de La Coruña.

Estarão presentes outros grupos e entre eles o Grupo de Teatro António Aleixo, de Vila Real de Santo António, com a peça de José Cardoso Pires, **O Render dos Heróis**.

• Outro festival, este em Madrid até 25 deste mês. Presença de espectáculos assinados por Ingmar Bergman, Peter Brook, Andrej Wadja, Peter Stein, Alfredo Arias, entre outros.

APARTES DA GERAL

(1)

Terrível, o bairrismo! A não ser que se seja duplamente bairrista. Por exemplo, de Lisboa e do Porto que são os dois bairrismos, em termos de macroprovincialismo, mais gritantes. Lemos na cidade de lá um artigo assinado por Luís de Carvalho («O Comércio do Porto»/Suplemento Encontro — 18-02-1990) com o título «O Teatro do Corpo da Guarda», duas páginas com gravuras. Artigo interessante, que traça a história de uma sala de espectáculos portuense, o Teatro do Corpo da Guarda, precisamente, cuja inauguração se registou a 15 de Maio de 1762. Escreve o articulista:

«O dia 15 de Maio de 1762 marcou, efectivamente, a entrada do Porto na história do teatro lírico, oito anos antes de Lisboa se deliciar no recém-inaugurado Teatro da Rua dos Condes, com a tão famosa quão formosa Zamperini...» (...) Este teatro, que ficava do lado esquerdo de quem desce aquela calçada (Corpo da Guarda), não era ainda o ideal. Representava, porém, já uma importante conquista, a exemplo de outras cidades europeias, tanto mais que era a primeira que se erguia no Reino... (...) Seja como for, coube ao Porto — coisa rara na história desse tempo — a honra de ter o primeiro teatro lírico que houve em Portugal. E os portugueses, mais do que quaisquer outros, orgulhavam-se do seu teatro, ainda que «velho e muito sujo». Lisboa, a grande capital que o Marquês de Pombal estava a reconstruir do terramoto, só oito anos depois, em 1777, teve acesso a esse luxo».

Todas estas transcrições que dão o

Teatro do Corpo da Guarda como o primeiro teatro lírico que houve em Portugal baseiam-se num pequeno erro, em falta de informação, pouco crível, ou num lapso bairrista:

É que o autor do texto, que parece querer fazer com seriedade história do teatro, esqueceu-se de que existia em Lisboa uma sumptuosa casa de ópera, considerada uma das mais belas da Europa, a «Ópera do Tejo», dotada de 600 lugares, de acordo com o traço de um dos grandes arquitectos da célebre família Bibbiena.

Para se imaginar o que era esta «Ópera do Tejo» basta lembrar que o espectáculo inaugural com a ópera de David Perez **Alessandro nelle Indie**, abriu com um quadro em que estavam no palco, diz-se, quatrocentos cavalos (cf. «História da Música Portuguesa», de João de Freitas Branco). A «Ópera do Tejo» foi construída no início do reinado de D. José I, que era um grande melômano, e foi totalmente destruída pelo terramoto de 1755, sete meses depois de inaugurada, mas disso os lisboetas não tiveram culpa.

Como se vê estávamos então a sete anos da inauguração do Teatro do Corpo da Guarda!

Isto para não referir o teatro da ópera ainda anterior que foi o Teatro do Bairro Alto onde António José da Silva criou as suas óperas para bonecos e onde cantou Luísa Toddi, artista de projecção europeia (isto nas primeiras décadas do século XVIII).

Como se vê, Luís de Carvalho não tem razão para escrever que o Porto **deixou os «alfacinhas» roídos de**

invejas e a remorder impropérios contra as gentes «tripeiras».

Não dizíamos que o bairrismo é terrível?!

(2)

Teatros para fronteira, já!

Sabíamos da importância do teatro como aferidor das voltas da sociedade, mas não sabíamos que o teatro é tão importante que até serve para guardar fronteiras! É pelo menos o que explica o «Público» (6-03-90), fazendo eco de uma próxima iniciativa do secretário de Estado da Cultura: «Na batalha que pretende travar pela afirmação da imagem de Portugal, Santana Lopes tem outra «arma»: o teatro, através do qual pretende **reforçar a presença portuguesa nas zonas fronteiriças.**

(...) os grupos teatrais (subsidiados) seriam **empurrados** pela SEC, quando da Feira Universal de Sevilha, para realizarem espectáculos na zona da fronteira».

Quem está a lucrar com esta missão patriótica acometida aos grupos teatrais são o Centro Dramático de Évora, o Teatro de Portalegre, o Teatro Movimento de Bragança, sempre estão mais perto da fronteira! Estamos a vê-los empunhando cartazes com a divisa «No Pasarán» e representando a **Filipa de Vilhena**, de Garrett. Pena que os grupos de Lisboa não estejam incluídos: imaginamos a Cornucópia em Vila Viçosa ou a Comuna em Valença prontos a mostrar como os portugueses continuam a ser valentes!

SEMANADA

Estreia no Trindade e de uma companhia e de um espectáculo.

Trata-se, como pode ver em destaque, do **«Auto da Índia»**, de Gil Vicente, pela Companhia Vincentina.

Da semana passada, vem **Vitória! Vitória!**, a revista com que abriu o Maria Matos, está outro espectáculo musical, **A Severa**, de Júlio Dantas, mais ou menos, enquanto outro musical é **What happened to Madalena Iglésias?**, de Filipe La Féria e Casa da Comédia em cena no Casino do Estoril. Ainda pela música, **Festival da Oite**, o espectáculo com graça da Comuna, só aos fins-de-semana. Na Comuna continua **A Pécora**, de Natália Correia. Outros espectáculos em cena: **Salada**, criação colectiva, pelo Teatro da Cornucópia; **D. João e a Máscara**, de António Patrício, pelo Teatro da Politécnica; **O Regresso de Bucha e Estica**, de Mário Viegas, no Ritz Club; **Margarida do Monte**, de Marcelino Mesquita/Hélder Costa, da Barraca, no Cinearte; **Euzéze?**, de José Carretas, na Casa da Comédia.

Voltemos aos musicados com **Ail Caquinho**, a revista do ABC; ainda no Parque **Meninos à Roda da Mãe**, no Variedades.

Para crianças: **A Tarantela Vermelha**, de Salvador Cuffaro, pelo CE-DIAG, no Teatro da Malaposta (Olival de Basto); **Feliz Aniversário**, de Fernando Gomes, pelo TIL. **Divinas Palavras**, de Valle-Inclán,

pelo Teatro de Carnide, aos fins-de-semana; em Setúbal, no Luísa Toddi, a revista **A Coca**, de Carlos César e Fernando Guerreiro.

No Porto, no Auditório Carlos Alberto, o Novo Grupo está a apresentar **Happy End**, de Dorothy Lane e Brecht e a música de Kurt Weill.



A Companhia Vincentina está desde quarta-feira no Teatro da Trindade com o **Auto da Índia**, de Gil Vicente

O Guia do Bom Garfo

Restaurante

O FORNO IDANHENSE

Comida regional da Beira Baixa

Especialidades

- Peixe sempre fresco
- Bacalhau c/batatas a murro
- Espadarte no churrasco
- Arroz de tamboril
- Costeleta de novilho
- Cabrito recheado no forno
- Assados em forno de lenha
- Grelhados (à vista do cliente)

Sala para banquetes

Aberto todos os dias

Reabriu totalmente remodelada a casa típica da Beira Baixa

Largo Famões, 1 - FAMÕES 2675 ODIVELAS - Tel. 932 96 09

O Famoso
Bife
na Pedra

RESTAURANTE

A PARAGEM

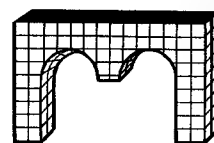
SNACK-BAR

2243156

Encerra às
Quintas-feiras
FERNÃO FERRO
(Estrada de Sesimbra)

• A «PARAGEM» serve-lhe um
ótimo PEIXE tanto em qualidade
como em variedade.

• Nas carnes há variedade, mas
prove a CHANFANA que a
«PARAGEM» serve ficará cliente,
deste atamado prato da Beira.



RESTAURANTE NOVA ARCÁDIA

Especialidades da casa
3.ª-feira — Cozido à Portuguesa
5.ª-feira — Feijoada à Brasileira
6.ª-feira — Bacalhau à Minhota
Sábado — Açorda de Gambas
Experimente o Bife Especial à Casa
e o nosso delicioso Arroz Doce!
R. António Pereira Carrilho, 23-B
Jantares em ambiente acolhedor
Tel. 521560



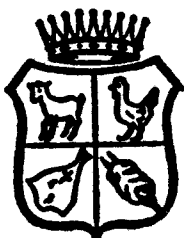
RESTAURANTE E CERVEJARIA DUAS AMAZONAS

SALÃO PARA BANQUETES

Especialidades:

- ARROZ DE MARISCO • AÇORDA DE LAGOSTA
- FONDUE • BROCHET DE FILÉ MIGNON

ENCERRAMOS À 1 DA MANHÃ E AOS SÁBADOS PARA DESCANSO DO PESSOAL
AVENIDA DUQUE D'ÁVILA, 47-A — 1000 LISBOA — TELEFS. 52 18 92 - 52 19 58



GRANDE CHURRASQUEIRA CAMPO GRANDE

Especialidades:

- Bacalhau c/ Batata a Murro
- Açorda de Marisco
- Espetada de Lombo na Brasa
- Cabrito Assado à Padeira
- Costeleta de Vitelão na Brasa
- Tornedó à Casa

Encerra domingos ao jantar
e 2.ª-feiras todo o dia
Campo Grande, 402
Telefs. 759 01 31 - 759 14 77
LISBOA

CASA TRANSMONTANA

ESPECIALIDADES
DE TRÁS-OS-MONTES

- DIARIAMENTE, O
PRATO DO DIA É
UMA
ESPECIALIDADE
DIFERENTE



ENCERRADO SÁBADOS E FERIADOS
TODO O DIA E DOMINGOS AO ALMOÇO

CAÇADA DO DUQUE, 39
TEL. 320300 — LISBOA



O PAVÃO

RESTAURANTE, CERVEJARIA
E MARISCOS

VENHA EXPERIMENTAR AS NOSSAS ESPECIALIDADES

ENCERRAMOS ÀS 2 DA MANHÃ E AO DOMINGO

RUA DONA ESTEFÂNIA, 108-110 1000 LISBOA TEL. 53 14 91



O SERAFIM

RESTAURANTE • CAFÉ • CERVEJARIA

PEIXE SEMPRE FRESCO

PARA COMER BEM ATÉ AO FIM
SÓ VISITANDO O SERAFIM

R. Dr. Peixoto Correia, 69 - Tel. 2230 179 - SESIMBRA



Restaurante

MOINHO SALOIO

MOINHO SALOIO

Junto à ULTRAGEL

Açorda de Marisco
Peixes frescos no Carvão
Costeletas de novilho à
Moinho
Rancho à Minhota à
6.ª-feira



Rua Padre Américo, 14
Telef. 987 04 59

Quinta da Quintinha
Póvoa de Sto. Adrião - 2675 ODIVELAS

RESTAURANTE VERDE MINHO



Gerência de: JORGE RODRIGUES

Especialidades:

- CARNE PORCO ALENTEJANA
- ARROZ DE MARISCO
- ARROZ ANGOLANA
- DOMINGO E 5.ª FEIRA
- COZIDO À PORTUGUESA
- ARROZ DE LAMPREIA

MÚSICA AMBIENTE

Sala Própria para Casamentos e Baptizados
Encerrado à 2.ª Feira

Urbanização da Mealhada, Lt. 2-Lj.-E Mealhada — LOURES
Tel. 983 51 80

espiral

CENTRO PARA A DIVULGAÇÃO DE ALTERNATIVAS

Restaurante

Pratos: vegetarianos,
macrobióticos, chins, peixe,
doces e salgados,
bebidas e sumos

- Salão de chá
- Música ao vivo (todos os sábados)
- Artesanato
- Galeria (exposições de pintura, fotografia)
- Produtos dietéticos
- Livraria (ecologia, esoterismo, orientalismo, etc.)
- Conferências (todas as terças às 21h)
- Cursos astrologia, tarot, meditação, cozinha vegetarianas, macrobiótica e pintura
- Consultas (medicina, fisioterapia, shiatsu, astrologia, tarot).

Aberto todos os dias das 12 às 22h, incluindo fins-de-semana e feriados.

Praça Ilha do Faial, 14-A (à Estefânia) — Lisboa — Telef. 573585



Cantinho
da Rosa



RESTAURANTE
TÍPICO

SÁBADO — COZIDO À PORTUGUESA
DOMINGO — BACALHAU CINATAS
CABRITO NO FORNO

ENCERRA ÀS 2.ªs-FEIRAS

ESTRADA SINTRA-ERICEIRA — POBRAL

ESPECIALIDADES

- SOPA DE MARISCO
- BACALHAU À CANTINHO DA ROSA
- AÇORDA DE MARISCO CILAGOSTA E
CAMARÃO
- ARROZ DE POLVO
- ESPETADA DO MAR
- ESPETADA MISTA À CHEFE
- PICANHA À PORTUGUESA
- ESPETADA DE NOVILHO CILAGOSTA
- PICADINHO SALOIO
- FONDUE DO LOMBO

DOCES CASEIROS
GELADOS

MARISCOS C/ VINHO PRÓPRIO

TELEF. 927 60 92



MARIAZINHA

Comida Caseira

Refeições
por encomenda
rápidas e para fora

Restaurante Snack-Bar

Rua S. José, 232 (junto ao Tivoli)
Tel. 55 54 37 1100 LISBOA



A NOSSA CASA

Cozinha Caseira

Peixe Grelhado

Mariscos do dia

AGORA ABERTO À 2.ª FEIRA
ENCERRA AO DOMINGO

Rua Gonçalo de Abreu, 26-30 33459 2900 SETÚBAL

RESTAURANTE TRANSMONTANO

EST. NACIONAL 10, LOTE 16 TEL/ 221 04 80
FOGUETEIRO - AMORA

DE Ilda Gomes M. Amorim

(ENCERRA AOS DOMINGOS PARA DESCANSO SEMANAL)

ESPECIALIDADES DA CASA:

- Bacalhau à Transmontana
- Arroz de Cabidela
- Feijoada à Transmontana (aos sábados)
- Cozido à Portuguesa (todas as quintas-feiras)
- Ementa variada todos os dias

ALMOÇO ECONÓMICO DA CASA

PRATO - SOPA - PÃO - VINHO E CAFÉ (TUDO 550\$00)

RETRATOS NO TEATRO

ANTÓNIO FONSECA

Tem um ar sereno, com qualquer coisa de galã de outros tempos, mas comedido, sem dar a sensação de nada exhibir. Nos olhos escuros e um sorriso ou uma quase gargalhada que nasce sem querer, quase a despropósito, de vez em quando, ao longo da conversa. Depois, por segundos, parece assustar-se, envergonha-se, numa agitação pequenina e discreta durante a qual o mais urgente é reencontrar a calma, a pacatez, que lhe é tão característica. Fala de si, como actor e como pessoa, e descobre-se um ser que passa muitas horas só sem ser verdadeiramente solitário, uma pessoa por um lado longe das outras a nível da comunicação, mas muito perto delas, de tão empenhado e cúmplice interiormente daqueles que o rodeiam. Sente-se que pensa muito em tudo o que faz, ele próprio diz que o seu trabalho de actor tem um longo tempo de germinação por causa disso. Há uma parte interior que demora a concretizar-se e a poder mostrar-se, ligar-se depois ao exterior e aos outros. Disto resultam trabalhos elaborados em que mostram uma preparação esforçada, seja no «Homem» de **Céu de Papel** que tanto prazer teve em construir ou no «Palhaço» de **Sala-da**, actualmente em cena no Teatro da Cornucópia, companhia em que António Fonseca tem trabalhado, quase exclusivamente, nestes últimos anos.

Ao falar-me da infância, parece dar um salto para trás com toda a força, mergulhar num mundo de hoje à parte, mas que tenta tantas vezes reencontrar. A sua cara enche-se de ternura, parece ele próprio uma criança outra vez. Fala-me da sua vida no campo, perto de Santo Tirso, no Norte, onde os avós eram camponeses. Muito miúdo, aos oito ou nove anos, tomava conta dos bois ou trabalhava na lavoura nas partes do dia em que não estava na escola. Era posto a fazer tarefas tão duras como as dos adultos e espanta-se de que isso lhe traga uma nostálgica sensação de alegria, de tão duro que era. O pai estava ligado à indústria têxtil e ao mesmo tempo a vida da família ficava muito em torno da casa dos avós e do trabalho no campo. Lembra-se de quando vinha o vento leste, da enorme angústia que isso provocava no avô, passando dias e noites quase sem dormir. Hoje, quando volta a Santo Tirso, tem necessidade de ir aos sítios onde trabalhava, de reencontrar as pedras, a terra.

Aos 11 anos, foi para o Porto, para o Seminário, onde ficaria alguns anos até decidir sair. Fala-me de um espírito religioso que lhe veio certamente da família, mas que passava para além da religião e se ligava de uma forma pagã à terra, aos seus ciclos, aos seus antigos rituais. À sua volta não havia livros. Lembra-se que o primeiro livro que leu, por volta dos doze anos, foi o Amor de Perdição. Duas vezes seguidas. E logo depois um tal «No país dos homens-leões» uma espécie de reportagem romanceada de uma expedição a África que muito o fascinou, um livro que alguém ofereceu ao seu pai. Dois casos isolados numa casa onde não havia livros nem hábito de ler.

Mas já durante o seminário e mais tar-

de no liceu, quando vinha a Santo Tirso, começou a dar-se com um grupo de universitários que ali se reuniam numa espécie de pequena associação que veio a ter volta e meia alguma actividade cultural. Isso começou a abrir-lhe os olhos, a fazê-lo ver as coisas de outra maneira. Comprou livros pela primeira vez, interessou-se pelos neo-realistas portugueses que estavam em voga, assinou a revista Seara Nova... Foi para a Faculdade de Filosofia, e logo após o 25 de Abril, ainda antes de terminar o curso, foi dar aulas para Trás-os-Montes numa época em que havia uma grande vontade de dinamizar, de mudar coisas numa região tão carenciada. Organizou, com os alunos e outros professores, peças de teatro com digressões a outras escolas.

De regresso ao Porto, como professor, inscreveu-se num curso que a Seiva Trupe organizou, apenas porque sentia que isso o podia enriquecer, não pensando ainda encarar o teatro a sério. Foi durante esse curso que o desafiaram a ir um ano para a escola de teatro do Centro Cultural de Évora, e deixou-se vencer, mas sem assumir isso como uma coisa decisiva. Achava que ao voltar tornaria a ser professor e que teria apenas sido uma experiência. Durante o próprio curso em Évora não se tomou muito a sério. Mas o caso é que o teatro, de regresso ao Porto, se tornou uma realida-

de. Nos primeiros anos, pontuados por momentos muito duros, esteve várias vezes prestes a desistir, sempre por razões económicas. Destacam-se, no Porto, duas experiências essenciais: os anos em que trabalhou no Pé-de-Vento, fazendo teatro, para a infância. Gostou especialmente de encenar e interpretar um dos papéis em «O Homem do Saco», trabalho em que pela primeira vez se sentiu empenhado a fundo tanto como actor como a nível de criação e de mobilização do grupo e do público. A outra experiência importante foi a formação do Grupo Cena, que fundou com pessoas como Júlia Correia e Rui Madeira, grupo que actualmente se encontra sediado em Braga, mas que teve os seus primeiros anos de actividade no Porto. Caso particularmente notável, nesses primeiros anos, foi a encenação de **Leônico e Lena**, de Buchner, que esteve a cargo do encenador alemão Stephan Stroux.

Mais tarde, precisamente pela mão de Stephan Stroux, viria a ser o assistente de encenação e um dos actores de **O Parque**, de Botho Strauss que aquele encenador dirigiu em Lisboa, no Teatro da Cornucópia.

De regresso ao Porto, sentiu-se apertado naquela cidade. O contacto mais demorado com o ambiente de Lisboa tinha-o marcado. Circunstâncias da sua

vida pessoal também o atraíram à capital. Veio a surgir hipótese de tornar a colaborar na Cornucópia, onde agora se encontra integrado. Ali participou em trabalhos como **Grande Paz**, de Edward Bond, ou **Céu de Papel** de Pirandello e Beckett. Assim como o seu papel em **Grande Paz** o tocou profundamente, teve um prazer muito especial na construção, mais recentemente, do «homem» em **Céu de Papel**. Sente que nesse caso, para além da verdade interior, conseguiu moldar por cima dela uma outra verdade, uma estilização do personagem, com uma consistência muito particular, uma outra imagem que nasceu por cima, dando um carácter cómico e mordaz à actuação.

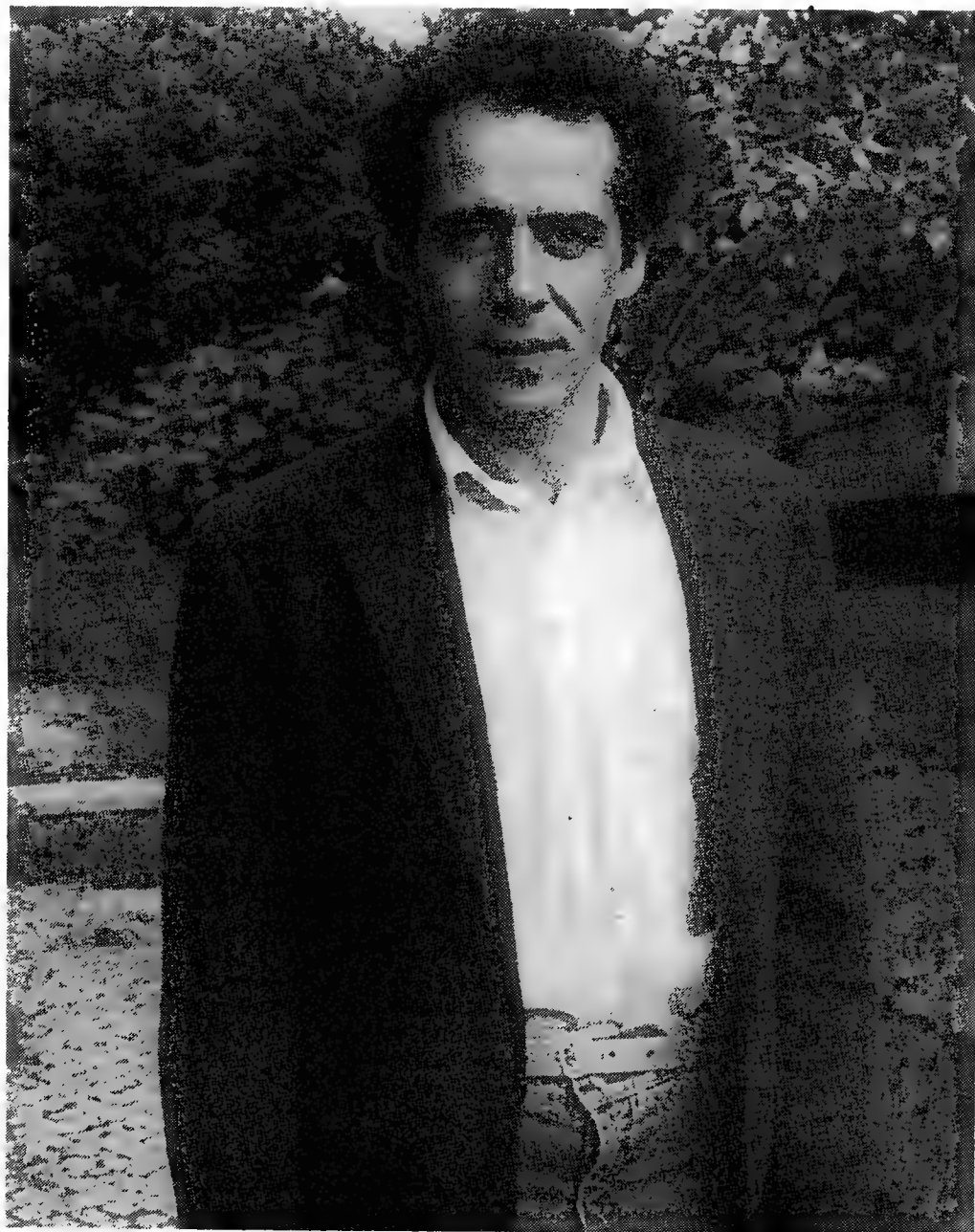
António Fonseca tem um processo de criação lento, durante grande parte dos ensaios de cada peça. Acha que precisa de pensar muito e analisar muito antes de pôr em prática. Depois, antes de entrar em cena, isola-se. Tenta concentrar toda a sua energia antes de o espectáculo começar. Tem uma certa inveja daqueles actores que são capazes de estar muito bem a conversar e logo a seguir entrar no palco e representar.

Para além do seu trabalho como actor, António dá aulas de teatro no Ensino Secundário. Essa sua actividade traz-lhe um grande prazer. Gosta imenso de crianças, da sua receptividade e da sua criatividade. Sente que consegue criar uma grande empatia com os seus alunos. Gosta de descobrir, nos adolescentes, quando lhes dá aulas, aquela mistura da ingenuidade da infância e do momento em que tudo se está a transformar. Por vezes, toma a iniciativa de organizar idas a escolas para contar histórias aos miúdos. Sabe-lhe bem podê-los entusiasmar.

Participou numa das telenovelas e isso foi também uma experiência importante. Porque era outro tipo de trabalho em que com um texto de base era preciso improvisar em parte determinada situação. Isso puxou por si de outra maneira. Fê-lo batalhar, por exemplo, com a facilidade que tem no primeiro improviso mas que se torna depois em dificuldade de repetir o que fez.

Também numa interrupção do seu trabalho na Cornucópia voltou ao Cena, desta vez em Braga, para encenar uma adaptação sua de «Com a arma de Bogart» de Renato Solnado. O trabalho de encenação pediu-lhe uma grande entrega que por um lado o entusiasmou imenso, e por outro o deixou extenuado.

Fora do seu trabalho, passa grandes momentos em casa a ler. Não se sente só. Isso é-lhe natural. No fundo, foi sempre assim. Desde o tempo em que, miúdo, guardava as vacas no meio do campo durante horas, tem aquela ligação contraditória com os outros, de quem está perto e longe ao mesmo tempo. Gostava de ter alguém a quem pudesse telefonar, a meio da noite fossem que horas fossem, para conversar num momento de aflição. Acha isso egoísta, mas é uma sensação que tem permanência. Depois, ao despedir-se, retoma o seu ar pacato, entrecortado de sorrisos que param a meio, como quem repara, de repente, que gosta de existir.



Rodrigues da Silva

Aceitam-se apostas para os «Oscars» do dia 26 em Hollywood mas vão por mim que não devem ir mal: «Nascido a 4 de Julho» se não arrebatou uma batelada de estatuetas que as nove nomeações desde já fazem prever, ficará pelo menos com as mãos cheias o suficiente para poder ser considerado o filme do ano. Justo? Injusto? Depende do ponto de vista, ou melhor do significado que se quiser atribuir aos «Oscars».

Se se pensa que estes prémios distinguem já não digo uma estética de vanguarda mas pelo menos aquele estatuto de qualidade que faz de um filme um clássico, então dir-se-á que mal iria o cinema se no ano passado não tivesse havido melhor do que o filme de Stone.

Se, porém, há muito já se percebeu que os «Oscars» não passam de uma medalha de suposto prestígio posta ao peito da indústria americana, então tudo o que há a dizer é porque não fazer de «Nascido a 4 de Julho», mais até do que o filme do ano, o espelho reflector do sistema, a obra em que não só Hollywood mas a própria América se revêem... ou necessitam de se rever.

A fábrica de cinema encontrará neste filme a grandiloquência que para ela é uma espécie de selo de garantia do produto. O sistema todo ele irá reter da obra sobretudo o gesto, a chamada *mensagem* que apaziguará a má consciência da América.

Que isto se consiga graças ou a pretexto do Vietname serve, a um tempo, a fábrica e o sistema. A fábrica, porque solidificará um filão industrial: o filme de guerra; o sistema, porque transformará a memória de uma derrota vergonhosa em algo de futuro radioso: a vitória perene da democracia.

As ambições, parecendo embora excessivas, são afinal bem modestas: que

tudo mude para que tudo fique na mesma. A mediania da qualidade do «show» está à altura (e ao serviço) do reformismo ideológico e vice-versa. O que, a bem dizer, está certo: a América sabe-se que não ama por aí além as revoluções e Hollywood já não aspira a muito mais do que à sobrevivência.

☆

Para todos aqueles que acham que a arte deve imitar o real, «Nascido a 4 de Julho» tem, por assim dizer, um bom princípio: é uma história verídica. Aquelle «marine» ferido no Vietname, e desde então numa cadeira de rodas, existiu mesmo, aliás está vivo e reconhece-se, até colaborou no filme e tudo, a ficção retrata a vida, sossegue-se.

Stone, quanto a ele, adoptou um estilo realista, sim, mas à Peckinpah. E por aqui começam os desastres da guerra que são os muitos desastres deste filme. Ou um dos seus equívocos: o de supor que para dar a entender é necessário tudo mostrar até ao excesso. Um excesso que se na primeira parte do filme (a adolescência do futuro «marine») se suporta menos mal, depois (na guerra e no hospital) se torna verdadeiramente insuportável.

Insuportável não porque a realidade não seja aquela, mas porque já não é possível suportar a ênfase de um cinema que recorre à câmara lenta, ou ao plano de pormenor para nos mostrar as golfadas de sangue boca fora, os ferimentos de guerra, os ossos de fora, os excrementos e os vomitados dos hospícios transformados em esgotos terminais.

Visivelmente, Stone quer nos chocar. Mas o que nos choca é ele não ter sido capaz de nos dar a ver a violência da guerra e suas sequelas sem fazer disso quase uma pornografia, de nos dar a ver a indiferença dos americanos pelos «veteranos» do Vietname sem fazer disso quase um panfleto. Em plena guerra talvez tivesse sentido, agora é quase institucional.

A parte final constitui a escorregadela

ideológica que, a bem dizer, todo o filme até aí já preparara. O filho de uma família hipercatólica, educado para vencer, na derrota transforma-se num radical. Manifesta-se em 1972 na Convenção Republicana que haveria de escolher Nixon como candidato a presidente, é espancado pela Polícia, arvora-se na bandeira dos que denunciavam a guerra suja, um espinho cravado no coração da boa consciência americana.

Como arrancá-lo? Stone encontra a solução assim: quatro anos depois (em 1976, portanto) o radical já engravatado e com outros modos, terá a palavra na Convenção Democrática e, entrevistado, dirá mais ou menos isto: «Agora já me começo a sentir em casa».

O anti-herói vira assim herói de repente, a América reconhece-se nele. Que, por ironia do destino, tenham sido os democráticos a meterem a América no vespertino do Vietname e os republicanos a tirá-la de lá nem importa, ou não importa a Stone. O que é importante é levar o público a acreditar que, assim ou com mais molho, a América sabe sempre reconhecer os seus erros, expiar a culpa, redimir-se, tudo bem quando acaba em bem.

E para acabar melhor, o rosto da personagem principal é confiado a Tom Cruise. Esteve para ser outro o actor: Al Pacino. Mas com Al Pacino (é Stone quem o confessa) «era como se fosse Ricardo III em cadeira de rodas».

Ora, Stone não queria obviamente Shakespeare, queria outra coisa mais mediana, mais mediática. Tom Cruise — o bom rapaz de sempre — estava mesmo a calhar. E calhou, claro. E se ao longo de quase todo o filme ele assume o papel de perdedor é para no final em vencedor melhor se transformar.

A sua interpretação faz prever que o «Oscar» para o melhor actor não fugirá a este bom filho da América. Hollywood é assim: gosta de compensar a mediania dos produtos com as «performances» das interpretações. No ano passado, foi Dustin Hoffman, no papel de um defi-

ciente mental, desta vez adivinha-se que será Tom Cruise no papel de um deficiente físico.

Ignora-se se, também por aqui, a América anda a expiar alguns pecados, nem interessa. O que interessa é vender o produto, este está vendido, durante uns tempos dele toda a gente falará, depois será esquecido, a arte não passou por aqui.

Por onde perpassa algo de muito interessante é pelo filme que constitui a boa surpresa da semana: «Os Fabulosos Irmãos Baker», justamente o inverso do filme de Oliver Stone. Onde aquele era pretensioso de espanto este é rigoroso de contenção. E aqui sim, é o retrato intuído de uma América bem real: a dos artistas perdedores... que não surgem, de repente, a vencer no final.

Não, aqui a derrota é o amargo de boca de uma vida inteira. Eles são pianistas de terceira ordem, ganham a vida a tocar em hotéis; ela vem não se sabe donde, salva-os pela presença e a voz de uma decadência iminente.

O trio, porém, não resiste às contradições de cada um dos seus elementos. Um dos irmãos falta-lhe em talento o que lhe sobra em prestações para pagar; o outro é um artista que pelo vazio da sua vida na arte falhou. Ela, após um breve encontro com o sucesso, terminará a cantar publicidades mais ou menos idiotas, é um outro «american way of life» indiferente às alternâncias de republicanos e democráticos no poder.

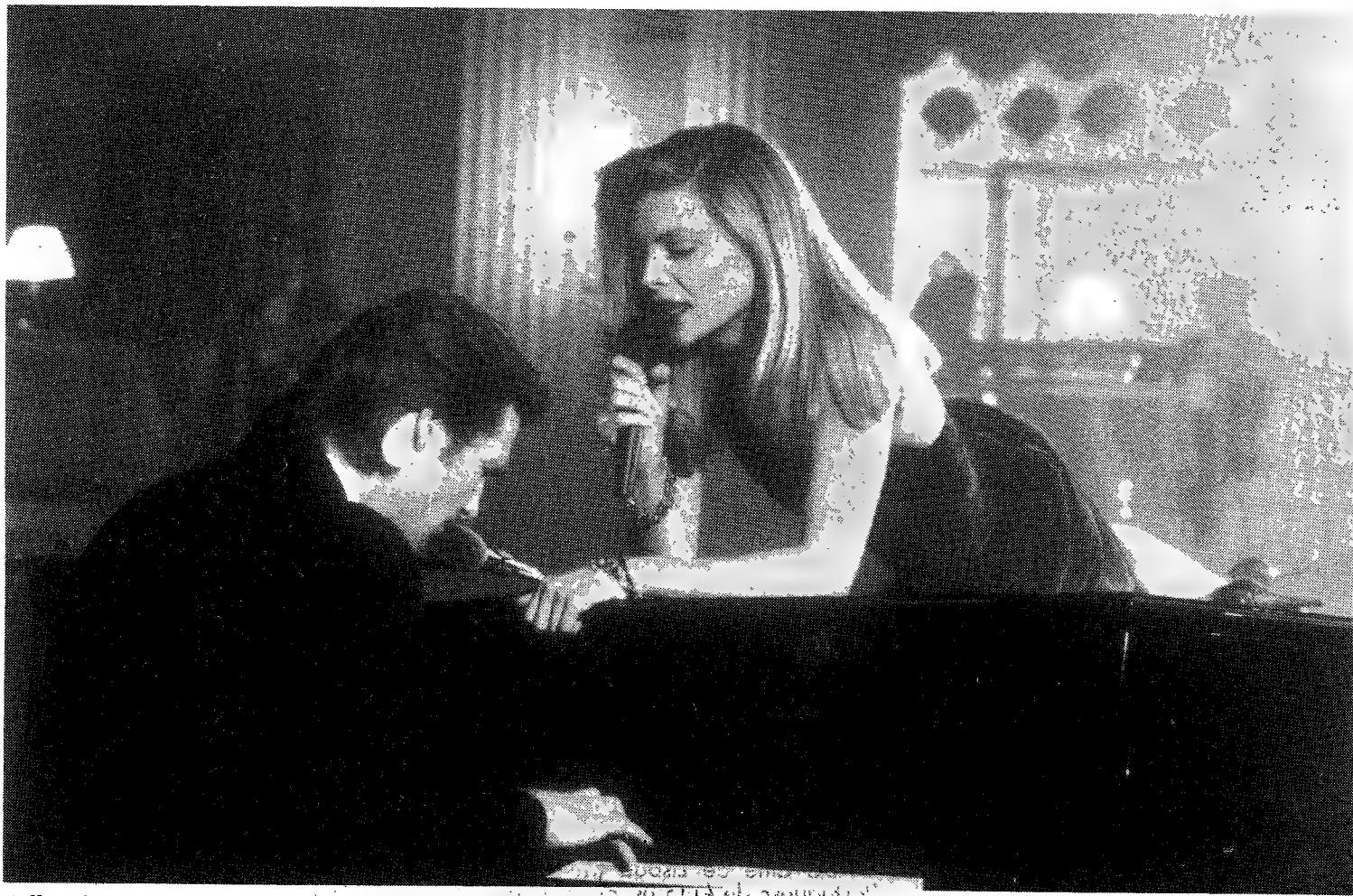
Jeff e Beau Bridges (sobretudo Jeff) e Michelle Pfeiffer emprestam os rostos a esta história que constitui a primeira realização de Steve Kloves. Se a segurança de estilo espanta para uma primeira obra, as interpretações de Jeff e Michelle, essas são inesquecíveis.

☆

Que seria, aliás, de boa parte do cinema «made in USA» se não fossem os actores? Digamos que o sistema é de tal modo selectivo que quem chega a pisar o «plateau» no mínimo é bom, exceptuam-se os Stalones que se sabe mas aí o negócio é mesmo esse.

Em «Negócio de Família» Lumet assina mais uma realização que nos lembra ter sido ele um homem formado pelo teatro e pela Televisão, com um sentido narrativo sem falhas, ausente, porém, de qualquer chama. É um filme que, como se costuma dizer, se vê e é tudo. É tudo, não, porque Sean Connery, Dustin Hoffman (este nem tanto) e Matthew Broderick dão-lhe uma outra dimensão. E são eles que se recordam, as suas interpretações. Quanto ao resto... esta história de um avô, um pai e um filho que se metem numa espécie de golpe de «gangsters falhados» tem sobretudo a ver com a preocupação que Lumet vem manifestando pelas relações de família.

«Fuga Sem Fim», o seu filme anterior, já o demonstrara em tom maior, este filme de agora declina o mesmo tema em tom menor. Mas ambos por intermédio de Lumet, mais não dizem que desse outro trauma da América: as relações de pais e filhos. Um desastre pelo que se percebe. Um desastre cujos efeitos o cinema (este) amortiza e atenua. Há para aí quem diga que a arte exalta e transfigura, mas que diabo tem a arte a ver com este cinema...?



Jeff Bridges e Michelle Pfeiffer em «Os Fabulosos Irmãos Baker»: a boa surpresa da semana.

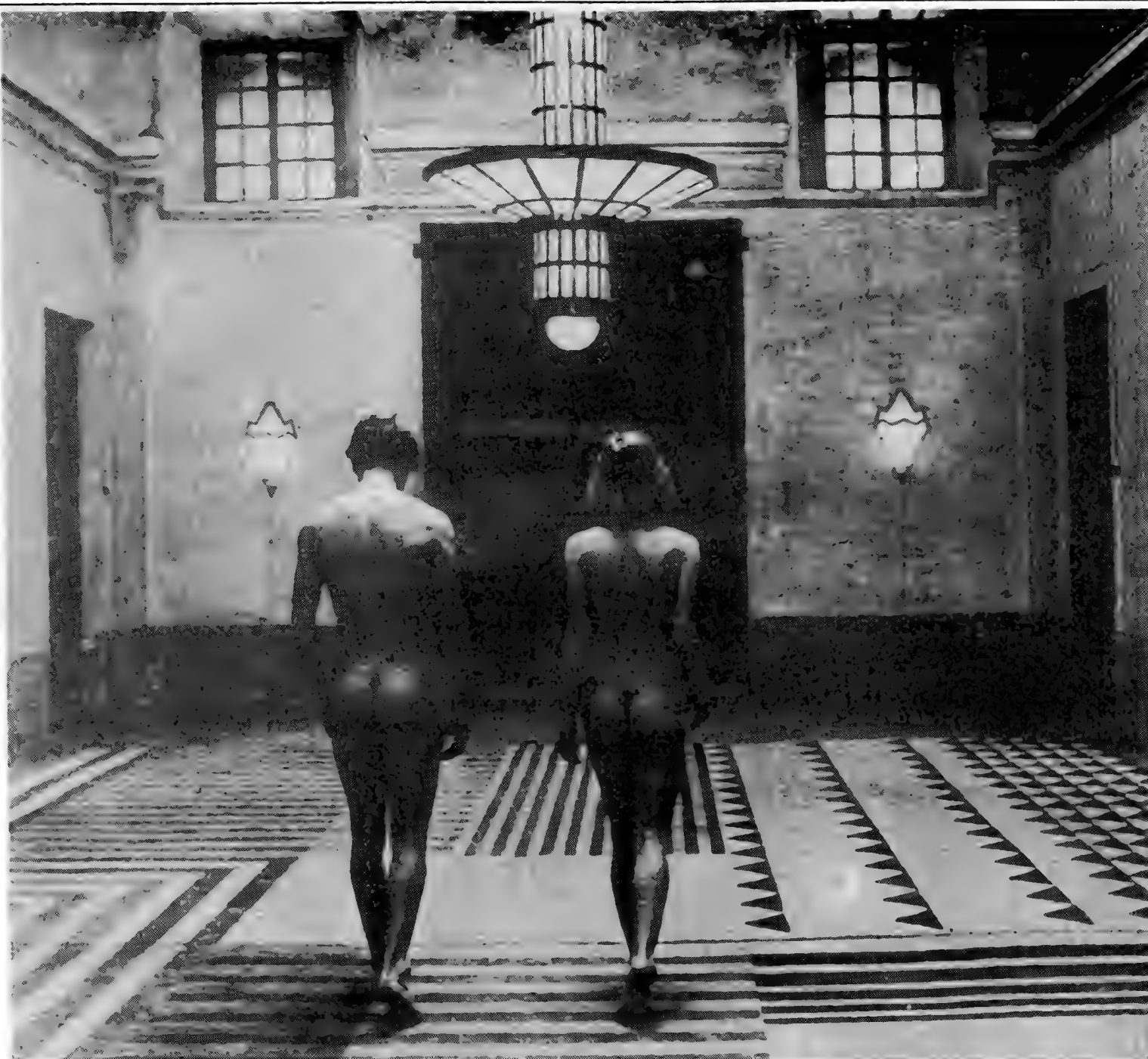
AS DERRADEIRAS OBRAS DE GRANDES CINEASTAS NA CINEMATECA

OS ÚLTIMOS DE ALGUNS PRIMEIROS

Mankiewicz, Pasolini, Buster Keaton, Chaplin, Walsh, Orson Welles, Josef von Sternberg, Victor Sjöström e Max Ophüls... Evoquem-se pelo menos estes nomes, saiba-se que obras suas se exibem já a partir de hoje e ao longo da semana em Lisboa e concluir-se-á que é de tirar assinatura, neste caso para a Cinemateca, porque é lá que tudo acontece.

Tudo não, porque no Teatro da Malaposta, exhibe-se hoje e amanhã um sumptuoso melodrama de Griffith «Orphans of the Storm» (1921), ou a história de duas órfãs; uma das quais é salva «in extremis» da guilhotina por Danton. A acção ocorre durante a revolução francesa e o filme insere-se no ciclo que sobre o tema está em curso na sala de Olival Basto.

Quanto à Cinemateca, diga-se que hoje o dia é dedicado a Ava Gardner com dois filmes (um com Bogart, «A



«Saló ou os 120 Dias de Sodoma», de Pier Paolo Pasolini (amanhã à noite na Cinemateca).

Condessa Descalça») em que a atriz dá o rosto à altivez da tragédia.

Amanhã, na sessão da noite passa o derradeiro filme de Pasolini, «Saló ou os 120 Dias de Sodoma», realizado no ano da morte do cineasta (1975). Deste filme terrível — provavelmente o maior libelo de sempre no cinema contra todos os fascismos — há quem diga que não se aguenta vê-lo mais de uma vez na vida. Mas mesmo quem isto diz, decerto dirá que é absolutamente indispensável ver esta espécie de despedida de um dos

mais fascinantes criadores da cultura italiana da segunda metade deste século.

Na segunda-feira, a Cinemateca apresenta Buster Keaton e Chaplin, em filmes realizados respectivamente em 1929 e 1967. Trata-se, por coincidência, do último filme mudo de Buster Keaton (existe uma versão sonora) e do último filme mesmo (e também o menos visto) de Chaplin. Na terça-feira passa o último filme feito por Walsh (de 1964) e um filme de Henry King de 1961, com Jennifer Jones e Joan Fontaine.

Na quarta, à tarde, exhibe-se um documento fascinante, o filme do filme «Oteló», de Orson Welles... e é o seu adeus ao cinema em 1978. À noite, passa um filme de guerra feito por Sternberg em 1953. Sete anos após o fim das hostilidades, um grupo de japoneses resiste numa ilha do Pacífico, pretexto para o realizador dar asas à beleza quase irreal das imagens ou aquilo que é considerado como o seu testamento estético.

Finalmente na quinta-feira teremos na Cinemateca Victor Sjöström e Max Ophüls. O realizador sueco é mais conhecido como cineasta do mudo (e como actor: é o velho de «Morangos Silvestres», de Bergman). Este seu filme é de 1937 e o último que realizou. Quanto a «Lola Montes» (1955) foi também para Max Ophüls o seu último filme. E um dos mais belos — acrescente-se. De uma construção dramática de antologia o filme resistiu a tudo (a uma montagem pirata que por cá passou comercialmente e... a Martine Carol na protagonista). A montagem que hoje se exhibe é a original, o que permite constatar que Max Ophüls se despediu do cinema com uma obra-prima absoluta.

Hoje, dia 9

ABC Cine de Lisboa (na Sociedade Portuguesa de Autores, às 18 e 30): «Escalier C», de J. Charles Tacchella. Cine-

mateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «A Condessa Descalça», de Joseph L. Mankiewicz; e «Pandora», de Abert Levin. Teatro da Malaposta (Olival Basto, às 21 e 30): «Orphans of the Storm», de David Wark Griffith.

Amanhã, dia 10

Cinemateca (respectivamente, às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 30): «Pasasenska», de Andrzej Munk; «A Idade da Terra», de Glauber Rocha; e «Saló ou os 120 Dias de Sodoma», de Pier Paolo Pasolini. Teatro da Malaposta (Olival Basto, às 21 e 30): o mesmo programa do dia 9.

Depois-de-amanhã, dia 11

Teatro da Malaposta (Olival Basto, às 17): «Caroline Chérie», de Richard Pottier.

Segunda, dia 12

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «O Figurante», de Buster Keaton; e «The Countess from Hong-Kong», de Charles Chaplin.

Terça, dia 13

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «A Distant Trumpet», de Raoul Walsh; e «Terder Is the Night», de Henry King. Instituto Franco-Português (às 21): «Mauvais Sang», de Léos Carax.

Quarta, dia 14

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Filming Othello», de Orson Welles; e «The Saga of Anataham», de Josef von Sternberg.

Quinta, dia 15

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Under the Red Robe», de Victor Sjöström; e «Lola Montes», de Max Ophüls.

R. da S.

A VER

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estrela

- «O Bando das Quatro», Jacques Rivette (1988)
- «Um Mundo à Parte», Chris Menges (1988)
- «O Processo do Rei», João Mário Grilo (1988)
- «Os Fabulosos Irmãos Baker», Steve Kloves (1989)
- «Que Fiz Eu Para Merecer Isto?», Pedro Almodóvar (1984)
- «Valmont», Milos Forman (1989)
- «Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)
- «Negócio de Família», Sidney Lumet (1989)
- «Verdicto Final», Joseph Ruben (1988)
- «Corações de Aço», Brian de Palma (1989)
- «Os Reis da Noite», Eddie Murphy (1989)
- «Assassinato Sob Custódia», Euzhan Palcy (1989)
- «Ariel», Aki Kaurismäki (1988)
- «Nascido a 4 de Julho», Oliver Stone (1989)
- «Querida, Eu Encolhi os Miúdos», Joe Johnston (1989)
- «Cem Mil Volts de Terror», Wes Carven (1989)
- «Chuva Negra», Ridley Scott (1989)
- «Os Deuses Devem Estar Loucos II», Jamie Uys (1989)

Em reposição

- «Nove Semanas e Meia», Adrien Lyne (1985)

R. da S.

Video rama

A M O S C A

Maria João Martins

Bird - o Fim do Sonho

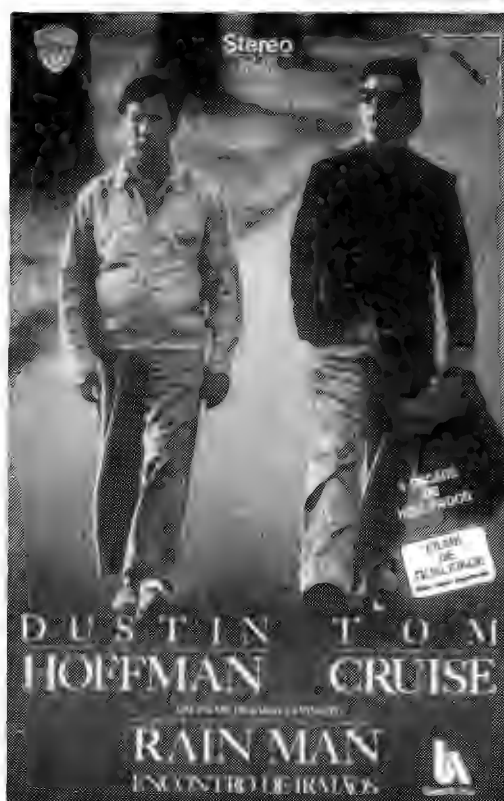
Poucos esperariam talvez que Clint Eastwood assinasse um filme destes. Habitados à sua faceta de «Dirty Harry», à impenetrabilidade do seu rosto, ao primarismo mental das suas personagens, Bird - o Fim do Sonho, acaba por ser um filme surpreendente. Trata-se de uma biografia sensível e inteligente acerca do músico de jazz Charlie Parker, interpretado por Forest Whitaker, sem dúvida, o novo grande actor negro da Meca do Cinema.

Longo, mas belíssimo do primeiro ao último minuto.

Bird. Realização: Clint Eastwood. E.U.A. - 1988). Intérpretes: Forest Whitaker, Diane Venora, Michael Elniker, Samuel Wright. Cor. 155 minutos. Musical. Música de Lennie Hayton. Para maiores de 12 anos. Edição Kodak/Warner Home Vídeo. Venda directa.

Rain Man - Encontro de Irmãos

De entre todos os filmes candidatos aos Óscares no passado ano, «Rain Man» foi aquele que melhores prémios arrecadou. Melhores prémios, porque entre as suas conquistas contaram-se o Oscar para o melhor filme do ano e para o melhor actor. De resto, o aspecto mais relevante de «Rain Man» é, mesmo, quanto a nós, o excelente desempenho de Dustin Hoffmann no papel de um altista subitamente encontrado por um irmão muito mais novo, interpretado pelo possível oscarizado deste ano: o actor Tom Cruise. Para além de Dustin Hoffmann, há pouca coisa de importante: uma história bem imaginada e uma cena muito bonita, em que ambos os irmãos, rendidos um pelo outro, dançam numa suite com vista sobre Las Vegas. No entanto, algo vai mal em Hollywood,



quando «Rain Man» é eleito o melhor filme do ano.

«Rain Man». Realização: Barry Levinson. (E.U.A. - 1988). Intérpretes: Dustin Hoffmann, Tom Cruise, Valeria Golino. Cor. 129 minutos. Drama. Música de Hans Zimmer.



Para maiores de 12 anos. Edição Kodak/Warner Home Vídeo.

O Segredo de Milagro

Após uma estreia satisfatória no domínio da realização com Gente Vulgar, Robert Redford voltou para trás das câmaras com este Segredo de Milagro.

Baseado num romance de John Nichols, o filme narra-nos a história algo fabulosa de uma comunidade mexicana que vive em paz, arreigada às suas tradições seculares até que o «bulldozer» ameaça destruir a aldeia para a fazer substituir por um luxuoso campo de férias.

A forma como Redford agarra o tema parece-nos, aliás, bastante conseguida, sem laivos de maniqueísmo paternalista para com as minorias, mas com espírito crítico suficiente para mostrar de que lado está a razão.

Do ponto de vista estritamente cinematográfico, O Segredo de Milagro não é, no entanto, nenhuma obra-prima. Redford e a sua equipa parecem estar, por exemplo, pouco à vontade sempre que o fabuloso emerge no quotidiano dos habitantes de Milagro, sentindo o espectador um certo desequilíbrio entre as meras cenas de diálogo e aquelas que requeririam um fôlego de que Redford ainda não dispõe como realizador. Talvez para a próxima.

«The Milagro Beanfield War». Realização: Robert Redford. (E.U.A. - 1988). Intérpretes: Ruben Blades, Richard Bradford, Sonia Braga, Julie Carmen, Melanie Griffith. Cor. 110 minutos. Comédia. Música de Dave Grusin. Para maiores de 6 anos. Edição Edvídeo.

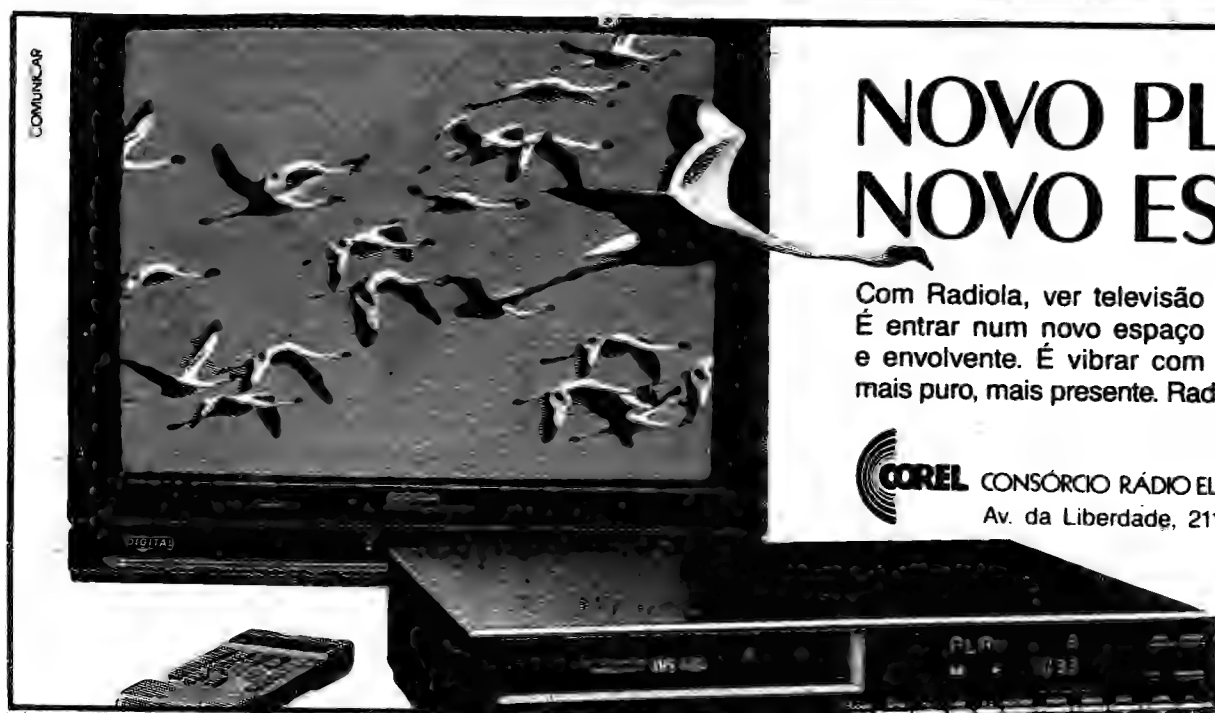
Os silêncios de Manet

Integrado na colecção «Pintores de Sempre» da «Casablanca Vídeo», Os silêncios de Manet vale, não tenhamos receio de o dizer, como notável testemunho artístico da obra do autor, da época e da cidade de Paris que ele conheceu e viveu como poucos o fizeram.

Não estamos, assim, diante de uma digressão turística pela pintura do autor. Ao compreender que todos os homens são filhos do seu tempo, o realizador do documentário relacionou e muito bem quadros-escândalo como «Le Déjeuner sur l'Herbe», «Olympia» ou «Nana» com a sociedade falsamente moralista de meados do século XIX.

Queremos mais impressionistas nesta colecção!

«Manet». Realização: Didier Baussy. (França - 1989). Cor. 60 minutos. Documentário. Para maiores de 6 anos. Edição Casablanca Vídeo.



NOVO PLANO DE IMAGEM NOVO ESPAÇO DE SOM

Com Radiola, ver televisão é mais do que olhar para o ecrã. É entrar num novo espaço de imagem, mais real e envolvente. É vibrar com um novo plano de som, mais puro, mais presente. Radiola, um espectáculo constante.



CONSÓRCIO RÁDIO ELÉCTRICO LDA
Av. da Liberdade, 211 - 2.º Esq. 1200 LISBOA



VÔO NOCTURNO

Vôo nocturno

O homem que escreveu no Metropolitano de Nova Iorque: «Bird está vivo» podia ser Clint Eastwood. O primeiro encontro de ambos deu-se há muitos anos, quando Clint era um rapazinho anónimo, perdido de extase entre a multidão que presenciava a «performance» de Charlie «Bird» Parker, um dos vários músicos de jazz que a América fez tocar pela magia.

Desse instante inolvidável até à realização de Bird - O Fim do Sonho distaram longos anos a que Parker não sobreviveria. Esses mesmos anos foram, todavia, os do crescimento e os da fama de Clint Eastwood entretanto tornado personagem dos «western-spaghetti» de Sergio Leone. Estes

princípios determinaram o futuro da carreira do autor de Bird: lacónico, impassível perante o amor e a tempestade, inexpressivo quanto baste para ser conhecido em Hollywood como o homem sem nome.

Nos bastidores do estereótipo havia, no entanto, um cineasta de mérito, um homem de idéias que em 1968 funda a produtora independente «Malpaso Company». Sem leviandades, afinal.

Vinte anos depois, a «Malpaso» é ainda a empresa que lança no mercado cinematográfico esta espectacular biografia cinematográfica de Charlie Parker.

O primeiro grande trunfo do filme, para além da realização de Clint que subscrive planos extraordinários como o do prato da bateria caindo, sem ruído, sobre o soalho, é a interpretação de Forest Whitaker, estrela em ascensão rumo ao topo de Hollywood.

Outro aspecto a não descurar é, como não podia deixar de ser numa produção destas, a qualidade da banda sonora.

Grande adepto da música de Parker, Clint Eastwood terá recorrido às gravações originais deixadas pelo músico. O resultado é a obra-prima agora disponível para venda directa.

Parece que estamos a surpreender o Bird, num clube nova-iorquino, em pleno vôo nocturno.



Charlie Parker: «Bird is still alive».

CLUBES DE VIDEO

video 100

AGORA TAMBÉM EM VENDA DIRECTA

ALUGUERES DESDE
100.00

Loja 1 — R. Barão de Sabrosa, 78-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 2 — R. Barão de Sabrosa, 35-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 3 — C. do Monte (à Graça) • Tel.: 87 82 78 • LISBOA
Loja 4 — Av. de Madrid, 14-B (ao Areeiro) • Tel.: 848 89 37 • LISBOA
Loja 5 — R. José Galhardo, 7-A (Quinta do Lambert) • Tel.: 758 18 51 • LISBOA
Loja 6 — R. Nova (Pederneira) • Tel.: (062) 537 18 • NAZARÉ
Loja 7 — R. Adolfo Coelho, 12 (Alto de S. João) • Tel.: 82 12 42 • LISBOA

SISTEMA INÉDITO • SEM JÓIA • 4.ªs FEIRAS 1 ALUGUER GRÁTIS

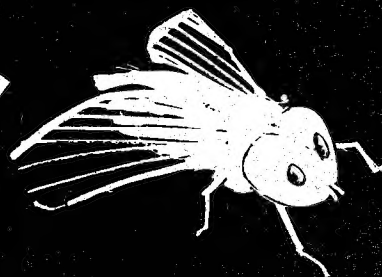
FILMES DA SEMANA

- Cocoon II
- Gemeos
- Rain Man
- Justiciero da Noite
- Pesadelo III
- Fugitivo da Selva
- A Minha Madrasta É Uma Extraterrestre



TEXTO E FOTOGRAFIAS DE
INÊS GIL

PERCURSOS

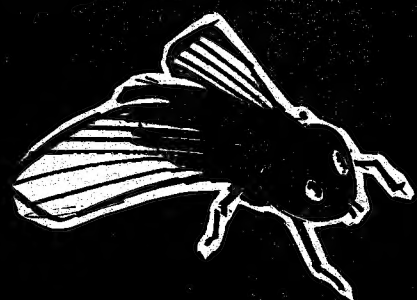


FADOS NO ATALAIA

Jante ou ceie connosco até às 2 horas da manhã ao som do fado com **ESMERALDA AMOEDO** e **AUGUSTO RAMOS** e os artistas convidados **MACIEL** e **BERTA FERNANDA** acompanhados por **LUÍS GONÇALVES** e **QUIM DE OLIVEIRA**.

EXPERIMENTE O NOSSO SERVIÇO ESPECIAL DE ALMOÇOS (DE 2.^a A 6.^a FEIRA)
APRECIE AS NOSSAS ESPECIALIDADES: BACALHAU À ATALAIA, FONDUE À BOURGUIGNONE, ARROZ DE MARISCO.

**ENCERRAMOS AO DOMINGO • RUA DA ATALAIA, 35-37 (AO BAIRRO ALTO) • TELEFONE 32 01 21
1200 LISBOA**



Sonho de uma noite agitada

Ontem tive um sonho muito estranho. Estava em Paris no meio da praça da Bastilha e à minha volta os carros estavam a andar sem ninguém ao volante. Queria atravessar mas havia uma tal confusão que não conseguia sequer mexer um pé. De repente, encontrei-me numa rua popular do bairro da Bastilha (rue de la Roquette) e um caniche perfeitamente comum começou a falar comigo perguntando-me as horas exactas. A senhora que o acompanhava escondia-se atrás da sua «baguette» e o cão parecia mais dono dela do que ela dona do caniche.

Um pouco mais longe, dois padeiros estavam a posar para que lhes tirassem uma fotografia. No entanto, um terceiro tinha sido preso pelos dois outros numa sala escura no rés-do-chão para que não revelasse os segredos da massa.

A partir daí tudo começou a confundir-se. A cidade já não passava de uma magma de prédios, de pessoas, carros, luzes... Tudo misturado, tudo em rotação. Tive uma vertigem terrível e de repente encontrei-me sozinha, no meio da floresta, rodeada de paredes abandonadas.

STAND

PEÇAS ORIGINAIS

OFICINAS

Fórmula 4

Concessionário Fiat



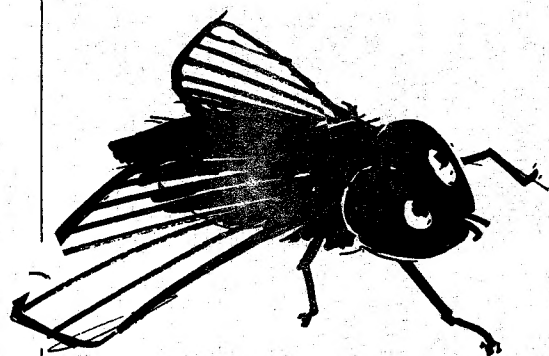
Estrada Serra da Mira, Lotes 124 - 126

Telefax 492 13 73

Casa de S. Brás — 2700 AMADORA

Telefs.: 493 27 24 - 492 03 48 - 492 29 49





OS FILMES DA SEMANA NA TV

A BUÑUEL O QUE É DE BUÑUEL

É uma semana de eleição na RTP. A par de um Woody Allen, estrelado por Charlotte Rampling, Jessica Harper é pelo próprio realizador; de Gene Kelly e de Frank Sinatra enamorados por Kathryn Grayson; há a assinalar a continuação do ciclo dedicado à cinematografia de Luís Buñuel. A merecer toda a atenção dos melhores amantes do cinema.

A gravar

Sábado, dia 10, 15.15

Paixão de Marinheiro de George Sidney

Não é um musical obrigatório, mas é um cheirinho do muito que a MGM fez por este género cinematográfico. George Sidney, autor de *Showboat*, *Scaramouche* e de *Os Três Mosqueteiros*, é o realizador. Os intérpretes são Gene Kelly, Frank Sinatra, Kathryn Grayson então muito jovens e, surpresa, o pequeno Dean Stockwell que hoje, em Hollywood, é uma estrela de moderado esplendor. Para além da dança, para além das canções e da atribulada história de um triângulo amoroso, há a referir a cena em que o ratinho Jerry tem a honra de dançar com Gene Kelly.

Sábado, 23.50

O Ano do Dragão de Michael Cimino

No seu estilo muito «bad boy» herdado da década de 50, Mickey Rourke tem



servido aos vários cineastas para interpretar os papéis do herói romântico, bonito e inseguro quanto baste para saber que «triste de quem vive em casa contente com seu lar». Aconteceu em *As Portas do Inferno* de Alan Parker e volta a acontecer, com muito maior beleza e intensidade, no *Ano do Dragão* de Michael Cimino.

A história é a de um polícia, antigo combatente no Vietnam, que se envolve em perigosas investigações sobre uma espécie de Mafia chinesa, algures em Chinatown. A intriga policial -extremamente bem urdida, acrescente-se- é apenas um pretexto. O verdadeiro tema

do filme parece ser, afinal, a deambulação dum indivíduo desintegrado entre dois mundos, dois modos distintos de estar na vida coexistentes na Nova Iorque dos anos 80. Perder é pecado.

Domingo, dia 11, 23.30, RTP 2

O Monte dos Vendavais de Luís Buñuel

A Buñuel o que é que de Buñuel. Não estamos diante da adaptação que William Wyler fez do romance de Emily

Bronte, com interpretações de Lawrence Olivier e Merle Oberon. Integrado no período mexicano da obra de Buñuel, esta adaptação difere, no entanto, da versão hollywoodesca. Tal como em *Susana*, *El* ou *A Vida Criminal de Archibald Cruz*, *O Monte dos Vendavais* é um filme sobre o desejo sexual, a paixão exacerbada e confrontada com os preconceitos morais de uma sociedade mutiladora dos corpos e das almas.

Terça, dia 13, 22.55, RTP 2

Recordações de Woody Allen
Querida RTP: há coisas que não se fazem. Transmitir um filme dos maiores

cineastas da actualidade num canal de que a maior parte dos portugueses não dispõem, se não é crime, é pelo menos um atentado de vulto contra a Sétima Arte.

Realizado em 1980, *Recordações* delineia um pouco o carácter revivalista do autor, depois confirmado por uma película extraordinária como *Radio Days*. Neste filme, Woody Allen interpreta o papel de um realizador que no luxuoso hotel «Stardust» lembra as mulheres da sua vida. Entre elas, conta-se a personagem interpretada por Charlotte Rampling.

A ver

Domingo, dia 11, 14.50

Os Cavaleiros de John Ford

Ford, um dos cineastas que fizeram a lenda de Hollywood, teve John Wayne como um dos seus eleitos. Em *Os Cavaleiros*, realizado em 1959, vinte anos depois de *Cavalgada Heróica*, o protagonista é ainda o cowboy mais cowboy de Hollywood. Só que, desta feita, trouxe mais alguém na sela: William Holden, então no auge da sua passagem pela Meca do Cinema. A acção passa-se durante a Guerra da Secessão Norte-Americana e explora as situações humanamente dúbias de um conflito interno, sem esquecer, todavia, os segredos que fizeram o sucesso do género «western».

Quarta, dia 14, 21.25

Adeus Amigos de Barry Levinson

Realizado em 1982, quando Barry Levinson ainda não era um vencedor da noite dos Óscares, *Adeus Amigos* é um filme a ver, mas não a gravar ou a recordar com especial cuidado. Insere-se mais ou menos no contexto dos muitos filmes produzidos sobre a juventude, suas angústias e traumas. Nada de novo, na noite de quarta-feira.

Maria João Martins

CARTAZ DA MÚSICA

AULA MAGNA

Dia 14, pelas 21.30h — Concerto pela **Orquestra do Teatro de São Carlos** sob a direcção do maestro **Wolfgang Rennert**, com a soprano **Ana Púzar** e o barítono **Walton Gronroos**. Obras de F. Schrecker, A. Zemlinsky e Alban Berg.

FUNDAÇÃO GULBENKIAN

Av. de Berna, 45
Ciclo «Grandes Orquestras Mundiais» — Dia 12, pelas 18.30, concerto pela **St. Paul Chamber Orchestra** dirigida pelo maestro **Christopher Hogwood**, com **Jon Kimura Parker** ao piano. Obras de David Diamonds («Rounds»), Mozart (Concerto n.º 20, em ré menor, para piano e orquestra, K. 466), Haydn (Sinfonia n.º 54, em sol maior, hob. I/54) e Stravinsky («Dumbarton Oaks»).

Dia 13, pelas 18.30h — Recital de piano por **Peter Serkin**. Obras de Brahms/Busoni, Alexander Goehr, Beethoven, Bach, Oliver Knussen, Peter Lieberson e Chopin.

Dia 14, às 18.30h — Concerto pelo grupo **Metals de Lisboa**. Obras de Herman Steich, Barney Childs, Lendvay

Kamilló, Georges Barbotou, Arthur Harris, George Gershwin e Malcolm Arnold.

Dia 15, pelas 18.30h — Concerto pelo **Coro e Orquestra Gulbenkian** sob a direcção do maestro **Fernando Eldoro**. Interpretação de «Carmina Burana», de Carl Orff.

TEATRO DA TRINDADE

Entrada gratuita
Dia 11 — Concerto pela **Banda da Guarda Fiscal** sob a direcção do tenente-coronel **Fernando Sanchez**.

TEATRO DE SÃO CARLOS

Dia 10, às 12.30h — Concerto instrumental pelo **Quarteto de Contrabaixos**. Obras de S. Lancen, A. Peña, Francisco António de Almeida, Lopes Graça, J. Lauber e D. Runswick.

Dia 13, às 18.30h — Concerto vocal com **Carlos Guilherme** acompanhado ao piano por **João Paulo Santos**. Obras de Gounod e Liszt.

CASCAIS

Dia 11, pelas 17.00h — Recital de piano por **Tania Achot** que interpreta pe-

ças de Beethoven (Sonata op. 31, n.º 2, em ré menor, «Tempestade») e Scriabine (Sonata n.º 3, em fá sustenido menor).

LIGEIRA

CENTRO DE ARTE MODERNA

R. Dr. Nicolau Bettencourt
Ciclo Vozes do Mundo — Dias 9 e 10, às 21.30h e 11, às 15.00h, actuação de **Ali Farka-Touré** (Mali), considerado o melhor guitarrista de «blues» da África Ocidental.

HOT CLUBE DE PORTUGAL

P. da Alegria, 39
Espectáculos às 23.00h e 0.30h.
Dias 9 e 10 — **Sávio Araújo** (sax alto), **Paulo Gomes** (teclados), **Hélder Gonçalves** (baixo) e **Miguel Guerra** (bateria).

Dias 9 a 13 — **Sérgio Pelágio** (guitarra), **Mário Franco** (contrabaixo) e **André Machado** (bateria).

Dias 14 e 15 — Duo **Mário Delgado** (guitarra) e **Yuri Daniel** (baixo eléctrico).

Dia 15 — **Ronan Guilfoyle Quartet**.

ROCK RENDEZ-VOUS

R. da Beneficência, 175
Dia 10, às 23.00h — Concerto com **Zao Ten**, o novo projecto de Farinha e dos Ocaso Épico; na primeira parte actua o grupo **O Fado É Vadio**, num espectáculo multimédia.

BAILADO

FUNDAÇÃO GULBENKIAN

Dia 9, às 21.30h e dia 10 às 16.00h e 21.30h — O **Ballet Gulbenkian** interpreta as coreografias «Exultate Jubilate», e «Prelúdio à Sesta de um Fauno», de **Vasco Wellenkamp**, «Jardim Cerrado», de **Nacho Duato** e nova coreografia de **Olga Roriz**.

CENTRO DE ARTE MODERNA

Sala Polivalente
Dia 15, pelas 21.30h — Estreia absoluta da coreografia «Interiores», da autoria de **Rui Horta**. Cenografia: Rui Horta, Vasco Santos e Diamantino Marques. Figurinos: Isabel Trovão. Desenho de luzes: Carlos Bobosa. Bailarinos: Lina Santos, Olga Cobos, Sandar Faria, Therese Lonrenzo, Corine Rochet e Catalina Vilana Taix.